

FELIPE CASTILLO

SERPENTÁRIO

intrínseca



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER
UNIDO NA BUSCA DO
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS
LUTANDO POR DINHEIRO E
PODER, ENTÃO NOSSA
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**



Felipe Castilho

Serpentário



Copyright © 2019 Felipe Castilho

A tradução do [poema de William Blake](#), no capítulo 9, é de Enéias Tavares.

PREPARAÇÃO
Ulisses Teixeira

REVISÃO
Ilana Goldfeld

PROJETO GRÁFICO, ILUSTRAÇÕES E LETTERINGS
Antonio Rhoden

DESIGN DE CAPA
Tulio Cerquize

REVISÃO DE E-BOOK
Carolina Vaz

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

E-ISBN
978-85-510-0531-6

Edição digital: 2019

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Sumário

[Avançar para o início do texto]

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Epígrafe

Prólogo

1. (Não) conta comigo
2. Ou todos, ou ninguém
3. Tempestade do século
4. Culpa
5. Achados e perdidos
6. Venha a mim
7. A cruzada das crianças
8. Um lugar sem nome
9. É pau, é pedra...
10. Uma capela toda dourada
11. Petrich
12. Ilha das Cobras

Epílogo

Agradecimentos

Sobre o autor

Conheça outro título do autor

Leia também

“A verdadeira função dos monarcas é construir fortificações e queimar bibliotecas.”

Jorge Luis Borges

[...] admitir que continuava difícil levantar a moral dos seus homens, após tanto tempo sem dormir de maneira decente, deitando-se no beliche ainda quente e úmido com o suor de outro soldado. Se ao menos conseguissem afundar algum navio mercante brasileiro. Ou um dos grandes carregamentos da preciosa borracha para o Exército americano, ou um de combustível... Sem um abate, seria difícil suplantar os feitos da Marinha alemã e chamar a atenção do *Führer*. Franz Guggenberger era um ídolo no Terceiro Reich, já recebera a Cruz de Ferro com Folhas de Carvalho direto das mãos de Hitler. Ele sabia que a causa nazista não era uma competição, mas não chegara até ali para ser coadjuvante na História. Deixaria sua marca, e essa ideia o havia impelido através do Atlântico com mais força do que os motores de seu *U-Boot* poderiam imprimir.

Franz olhou pelo periscópio, mas não conseguia ver nada no meio da tempestade. O técnico de radar, o jovem com a marca de varíola sob o olho esquerdo, se espremia pelos corredores estreitos para chegar até o comandante, desviando das peças de salame e presunto penduradas comicamente acima das válvulas, alavancas e medidores de pressão interna. Imaginava, com raiva, que as pessoas deveriam conhecer a realidade dentro de um submarino. Milhares de jovens alemães haviam se alistado após o sucesso contra o *Old Royal*, o monstro inglês suplantado por sua frota. Mais de mil submarinos haviam

sido construídos às pressas, e o sentimento de patriotismo, avivado com as tenazes da propaganda eficaz de Goebbels, trouxe uma leva de garotos em busca de aventuras, irmandade, honra e – por que não? – glamour. Afinal, aquele era o meio mais rápido de virar herói nacional. Franz já escutara isso da boca de um jovem marinheiro.

Na sua opinião, a verdade crua – assim como as carnes malconservadas que a tripulação comia diariamente com a água potável já escassa – era que submarinos haviam sido pensados focando em um motor que funcione da maneira mais simples e eficaz possível. O fato de que levariam dezenas de homens para as profundezas do oceano era um detalhe, e nenhuma providência fora tomada na sua engenharia para dar o mínimo de conforto aos soldados. O único glamour em tudo aquilo era a possibilidade de ser sepultado no mar dentro de toneladas de aço e ter o nome mencionado em alguma solenidade fúnebre. Com sorte, alguém choraria sua morte e talvez se lembrasse de você ao visitar uma praia, anos mais tarde.

O comandante Guggenberger nem sequer sabia se sua noiva ainda estaria esperando por ele ou se já teria se engraçado com outro rapaz alemão livre da sombra da morte. Afinal, o pedido de casamento havia sido feito às pressas, logo antes de sua missão o levar para longe. “Talvez tudo tenha sido feito no calor do momento.” Com muita sorte, quando ele ou a notícia de sua

morte chegasse a terras germânicas, ela estaria lá, chorando por seu retorno ou sua perda.

– Senhor – chamou o técnico de radar, interrompendo seus pensamentos –, algo apareceu nos nossos sensores.

– Não esperava embarcações inimigas por aqui – disse Franz, curto e grosso, sem tirar os olhos do visor do periscópio.

O tamborilar da chuva sobre a pequena parte emersa do submarino era mais violento do que nunca naquele instante.

– Consegue confirmar a leitura da tripulação? Não quero ficar famoso por explodir um barco pesqueiro cheio de miseráveis – falou.

– Não é um barco, senhor – informou o jovem, assustado, pouco antes do submarino chacoalhar violentamente.

Foi rápido, brutal, e muitos homens gritaram de dor. Era impossível não bater a cabeça em alguma coisa naquele espaço apertado.

– Fomos atingidos? – perguntou Franz, tentando ficar de pé, agarrando-se às alças do periscópio.

Mesmo que tivessem sido avistados naquele fim de mundo, a esquadra brasileira seria louca de voar naquela tempestade.

– Artilharia antiaérea! – ordenou.

– Sem leitura térmica de explosão, senhor – informou o técnico. – Parece que... batemos em algo.

– Estamos próximos demais da superfície para batermos em corais, Wanger. Tínhamos duas ilhas na rota, bem próximas da costa, mas ainda estamos a quilômetros delas.

– Senhor... – O técnico de radar começou a falar, parecendo nervoso.

Era um sujeito de natureza paranoica que os entretinha com histórias absurdas nas horas de lazer, sério até nesses momentos, aparentando estar sempre sofrendo com alguma dor. Seu nome talvez fosse Wainer. Ou Werther, o que seria engraçado para um jovem em tanto sofrimento. Ele disse:

– Permissão para... contar algo?

– Se você se cagou, aconselho-o a não sujar o único banheiro que ainda funciona, soldado. O outro acabou virando despensa.

– N-não... é que tenho razões para acreditar que estamos lidando com algo diferente do que esperávamos...

– Se for mais uma daquelas suas conversas sobre ocultismo, juro por Deus que vou deixar você nessa merda de país, soldado. Estamos no meio de um ataque!

– *Carcosa*, senhor.

O comandante afastou a cabeça do periscópio. O rosto era uma máscara rubra, os lábios comprimidos em irritação evidente. Como ele ousava mencionar aquilo?

– O que você disse?

– As leituras revelaram uma ilha que não estava aqui segundos antes, e...

– Por que falou essa palavra, soldado?

– ... e precisamos de confirmação visual para ver se as torres estão lá. Mas pode ser que tenham ruído...

– Soldado! Eu lhe fiz uma pergunta!

O técnico de radar se calou, como se não tivesse sido questionado por seu superior. Um esboço de sorriso desafortado surgiu em seus lábios, e Franz sentiu vontade de lançar o homem pela saída de torpedos.

– Wainer, eu juro que vou...

Um novo choque, mais forte que o anterior, e a tripulação tombou como pinos de boliche. Dessa vez, a instabilidade não se limitou ao momento do impacto e continuou por cerca de dez segundos, enquanto o barulho de metal retorcido massacrava os tímpanos dos marinheiros e uma das tubulações de gás de cloro vazava. No meio do vaporoso caos de braços, pernas e pedaços de carne pendurada, Franz enxergou um homem que, definitivamente, não usava o uniforme da Marinha nazista. Não se lembrava dele, e jamais teria permitido que um imbecil viesse a bordo trajado daquela maneira. Através da cortina de gás de cloro, de dentro do terno tão branco quanto sua pele, o sujeito sorria sem desviar o olhar dos olhos escuros de Franz, que, pela primeira vez na vida, duvidou da sua sanida [...]



“A vida é um carro em alta velocidade, e somos apenas passageiros no veículo do Senhor Jesus Cristo enquanto observamos a paisagem pela janela mudando constantemente.” Era uma frase enorme, mas que agora era exibida no vidro do SUV branco de seu pai, em um adesivo com uma tipografia que traria lágrimas aos olhos de qualquer designer.

Para Caroline, se Cristo dirigia seu carro, era porque a situação andava tão complicada que até o Cordeiro de Deus precisava ganhar um extra como Uber enquanto não chegava o momento de sua Segunda Vinda. Afinal, depois de expiar os pecados da humanidade, você fica meio sem ter o que fazer mesmo. Então, para ela, Cristo poderia muito bem dirigir o carro de uma mulher fracassada, desempregada e rejeitada pela família — a mesma família que havia colocado o automóvel nas mãos de Jesus.

O pai de Caroline era médico aposentado e dono de uma concessionária. Cirurgião, dizia que Deus guiava suas mãos durante as operações mais complicadas — e ela acreditava nisso, porque em geral o pai estragava tudo que tocava. Deus não deixaria a vida de uma pessoa boa nas mãos de outra tão irresponsável em relação ao coração dos outros e com um sem-número de amantes durante as quatro décadas de casamento com a esposa — diga-se de passagem, a mãe dela sempre o aceitava de volta, pelo bem da família tradicional brasileira. Afinal, nada mais tradicional que uma família composta por um homem, uma mulher, as amantes do homem e os filhos. Muitos filhos. Dois com a mulher do “até que a morte os separe” e uma média de 1,33 filho com as “namoradas”, como ele gostava de se gabar com os amigos.

Agora, a mãe estava morta. Era quinze anos mais jovem que o pai, mas parecia bem mais velha. A juventude dela havia sido roubada pelo homem que vivera tantas outras vidas e romances enquanto ela cumpria o papel de boa esposa. O ano de 2018 começara com o funeral da mãe, logo no segundo dia de janeiro, e aquilo fora um prenúncio de tudo que estava por vir, de tudo que acabaria nos doze meses seguintes. O pai usara óculos escuros durante o sepultamento no cemitério Gethsêmani, mas Caroline sentia que eram mais para disfarçar a indiferença do que para ocultar a tristeza e o inchaço do pranto. Só se lembrava de ter visto

o pai chorar duas vezes na vida: quando Senna bateu na Tamburello e quando ela abandonou a faculdade de medicina veterinária.

Sua mãe também havia chorado diante da desistência do curso. Lágrimas silenciosas e contidas, assim como a mulher que as derramava. Saíam em filetes escassos, um fluxo hesitante de uma nascente sempre prestes a minguar. Ela também havia sido veterinária, e das melhores, e sua fonte começara a secar no dia em que fora convencida a abandonar a carreira para se dedicar aos filhos. Mesmo com todas as condições da família para pagar babás e as melhores escolas.

A tristeza da mãe vinha muito disso: a filha estava desistindo de um sonho parecido, mas dessa vez por conta própria e muito antes de a carreira começar. Havia tirado as melhores notas do vestibular após todo o estudo intensivo durante o segundo e o terceiro anos do ensino médio, e para quê? Para abandonar a USP, uma das melhores universidades do país, por “transtornos do humor”, conforme o diagnóstico?

(“E desde quando humor é diagnóstico para alguma coisa? Essa corja de psicólogos nem devia ser considerada parte da saúde”, CAROLINE, Pai da).

Não adiantaria explicar nada para ele. Mesmo dezoito anos depois, não conseguia nem imaginar por onde começar a dizer o que acontecia quando ela olhava para o Bastão de Esculápio, o símbolo da medicina, envolvido por sua serpente. Os diplomas e as especializações emoldurados e expostos nas paredes da imensa casa da família no Morumbi, bairro nobre de São Paulo, eram eternos lembretes daquilo que ela tanto se empenhara para esquecer.

A morte de Paulo era como a Ilha das Cobras. Voltava à superfície de sua mente quando bem entendia, sem aviso. Por isso mesmo seria tão importante aquela visita ao lugar onde tudo começou a dar errado. Ela precisava esclarecer algumas questões.

Caroline massageou o rosto, tentando afastar a visão do corpo franzino ensanguentado e cheio de areia. Do pé descalço, do tornozelo perfurado. Do tornozelo *dela* perfurado...

* * *

Pegou o celular do bolso e olhou para a tela, que se acendeu sozinha: 23h58. Estava no ônibus. Caroline voltou a atenção para toda aquela

escuridão fora da janela, que não era por causa do insulfilm. O motorista também não era Jesus; na verdade, se chamava Antônio. Ela sabia disso porque observara o crachá do homem quando pediu que ele parasse na altura do Km-172 da BR 101.

— Primeira vez? — perguntou Antônio, sorridente, enquanto conferia se o documento dela batia com o nome na passagem.

Ela era a última passageira de uma longa fila de embarque. Era dia 27 de dezembro e as pessoas já estavam viajando para o litoral fazia alguns dias.

— Sempre fui de carro, então não sei bem onde descer. Não vou lá desde que tinha dezoito anos.

— Então faz pouco tempo, moça — respondeu ele, emendando uma risada e devolvendo-lhe o canhoto com o documento.

Caroline achava que ele estava apenas sendo bondoso, ao contrário do que vira em seus quase 35 anos de existência.

— Pode deixar que aviso, sim — completou ele.

Ela agradeceu e subiu os degraus, sentando-se logo no primeiro assento, atrás do motorista, ao lado de uma senhorinha que não respondeu ao seu “boa noite” — talvez porque já estivesse dormindo profundamente muito antes de os motores serem acionados.

O ônibus da companhia Litorânea partiu às 22 horas. Caroline despertou sozinha às 23h58 e ficou aguardando o relógio zerar por pura neurose. Durante os dois minutos mais improdutivos de sua vida, teve consciência de que, em meio a demissões, descobertas e crises de ansiedade, não havia sequer feito um brinde a seu aniversário — que fora há uns dez dias. Ninguém havia cantado “Parabéns a você” ou sequer pago uma dose de cachaça em algum bar de esquina na rua Augusta (era uma tradição no lugar em que trabalhava). *Era*. Resolveu fazer de conta que era véspera de seu aniversário. Faltariam só dois minutos para o grande dia. Tirando Antônio, que estava ocupado com o volante e havia visto sua identidade, ninguém ali poderia contestá-la. Sendo assim, cantarolou baixinho:

— Parabéns para mim, nesta data fo-di-da, eu perdi meu emprego e o controle da vida.

— O que foi, filha? — perguntou a senhorinha ao lado, ressuscitando ao som da melodia. — É seu aniversário? Parabéns, viu? Deus te abençoe.

Caroline agradeceu pelos votos — e também agradeceu aos céus por ela não ter escutado sua versão do clássico. Mas não conseguiu deixar de

pensar no emprego e no que estava fazendo da vida. Aquela idade, para ela, era muito simbólica. Sua mãe tinha 35 anos quando deu à luz sua primogênita (se é que as mulheres de sua família poderiam levar um título grandioso como esse) e nunca mais voltara a exercer a profissão. Caroline, que morava num apartamento próximo à estação do metrô Patriarca, não tinha filhos, nunca mantinha um relacionamento por mais de três meses, se alimentava mal e acabara de pedir demissão do emprego para poder viajar no fim de ano e perseguir uma obsessão com a desculpa de curar um trauma.

DOIS DIAS ANTES

— Vocês estão me devendo um mês de salário, Márcio — disse Caroline, tentando fazer o aviso soar mais como um lembrete do que uma acusação, enquanto o chefe colocava o polegar direito no leitor digital e revirava os olhos.

Era a segunda vez que ela fazia aquele pedido: cinco dias de folga em pleno final de ano, quando tudo já estava uma correria na livraria, que recentemente entrara em recuperação judicial.

— A loja está cheia de temporários de final de ano. Me deixa ir, pô! — insistiu ela.

— Carol, assim você me fode. Já pensou se todo mundo decide me pedir folga nesses dias? A livraria não está devendo *um mês* de salário *só* para você. Ficar dia 31 e dia 1º em casa não tá bom, não?

“Eu não estou pedindo folga pra ficar coçando a boceta, seu arrombado.”

A vontade era de responder exatamente aquilo. Ela não queria “descansar”, por mais que fosse direito seu. Queria alguns dias para resolver a questão com Paulo, ficar frente a frente com ele. Mari havia confirmado que estaria pelo litoral, na casa da família dela, e Hélio parecera inclinado a ir também, por mais que tivesse sido grosseiro ao telefone — algumas coisas não mudavam. Não podia dizer para o chefe que estava indo para o litoral norte ver os amigos que não encontrava ou conversava havia dezoito anos, amigos que cultivavam uma culpa compartilhada pela morte de um deles. “Isso lá é desculpa?”, perguntaria seu pai. “Que amiga você é, hein?”, ironizaria Márcio.

Ela respirou fundo, se acalmando, então disse:

— Eu não estou pedindo folga pra ficar coçando a boceta, seu arrombado.

Infelizmente, Caroline andava tendo esse problema. Pensava em uma coisa e dizia outra. De acordo com sua terapeuta, tinha a ver com impulsividade, ansiedade e vontades sempre reprimidas. De acordo com o Google, era sinal de esclerose múltipla. A verdade era que ela *queria* falar aquilo, mas de uma maneira educada. Sua cabeça lhe pregou mais uma peça. Tapando a própria boca de maneira um tanto atrasada e ineficaz, foi demitida na hora por um Márcio ofendidíssimo e de olhos

arregalados. Aquela expressão de homem inconformado em ser confrontado por uma mulher havia sido a única coisa, além de sua “agenda liberada”, que valera a pena naquele incidente.

Antônio avisou que estavam chegando perto da Barra do Sahy. Caroline pegou a mochila no bagageiro e pediu licença para a senhorinha a seu lado (“Fica com Deus, filha. E parabéns de novo”), parando na escada ao lado do motorista e observando a estrada surgir à luz dos faróis do ônibus.

— Alguém vem te buscar? — perguntou o motorista. — Aqui é bem escuro.

— Já estive em lugares piores — disse com um sorriso hesitante.

Ela sabia que nada seria como a escuridão que havia experimentado dezoito anos antes. O tipo de vazio que pulsa e sibila por trás do véu e que só nos permite enxergar através dele se abirmos mão de uma parte do que nos torna humanos.

Após desembarcar, ela assistiu às lanternas traseiras do ônibus diminuindo na estrada até sumirem.

— Uma estrada mal-iluminada é só descaso de gestão pública — disse baixinho para si mesma, conferindo se os cadarços das botas de cano alto estavam bem-amarrados.

Seu tornozelo formigou, como o prenúncio de uma coceira mais persistente.

Caroline deixou a estrada e seguiu até a placa que apontava a direção da Barra do Sahy, seguindo para dentro e para baixo, mais uma vez cantando a própria versão de “Parabéns a você”.



-1-

(NÃO) CONTA COMIGO 

ANOS ANTES

— Aquela ali — começou Caroline, apontando para a ilha facilmente visível.

Os outros três, sentados na areia, se viraram para onde o dedo apontava, fazendo sombra com as mãos para os olhos não serem ofuscados pelo sol. Ela adorava ter aquela plateia escutando suas explicações. Era a mais velha do grupo e adotava um tom professoral quando ia contar algo do tipo.

— É a Ilha das Cobras. Dizem que o mar subiu muito rápido há milhões de anos e algumas cobras ficaram isoladas lá. Aí elas evoluíram de maneira diferente das cobras do continente. Só é possível ir até lá com os pesquisadores e técnicos do Instituto Butantã.

— Uau! — exclamou Mariana, empolgada, fazendo carinho na barriga branca do vira-lata amarelado de Caroline, Manson, que arfava olhando o movimento das ondas.

Apesar do calor, a menina usava uma camiseta preta do Red Hot Chili Peppers. Era o tipo de garota que não daria o braço a torcer, então nunca diria que vestir roupas escuras na praia era algo incômodo e idiota, pois primeiro vinha o “orgulho de ser roqueira”. Pelo menos abandonara a ideia de usar coturno na areia e agora calçava um par de sandálias Rider, destoando do resto do visual, mas permitindo que seus pés respirassem, agradecidos.

— Obrigado pela cultura inútil — disse Hélio, jogando uma concha dentro d’água. — Vou tentar me lembrar disso se um dia aquele programa que o Silvio Santos fez mês passado voltar.

— O *Jogo do Milhão!* — disse Paulo, o mais novo entre eles. Era o único negro em meio aos adolescentes brancos e se diferenciava dos amigos em todos os aspectos possíveis. — Minha mãe assistia todo dia! E teve um tiozinho que errou a pergunta de cinquenta mil porque não acreditou nos universi...

— É, é. Esse mesmo — disse Hélio, interrompendo-o.

Hélio fazia isso com tanta frequência que Paulo já nem demonstrava aborrecimento. Caroline, no entanto, fez um som de censura ao vê-lo acabando com o barato do garoto. Alheio à reação dela, Hélio

continuou a falar, procurando mais alguma concha ou pedrinha para arremessar no mar.

— Um programão pra velha assistir enquanto faz crochê.

— Eu gosto do programa, pô — comentou Caroline.

O garoto deu de ombros, desconcertado. Ela era a única do grupo que tinha esse poder: o de bloquear o raio de grosseria e desinteresse calculado que Hélio tentava disparar em tudo.

— Eu acho que me sairia bem num negócio desses. No mínimo cem mil eu levava — prosseguiu ela.

— Mas aí é porque você é CDF — rebateu Hélio, sem deixar barato.

Caroline riu e mostrou o dedo do meio para o amigo.

— Nossa. Cem mil — murmurou Paulo, observando o mar. — Eu nem saberia o que fazer com tanto dinheiro.

— Nem é tanto assim — disse Mariana, enquanto Manson enfiava o focinho na cara dela. — Só o carro do meu pai custou o dobro disso...

— Se tudo der certo, eu vou estar ganhando isso aí por mês só de patrocínio, quando tiver saído da escola — disse Hélio.

Mari fez um barulho estranho com a boca.

— Vai nessa. Acha mesmo que atleta já sai da escola bem-sucedido e fazendo propaganda de tênis?

— O Ronaldinho e o Pelé ganharam a Copa com dezessete anos — disparou ele, sem pestanejar. — E o meu pai tem contatos. Não vou ficar mofando num alojamento para jogadores juniores.

— É, mas você tem dezesseis anos e está na praia com a gente enquanto o Pelé com certeza estaria treinando num alojamento mofado sem reclamar. Por isso que ele já era *o Pelé* com dezessete anos.

— Beleza, então é melhor eu parar de andar com vocês e ir treinar.

Hélio se levantou, espanando a areia da bermuda e parecendo nervosinho. Era do tipo que adorava pegar no pé dos outros, mas não aguentava quando tiravam sarro dele.

— Ah, ficou putinho? — provocou Mari.

— Que nada, só fiquei com fome. Minha mãe quer que eu almoce lá em casa, vou nessa.

— Tá putinho, sim. Até levantou. Olha lá, Manson! Olha só quem tá putinho...

— *Cala essa boca, Mari.*

Enquanto Mari e Hélio continuaram a se xingar, Caroline foi se desligando aos poucos e transformou a discussão em som ambiente. Não sabia por que ou quando aquilo começou, mas os dois amigos

mantinham uma rivalidade operando em segundo plano, que sempre vinha à superfície na primeira oportunidade. Hélio falava mal das bandas que Mari gostava. E Mari, apesar de estar longe de ser uma garota pobre, adorava lembrar que Hélio era um playboy filhinho de papai. A mãe dele era praticamente uma Barbie e escrevia uma coluna de “etiqueta e boas maneiras” em uma revista feminina; o pai era professor de jiu-jítsu, sócio de uma rede de academias. Só que o garoto nem via aquilo como ofensivo. Para Hélio, qualquer um que não tivesse os mesmos privilégios era apenas um pobre coitado, então mais sorte na próxima encarnação. Caroline sabia que para Hélio o futebol era mais importante do que terminar a escola. Caso fosse preciso, ele largaria tudo para seguir carreira sem pensar duas vezes. Afinal, o futuro dele estava garantido.

Ela olhou para Paulo, que também estava alheio ao bate-boca e mantinha o olhar vidrado na direção da ilha, aparentemente ainda tentando mensurar o que cem mil reais representariam em sua vida.

— Pensando na morte da bezerra? — perguntou ela ao garoto, que piscou de um jeito meio abobado antes de sorrir.

— Ah, não. Só pensando que deve ser muito bom *ter* dinheiro. Eu estou sempre rodeado de gente rica, mas preciso ficar colocando prego em chinelo.

Na mesma hora, o olhar de Caroline foi para os pés de Paulo. O chinelo branco e azul, já de sola fina e amarelado pelo uso, estava remendado com um prego. Ela suspirou, a boca se transformando em uma linha fina. Sabia da realidade do garoto: tinha nascido em uma região pobre do outro lado da estrada e perdera o pai cedo, morto em um acidente com um pesqueiro. A mãe se tornou empregada de um casal de idosos milionários que mantinha uma mansão na Baleia, que era a praia seguinte à Barra do Sahy. Mudou-se para lá com o filho, que a ajudava, cuidando do jardim dos velhinhos e fazendo outros serviços gerais. Ele era o mais simples da turma. Um caiçara, como o pai dela o chamava. “Vai dar volta com o caiçarinho? Leva esse biscoito para ele!” Desdém disfarçado de solidariedade. Isso quando ele não o chamava de “mulatinho”. Caroline, que estava na época das leituras para o vestibular, costumava rebater o pai dizendo que ele não era Álvares de Azevedo para chamá-lo daquela maneira. Ela já sabia que tipo de homem preconceituoso morava no corpo de seu Amadeus.

Ela tinha dezessete anos, completados no meio de dezembro — o relógio Baby-G rosa-shocking no pulso tinha sido o presente de

aniversário. Não queria tirá-lo nem sob o risco de ficar com uma marca branca na pele bronzeada.

Hélio tinha dezesseis anos, Mariana, quinze, e Paulo, quatorze. Formavam uma “escadinha”, e só recentemente haviam entrado nessa faixa etária que nivelava os assuntos das conversas. Até as férias anteriores, Paulo parecia muito mais novo do que eles, o “chaveirinho” da turma e o principal alvo de Hélio. No entanto, a maior diferença era que, enquanto todos voltavam para São Paulo depois das férias e dos feriados prolongados, Paulo continuava por lá. Era sempre aquele que ficava para trás.

— Ei, se você estiver precisando de roupas ou de tênis, sei lá — disse Caroline —, o meu irmão deve ter alguma coisa que serve e...

— Não, não. Tudo bem. Eu nem estava reclamando — respondeu Paulo, em tom de desculpas. — Não precisa ter muita roupa morando aqui. Imagino que vocês, sim. Festas na escola o tempo todo, shoppings...

— Bom, se quer saber, eu odeio shoppings. Gosto é de bicho, da natureza e essa coisa de moda e consumismo é meio que... — Caroline parou, olhando para o Baby-G rosa-shocking, e pigarreou. — Bom. Eu gostaria de morar aqui o tempo todo, que nem você.

— Bom, ano que vem você faz dezoito, né? *Dezessete do doze* — falou Paulo, e Caroline percebeu que seu semblante ainda era diferente do de Hélio ou de Mari. Ainda eram os olhos verdes do garoto de oito anos que tinha ajudado Mari com uma queimadura de água-viva e depois não se afastara mais do grupo. — Você vai poder fazer o que quiser da vida, não é? Vai ser legal ser seu vizinho.

— Não é tão fácil assim — disse Caroline, com uma risada frouxa. Seu destino já fora planejado pela família desde antes de ela aprender a balbuciar o próprio nome. — Se eu passar no vestibular, já começo medicina veterinária ano que vem. Enfim, tá aí o lado ruim das famílias com dinheiro. Se eu quiser usufruir da grana, tenho que me submeter à vontade deles. Você é mais livre do que nós três juntos, acredite.

Paulo voltou a olhar para a ilha, pensativo.

— É, pode ser. Mas deve ser legal ter duas casas.

— Bom, os pais do Hélio têm *três* — disse ela.

E era verdade, tinham uma em Campos do Jordão também.

— Duas ou três, seria interessante. Poder mudar de lugar de vez em quando. Cidade grande, praia, cidade grande, praia.

— Não vou mentir, é legal. Mas, ao mesmo tempo, é um lance sobre o qual você meio que não tem escolha. Meus pais decidem quando e como vamos, além de quanto tempo vamos ficar. Acho que casas e carros são brinquedos de adultos, sei lá.

Paulo riu, chamando Manson com um tapinha no chão. Mari e Hélio haviam começado a chutar areia um no outro, e o cão parecia aliviado de sair de perto deles.

— Você vai ser uma veterinária incrível — disse ele, por fim, abraçando o cachorro. — O Manson também acha. Ele é a prova viva disso!

— Ah, obrigada, Paulinho. Tirando os estudos para o vestibular, estou lendo tudo que posso para já chegar lá sabendo alguma coisa. Não queria ir para a sala de aula crua, sem saber nada...

— Sobre isso... — disse ele, baixando um pouco a voz e parecendo sem-graça. — Bom, eu não quis corrigir você na frente do Hélio e da Mari, mas aquela ali não é a Ilha das Cobras.

— Não? — Caroline cruzou os braços. — Mas me disseram que é nessa ilha que tem uma espécie de jararaca que evoluiu diferente, *bothrops* alguma coisa...

— Então, esse lugar existe, mas é lá para perto de Itanhaém, Peruíbe... É a Ilha da Queimada Grande, onde só dá para desembarcar se for com a Marinha ou com essa galera do instituto que você falou. Foi para aqueles lados que o barco do meu pai virou, inclusive.

Caroline fez uma careta um pouco contida. Ver o garoto falando daquilo com tanta naturalidade sempre acabava de alguma forma com seu humor.

— Essa aí da frente é a Ilha das *Couves*. Já fui lá algumas vezes, e os barqueiros ali do canto da praia podem levar a gente — continuou ele.

— Uau, puxa... Bom, valeu por avisar.

— Não tem problema. É que fiquei pensando se essa pergunta cai na sua prova, sei lá. Agora você não erra.

Por muito tempo, Caroline se lembraria de Paulo daquela maneira, sentado na areia com o cachorro dela apoiando a cabeça em seu colo. Os olhos verdes do menino pareciam acesos pela luz do sol, e ele sorria feliz por tê-la ajudado em algo tão pequeno.

— Quer saber? — perguntou ela, ao ver que Hélio parecia estar cuspidando areia e limpando o rosto enquanto Mari se acabava de rir. — Se você fosse ao *Jogo do Milhão*, ganharia bem mais que cem mil. Você é bem esperto, Paulinho.

— Se um dia eu ganhar, divido com vocês três, então.

Ela poderia dizer que não seria justo e que nenhum deles precisaria tanto do dinheiro quanto Paulo e a mãe dele. Mas não disse, como tantas outras coisas que ficariam incompletas a partir daquela viagem.

HOJE

Dependendo da carga emocional das memórias e dos traumas sofridos, uma pessoa pode preferir ficar mais de dez minutos parada no acostamento de uma estrada junto a uma mata densa e sem iluminação do que simplesmente descer a rua de acesso que leva a uma cidade com uma pousada à sua espera.

Aquilo também era difícil. Ficar tão perto da casa de praia — a uma rua de distância — e não entrar. As portas estavam fechadas para ela, que crescera ali. Portas fechadas para as lembranças de sua mãe, que amava aquele lugar. A situação refletia, e muito, seu distanciamento da família.

Caroline começou a contar os carros que passavam. Eles seguiam reto, mas ela sabia que alguns olhares se demoravam na figura na beira da estrada, bem na frente da placa que dava as boas-vindas à Barra do Sahy.

— Oito... Nove... *Dez* — disse ela com a voz sufocada, esfregando as mãos e se virando para o acesso, usado tanto para entrar quanto para sair do lugar.

Lembrava-se dos vizinhos dizendo que, antigamente, havia apenas um caixa eletrônico 24 horas na cidade, e que ele jamais seria roubado, porque o bandido que precisasse fugir às pressas da Barra do Sahy corria o risco de ser impedido até por uma bicicleta de vigia, de tão estreita que era a passagem. De qualquer forma, assaltantes de caixas eletrônicos eram a última preocupação de Caroline.

Mesmo andando pé ante pé, suas botas escorregaram em um punhado de areia no asfalto. Parou por um segundo, olhando para o chão, e continuou a descer, pensando se não seria melhor usar a lanterna do celular para iluminar o caminho. Quando decidiu que não, pois não escorregaria de novo, um latido veio da mata à esquerda e ela tropeçou nos próprios pés.

— Manson? É você? — berrou.

O grito fez o cachorro, seja lá onde o bicho estivesse, se calar. Era o latido do *seu* cachorro. O último que tivera, havia muito tempo, e ela jamais se esqueceria dele. Uma despedida às pressas que não estava à

altura da coragem do leal companheiro que se lançara contra algo bem maior que ele apenas para protegê-la.

— Não, não pode ser — murmurou ela em meio ao silêncio que se seguiu à sua pergunta estúpida.

Continuou descendo a rua, com o latido ainda ecoando em sua mente.

Manson era uma âncora nas memórias daquele réveillon, um dia que mudara a vida dela e dos amigos para sempre. Estava ligado à sua história com aquela praia. Nas férias de julho de 1999, seis meses antes de tudo acontecer, ela levara o cão pela primeira vez na viagem, e os amigos logo se afeiçoaram ao vira-lata.

ANOS ANTES

— Oi, lindão! — disse Mari com a voz açucarada.

Era algo muito engraçado vindo de uma garota que fazia questão de usar, mesmo na praia, uma pulseira de *spikes* (dez reais na Galeria do Rock) e camiseta preta de alguma banda.

— É, você é lindo, sim! Qual o nome dele? É *ele*, né? — perguntou ela.

— É. Ele se chama Rex.

— Nossa, quanta criatividade! Que oportunidade o pessoal perdeu ao não te convidar para batizar os bonecos na *TV Colosso*, hein, Carol — comentou Hélio, a uma distância enorme do cachorro.

— Caramba, alguém ainda não superou o fim da *TV Colosso*. Mas, para seu governo, ele já veio do abrigo com esse nome — disse Caroline. — Meu pai nem queria deixar. Disse que preferia comprar um daqueles cachorros fininhos de corrida que parecem ser 2-D, mas eu queria adotar. Ele já tem uns três anos, e ninguém costuma pegar cachorros mais velhos assim.

— Oi, Rex! — cumprimentou Paulo, agachando-se ao lado de Mari e passando a mão no lombo do cão, que se afastou um pouco, parecendo acuado. — Vixe, acho que ele não gostou muito de mim.

— Ele é meio arisco, mas já, já se acostuma — disse Carol, chamando o cachorro. — Querem sugerir outro nome? Vai que dá certo.

— Hélio — respondeu Mari de pronto, se virando e estreitando os olhos, com um sorriso diabólico.

— Vai à merda.

— O Rex não merece isso — disse Caroline, dando uma piscadela para Hélio. Lá, da sua distância segura, o rapaz corou e não disse nada.

— Sugere alguma coisa aí, Paulo.

— Não sei. Bisteca?

— Porra, Paulo — reclamou Mari.

— O que foi?

— De onde você tirou isso?

— Sei lá, é um nome legal. — O garoto deu de ombros. — Eu já tive uma Bisteca, quando era pequeno.

— Bom, é um nome unissex. Mas nome repetido não vale — protestou Caroline, ainda segurando o riso. — Sugere outro.

— Como chama aquele cantor que a Mariana gosta? — perguntou Hélio, dando um passo para a frente. — Aquele bizarro que tirou a costela para lamber o próprio pau, Merlin alguma coisa...

— *Marilyn Manson* — respondeu Mari, irritada por antecipação. Agora era ela quem cruzava os braços. — Por quê? Vai zoar ele também?

— Não — disse Hélio, dando um passo e apontando para o cão. — Mas se liga no que o cachorro está fazendo.

— Ah! — Caroline suspirou após o silêncio geral. — Eu preciso castrar esse bicho.

Todas as testemunhas da cena despuorida concordaram que Marilyn Manson era um nome adequado e original. Naquela mesma viagem, os quatro se cansaram de dizer o nome e o sobrenome do cão.

HOJE

Nem sinal de algum cachorro. Sua cabeça doía, o calcanhar também, e o medo e a ansiedade a atingiam como prenúncios de todas as instabilidades que acompanhavam as lembranças do réveillon. Quando sua memória sobre o passado começava a invadir o presente, toda a realidade falhava, como as luzes de uma casa piscando durante uma tempestade. Era assim que ela começava a perder o controle.

— Algum problema aí, moça?

Estava parada entre a fachada de uma casa de materiais de construção e um terreno baldio. Sem jeito, Caroline arrumou o cabelo, ajeitou uma mecha fujona atrás da orelha e se virou para o homem que a chamou, parado junto à entrada de uma lojinha, que deveria estar fechada àquela hora da madrugada.

— Eu... tudo bem, tudo bem. É só uma tontura.

— Quer uma água? — ofereceu ele, acendendo as luzes que ficavam próximas dos troncos dos coqueiros, no meio da grama do jardim.

Caroline então percebeu que conhecia o sujeito. Não se lembrava de seu nome, mas sabia que ele havia feito manutenções e serviços gerais algumas vezes na casa da família dela durante sua infância. Ele com certeza não a tinha reconhecido.

— Não, tudo bem. Só pressão baixa, e tenho água aqui na mochila — respondeu, com um sorriso falso, mas que era disfarçado pela sombra. Para tentar fazer com que aqueles olhos desconfiados parassem de examiná-la, decidiu jogar conversa fora. — Você mora aí na loja?

— O quê? Ah, não... Eu trabalho para eles, recebo mercadoria de vez em quando. E eles me indicam para reformas. Estou esperando uma carga de azulejos, devia ter chegado lá pela meia-noite. — Ele deu um passo para fora, mais à vontade. Caroline conteve o impulso de dar um para trás. — E você? Veio passar o Ano-novo aqui? Amanhã vai fazer sol, hein.

— Ah, sim. É. Vim visitar um amigo, na verdade.

— Que mora aqui? — Ele abriu um sorriso. *Geraldo*, Caroline lembrou. *Seu Geraldo*. — Então eu conheço! Qual é o nome do seu amigo?

— Não, na verdade, ele é da Praia da Baleia — respondeu ela, desconfortável, sentindo que a conversa estava se alongando demais.

Sua atenção começou a se despedaçar, dividida em vários detalhes e sensações. Em algum lugar de sua mente ou da cidade abaixo, Manson começava a latir de novo, como se a avisasse do perigo. Ao mesmo tempo, o mato alto no terreno baldio ao lado se agitou, mesmo que não tivesse vento algum.

— Eu também conheço um pessoal da Baleia.

— É que ele já morreu.

— Ah — falou o homem, e o sorriso se desfez. — Desculpa, eu não ti...

— Tudo bem, não tem problema. Vou indo...

— Mas olha, o cemitério mais próximo é um pouco longe daqui. Indicaram para você uma hospedagem nada prática. Você é bem-vinda, não me entenda mal, Deus sabe quanto a gente precisa do turismo aqui no litoral norte, mas você precisava ter pego uma pousada lá em Barequeçaba, ou perto da balsa para Ilha Bela...

Com a infalível bússola interna de quem realmente vivia em São Sebastião, seu Geraldo apontou com exatidão para a direção de Barequeçaba e Ilha Bela. A atenção de Caroline se deteve no pulso, pouco antes do dedo em riste: uma tatuagem malfeita de um verde desbotado.

Era uma serpente.

A tatuagem se mexeu, colocando a língua vermelha para fora.

O mato do terreno ao lado se agitou de novo, agora com um ruído baixinho, parecido com o de um chocalho. Geraldo não parecia estar escutando aquilo. A urgência tomou conta de Caroline.

— É, verdade. Amanhã eu vejo isso, mas já reservei aqui mesmo. Boa noite.

Em seguida, ela deixou para trás o primeiro de muitos moradores intrigados.

Não olhou para o terreno ao passar ao lado dele. Não escutou mais os latidos, fosse de cachorros próximos ou distantes, estivessem vivos ou não. Repetindo como um mantra algumas palavras que havia aprendido e que lhe ajudavam em momentos como esse, concentrou-se no caminho para a pousada, que passava pela casa da família de Mariana — e bastava um pequeno desvio para deixá-la próxima à de Hélio.

Na frente da casa da amiga, havia dois carros estacionados, as rodas parcialmente sobre a calçada, e Caroline não pôde deixar de reparar nos

adesivos colados em ambos. Se lembrava bem, o lugar tinha três vagas de garagem, o que significava que a nova família tinha vindo em peso — e isso porque Mariana só chegaria no dia seguinte, de acordo com as mensagens que haviam trocado. O marido viera na frente com *alguns* convidados, e ela chegaria depois com os enteados.

Caroline espiou pelas frestas do portão automático e viu que algumas luzes da casa estavam acesas, mas não escutou nenhum vozerio de conversa. O silêncio lhe dava espaço para se lembrar de quando ela e Mari eram adolescentes, arrumando algum jeito de saírem pela janela e pularem o muro para dar uma volta pela praia e observar o céu. Mas não eram mais aquelas jovens, e nem sentia que teria a mesma liberdade ao conversar com ela. Seguraria a ansiedade e deixaria para descobrir isso no dia seguinte.

Continuou a peregrinação pela cidade, que não tinha mudado tanto assim. Reparando que a iluminação pública havia melhorado bastante, pensou em como Hélio ainda era uma incógnita. Havia feito poucas perguntas durante a ligação, e mais escutou do que respondeu. Quando Caroline insistiu na importância de todos se verem, ele desconversou e falou que não tinha interesse. E lá estava a casa dele. Aproximou o rosto através das frestas do portão de tábuas de madeira — que, pelo jeito, ainda eram as mesmas de dezenove anos atrás, sem a costureira pintura zelosa — e notou a luz da sala acesa. Não havia carro na garagem, o que significava que ele também viera de ônibus. “Será que foi muito complicado?”, pensou ela, com um mal-estar.

Caroline pegou o celular e entrou no aplicativo de mensagens. Hélio estava on-line. Mandou para ele duas mensagens seguidas.

Feliz por você ter mudado de ideia.

Se estiver acordado e quiser tomar uma cerveja, estou na frente da sua casa.

As mensagens logo foram lidas. Alguns segundos de silêncio se passaram até que uma ligação do próprio Hélio surgiu na tela, e ela atendeu.

- Oi, Hélio. Está ocupado?
- O que você está fazendo aqui?
- Porra, *boa noite* pra você também.

Um silêncio se seguiu antes de Hélio retomar a conversa, bem menos ríspido.

— Nossa. É que fiquei assustado. Você não era assim.

— Eu poderia dizer que andei muito para ver você, mas não é verdade. Estou aqui na frente, vai logo.

— É, só que eu estou na janela e não estou te vendo.

Caroline voltou a aproximar o rosto da fresta. A janela estava fechada, assim como a cortina, mas a luz da sala permitia ver a sombra de uma pessoa de pé.

— Você nem abriu a cortina, claro que você não está me vendo. Vem aqui fora.

— Peraí, cortina? Eu nem tenho... — Hélio interrompeu a frase. — De que casa você tá falando?

— Da sua, pô. Número 25 — respondeu ela, olhando para o número da casa e para os muros. Estava no lugar certo. A não ser que... — Ainda é a mesma, não é? Ou vocês venderam e compraram outra?

— Carol, você está falando da casa de praia?

— Lógico...

— Eu não estou na praia. Falei que não ia e ponto final. E eu aqui que nem um otário olhando pela janela do apartamento.

Caroline sentiu a expectativa se esvaír de seu estômago, sem nem saber que ela se instalara ali. Olhou de novo pela fresta do portão, mas a pessoa dentro da casa havia se afastado da cortina. A luz da sala também se apagou enquanto ela olhava.

— Você falou que a sua mãe nem vinha mais para cá. Vocês alugaram a casa?

— Não tem ninguém aí na Barra do Sahy — disse ele, impaciente. — Minha mãe foi para Campos com as minhas tias e o meu pai.

— Então quem é que está na sua casa?

— Puta que pariu. Puta. Que. Pariu! É sério isso? Você realmente vai dizer que tem um invasor na minha casa só para *me* fazer ir até aí?

— Hélio, tem alguém lá dentro, eu juro — disse ela, estreitando os olhos para se acostumar ao escuro e tentando captar alguma movimentação do lado de dentro. — Não estou vendo nada agora. Deixa eu tentar escutar...

Ela baixou o celular enquanto Hélio ainda xingava. Agora tudo parecia silencioso, mas será que era porque a pessoa tinha escutado a conversa na frente do portão? Quem tentaria assaltar uma casa em plena alta temporada, com a cidade tão movimentada?

Sem desgrudar os olhos da fresta, ela ergueu o celular para informar a Hélio que chamaria a polícia e lhe informaria caso tivesse novidades.

Mas tudo que fez foi deixar escapar um grito sufocado, já que alguém a encarou pela fresta, o rosto igualmente colado ao outro lado do portão. O branco dos olhos continuou ali enquanto ela se estabacou no chão, caindo sentada e recuando para o meio da rua. O celular escapou de sua mão e também foi parar no meio da rua. Podia escutar a voz de Hélio saindo do celular.

— Carol? Carol! Fala comigo, o que está acontecendo?

— T-tem alguém lá, Hélio. — Ela arfava, a visão turva.

Manson latia em algum lugar. Parecia vir do fim da rua, mas se aproximava... Caroline balançou a cabeça com uma careta e levantou pegando o celular e se afastando do portão aos tropeços.

— Eu estou indo para a pousada, mas chama a p-polícia e vem para cá! — pediu ela.

— Carol, espe...

Ela desligou e correu o mais rápido que conseguiu.

[...] pois ser escolhido pelo *karaí* para conduzir um condenado até uma ilha maldita era ser tão desafortunado quanto o sentenciado.

O homem de mãos atadas à frente do *ubá*, a canoa feita de um único tronco de madeira, não desgrudava os olhos do monte de terra assomando à frente. Aquele lugar que os povos ribeirinhos evitavam até olhar não era o destino dos traidores da aldeia à toa. E, ainda assim, o homem parecia clamar pela ilha, pedindo que a justiça fosse feita. Os três indivíduos que o conduziam, outrora seus irmãos, o mandavam se calar e abaixar a cabeça sob ameaças de que partiriam seu crânio com as bordunas. Bastava ter trazido o medo para a tribo com o absurdo augúrio de que, em breve, homens de pele clara, carregando uma divindade de madeira, chegariam até eles e tentariam destruí-los da maneira mais definitiva existente: o esquecimento. Ele não era um *karaí* para profetizar seja lá o que fosse. Seus pensamentos profanos haviam lhe concedido essa viagem só de ida, o temido exílio no ventre da fera adormecida.

Algo ondulou nas águas escuras perto do casco da canoa, mas a ausência da lua não permitiu que enxergassem o animal. O homem que estava de pé na parte de trás do barco parou de remar, tentando prestar atenção ao ruído, e foi xingado pelo companheiro por fazer corpo mole.

A ondulação seguinte veio com um impacto e jogou todos os homens nas águas do rio. Um *ubá*

não era feito para resistir a águas caudalosas ou ao ataque de uma fera. Os homens que afundavam sabiam disso. O condenado, de mãos e pés amarrados, se contorceu como uma enguia, tentando encontrar a superfície – mas a verdade é que a escuridão era tão intensa que ficava impossível saber o que era fundo e o que era superfície.

Ouvia os lamentos e o desespero ao seu redor em gritos abafados pela água. Pedidos de socorro que não passariam de bolhas em um rio revolto. O condenado se acalmou: se aquela seria a sua morte, talvez seus apelos tivessem sido ouvidos. Talvez não devesse lutar contra a maré.

Deixou a correnteza levá-lo. Não sabia se estava indo para a superfície ou para o leito do rio, mas com certeza seguia adiante. Que a vontade da Serpente fosse respeitada.

Sentiu uma carapaça fria e dura tocar as solas de seus pés, pouco antes de perder os sentidos e [...]

OU TODOS, OU NINGUÉM

HOJE

— Carol, puxa essa ligação? — gritou o colega no terminal mais próximo, de frente para ela e rodeado por três pessoas aguardando para consultar a disponibilidade de um livro. — Toda vez que eu atendo, o engraçadinho desliga. Acho que o problema é comigo.

Caroline assentiu. Também estava fazendo mil coisas ao mesmo tempo, mas quem ali não estava? Atendeu a ligação deixando a impaciência transparecer.

— Alô?

— Hã, oi... é da livraria?

Levou a mão ao rosto, incrédula. Fim de ano por ali era sempre aquele inferno: loja lotada e telefone tocando sem parar. Com uma pilha de livros para guardar debaixo de um braço, consultava no terminal um título para um cliente ao seu lado e ainda apoiava o telefone no ombro. Sentiu-se um tanto quanto envergonhada.

— Sim, senhora. Como posso ajudar?

— Com quem falo?

— Caroline — respondeu ela, dando uma sequência de cliques impacientes no mouse, irritada com o sistema lento.

— Caroline, eu gostaria de saber se vocês têm um livro aí.

— Claro, só um segundo. — Ela tirou o telefone do ombro e o apoiou no balcão, voltando-se para o cliente que aguardava uma resposta. — Senhor, esse não temos, está esgotado.

— Ah, que droga. Tá bom — disse o rapaz, olhando para o celular e dando as costas para ela na mesma hora.

Seja lá de quem fosse os *stories* a que ele assistia sem piscar, eram com certeza mais importantes do que agradecer de forma adequada à atendente sobrecarregada que lhe dava atenção.

Caroline respirou fundo e pegou de novo o telefone no balcão.

— Oi, senhora. Desculpe a demora. A loja está cheia...

— Tudo bem, imagina. Eu queria saber se vocês têm *O método VIPer*.

— Um momento — pediu ela, pesquisando pelo nome do autor, que ela já sabia de cabeça. *Heinz*, letra H.

Aquele título estava vendendo muito bem nos últimos meses, mas Caroline nunca se sentia particularmente atraída por livros de *coaching* e

desenvolvimento pessoal.

— Constam dois lá no setor, vou confirmar se não é erro do sistema e já volto.

— Tá bom, obrigada.

Subiu até o andar onde os livros de negócios ficavam — e que pessoalmente ela havia classificado como “o lugar que mais detestava da livraria”. Até mais do que ficar no setor de trocas e reservas em pleno fim de ano.

Pedindo licença para algumas pessoas, foi procurando os autores com H e a primeira coisa que encontrou foram livros fora de lugar. Em seguida, encontrou a lombada de *O método VIPer*. Paulo Heinz.

Enquanto desviava da multidão e voltava para o terminal onde a cliente aguardava no telefone, pela primeira vez observou a capa com atenção. “Que coisa brega”, pensou, mas aquele design ainda vendia: a mesma cafonice da época em que Tony Robbins ainda era *Anthony Robbins* e tentava despertar a merda de um gigante interior. No livro que segurava, o “vip” de *VIPer* era destacado em vermelho, e havia uma brincadeira da tipografia horrorosa com o V e a perninha do R para que eles parecessem presas de uma víbora. Logo acima, dois olhos fendidos de uma serpente.

A imagem se moveu, mas Caroline sabia que não tinha nenhum efeito holográfico no acabamento da capa. Percebendo que estava ficando ofegante, acalmou a respiração e parou a caminho do telefone. Desceu o olhar para a frase de efeito logo acima do nome do autor: *Como permanecer no TOPO da cadeia alimentar mesmo cercado de PREDADORES*.

Então ela gritou, derrubando o livro. As pessoas ao redor se assustaram, e uma garota se abaixou para pegar o exemplar que ela havia derrubado. Caroline mal conseguiu agradecer, evitando encarar qualquer um pois sabia que estava chorando e borrando o rímel. Também não olhou de novo para a capa, mas o nome do autor constava na lombada também. *Paulo Heinz*.

— É só coincidência — sussurrou.

Porém, seus dedos já agiam por conta própria buscando a segunda orelha do livro. A foto do autor. Precisava olhar, apenas para confirmar o que já sabia.

— Ele está morto... Você viu. Você *viu* — afirmou para si mesma.

Abriu na última página, trêmula. Onde deveria estar a foto do autor, não encontrou uma figura humana. Escamas no lugar da pele, olhos fendidos que a encaravam. Meio homem, meio víbora. Uma língua

bifurcada apareceu e logo sumiu de vista, testando sua atenção. Como em um truque batido de circo, a serpente saltou do papel em direção aos olhos dela, a boca aberta a meio centímetro de sua vista. As presas retráteis, curvas e afiadas, cravadas no seu globo ocular direito, tingiam o mundo de dor. Mesmo sem poder enxergar, pois a glândula de veneno agia de imediato e bombeava a química mortal para dentro da presa, o que dissolvia os olhos da vítima. Caroline ouviu o sibilar coletivo, os chocinhos, e sentiu que cada cliente na loja lotada era outra víbora, todas convergindo para a mulher que sua líder acabara de dominar.

Caroline acordou gritando no escuro, com o fantasma da antiga ferida ardendo no tornozelo.

* * *

Ela levou alguns minutos para perceber que estava na pousada. Sentada na cama e ouvindo o barulho de batida na parede (um casal animadinho passando o primeiro Ano-novo juntos²), agarrou o travesseiro e afundou as unhas nele, tentando extrair algo de real daquilo e se certificando de que não estava em um pesadelo dentro de outro pesadelo. Sua antiga psiquiatra lhe ensinara aquele truque, o de ter uma âncora no mundo real. “É como o pião do Leonardo DiCaprio naquele filme, sabe?” Caroline gostava da dra. Monique e adoraria ter dinheiro para um convênio decente que lhe permitisse levar adiante o tratamento com ela. Mesmo que fosse para continuar omitindo toda a parte de que havia presenciado a morte de um amigo. Contava apenas que, na ocasião do réveillon de 1999 para 2000, brigara com as pessoas mais próximas, e, desde então, nunca mais haviam se falado. Não deixava de ser verdade — um décimo da verdade, se fosse possível medir a realidade com frações.

Desde que voltara da Ilha das Cobras, Caroline sentia que havia perdido a capacidade de sonhar como uma criança. De dormir e vivenciar histórias desconexas sem início ou fim, de juntar em uma só noite diálogos com os amigos e cenas de um filme que lhe impressionara. De conseguir sobrevoar os telhados da rua ou de se flagrar sem roupas na escola. Não, aquilo nunca mais acontecera. Quase todos os seus sonhos eram lembranças, ora exatas, ora mutiladas, mas cópias realistas de coisas que tinha vivenciado. Sem grandes mudanças no roteiro, sem surpresas sobrenaturais ou fantásticas — tirando aquelas que

presenciara na ilha. Era como se a mordida da serpente tivesse lhe inculcido uma verdade irremediável, e toda aquela balbúrdia fosse uma despedida antes de perder para sempre a capacidade de sonhar.

Exceto quando o assunto era cobra. Nesse caso, Caroline sonhava de olhos abertos, e os remédios que Monique lhe receitava amenizavam isso. Fosse em um quadro, uma revista ou um diploma de medicina, via as figuras ofídicas se mexendo, encarando-a...

Levantou-se para pegar água no frigobar. Era a primeira vez em muito tempo que um sonho descambava para o absurdo, e um pensamento se acomodou na mente de Caroline: ela trocaria todas as alucinações que tinha acordada, como tatuagens se movendo à luz do dia, por experiências terríveis e vívidas como a que acabara de experimentar. Os pesadelos precisavam parar de se infiltrar no mundo real, tinham que ficar no lugar onde pertenciam.

Com os pés descalços tocando o chão, sentiu o tornozelo coçar, mas, ao menos, a dor não estava mais lá. Decidiu que tentaria não pensar naquilo nem no sonho.

Sem consultar a hora no celular, seguiu até as janelas e descobriu que não era mais madrugada. Abriu as cortinas do tipo blecaute e seu cérebro levou um instante para processar a informação de que havia sido enganado por aquele truque eficiente. Caroline decidiu que desceria para tomar o café da manhã oferecido pela pousada.

Calçou a bota de cano alto. Era importante se proteger. Afinal, as cobras poderiam estar em qualquer lugar.

ANOS ANTES

— Podem entrar — disse Hélio, abrindo o portão e soltando-o em seguida, fazendo com que Mari tivesse que segurá-lo para que Caroline e Paulo passassem.

— Seu grosso! — falou a garota, mas o anfitrião seguiu para dentro de casa sem olhar para trás. Mari baixou o tom de voz ao encostar o portão e se dirigiu à amiga. — Carol, por que a gente veio aqui? Eu já tomei café da manhã, e o seu Richard vai ficar com aqueles papos de: “Ah, olha lá a filha da Eunice, toda de preto. Vai para um enterro? *Hahaha.*”

Caroline segurou o riso e fez sinal de silêncio para Mari. Ninguém tinha paciência para os pais de Hélio, nem o próprio garoto. Leila falava tudo com uma espécie de paralisia facial e um bico estranho, como se economizasse expressões para não cultivar rugas. Já Richard, em geral, pegava no pé de Mariana e Paulo, dizendo que ela gostava de músicas que pareciam dois liquidificadores brigando (“O rock do meu tempo que era bom!”) e que o outro era subnutrido (“Tua mãe nunca te deu Biotônico Fontoura, moleque?”). E assim foi, dito e feito, no momento em que pisaram na cozinha.

— Ah, olha a criançada aí! — bradou Richard, projetando o queixo quadrado para a frente enquanto tomava uma caipirinha àquela hora da manhã.

— Oi — cumprimentou Mari, em tom seco.

Ela cruzou os braços e encostou na parede de azulejos ao lado do filtro de água. A menina estava torcendo para ele não ficar perguntando o que era o “zumbi” na sua camiseta. Ele sabia o que era Iron Maiden e que aquele era o Eddie, mas insistia em chamá-lo de *zumbi* ou *tripa-seca*.

— Bom dia, tio. — Caroline acenou e o homem sorriu estreitando os olhos, alternando entre a garota e o filho.

Richard sabia que Hélio sentia algo por ela e sempre adotava aquele tom insuportável de “Ah! Esse é meu garoto! E ela é *mais velha* que ele!”. Com Hélio parecendo mortalmente constrangido, o pai a cumprimentou e então parou de preparar mais uma caipirinha para escrutinar Paulo ao seu lado, de cima a baixo. Seu sorriso se desfez e se

transformou no semblante de irritação constante que ele usava durante as aulas de jiu-jítsu.

— Pelo amor de Deus, moleque. Não te dão o que comer naquela casa, não? Na sua idade, o Hélio já era bem mais forte!

— Oi, tio Richard — disse Paulo, após um suspiro contido.

O homem continuou, apontando o pilão para os braços do mais jovem.

— É sério, você precisa de proteína! Está em fase de crescimento. Olha só o Hélio...

— Pai...

— ... ele não sai da dieta que fiz para ele, nem come fora de horário! E faz os exercícios sempre que...

— Pai, tá bom. Já chega.

— ... porque como você vai se manter no *topo* se não tiver forças para revidar? Você está cercado de predadores, entendeu? Hein, garoto?

— Eu... hã... — balbuciou Paulo, pedindo ajuda para Mari com um olhar vago.

Mas foi o próprio Hélio quem o socorreu, enquanto cortava o pão com uma faca serrilhada.

— O Paulo não está interessado nisso, pai. Deixa eles sentarem e comerem em paz, que saco.

— Eu já comi — disse Mari, sem descruzar os braços nem sair do lugar.

O olhar aguçado de Richard, tão parecido com o do filho, saltou de Paulo para ela, enquanto um sorriso irritante surgiu em algum lugar acima do seu queixo imenso.

— E aí, tá indo gravar o próximo *Matrix*?

* * *

Os adolescentes faziam aquilo com frequência: tomavam café nas casas uns dos outros antes de ir para alguma praia das redondezas que estavam dentro dos limites permitidos pelos pais. Porém, Paulo não podia lhes oferecer a mesma coisa, já que morava na mansão onde a mãe trabalhava. Caroline entendia que a situação era diferente, assim como Mari e Hélio, que tinham a empatia de uma estrela-do-mar, por assim dizer. Nunca cobraram de Paulo qualquer coisa a respeito de

visitarem onde ele morava, mas sabiam que o garoto se ressentia por não poder receber os amigos.

Além de pinturas de Allan Kardec, Ashtar Sheran, L. Ron Hubbard, Saint-Germain, Osho e um Jesus Cristo de bochechas rosadas que mais parecia um integrante do Abba, a sala da família de Hélio era repleta de fotos do pai e do garoto ganhando medalhas e troféus em diversas idades. Havia ali uma perfeita linha temporal de Hélio, dos cinco aos dezesseis anos, em diversos uniformes: handebol, natação, judô, kart, jiu-jítsu (ao lado do televisor, havia um retrato de meio metro do menino no lugar mais alto de um pódio, recebendo uma medalha das mãos do próprio pai) e, principalmente, futebol. Havia também uma dezena de medalhas e troféus — mas estes, de acordo com Leila, eram os “menos importantes”.

— Os de competições oficiais estão todos lá em São Paulo — explicou ela pela enésima vez para Caroline, com um gesto displicente da mão com unhas longas. — Daqui a pouco tempo, vamos ter que alugar um galpão para as premiações do Ricky e do meu *principinho*. Ou pedir para eles pararem de ser tão bons em tudo. Não é, filho?

Hélio coçou a cabeça, constrangido pelo *principinho*, e pediu para os amigos — que seguravam o riso diante do olhar de desespero dele — o seguirem até o quarto.

— Vou mostrar um jogo de computador para vocês.

Entraram no cômodo, que mais parecia o quarto de alguém que mora na casa de férias em tempo integral. Lá tinha tudo que o quarto de uso diário de uma criança rica costuma ter: caixas de som, televisão, um Playstation e móveis de primeira, tudo combinando com o moderno Macintosh verde-água sobre a escrivaninha, que estava na tela de descanso, com um desfile de fotos de Hélio vencendo competições (“Meu pai que colocou, nem vem”). A decoração também incluía alguns pôsteres do Ayrton Senna, do Romário e, claro, mais algumas medalhas nas paredes. Para a surpresa de Caroline, em meio aos registros esportivos, havia um retrato dos quatro amigos em uma moldura colorida cheia de golfinhos e estrelas-do-mar que era óbvio que não tinha sido escolhida pelo habitante daquele quarto. Era uma foto com data no canto inferior direito, 15 julho de 1997, que fora tirada pela dona Leila, no portão da casa da família de Hélio. Era de apenas dois anos antes, mas todos eles tinham traços e corpos bem mais infantis, diferentes daquela forma mutante de nem-crianças-nem-adultos (também conhecida como adolescentes) do presente.

— Tá um puta calor e a gente vai ficar enfurnado aqui dentro vendo você jogar *Doom*? — perguntou Mariana, irritada, observando a estante de livros.

Caroline também foi atraída pelas lombadas dos títulos.

— Ah, eu gosto de ver vocês jogando! — exclamou Paulo, olhando para o rack de CDs de jogos. — Mas coloca o *Quake II*. É bem melhor!

Hélio girou na cadeira de rodinhas para ficar de frente para Paulo, com um olhar exageradamente ofendido e o dedo em riste.

— *Doom* é um clássico e, nesta casa, não falamos esse tipo de blasfêmia. Mas não chamei vocês aqui para jogar videogame.

Ele se voltou para a tela, clicou no discador de internet e esperou. Enquanto isso, as garotas folheavam alguns livros.

— Não sabia que você gostava tanto de ler — comentou Caroline levantando uma edição novinha em folha de *O senhor das moscas*. — Adoro esse aqui. A discussão sobre a natureza humana e...

— Pfff. Achei uma merda — respondeu ele, com a falta de tato de sempre, se espreguiçando na cadeira. — Só li porque a escola obrigou.

— Tem uma música do Iron sobre esse livro. Mas é com o Blaze Bayley — disse Mari, em tom de pesar, folheando um livro de bolso: *Mate-me por favor*. — Ô, me empresta esse?

— É seu, pode levar. Se eu gostasse tanto assim deles, estariam na minha casa lá de São Paulo. Paulinho, pega alguma coisa aí você também.

— Você gosta de ler, Paulo? — perguntou Caroline, devolvendo William Golding para a estante.

O menino deu de ombros.

— Não tenho muito costume. Os nossos patrões têm vários livros, mas a maioria está em inglês, alemão...

Caroline atentou para um detalhe do que Paulo acabara de dizer: “nossos patrões”. Na idade dele, o garoto já se via como um empregado do casal de velhinhos, mesmo que aquilo fosse errado. Várias coisas passaram pela sua cabeça, como o estatuto da criança e trabalho escravo, mas Caroline também lembrou que a realidade dos jovens fora da sua bolha podia ser bem diferente da dela. Buscou se reconfortar com a lembrança de que Paulo sempre se referia aos patrões da mãe com uma espécie de carinho e gratidão — o que não amenizava nada se ele já era empregado deles. Começou a pensar nos próprios privilégios e em como a sua família permitia que ela se preocupasse apenas com os

estudos, quando Hélio lhe chamou a atenção e a arrancou daquela autoanálise.

— Carol, olha aqui — disse ele, apontando para a tela. Mari e Paulo se reuniram em volta da cadeira. Era um site de turismo bem colorido que falava sobre São Sebastião. — A gente estava falando da tal da Ilha das Cobras ontem, mas vim procurar na internet e descobri que essa que a gente vê da praia é a Ilha das *Couves*.

— É, o Paulinho me corrigiu ontem, mas esqueci de falar para vocês — respondeu ela.

Hélio perdeu o sorriso presunçoso e encarou o garoto.

— Por que não falou na hora para todo mundo, caçara?

— Porque não, ué — retrucou Paulo, sem tirar os olhos da tela. Caroline deu um tapa de leve na cabeça de Hélio.

— Para de ser chato. E o nome dele não é “caçara”.

— Ou a gente pode chamar você de *principinho*? — provocou Mari, apertando a bochecha de Hélio, que afastou o rosto com raiva. — Não é nem o diminutivo certo de “príncipe”, sua mãe é louca.

— Tá bom, porra — disse ele, virando-se devagar com a cadeira para Paulo e juntando as mãos como em uma oração. — Me perdoe, jovem do litoral. Compartilhe mais da sua sabedoria de pescador conosco... *AI, MARI!*

— Pode falar, Paulinho — disse Mari, sem afrouxar o beliscão no braço de Hélio.

— Ah, hum... Eu disse para a Carol que a que tem as cobras diferentes é a Ilha da Queimada Grande. Só isso.

— *Arrá!* — Hélio estalou os dedos, e voltou para a tela. — Então vou falar uma coisa que você não sabe. Aqui diz que a Ilha das Couves *também* tem cobras!

— Mas isso é esperado, né? — perguntou Caroline. — Natureza, bicho, cobra é bicho...

— E para quem tinha falado que o assunto era “cultura inútil”, você até que está bem interessado — disse Mariana.

Hélio balançou a cabeça, com um olhar fugaz para Caroline.

— Eu... só fiquei pensando no assunto.

— Sei — respondeu Mari, parecendo desconfiada.

— Certo. — Caroline apontou para a tela. — Aí tá falando que tem cobras. Era só isso? Podemos ir para a praia?

— Era aí que eu queria chegar — disse Hélio, com um sorriso que o fazia parecer ainda mais com o pai, empolgado com uma caipirinha às

nove da manhã. — Todo dia a gente fica nesse meio metro de praia da Barra do Sahy, fazendo a mesma coisa. Todo ano. Eu já estou *de saco cheio*.

— Mas a gente vai para a Baleia também — argumentou Paulo, olhando as fotos da Ilha das Couves que carregavam aos poucos na tela do computador, centímetro a centímetro. — Lá é bem maior.

— A Baleia só tem gente chata e cafona — retrucou Hélio. — Nada acontece.

— Os nossos vizinhos são legais — disse Paulo.

— Ah, é? Que nem o moleque que jogava bola com a gente e nem nos chamou para o aniversário dele?

— Hélio, aquele foi o *bar mitzvah* do Abner — falou Caroline. — Você nem é judeu, supera isso. É que nem o fim da *TV Colosso* de novo.

— E daí? Vocês não são espíritas e estão na minha casa.

— Desisto! — exclamou Mariana, levantando as mãos e voltando para os livros.

Não seria ela que contaria a Hélio que a família dele era uma gororoba de crença de seitas *new age* com um espiritismo superficial que passava longe da doutrina levada à sério.

Caroline respirou fundo para reunir paciência.

— Hélio, *acho* que você entende que não é exatamente a mesma coisa. Mas desembucha.

— Tá. Para resumir, acho que a gente podia sair para explorar a ilha. Alugar um barco ali no canto da praia e ir.

Seguiu-se um silêncio curto, quebrado por uma fungada de nariz de Paulo e, logo depois, pela voz de Mariana.

— Mas a gente acabou de ler que tem cobra lá também.

— Bem, se você tá com medo, então fica. A Carol vai comigo. Ela manja de biologia.

— Oi? — falou Caroline, com uma careta.

Hélio tinha enrubescido e estava quase da cor do macacão de Ayrton Senna no pôster à frente.

— Ou talvez só tenha couves por lá — disse ele, a voz diminuindo.

— Eu acho que deve ser difícil de ir — comentou Paulo, com um olhar de soslaio para Caroline.

Ela sentiu o desconforto do garoto com o assunto e percebeu que ele não tinha falado sobre o pai para os outros amigos. Aquilo a fez se sentir especial, ter a confiança de Paulo a esse ponto. Hélio, porém, ignorou o comentário e voltou a seu modo expansivo de sempre.

— Nada a ver, deve ser tranquilo. Tem um monte de gente ali no canto da praia que faz essa travessia.

— Tem, eu conheço eles, mas tem que ver se o mar não está revoltado, senão...

— Bom, então é melhor você não ir. Você é pequeno demais e qualquer vento pode te derrubar. Não vamos arriscar.

— Sou nada!

— Vamos só a Carol e eu. Se for tranquilo e não tiver muita cobra, depois a gente vai de novo com vocês, caso deixem de ser tão *cagões*.

Paulo parecia levemente indignado, com algo a dizer entalado na garganta. Ele voltou a explorar a estante. Caroline percebeu que em nenhum momento o garoto citou a morte do pai na Ilha da Queimada Grande. Observou o amigo pegar um exemplar de capa estropiada (*A vingança do judeu*, de J.W. Rochester, que provavelmente pertencia a Richard e Leila), enquanto Mari encarava Hélio com os olhos semicerrados.

— Pensando melhor, eu vou também — disse ela, com um sorriso forçado.

— Ah. — E foi tudo que Hélio conseguiu dizer, desviando o olhar para o teclado e os ombros baixando mais de cinco centímetros.

Caroline, no entanto, bateu uma única palma, decidida. Não ia excluir Paulo naquele momento.

— Ou todos, ou ninguém. O que você acha, Paulo?

O garoto ergueu os olhos tristes para Caroline, como se implorasse para que não fossem. Ela confirmou suas suspeitas, sentindo a relutância dele, e estava pronta para dizer: “Então ninguém vai e pronto!”

Foi nesse momento que Paulo ergueu a voz, alta demais:

— Vamos.

Hélio se levantou, parecendo bem menos empolgado com a ideia, e lembrou que provavelmente os pais dele odiariam saber que os garotos estavam indo até uma ilha tão longe da praia. Os quatro concordaram que fariam aquilo em segredo, Caroline aceitando tudo que eles diziam sem conseguir deixar de prestar atenção em Paulo, que parecia estar enfrentando um medo antigo.

— Ok, então — disse Hélio, desligando o computador e pegando a pochete de cima da escrivaninha. — Paulo, você conhece algum dos pescadores lá do canto da praia?

— Conheço, sim.

— Beleza. Então vamos nessa.

Caroline sorriu. Paulo confiava nela, sentia-se seguro para lhe contar segredos e enfrentar medos ao seu lado. Por mais que só o visse durante as férias e os feriados prolongados, sabia que compartilhavam um elo mais forte que a ligação com Nicolas, seu irmão mais novo, que nunca fora muito próximo dela.

Enquanto saíam em fila, Paulo parou, abraçado a um livro.

— Hélio, peguei um livro emprestado, ok?

— Claro, tranquilo — respondeu o anfitrião, sem se importar e indo na frente.

Caroline perguntou qual era, e Paulo virou a capa dramaticamente para ela e Mariana, fazendo um gesto contínuo que ia de Hélio para o título do livro: *O príncipe*.

Foi a segunda gargalhada coletiva abafada do dia.

HOJE

Caroline sentiu uma aflição imensa ao se aproximar do portão da casa de Hélio, por mais que agora a rua estivesse movimentada. Bateu na madeira e recuou um pouco, lembrando-se dos olhos que a encararam na madrugada anterior.

Alguém foi atender o portão com passos lentos e pesados. Um senhor de barba branca e um boné com um número e o slogan de um vereador a encarou através do portão entreaberto. Lembrava-se vagamente do homem, mas não seu nome. Sabia que ele era o caseiro de muitas casas de veraneio dali, que aparava a grama, pintava os muros e ficava de olho em invasores, que quase nunca apareciam por ali.

— Pois não?

— O Hélio ainda não chegou, né? — perguntou Caroline, tentando espiar a garagem.

O velho balançou a cabeça.

— Também estou esperando. Ele me ligou bem nervoso ontem por eu não ter percebido ninguém entrando, mas a verdade é que não tem nenhuma porta arrombada. Se alguém entrou, é porque tinha a chave! — O homem abriu mais um pouco o portão, ainda balançando a cabeça, indignado. — E quer saber o mais estranho? Não roubaram nada. *Na-da!*

— Certo — murmurou Caroline, recebendo a avalanche de informações antes mesmo de ter se apresentado. Ela estendeu a mão ao caseiro que, pela cara que fez, não prezava nem um pouco tamanha intimidade. — Hã, sou amiga do Hélio... prazer, Caroline.

— Eu sei! — disse ele, como se fosse óbvio, apesar de ter atendido a porta com toda a desconfiança do mundo. — Você é filha do Amadeus e da Lisete, Deus a tenha! Via você brincando por aqui até o quê? Dez, quinze anos atrás?

— Dezenove anos, para ser mais exata.

— Tudo isso? Bom, se você não se lembra de mim, o meu nome é Lino! Eu olho a casa do seu pai também, mas ninguém me avisou que você viria...

— Não, não. Relaxa, seu Lino. Estou numa pousada, vim de última hora — disse ela, apontando na direção de onde estava hospedada. Ele

pareceu aliviado por não ter dado mais uma mancada no mesmo dia. — E desculpa não me lembrar do senhor, sou meio esquecida.

— Não tem problema, não. Só fico incomodado com essa história de terem entrado aqui. Ele me disse que uma conhecida dele passou aqui, viu a luz acesa e uma pessoa através das cortinas... Se eu pego, dou um tiro bem no meio da fuça do infeliz! Mas a verdade é que eu nem sei se viram mesmo alguém lá dentro.

Caroline pensou em revelar que a “conhecida” era ela. Mas aquilo só criaria outra série de perguntas e comentários inflamados. Resolveu mudar de assunto.

— Bem, o importante é que não pegaram nada, que ninguém levou um tiro bem no meio da fuça e que ninguém foi preso. A polícia não veio ou vocês nem chamaram?

— Chamar pra falar que alguém entrou e não levou nada? Só ia atrapalhar a vida do polícia. O Helinho pediu pra esperar, que ele quer conferir se não roubaram nada, para só chamar se der falta de algo. Ele não acredita em mim, mas eu conheço cada medalha velha daquela parede!

— Ah, aposto que sim — concordou Caroline, enquanto reparava nos olhares curiosos das pessoas que passavam pela rua e observavam o velhinho indignado debatendo com uma mulher visivelmente desconfortável.

Algumas delas eram apenas turistas indo na direção da praia, outras a encaravam com certo reconhecimento no olhar. Caroline decidiu que se sentiria melhor longe delas.

— Bom, então acho que vou voltar para a pousada. Se o Hélio chegar, avisa que estou por lá e...

— Ah! Esse não morre tão cedo — interrompeu o homem.

— Hã?

— O Helinho. Acho que é o carro dele.

Um carro prateado dobrou a esquina e estacionou pouco antes da calçada rebaixada em frente ao portão. Hélio só esperou o vidro da janela descer para começar a questionar o caseiro, sem abrir a porta, olhando por cima dos óculos escuros.

— Que porra foi essa, hein, seu Lino?

— Ô, rapaz! Eu te disse que não levaram nada.

— Eu sei, eu sei. Mas o senhor não sabe como é difícil achar um carro para alugar que sirva para mim. — Ele esfregou os olhos, cansado, enfiando os dedos por baixo dos óculos.

Enquanto eles conversavam, Caroline, que fora deixada de lado, junto ao portão, reparou que Hélio continuava bonito, mas com um rosto menos longilíneo do que ela se lembrava. Quando era adolescente, suas feições eram compridas e havia uma ridícula sombra de bigode. Agora seus braços estavam muito fortes, mais do que os de Richard, que era lutador profissional. O pescoço exibia manchas avermelhadas, como se fossem queimaduras, e Carol imaginava que o tronco dele devia ter cicatrizes parecidas.

Lino se afastou da janela, dizendo que voltaria depois com o chaveiro para trocarem as fechaduras. Hélio acenou para o caseiro e voltou os olhos para a amiga, que aguardava com paciência alguns passos atrás. Ele tamborilou os dedos na lataria do carro, uma, duas, três vezes.

— Quer um café? — perguntou.

Carol ficou na dúvida se ele estava contrariado por ter que ir até a cidade às pressas, pela possível invasão à casa, por ter que ouvir as insanidades da amiga ou, quem sabe, pelas três razões, o que era mais provável.

— Já tomei, mas aceito. Quer ajuda para abrir o portão?

— Vou deixar o carro aqui mesmo, depois estaciono.

A porta traseira do carro se abriu. A rampa desceu devagar, e Hélio deslizou para fora do veículo em uma velocidade que talvez não fosse a recomendada para uma pessoa em uma cadeira de rodas.

Ele seguiu para o portão sem olhar para trás. Carol teve que correr para alcançá-lo com a sensação de que, se não corresse, seria deixada na rua.

* * *

— Pelo visto, não levaram nada mesmo — comentou Hélio, se afastando da mesa e girando a cadeira no meio da sala, os olhos perscrutando as paredes. Não que ele esperasse que as quinquilharias da família fossem roubadas. — Quem perderia tempo entrando aqui?

— Se eu soubesse, teria dito ao telefone — respondeu ela.

Caroline deu de ombros, servindo-se da garrafa térmica deixada pelo caseiro. Diferente da última vez que tinha entrado lá, os móveis estavam mais afastados, e a casa não possuía mais tapetes. Na medida do possível, Richard e Leila haviam adaptado o lugar após o acidente de carro do filho.

Caroline não soube da notícia em 2005, quando o acidente ocorreu. Descobriu apenas alguns anos depois, em um jantar desconfortável com toda a família, quando o pai dela comentou, sem o menor tato, que “o filho da Leila e do Richard ficou aleijado”. Chocada, Caroline procurou por Hélio no Orkut, apesar de nunca mais ter falado com ele, e descobriu que o rapaz havia deletado a conta. Encontrou na internet o registro de algumas mídias especializadas em esportes dizendo que “jovem promessa do futebol tem futuro arruinado por causa do álcool”. Faltavam detalhes sobre a lesão medular, mas isso Caroline descobrira através dos comentários insensíveis do pai e do irmão. “Por que vocês não se falam mais?” “Pensei até que fossem namorar um dia, e hoje nem se falam...”

Alguns anos depois, descobriu que Hélio se tornara atleta paralímpico, tanto em canoagem quanto em atletismo. Ganhara medalhas importantes nos jogos de Londres, mas que caíam no esquecimento, já que as pessoas não tinham com as Paralimpíadas o mesmo comprometimento de uma Copa do Mundo ou de uma Olimpíada considerada “normal”. De qualquer forma, ficou feliz em ver que o amigo tinha se superado e se tornado um atleta — ainda que de uma maneira que não havia sido planejada.

Porém, Caroline percebeu que as medalhas recebidas após o acidente também estavam na casa de praia. Junto aos aparelhos de TV ultrapassados e outras coisas que não importavam tanto para Hélio.

Ele voltou para a mesa, pegando mais café. Acendeu um cigarro, e Caroline quase reclamou de modo automático. No entanto, lembrou que ela era a visita ali. Limitou-se a demonstrar uma ligeira curiosidade.

— Desde quando você fuma?

— Desde que parei com o atletismo e com a cocaína.

— Ah.

— Não precisa fazer essa cara. Não preciso da sua pena e não preciso ser julgado.

— Não estou julgando, Hélio. Já fiz muita merda na vida.

— Ah, você também encheu a cara, enfiou o carro debaixo de um caminhão e passou dez anos fazendo terapia?

Caroline ficou calada.

Hélio balançou a cabeça e deu uma longa tragada, assoprando a fumaça na direção de uma foto dele quando adolescente, usando quimono. Pareceu algo feito de propósito. Ele suspirou e encarou Caroline, que estava com o olhar fixo no tampo da mesa.

— Foi mal. Desculpa — disse ele.

— Tudo bem. Não posso imaginar como foi passar por tudo isso... Sinto muito.

— É. Foi uma bosta. Mas valeu. Acho que estou pagando parte do preço.

Caroline inclinou a cabeça. Estaria Hélio entrando no assunto da ilha por conta própria?

— Você está falando...

— Daquele dia. De como a gente deixou o Paulo para trás, para morrer, de como paguei minha parcela da culpa com parte do meu corpo, com todo o meu futuro.

— Hélio, eu não acho que seu acidente tenha sido...

— Eu não sinto as minhas pernas, como você pode imaginar — falou ele, interrompendo Caroline enquanto apagava o cigarro no próprio joelho.

Ele estava de bermuda, e, por motivos óbvios, tinha as pernas bem mais finas que os braços. Um cheiro de carne queimada subiu às narinas de Caroline, que fez uma careta, achando aquele gesto *totalmente* desnecessário.

— Mas, desde que você me acordou de madrugada, estou sentindo dor no tornozelo. Está ardendo, como na hora em que fui mordido. Já tinha ouvido falar de dor do membro fantasma em amputados, só que eu perdi a conexão de dor com essa parte do meu corpo. Pode imaginar como isso é estranho?

— Porra, Hélio — resmungou ela, olhando para o teto, para as paredes, para a própria xícara. Para todo lugar, menos para o amigo.

Ele riu, seco. Acendeu outro cigarro.

— Que foi? Vai fazer essa cara? Você me chamou aqui pra falarmos disso e é exatamente isso que eu estou fazendo.

— Eu sei. E acho que prefiro assim. Só não estava preparada para receber essa informação. Achei que encontraria evasão, negação, sei lá. Pensei que a única louca do grupo sentindo e vendo coisas fosse eu.

— *Surpresaaa!* — disse Hélio após uma longa baforada, com empolgação sarcástica, arregalando os olhos e chacoalhando as mãos. — Pelo menos você não tem sonhos como os meus. Não fica relembrando o acidente. O vidro entrando na pele, no pescoço. Que nem... presas.

Caroline poderia responder que via figuras de serpentes se mexendo o tempo todo. “Talvez minha sanidade seja o preço a pagar”, pensou

ela. Por um instante imaginou como tudo aquilo teria afetado Mariana, mas poderia perguntar direto para ela depois.

— Você por acaso vê *coisas* ou algo assim? — perguntou Caroline.

— Que tipo de coisas?

— Cobras. Serpentes. Não quando está dormindo. Acordado — explicou ela, e observou o rosto de Hélio ficar mais tenso, rígido.

— Se eu nunca mais vir uma cobra na vida, não vou reclamar. Eu me cago todo com qualquer coisa que tenha serpentes, tipo aquele filme de merda com um avião cheio delas.

— Tá, mas é que... você vê a ilustração de uma cobra se mexendo quando pega um exemplar d'*O Pequeno Príncipe*, por exemplo? Cara, como eu odeio esse livro.

— Claro que não. Por que elas se mexeriam?

— Por nada — respondeu, decepcionada em saber que aquilo era um problema só dela. Achava que encontraria explicações conversando com os amigos. — É só um medo adquirido, então?

— Carol, eu tive pesadelos com a ilha por anos depois daquele dia. Cobras, tempestade, Paulo. Tudo junto, toda noite. — Segurando o cigarro com a ponta dos dedos, Hélio ficou encarando a guimba que havia amassado e apagado na perna. — Quando finalmente parei de reviver aquelas coisas...

Os olhos de Hélio ficaram marejados. Era a primeira vez que Caroline via o amigo chorar, o que significava que os anos, o acidente e a ilha haviam de fato mudado o garoto que ela conhecia. O menino do Ano-novo de 1999 para 2000 jamais choraria, ainda mais na frente de uma mulher. Seu rosto ficou vermelho, assim como os olhos. As veias inflamadas davam a impressão de que, além de lágrimas, também havia fúria dentro dele. E talvez fosse mesmo o caso.

— Eu... estava voltando de Curitiba. Fui numa sexta e pretendia voltar no domingo de manhã. Era uma rave, e ia dormir na casa de uma amiga. Mas, enfim, a gente brigou, e ela não quis me deixar passar a noite lá. Eu fiquei bem louco e acabei pegando uma prima dela que...

— Eu *realmente* não preciso saber dessa parte...

— Tá. Enfim. Aí resolvi ir para São Paulo, do jeito que eu estava. Só me lembro de faróis vindo na minha direção, de virar o volante para desviar e de perceber que, naquele segundo em que o carro patinou na pista, eu tinha ficado sóbrio. Assim, num estalar de dedos, num passe de mágica. Você sabia que o trecho da Régis Bittencourt onde derrapei é chamado de Curva do Óleo?

— Não.

— Pois é. Dizem que uns caras costumavam jogar óleo no asfalto para as carretas virarem e eles roubarem as mercadorias. — Hélio deu uma única risada seca e nervosa, completamente fora de hora. Então, aos poucos, as feições foram voltando ao estado de tensão. — Quando me dei conta, já estava de cabeça para baixo, com as pernas presas na ferragem retorcida. O cheiro de álcool entrava pelo meu nariz, e eu estava tão confuso que não sabia se era cheiro da gasolina vazando ou se eu havia vomitado toda a vodca que havia bebido na festa. Mas essa não foi a pior parte.

Caroline imaginava que não. Porém, naquele momento, só conseguia pensar que Hélio jamais devia ter conversado direito com alguém sobre o acidente, ao menos não com tantos detalhes.

— Consegui me soltar do cinto e tive que puxar as pernas para fora. Eu não as sentia, mas *via* que estavam lá, então não pensei no pior. Eu estava vivo, e com as minhas pernas. — Ele balançou a cabeça. — Aí comecei a me arrastar pelo asfalto, e ouvi um barulho estranho atrás de mim. Era o meu quadril, deslocado, sendo puxado pelo meu tronco. Meus pés estavam em ângulos *estranhos*. Os cacos de vidros entrando na minha pele não eram nada comparados ao desespero que senti quando percebi que metade de mim era menos que um boneco de pano... Eu içava as pernas, o quadril, o fêmur em um movimento estranho. Me arrastando como...

— Uma serpente — completou Caroline, entendendo aonde Hélio queria chegar.

A pele dela estava arrepiada, e Caroline tentou se manter concentrada no amigo, no ambiente ao redor, na casa que um dia fora “a bela residência de praia de uma família próspera”, e que agora nada mais era que um museu dedicado a um passado luminoso de uma família em ruínas.

Lá fora, em frente ao portão, Manson latia, alertando-a.

— Uma serpente — repetiu Hélio, assentindo devagar. — Ela não me deixa em paz, Carol. A serpente. Ela me puniu por tirar a oferenda dela, e me obrigou a rastejar, para que eu me *lembrasse* dela. Para que eu me lembrasse dela *para sempre*.

— Hélio, eu preciso falar uma coisa... — começou Caroline, mas agora Hélio chorava descontroladamente, os lábios tremendo.

Algum ponto da cadeira de rodas reverberava o tremor do corpo dele em um tinido metálico. Caroline levantou para tentar segurar sua mão,

mas ele cobriu o rosto antes que ela o tocasse.

— Deus, não tem um dia que eu não me lembre da sensação de ter escolhido o Paulo, de ter convencido vocês... Era *eu* quem deveria ter ficado para trás. *Eu* deveria ter sido sacrificado! A ideia foi toda...

— O Paulo está vivo.

— Eu queria pedir perdão para ele.

— O Paulo está vivo — repetiu Caroline, de maneira mais enfática.

Hélio enfim olhou para ela, tirando as mãos da frente do rosto. Seus olhos pareciam ter sobrevivido à pior conjuntivite possível.

— Ele está vivo, Hélio. Eu falei com ele. É por isso que chamei vocês.

— Não pode ser — rebateu ele, fungando o nariz e pigarreando para que a voz não saísse tão entrecortada. — Ele... a gente viu ele no ninho. E depois também.

— Ele está vivo. Forte. Rico. Milionário, talvez.

— Você está me sacaneando.

— Eu não brincaria com *esse* assunto, porra — falou ela. — Encontrei um livro, e, por acaso, fui ver o autor. Parecia com ele. Pesquisei, e era ele.

Hélio fez uma dúzia de perguntas, e todas giravam em torno de como Caroline havia chegado à conclusão de que Paulo Heinz era o Paulinho. O caiçarinha. Aquela reminiscência da infância, de um fim trágico que deixara uma herança de culpa para toda a vida adulta.

Falaram sobre como a referência a uma víbora no logo da *VIPer*, a empresa de “*coaching* e crescimento pessoal” de Paulo, parecia uma piada macabra direcionada a eles. Ignorando obstinadamente os latidos do cachorro morto do lado de fora da casa, Caroline explicou que enviou uma mensagem no site, identificando-se como uma pessoa próxima do CEO (era o que informava a biografia dele na página da empresa), e que em pouco menos de 24 horas Paulo respondeu através de seu e-mail pessoal.

— Sem ressentimentos. Sem estranheza. Disse que estava feliz em falar comigo — contou ela, tentando acreditar naquelas palavras.

Hélio ainda balançava a cabeça.

— Não existe ninguém no mundo que ficaria de boa depois de passar por um negócio daqueles, Carol — protestou ele. — Nem o Paulo. Ele era bonzinho, eu achava que ele era bobo, fiz bullying com ele durante toda a nossa infância, e isso tudo foi antes de condenar o moleque. Mas ninguém sai incólume *daquilo*.

— Contudo, aqui estamos nós. Ele parecia normal, ao menos. Se está fingindo, está se saindo muito bem.

— Se ele sobreviveu, então odeia a gente. Ele colocou uma porra de uma cobra na logo da empresa para não se esquecer disso! Caralho!

Enquanto fazia suas deduções, Hélio ia afundando no próprio pânico. Ele bateu no tampo da mesa, e a amiga se assustou. As duas xícaras saltaram e cuspiram café na madeira, e Carol conseguia ouvir Manson latindo mais forte agora. Se ele estivesse vivo, invadiria a sala e avançaria no homem na cadeira de rodas.

— Ele quer dar o troco! Ele deve ter feito u-um p-pacto. Só pode ser!

— Hélio, calma...

— O cara era pobre, como agora pode ser milionário?

— A sua família vivia dizendo que “quem espera sempre alcança” e coisas do tipo. Por acaso, pobre só fica rico com pacto?

— Porra, mas o Paulinho?

— Ele ficou com a herança daquele casal de idosos — explicou ela.

— Os patrões da mãe dele. Lembra?

Hélio a encarava, desconfiado. As mãos agarravam as rodas, como se ele pudesse sair dali a qualquer momento.

— Ele contou isso para você?

— Nós trocamos uns três e-mails. Todos tranquilos e agradáveis. Hélio, eu até me esqueci de tudo aquilo enquanto lia as mensagens. Enquanto escrevia para ele, contando sobre a minha vida.

— Mas como?

— Por e-mail, já disse.

— Não, como você pôde esquecer aquilo tudo?

Caroline se abaixou ao lado do amigo, segurando seu antebraço. Ele ainda tremia, de leve.

— Se ele teve uma segunda chance ou algo bem bizarro aconteceu com ele... parece que ele aproveitou essa oportunidade para viver. Acho que aquela porra toda ferrou com a nossa vida...

— O veneno — disse Hélio.

— Pode ser, o veneno. O trauma. Essas coisas acabaram com a nossa vida, mas não com a dele, entendeu? De alguma forma, o Paulo se livrou disso, e está bem melhor que a gente. Você não está feliz em saber que ele não está morto?

Hélio desviou o olhar e demorou segundos para responder.

— Em alguns momentos, eu teria dado até um braço para descobrir isso, mas agora só acho... estranho.

— Se você tivesse falado com ele, veria. Por isso insisti tanto que a gente se encontrasse.

— A ponto de inventar que a minha casa foi invadida só para me trazer aqui?

— Eu não inventei, Hélio — rebateu ela, magoada como a adolescente frágil que um dia fora.

O amigo pareceu se arrepender.

— Desculpe. Mas era só ter me passado o e-mail dele ou o telefone... Você sabe que me faz mal voltar pra cá. Deve fazer mal para você e para a Mari também.

— Faz. Mas a gente precisava vir pra cá, nós três.

— Para sentar em rodinha e discutir nossas atitudes do passado, tipo terapia em grupo? “Oi, meu nome é Hélio e passei dezenove anos pensando ter matado um amigo.”

— Não — disse Caroline, sem rir. — Para falarmos com o Paulo. Ele também está vindo.

Por um momento, ela pensou que Hélio fosse se levantar da cadeira. A garrafa térmica voou contra o rosto sorridente de L. Ron Hubbard em uma das paredes, e Hélio começou a se debater e gritar palavrões. Caroline não teve o mesmo sobressalto que na explosão anterior, e aguardou com calma enquanto a velha sala era o alvo da fúria.

Hélio não queria conversar e ficava mais nervoso toda vez que Caroline pedia para ele se acalmar. Como tudo tinha limite, ela começou a xingar o amigo de volta, e o bate-boca continuou até a porta da sala se escancarar.

Os dois se viraram assustados e se depararam com uma mulher, os cabelos presos num coque bem apertado e ela usava saia jeans abaixo dos joelhos. Ela entrou devagar, com os olhos arregalados e as mãos à frente, pedindo calma.

— Gente, em nome do Senhor Jesus Cristo, *o que está acontecendo aqui?*
— perguntou Mariana.

[...] aguardava com paciência, enquanto uma das crianças desenhava na areia com um graveto. Ela fez uma linha que ziguezagueava, e, em seguida, traçou outra ao lado, e mais outra. O jesuíta se perguntou se estava se referindo ao mar. O curumim então apontou para as duas ilhas a leste. O homem de Deus sorriu, achando que era uma boa ideia. Havia uma canoa perto deles, aquela que ninguém tocava, dizendo que era a barca de Jurupari. Eles não conseguiam tirar aquela bobagem da cabeça. Era um ubá, como chamavam, em perfeitas condições, apesar de não parecer com as canoas que José vira por ali. Mas parecia segura, tinha um grande remo, e comportaria facilmente todos eles.

– Sim, meu pequeno. Sim! O mar, o mar também é uma dádiva de nosso Deus – falou ele, fazendo sinal com as mãos para que os outros indiozinhos fossem até a embarcação. Lançando um sorriso àqueles olhares assustados, resolveu reforçar a palavra que tanto repetia para eles: – Nosso único Deus, não é? Lembram?

Não era uma longa distância até as ilhas, e seria fácil ir e voltar, apesar da estranha e inesperada neblina que se formara entre elas. O jesuíta disse:

– Vocês são comportados. Isso agrada a Deus. Ele gosta de obediência, assim como Moisés, que, quando estava no deserto, ouviu o desígnio do Senhor ordenando-lhe que tomasse o bronze e o fizesse em forma de serpente, colocando-o no

alto. Assim, os fiéis que olharam para ela não foram atacados pelas serpentes do deserto [...]

-3-

TEMPESTADE DO SÉCULO

ANOS ANTES

— Se eu levar vocês para a Ilha das Couves, fica complicado buscar — disse o pescador, pegando uma rede e a estendendo sobre um isopor.

Seu filho, um garoto magro que mal abria a boca, ia na frente levando uma rede cheia de peixes para casa, pouco acima do rio, no canto da praia.

— Vocês têm que ir hoje mesmo? — questionou o homem.

Hélio abriu os braços, contrariado. Não estava acostumado a oferecer dinheiro e não conseguir o que queria.

— Você está tão ocupado assim?

— Cala a boca, Hélio — murmurou Mariana às suas costas.

Caroline também tentou disfarçar a vergonha alheia.

— Na verdade, estou, sim — retrucou o homem, olhando do adolescente mimado para Paulo, que ele já conhecia. Gostava do garoto, que era um pouco mais velho que seu filho, e em geral vinha comprar peixe para os “patrões”. — Sua mãe sabe que você fica andando com moleque metido a besta?

— Hã... saber, ela sabe, mas não aprova muito — respondeu o garoto, vago, trocando olhares com Caroline. — Mas pode deixar, seu Chico. A gente só queria ver a ilha. Era besteira, não tem importância.

— Tem, sim... *AI!* — Hélio levou um soco na costela assim que começou a protestar.

Mari não se desculpou pela força excessiva.

— Paulinho, mais tarde vem chuva braba e o mar vai ficar revoltado — explicou o pescador, ignorando o garoto da cidade grande. Estava acostumado a ver gente que nem ele nos finais de ano, infestando as praias e achando que os moradores locais tinham a obrigação de atendê-los. — Eu diria para vocês irem amanhã, mas aí vai ser *reveiã*. Por que não vão depois da ressaca?

— O mar fica de ressaca esse tempo todo? — perguntou Caroline, sua predisposição às ciências biológicas tentando entender como a sabedoria caçara conseguia prever tantos dias de mar revoltado.

Seu Chico deu uma risada barulhenta.

— Não, mas eu fico! Começo daqui a pouco com uma Pitú geladinha!

O pescador se despediu dos garotos, ainda rindo, e foi atrás do filho, que já estava quase em casa.

— Bom, acho que nosso “dia diferente” não vai muito para a frente — disse Caroline, mas sem parecer chateada. Ela era a Poliana do grupo, e não deixaria aquilo desanimá-los. — Vamos buscar o Manson e minhas raquetes de frescobol?

— Por mim, tudo bem. Mas as raquetes estão comigo — falou Mariana.

Paulo topou na hora. Apenas Hélio continuava imóvel, olhando para o mar, para o céu, e depois para o mar de novo.

— Que chuva braba que está vindo? Não é possível, o céu está...

Ao longe, um trovão abafou a voz do garoto.

* * *

Poucos minutos depois de chegarem na casa da família de Mariana, o céu começou a assumir tons cinzentos, graças aos ventos que sopravam nuvens escuras formadas no oceano. Enquanto a amiga procurava pelas raquetes de frescobol em outro cômodo, os outros três esperavam na sala, escutando uma gritaria vinda do quintal. Caroline reconheceu a voz do pai no meio da algazarra.

Mesmo debaixo de um céu que se transformava em chumbo, Douglas e Virgínia, os pais de Mariana, jogavam truco contra Amadeus e Lino. Eles faziam o tipo de escarcéu que apenas homens de meia-idade conseguem fazer depois de umas doses de truco, cerveja e cachaça.

Além da mesa de plástico no meio do quintal, Caroline encontrou a mãe conversando com a esposa de Lino, uma mulher cerca de quinze anos mais velha do que ela. As duas estavam de ombros encolhidos e mantinham uma conversa baixa, enquanto o outro filho de Lisete, Nicolas, se sentava a alguns metros dela, o nariz quase grudado em seu Game Boy. Os pais de Hélio, que dificilmente faltavam aos jogos de truco, deviam estar em alguma praia da região ou já sem condições de saírem de casa, considerando as caipirinhas às nove da manhã.

— Pai, mãe. Vai cair o mundo! — disse Caroline, sem se importar de interromper a gritaria. — Vocês deixaram o Manson dentro de casa ou ele está no quintal?

— Ai, acho que está no quintal, filha — falou a mãe, levantando-se na mesma hora. — Vou até lá colocar ele pra dentro...

— Se começar a chover, ele entra na casinha, Lisete. Fica aí — respondeu Amadeus, vermelho como um pimentão, olhando as cartas enquanto dava um gole na latinha amarela da cerveja.

Douglas bebericava a caipirinha, que estava mais para 51 pura com limão que qualquer outra coisa.

— É, pô. Bicho é esperto, ele não vai ficar gripado não, Carol. Não é, meu bem? — disse Douglas, dando um selinho na esposa, Virgínia.

Caroline gostava dos pais de Mari, que pareciam se importar bastante um com o outro. Eram empresários emergentes bem-sucedidos, donos de uma fábrica de embalagens, que não haviam perdido os hábitos de quando moravam na periferia de São Paulo, antes de a filha nascer. Filha que, por sinal, não herdara o gosto por pagode e samba dos progenitores. Caroline achava que tudo aquilo envolvendo rock, das roupas pretas ao humor sorumbático da amiga, era muito mais um desafio inconsciente aos pais do que uma adolescente tentando se definir e encontrar seu lugar no mundo diante dos olhares dos outros.

— Olha só, o problema é que o bicho vai se assustar se cair essa chuva toda que estão prometendo — disse Virgínia, a única mulher na mesa de truco, solícita ainda que alcoolizada. Ela se virou para a mãe de Caroline, que havia sentado novamente após o marido ter ordenado sua permanência. — Quer que eu vá com você até lá, Lis?

— Pô, amor. Você é minha dupla, vai estragar o jogo — reclamou Douglas, de leve, enquanto Amadeus resmungava sem tirar os olhos das cartas.

— Deixa o cachorro pra lá, Virgínia.

— Eu vou, então — anunciou Caroline, estendendo a mão para o pai. — Só me dá a chave que vou e volto rapidinho.

Amadeus ergueu os olhos, vermelhos como os ombros com a pele descascando.

— Eu falei para vocês sossegarem o facho. Que coisa, você e sua mãe são iguais.

Caroline olhou para a mãe, sentada de pernas juntas e tentando voltar à conversa com a esposa de Lino, fingindo que não ouvia aquilo. Douglas olhou para a amiga da filha e depois para a esposa, visivelmente desconfortáveis com o tom de voz que Amadeus usara com a garota.

— Quer trazer o Manson pra cá, Carolzinha? — perguntou Virgínia, simpática, usando seu charme para quebrar o gelo. — Dá a chave pra ela, Amadeus. As crianças buscam ele lá rapidinho...

— Gina, eu fico dando pitaco em como você deve criar a Mariana?

— O, Amadeus. Qual é. Não precisa faltar com respeito. — Douglas abriu os braços, parecendo se conter para não ser mais incisivo com o companheiro de jogatina.

Todo mundo ali sabia que o pai de Caroline era um sujeito grosso que acabava perdendo o filtro com pouco mais de três latinhas, mas era a primeira vez que ele não conseguia sustentar a fachada de família feliz de propaganda de margarina.

O bate-boca continuou, com Virgínia tentando amenizar as coisas dizendo que não tinha se ofendido com o comentário de Amadeus. Caroline se sentia perdida, e, naquele momento, desejava demais ter um Game Boy como o do irmão para usar como desculpa e se desligar do mundo.

Seu plano de ir correndo colocar Manson para dentro de casa se desfêz, assim como o jogo de truco, quando as primeiras gotas grossas começaram a martelar o telhado e a espocar na mesa de plástico. O lado bom foi que a discussão também parou. Houve uma correria generalizada para recolher e levar tudo para a parte coberta, próxima à churrasqueira, e Caroline aproveitou para escapar de volta para a sala, sem a chave e ainda preocupada com o cachorro.

Paulo estava sentado no tapete ao lado de Mariana, olhando uma caixa de All Star cheia de fitas cassete. Hélio estava jogado no sofá, com aquela cara de eterno tédio. O rapaz era mais velho que Nicolas, mas parecia ter a mesma idade mental quando precisava anunciar ao mundo que estava entediado. Caroline desejou atirar alguma coisa para machucar a cara dele — mas a coisa que machucava e que estava mais próxima era seu pai.

— Pelo jeito, nem frescobol vai rolar hoje. Mas a gente pode jogar alguma coisa, sei lá — disse Caroline, seus poderes de Poliana falhando naquele momento.

Mari a chamou, fazendo um gesto com a mão.

— Vem ver! São as fitas que gravei direto da rádio com as minhas músicas favoritas. Essa aqui é uma coletânea só do Guns de um lado e Raimundos do outro.

— Raimundo é uma banda ou é o nome de um cantor? — perguntou Paulo, olhando outras fitas com nomes rabiscados à caneta.

Ele segurava uma que já havia sido “Melhores do Zé Ramalho” e agora exibia a frase “Só Pearl Jam e Grunge #2” rabiscada por cima.

— Raimundos é uma banda — explicou Mari, rindo, enfatizando o plural, empolgada em poder falar sobre o que gostava. — O vocalista se

chama Rodolfo. O cara é muito foda. Leva essa para você, Paulinho. Tem onde escutar lá com a sua mãe?

— Aham, ela tem um toca-fitas.

— Legal. Só não escuta perto dela.

— Por quê?

— As letras são meio... Ah, você vai ver — falou Mariana, dando de ombros. Então se virou para a amiga com certo nervosismo na voz. — Carol, essa aqui eu gravei para você. Fiz uma coletânea. São as minhas... preferidas.

— Que fofinha — disse Hélio, em um sussurro azedo.

— Vai tomar no cu, Garoto Enxaqueca — retrucou Mari, colocando o dedo do meio bem na cara dele.

Uma resposta desmedida, mas não inadequada. Enquanto Hélio tentava lembrar para que lado era o chão, Mariana se voltou para Caroline, a brutalidade sumindo na hora.

— Então... Bom, depois escuta lá — completou ela.

— Ah, obrigada, Mari! Vou escutar com carinho.

Caroline não conseguiu relaxar nas horas seguintes, nem quando resolveram assumir a derrota e decidiram assistir a algum filme no videocassete. Seus três amigos debatiam se colocariam *Mogli* ou *Uma Linda Mulher*, as duas únicas fitas disponíveis na casa, e o fator adolescência acabou eliminando a hipótese da comédia romântica.

Enquanto a cobra Kaa envolvia o corpo de um garoto hipnotizado, cantando algo sobre confiança e abraços apertados, a tempestade rugia lá fora, e Caroline só pensava em seu cachorro.

HOJE

Mariana não esperava ser expulsa da casa de Hélio poucos segundos após sua chegada. Ela protestou contra a grosseria, mas recebeu de volta gritos de “E essa porra aqui é *Sai de baixo* para você ir entrando assim e esperar aplauso? *Fora!* Fora, as duas!”.

Caroline a acompanhou, e elas foram caminhar na praia. Pegaram um dos acessos estreitos entre os muros das casas, Caroline de botas de cano alto e calças, como se o calor não existisse. Mari tirou as sandálias, e os dois furos no tornozelo esquerdo estavam bem aparentes e vermelhos. Caroline não precisou perguntar para saber que estava coçando, como uma mordida recente.

A curta faixa de areia da Barra do Sahy não tinha tanta gente assim, pois a maioria devia estar em outras praias da região, que não eram tão “praias de tombo” quanto aquela. As duas ilhas as encaravam além das ondas mais agitadas, enquanto Caroline comprava duas águas de coco com um dos poucos vendedores fixos, em frente à cerca de uma das casas com vista para o mar.

— Peço desculpas pela grosseria do Hélio — disse ela, pedindo para o rapaz colocar a bebida em copos, e entregando um deles para Mari.

Nisso, percebeu que a mão direita dela tinha um curativo, um quadrado de gaze bem na palma, os esparadrapos indo até o dorso. Caroline hesitou antes de pagar e guardou os trocados no bolso da calça. A amiga, por um segundo hipnotizada pelos pedacinhos da polpa do coco boiando na bebida, respirou fundo.

— Não é como se ele tivesse mudado tanto assim. Imagino que a cadeira de rodas deva ser muito difícil para ele.

— Acho que ele fica mais atormentado pelas lembranças daquele dia do que por isso. Hélio foi criado para ser um atleta. Um lutador. Ele teve uma carreira bem-sucedida mesmo após o acidente, superou grande parte do trauma, mas...

— Mas foram as lembranças que o fizeram se perder de novo. Eu entendo — falou Mariana.

Carol assentiu, prendendo-se aos detalhes que agora compunham a nova versão de sua amiga. O coque apertado, as roupas sóbrias, a saia... Amadurecer e optar por largar as camisetas de banda era algo muito

esperado de um adulto. Mas ela sabia que, se tratando de Mariana, a mudança no estilo de vida era tão drástica quanto a de Hélio.

— Posso comentar uma coisa? Com sinceridade? — perguntou Caroline, sentindo que não conseguiria engatar uma conversa se não abrisse o jogo.

— Não precisa avisar quando vai ser sincera. Dá impressão de que qualquer coisa que você fale sem esse alerta vai ser mentira.

Caroline ficou vermelha. No fundo, ela estava certa. Mas não deixara de ser desagradável.

— Está bem, desculpa. Enfim, eu só queria dizer que me espantei com o fato de você ter... hã... *mudado*. Se convertido? É o termo certo? — perguntou ela depressa, ao ver o semblante de Mariana. Não era boa no que dizia respeito à espiritualidade dos outros, e sempre se sentia insensível quando precisava falar sobre qualquer assunto religioso. — Bom. Não sei, foi tão chocante quanto descobrir que o Hélio tinha ficado paraplégico.

— Acho que podemos atribuir essa mudança às memórias daquele dia — afirmou ela, parando na parte molhada da areia, onde as ondas alcançariam seus pés.

Caroline se manteve dois passos atrás, por causa das botas.

— Pelo menos concordamos que tudo aquilo aconteceu, então.

— Ah, aconteceu. Mas acho que cada um de nós seguiu a vida de uma maneira diferente após encontrar o Inimigo. Ele queria nos derrubar. Você e Hélio permitiram que ele os tocasse.

Caroline sentiu um desânimo aterrador e lutou para não o demonstrar. Em algum lugar em seu peito, era como se um deslizamento de terra estivesse ocorrendo. Sua amiga achava que tinha encontrado o próprio Satã na Ilha das Cobras, e se considerava protegida dos efeitos daquele encontro após ter se convertido. Com certeza pensava que a infelicidade de Caroline, assim como o acidente com Hélio, foram castigos divinos ou obra da Serpente.

Caroline se lembrou do pensamento que lhe ocorrera há pouco, em que considerou ter a mente afetada pela serpente, da mesma forma que Hélio tivera o corpo. Se antes estava imaginando qual parte de Mariana fora atingida, agora tinha certeza de que havia sido seu espírito.

— Vamos supor que seja isso mesmo. Que fomos amaldiçoados — disse Caroline, com calma, Tateando as palavras na escuridão antes de pronunciá-las. — O que aconteceu com Paulo, então? Eu falei para você por e-mail que ele está vivo. Vivo e rico.

— Claro. Ele fez um pacto. Promessas de riqueza.

— Bem, nesse ponto você e o Hélio concordam, então — falou Caroline. — Nós o deixamos lá para morrer, Mari.

— Mas também fizemos algo quanto a isso, não foi? — respondeu, virando-se de costas para o mar, de frente para a amiga. Havia uma sombra de sua petulância adolescente.

Do ângulo em que estava, Caroline via as ilhas e também o rosto de Mariana.

— Nós negamos nosso amigo, como o apóstolo Pedro negou Jesus por três vezes.

— Somos um pouco melhores que Pedro, então? Devo começar a procurar uma quitinete no inferno ou uma casa no Reino dos Céus?

— Se você vai continuar sendo sarcástica, nossa conversa termina aqui.

— Desculpa.

— Tudo bem. Mas, sim, nós o negamos. Aquele foi um teste, e depois percebi o que tinha feito. Na primeira oportunidade, aceitei Jesus na minha vida, e neguei o Mal. Neguei meu modo de vida, minhas “brincadeiras” que, no fundo, eram uma espécie de reverência ao Mal. Neguei inclusive a tentação da carne que vai contra o propósito de Deus para minha vida...

Mari baixou os olhos, quase como se estivesse envergonhada. Caroline se lembrou da fita que a amiga havia lhe dado em uma tarde chuvosa, prenúncio de uma tormenta ainda maior. Ela a escutara muito tempo depois, o suficiente para entender o que a fita significava, mas tarde demais para buscar explicações. Esticou o braço para tentar tocar a mão machucada da amiga, que segurava a água de coco, no ponto em que uma aliança dourada brilhava fracamente. Mariana se encolheu quase que assustada, derrubando o copo plástico, o líquido sendo absorvido pela areia enquanto elas observavam o desperdício. Mari deixou as sandálias caírem da outra mão e então cruzou os braços, quase de maneira defensiva. Caroline também recuou, entendendo a linguagem corporal.

— Não vou discutir com você o que é pecado ou não. Eu com certeza discordo de tudo que você pensa, apesar do jeito que fui criada. Mas pense no seguinte: se tudo foi um teste de Deus, então o Paulo foi uma cobaia? Você acha que Ele faria isso com a vida de um garoto bom, melhor que todos nós?

— Não cabe a nós entender os desígnios Dele. Por Paulo ter sido tão bom, ele quis levá-lo — disse Mariana, com lágrimas nos olhos. — Mas, pelo visto, na hora do teste, Paulo se encantou com as promessas da Serpente e, no final das contas, mostrou que não era tão bom assim.

— Ele pode ter recebido uma segunda chance, não? — rebateu Caroline, tentando entrar no jogo dela.

Ela estava criando uma narrativa complexa sobre a vida de uma pessoa com quem jamais tinha voltado a conversar.

Mariana balançou a cabeça, com um riso seco.

— E usa todos aqueles símbolos da Serpente nos livros dele? *O método VIPer*. Você vê um propósito divino ali? Ele está erguendo a bandeira do inimigo, assim como tento levar a palavra divina aonde quer que eu vá. Só por isso aceitei seu chamado para vir até aqui encontrá-lo, Caroline. Para confrontá-lo.

Mariana tinha uma fúria aparente, expressa em sua boca, ao redor dos olhos, nas narinas. Nem quando resolvia escutar *death metal* demonstrava raiva daquela maneira. Naquele momento, a mulher estava pronta para se voltar para o mar e dividi-lo em dois. Ela era um versículo do Velho Testamento ganhando vida. Tempestade atendendo à vontade de um deus que se manifestava de formas nada sutis como pilares de fogo.

* * *

Ela havia sido a primeira a ser contatada assim que Paulo respondeu ao e-mail, confirmando que o autor do livro e o “amigo morto” eram a mesma pessoa. Caroline passou na fábrica de embalagens de Douglas e Virgínia, que a receberam de braços abertos, como parte da família. Ainda ativos e sem aparentar a idade que tinham, eles a convidaram para entrar e comer alguma coisa, como se todos aqueles anos distantes não tivessem sido computados.

— Fiquei sabendo da Lisete pouco depois do funeral, Carolzinha — disse Virgínia, afastando-se após um longo abraço, mas mantendo um aperto de mãos delicado. — Se tivessem nos avisado, teríamos ido, não duvide disso.

— Tenho certeza disso, tia — disse Caroline, sem soltar os dedos de Virgínia. — Mas você sabe como meu pai pode ser estúpido e turrão.

Ele botou na cabeça que tinha que enterrar minha mãe o quanto antes. Acho que não queria correr o risco de ela se levantar do caixão, sei lá.

— Sinto muito por isso. Sabemos exatamente como seu pai pode ser babaca — disse Douglas, servindo suco, manteiga e bisnaguinhas na mesa do escritório.

Caroline não reclamou dos termos usados para se referir ao pai, e inclusive concordava. Poucas pessoas atravessavam os anos sem se fartarem de toda a grosseria de Amadeus.

— Outro dia, vimos seu irmão no shopping Bourbon, mas ele não nos viu...

— Na verdade — Virgínia ergueu o dedo —, ele fingiu que não viu.

— É a cara do Nicolas fazer isso — disse Caroline. — Ele treinou a arte de ignorar pessoas próximas por muito tempo, começando comigo. Mas e vocês? Como está a fábrica? Pensei que ia chegar aqui e me deparar com alguém encarregado da supervisão. Vocês não vão viajar?

O casal contou que a situação estava difícil e que a crise havia atrapalhado os negócios no último ano. Precisaram cortar muita coisa para não demitir os poucos funcionários que restavam, e faziam um esforço homérico para resistirem ao ano de 2019. Portanto, sem viagem para o casal, nem mesmo até a Barra do Sahy, onde tinham casa.

— Até porque a Mari vai estar por lá com o marido — disse Virgínia, trocando olhares com Douglas.

Caroline os observou por um instante antes de perguntar:

— Mas não cabe todo mundo? A casa é tão grande.

— É que a gente... não se dá muito bem com ele — disse Douglas, enchendo a boca de bisnaguinha compulsivamente.

Estava bem claro que eles andaram tendo problemas com o genro.

— É que ele sempre quer levar o pessoal da igreja dele, os filhos do primeiro casamento — explicou Virgínia. — E aí, no pacote, vai a mãe dele, a irmã...

— A irmã dele até que é legal, a Vilma.

— É a única que não trata a gente que nem sei lá o quê.

— Como assim? — perguntou Caroline, curiosa com todo o suspense. — O cara é escroto, mas a casa é de vocês, não é?

— É, mas a Mari sempre faz um showzinho quando a gente coloca algum obstáculo no caminho deles.

E assim Virgínia começou a explicar quem era Rodrigo, o quarentão com quem Mariana se casou aos vinte e três anos, pai de dois adolescentes, e que Douglas e Virgínia não entendiam o que levou a

filha a tomar aquela atitude. Ele era pastor evangélico de uma congregação não muito conhecida, a Assembleia dos Gideões, mas que tinha certo status dentro da sua organização. A garota havia se convertido por conta própria aos dezoito, jogando fora todos os CDs, fitas, pôsteres e camisetas de bandas, mesmo as mais “inofensivas” para os conservadores.

— Ela queimou até um CD do Skank. Aquilo nem era pesado para terminar assim! Coitado do Samuel Rosa, nunca brigou com ninguém — comentou Douglas.

Em pouco tempo, a nova Mariana minou a relação saudável que tinha com os pais. Em certa manhã intranquila, a filha se mostrou transformada na versão caricata e histérica de um cristão, acusando a torto e a direito, vendo a “obra do inimigo” em qualquer forma de vida que não fosse capaz de pagar dízimo e dizer *Aleluia*.

— Você sabe, o Dô e eu somos do candomblé — disse a mulher —, apesar de termos nos afastado bastante do nosso terreiro depois que a empresa começou a dar certo.

— E isso foi um erro — argumentou Douglas. — Tínhamos amigos de verdade lá. Adoraria voltar para a Vila Ré, reatar os laços...

— Deveríamos tentar reatar os laços com a nossa filha, antes de qualquer coisa — interrompeu-o Virgínia, olhando para Caroline como se pedisse desculpas. — Gostaria que ela respeitasse as nossas diferenças, assim como fazemos com ela. Enfim. A Mari já jogou na nossa cara que nossa religião “não agrada a Jesus”. O marido também já me falou a mesma coisa, e também que Deus está punindo os pecados passados do casal, não permitindo que ela engravide todos esses anos. Rodrigo não me parece boa coisa, mas vive sempre cercado dos fiéis, promove coisas bacanas...

— Bacanas na teoria — murmurou Douglas.

— ... está em constante ascensão na igreja dele, e a Mari acabou se tornando uma pessoa benquista por todos, falando muito bem nos cultos e participando dos louvores.

— A gente foi ver ela uma vez. A menina fala umas coisas estranhas, mas fala bonito — disse Douglas, em um misto de melancolia e orgulho. — Nem parece a pessoa tímida que se trancava no quarto com o som no último volume. Acho até que ela formou um grupo de teatro lá, em que lê umas passagens da Bíblia de um jeito dramático, sabe? Aí, quando ela para de falar, fica com cara de paisagem do lado do Rodrigo, quietinha.

— Eu nem consigo imaginar a Mari desse jeito — disse Caroline, entorpecida, também incomodada em saber que ela não engravidara durante todo aquele tempo, sendo que parecia ser um desejo dela e do marido (era estranho até mesmo pensar naquilo).

Sentia que aquela guinada brusca de comportamento era bem parecida com sua própria mudança, causada pelo fatídico dia. Talvez uma conversa com Mariana a ajudasse a enxergar algumas coisas com mais leveza e imparcialidade. Com certeza, elas poderiam ajudar uma à outra.

Caroline tinha pensado nisso dias atrás.

Agora, Mariana se afastava a passos firmes, segurando uma sandália em cada mão.

— Mari, espera — chamou ela, e a amiga parou, mas sem se virar. — Eu soube que você não pôde engravidar... Se quiser conversar sobre isso, conheço uma terapeuta ótima, a Monique. Ela atende pessoas e casais que passam por essa situação, e pode recomendar um...

Ela parou de falar quando Mariana voltou a andar, nem sequer esperando a conclusão do que estava dizendo.

— Me avise quando o Paulo chegar — disse Mariana, sem olhar para trás.

— Eu só tenho o seu e-mail — argumentou Caroline, ainda plantada no lugar.

— Você sabe onde eu moro — retrucou Mari, segurando a mão direita antes de sumir pela viela estreita de acesso.

Caroline terminou a água de coco e abaixou-se para pegar o copo que a amiga não recolheu, antes que as ondas fizessem isso. Observou o pequeno vão entre as duas ilhas. Não havia nem sinal de alguma forma assustadora e tétrica assomando em meio à neblina.

Virou-se para caminhar um pouco mais, quando ouviu um cântico em uma língua que não conhecia.

Uma canoa rústica e de aparência pesada flutuava a alguns metros de onde o mar quebrava na areia. Três crianças indígenas, nuas, a encaravam enquanto cantavam.

Ela sabia que não existiam reservas por perto.

As crianças cantavam, alegres, com os remos pairando acima da água. Carregavam algum fardo na canoa, talvez uma rede cheia de peixes. Caroline não enxergava tão bem de longe, mas eles também não estavam tão distantes assim. Conseguiu ver pinturas escuras nos rostos

redondos e pelo restante do corpo deles, de um marrom-escuro e quebradiço, que não parecia com o jeito que o urucum devia ser.

Então, sem interromperem a cantoria, dois deles agarraram o fardo branco, um em cada extremidade. Não eram peixes, pois era uma peça só, pesada demais para duas crianças carregarem, mas o terceiro indiozinho nem fez menção de ajudar. Sem perder o equilíbrio e sem se segurar em nada mesmo com o balanço das ondas, ele sorria para Caroline.

O fardo pareceu se mexer. De longe, embrulhado de maneira que as duas extremidades pareciam iguais e retorcendo-se, tinha a aparência de uma grande larva branca. Os garotos jogaram aquilo na água, que flutuou por um instante antes de começar a afundar.

— Não... de novo, não.

O fardo então se retorceu, deixando claro que se tratava de um corpo embrulhado em um lençol. Haviam marcas vermelhas desabrochando por todo o tecido como rosas de sangue, e uma grande mancha rubra surgiu na água, no mesmo lugar onde o corpo submergiu e desapareceu.

Caroline deu um grito abafado, do tipo que não alarma ninguém. De repente, entendeu que a pintura corporal das crianças não era urucum.

A canoa continuou ali, parada, e o indiozinho sorridente lhe estendeu a mão pequenina. Os outros dois aguardavam, com os remos a postos.

— *Vem* — disse ele.

Não era português. Mas Caroline sabia que era o que significava. Assim como sabia o que era aquele sangue seco sobre a pele.

Ela meneou a cabeça, trêmula. O latido familiar de Manson surgiu distante, vinha do rio, no canto da praia. Por um momento, desviou o olhar para a esquerda e pensou que o veria, avançando na direção das ondas, ladrando contra as crianças na canoa. Mas os latidos pararam, a canoa se foi, assim como a mancha de sangue. A grande larva branca se tornara comida de peixe, e a tarde continuava normal para todos: quente, comum e sem imagens traumáticas.

Caroline se sentou na areia, chorando. Estar ali era um erro, pois ninguém a ajudaria a sair do inferno que se tornara a sua cabeça.

baixo para dentro e para baixo para dentro e
para baixo para dentro e para baixo para dentro
e para baixo para dentro e para baixo para
dentro e para baixo para dentro e para baixo
para dentro e para baixo para dentro e para
baixo para dentro e para baixo para dentro e
para baixo para dentro e para baixo para dentro
e para baixo para dentro e para baixo para
dentro e para baixo para de [...]

-4-

CULPA

ANOS ANTES

— Eu só quero saber onde está o meu cachorro! — gritou Caroline, após a terceira vez que alguém lhe pediu para se acalmar. — Eu disse que deveria ter vindo para cá, eu disse!

A chuva durou um pouco mais que *Mogli* e fez um grande estrago pela Barra do Sahy e toda a região. Pelo que falavam, em Juquehy foi ainda pior.

A casinha de Manson estava virada, do lado do muro. Muita água se acumulara no interior dela, e o quintal estava todo enlameado com a grama remexida. Nem sinal do cachorro.

— Ele deve ter se assustado, mas não pode ter ido tão longe — disse Lisete, preocupada, parada ao lado da filha e dos amigos dela.

Caroline tremia de raiva, enquanto Mari tocava as costas dela com certa hesitação, tentando reconfortá-la.

— Nós vamos encontrar o Manson, filha.

— Ele não pode ter passado por entre as grades — sugeriu Hélio, olhando o portão de perto. — O Manson é barrigudinho.

— E também não ventou tanto assim, né? — disse Paulo, parecendo descrente com a própria sugestão.

Um vendaval não seria capaz de arremessar cães por cima do muro.

Caroline balançou a cabeça.

— Eu acho que alguém entrou aqui e roubou ele.

— Deixa de ser burra — bradou Amadeus da cozinha, bêbado. — Quem é que ia querer roubar um vira-lata? Ele vai aparecer a qualquer hora, sossega.

Os amigos de Caroline fizeram caretas involuntárias. Dona Lisete respirou fundo, enquanto a filha se virava devagar para a porta aberta da cozinha. Amadeus descascava uma laranja, resmungando alguma coisa, e não viu a filha parada junto à porta.

— A culpa é toda sua — disse ela.

A menina contraía tanto os lábios que eles ficaram esbranquiçados. O pai a olhou com desdém, fazendo uma lenta espiral com a casca da laranja.

— A culpa é minha que o seu cachorro é um cagão?

— Eu falei que podia vir aqui pegar ele, e você não deixou porque quer controlar tudo, até as coisas com que você nem se importa! — gritou a garota, com lágrimas nos olhos. Esta seria a primeira e última vez que ela choraria na frente do pai.

Amadeus pareceu tão surpreso quanto a esposa e os amigos da filha.

— Você me respeita que eu sou seu pai!

— A culpa é toda sua! — repetiu Caroline, ainda mais estridente.

— Cala essa boca ou eu vou calar à força!

A explosão de Amadeus seria esperada em um conflito daqueles, não fosse a faca apontada para o rosto de Caroline, que logo percebeu a ameaça, assim como a mãe e os amigos. Hélio se adiantou quase que por reflexo, colocando-se ao lado dela, o corpo inclinado para a frente, estendendo um braço na direção do homem.

— Opa, opa, opa, tio! Abaixa isso aí, alguém pode se machucar.

— Você também, pirralho! — bradou ele, e o hálito de cachaça atingiu Caroline e Hélio como um murro. A faca dançou diante deles. — Se acha todo machão só porque o pai é faixa preta!

Apesar do ímpeto de proteger a amiga, Hélio pareceu perdido, buscando palavras que servissem para aquele momento. Ao seu lado, Caroline chorava, ainda sem conseguir separar a raiva do medo. A única pessoa que conseguiu interferir em tudo aquilo de modo efetivo foi quem estava mais acostumada a ser ignorada: dona Lisete. Amparada por Paulinho e Mariana, ela se recurvava, chorando, por ver o marido e a filha em lados opostos de uma faca de cozinha. Amadeus olhou das crianças para a esposa, balbuciou algo inaudível e, com os olhos injetados, piscou com insistência. Hélio continuava com o braço estendido enquanto Caroline derramava mais lágrimas silenciosas ao ver a mãe aos prantos.

Amadeus lançou a faca e a laranja na parede com tanta força que por pouco a lâmina não retornou e cortou o próprio rosto. A fruta rolou pelo piso, com uma grande mozza causada pela força com que havia sido arremessada. Hélio deu um longo suspiro, aliviado, ainda que não tivesse baixado totalmente a guarda. Observando o cenário de tragédia se desfazendo, Caroline de repente viu o pai parecer bem mais velho e idiota, arrastando os chinelos na direção da sala. Por mais que aquele acontecimento tivesse contribuído para transformá-la em uma pária para a família, a garota sentia que nenhuma forma de respeito por Amadeus poderia sobreviver dentro dela. Além disso, associaria para sempre o cheiro cítrico a situações tristes e fora de controle.

Ela correu até a mãe, que se desfazia em um choro contínuo e baixo como um miado. Ajoelhou-se na grama molhada, sentindo a pele de Lisete tocar seu rosto, fina e quebradiça.

Muito além do muro coberto de hera, Manson latia.

HOJE

No fim da tarde, a caminho da pousada e com o rosto inchado, Caroline passou ao lado da casa da família. Parou por alguns instantes, sentindo algo que ela descreveria como *saudade impossível*. Quando sentia falta de alguém ou de algum lugar, simplesmente se encontrava com a pessoa ou visitava o local e pronto, problema resolvido. No entanto, o sentimento em relação às coisas boas ligadas àquela casa jamais seria sanado: mantinha boas lembranças de lá, mas que haviam sido manchadas pelo pai, pelo réveillon de 1999, pela ilha, por ela. Nunca mais visitaria *aquela* casa, e agora, depois das conversas desastrosas com Mari e Hélio, tinha certeza de que nunca mais encontraria *aqueles* amigos. A ponte que os interligava estava tão firme quanto os viadutos de São Paulo que desmoronavam dia sim, dia não.

Encostou-se no muro de cimento com chapiscos, tentando extrair alguma lembrança boa, mas nem o muro era mais como antes. Outrora verde e vivo, agora estava cinza e espinhento. Uma bela metáfora para o que o tempo e as circunstâncias fizeram com aquela família.

Chegou à pousada disposta a ir embora, a desistir daquele plano idiota de entender o que acontecera e de preencher as lacunas. Perguntou para a recepcionista como era a política de reembolso caso ela desistisse das diárias restantes, e a mulher lhe respondeu que, àquela altura, não havia qualquer forma de ressarcimento. Subiu as escadas, cabisbaixa, pronta para dormir um pouco. Desabou na cama sem tirar as botas, algo que sempre tinha criticado nos filmes — “Quem deita com o sapato no próprio colchão? Que gente PORCA!” —, porém, naquele momento, ela realmente estava pouco se lixando.

Dormiu e sonhou, entre outras coisas mais e menos importantes, mais uma vez com o dia em que descobriu o livro de Paulo. Agora ao menos sonhou sem a licença poética de sua mente transformando a foto do amigo em uma serpente e atacando seus olhos.

O telefone do quarto tocou, e Caroline demorou alguns segundos para entender o que estava acontecendo. A recepcionista avisou que havia uma pessoa esperando por ela no saguão. Caroline nem sequer perguntou o nome. Fosse Hélio ou Mari, ela lhes daria outra chance, mesmo após a grosseria de um e a frieza da outra.

Olhou as horas: nove da noite. Mais uma vez, os vizinhos de quarto martelavam o estrado da cama contra a parede. Quase pensou em reclamar, mas, no fundo, ficou feliz por alguém ali ter uma vida sexual ativa. Foi lavar o rosto antes de descer e se assustou ao ver que o nariz e a testa estavam vermelhos como pimentões. Não tinha tomado tanto sol de tarde, mas também não havia passado nem um pingo de protetor solar. “Tanto tempo dentro de uma livraria sem ver praia que esqueci que o sol queima”, pensou, sentindo-se um pouco idiota. Conteve o impulso de coçar a área irritada e ardida, lembrando o que a mãe dizia sobre isso criar sardas.

Desceu as escadas, desviando de duas crianças bem barulhentas que subiam correndo para o quarto, sem deixar de reparar que o bronzeado delas estava perfeito. “A diferença que faz um pai e uma mãe responsável na vida de uma pessoa”, pensou, antes de se surpreender com o homem de pé ao lado do balcão da recepção.

— Oi, Carol — falou Paulo, usando um blazer que deveria custar um salário inteiro mais a comissão de um atendente de livraria.

Caroline não sabia como se aproximar dele, assim como não entendia como fora capaz de dar as costas ao garoto tantos anos antes. Ele segurava um embrulho retangular, e os olhos verdes e ansiosos eram os mesmos, ainda que o rosto que os emoldurava fosse totalmente diferente. A barba estava grande, o que mudava o formato do semblante que ela guardava na memória e mesmo o que as fotos recentes no Google mostravam, mas estava bem-feita, e, pelo estilo de roupas que ele usava, era bem provável que Paulo frequentasse uma dessas barbearias em que, quando se pede o serviço completo, você ganha uma sessão de limpeza de pele, um *espresso*, um pônei e um discurso de como a barba é a ferramenta ancestral do macho alfa no ritual de acasalamento.

Por outro lado, ela não conseguia imaginar Paulo em um ambiente desses.

— Oi...

Ele riu, parecendo nervoso. Abriu os braços, desistiu, depois abriu de novo quando Caroline se adiantou. Ela não sabia se deveria ser um abraço curto, longo, com um deslizar de mãos pelas costas ou com tapinhas. Na dúvida, a mulher ficou tempo suficiente para a recepcionista se sentir constrangida e ir procurar o que fazer em outro lugar.

— Que saudades — disse ela, a testa apoiada no ombro do amigo, sentindo a voz embargar.

Mesmo com os olhos fechados, conseguia perceber que Paulo sorria.

— Eu também, Carol. Eu também.

Afastou-se, menos preocupada, mas não menos tensa. Ele sorria, tímido, adoravelmente incompatível com o seu estilo de homem de negócios despojado, porém decidido. Seria ele um indivíduo superior em todos os sentidos, a ponto de ter perdoado por completo os amigos e de ser o único capaz de dizer que estava *bem* após tudo aquilo?

— Eu não sabia como... depois de tanto tempo. — Caroline balançou a cabeça com um riso contido, de uma maneira que a fazia parecer demais com dona Lisete.

— Depois de tanto tempo — reforçou Paulo, olhando para a amiga e subitamente se lembrando de que segurava um presente. — Ah! Trouxe isso pra você... Não sei se chegou a comprar, mas já aviso que este eu estraguei escrevendo uma coisa na primeira página.

Caroline sorriu ainda menos à vontade, sentindo o corpo travar uma batalha feroz entre o calafrio do medo e a queimação da ansiedade. Sabia o que aconteceria se olhasse para a capa do livro, e aquilo tornaria o reencontro entre os dois bem mais complicado.

— O-obrigada, Paulo. Fico sem graça de desembulhar com você olhando, posso abrir depois?

— Claro, o presente é seu. Talvez esse não seja exatamente o seu tipo de leitura, mas acho que, se um dia eu peguei um livro nas mãos, grande parte da culpa é sua.

“Grande parte da culpa é sua.” O último trecho da frase ficou martelando na mente de Caroline.

— Aliás, parabéns pelo livro. Estamos aqui por causa dele, no fim das contas.

— É verdade. Hã... Você está...? — Paulo apontou para o próprio nariz, e Caroline estreitou os olhos, observando o rosto do amigo e procurando alguma coisa ali, até entender que ele estava se referindo ao nariz dela.

— Ah! Estou um pouco vermelha, né?

— Um pouquinho. Mas também está descascando. Não arranca a pele não, que pode deixar marcado.

— Eu sei. — Ela riu, sem jeito.

Caroline olhou para o chão, tímida, sem saber por onde começar a perguntar tudo o que queria. Resolveu dar vazão à surpresa.

— Eu não imaginava que você chegaria hoje ou que passaria aqui na pousada.

— Vim direto de uma reunião, não queria pegar o trânsito de amanhã. A estrada já está uma loucura. E queria pelo menos dar um oi antes de... reunirmos o pessoal ou algo assim. Acha que isso vai mesmo acontecer?

— A Mari chegou hoje, o Hélio também, mais cedo.

— Ah! Vocês já conversaram? — Paulo parecia animado, mas havia ali um traço de preocupação.

Caroline balançou o corpo por conta da inquietação, apoiando-se nos calcanhares, e respirou fundo.

— Já...

Ele colocou as mãos nos bolsos, o olhar perdido encarando o teto da recepção. Parecia estar analisando possibilidades.

— Nossa, parece que foi meio ruim, hein. Acha que devo ligar para eles?

— Sinceramente, Paulinho? Hã... é estranho se eu chamar você assim? Foi automático.

— Carol, por favor. Eu sou o Paulinho mesmo. Mas me diga o que você acha.

— Bom, não sei se *hoje* é uma boa ideia. Talvez amanhã de manhã?

— Por mim, tudo bem. Vou preparar alguma coisa para o jantar, que, a essa hora, vai ser mais uma ceia, e preciso de um tempo. Sei administrar empresas, mas adianto que não sou nenhum chef.

— *Você* vai preparar tudo? — perguntou ela, incrédula.

— Ei! Eu consigo!

— Não, não é isso! — Ela riu sem jeito de novo. — É que, sei lá, você tem uma mansão.

— É verdade, e tenho um pessoal que trabalha lá. Uma faxineira, uma passadeira, um jardineiro... Mas não são como a minha mãe e eu, não é a mesma coisa que morar na mansão com a família. Por mais que tenha espaço, não acho justo impor isso a ninguém — disse ele, contraindo um pouco os ombros largos.

Caroline sentia o dilema dele; outros homens na sua posição usufruiriam de todo o sistema empregatício estabelecido para homens ricos e (imaginava ela) solteiros. Porém, o passado de Paulo, a forma com que provavelmente havia lidado com essas questões, o tornava diferente de um homem rico padrão, pelo menos nesses aspectos.

— Mas enfim — falou ele —, dei folga para todos amanhã. Vão passar o feriado com suas famílias, pois vou comemorar com meus amigos e tentar fazer algo comestível!

— Bom, esse é um plano ousado. Acha que vai conseguir convencer o Hélio? Ele está um tanto... diferente.

— Carol, minha querida. — Aquele sorriso deveria ser o ponto final em vários acordos de negócios. — Todos nós estamos. Estou aqui justamente para conhecer nossos novos “eus”.

Caroline sorriu, tentando disfarçar a aflição. O peso do livro a lembrava de que, dentro da embalagem que segurava, havia algo vivo, esperando o momento certo para dar o bote...

— Que tal caminharmos um pouco antes de eu ir para casa? Botar em dia dezenove anos de papo? — perguntou ele.

Caroline assentiu, piscando. Não era possível que Paulinho ainda fosse tão... *Paulinho*.

— Claro...Por que não?

Foram para a rua, e, logo na saída da pousada, Caroline passou por um carro que era uma relíquia de colecionador. Também era o automóvel de Paulo Heinz. Por muitos motivos, carros não a impressionavam, mas o design arrojado atraiu seu olhar por um ou dois segundos, imaginando quanto deveria ter custado. Como ela não perguntou nada para o amigo e não entendia muito de carros, não ficou sabendo que aquele modelo se chamava Shelby Cobra.

Enquanto caminhavam por ruas que seus pés conheciam muito bem, o cheiro de churrasco vindo de uma daquelas garagens os alcançou antes que a dupla engatasse de vez na conversa.

Acompanhada em coro por pessoas que já estavam em ritmo de réveillon, o vingativo refrão de “Chora” ressoava na voz Beth Carvalho.

[...] pois seus captores estavam agora prostrados aos seus pés, talvez mortos por afogamento, enquanto a grande forma se elevava à sua frente, forçando-o a se encolher. As cordas que prendiam seus pulsos apodreceram, como se o tempo tivesse passado só para elas, enfraquecidas pelo desejo do ser à frente. Cedendo ao olhar que prendia almas, ao sibilar crescente das suas crias, o condenado caiu de joelhos. A lua revelava a coloração amarela das escamas, e ele não sabia se era um truque da luz ou algo diferente de tudo que já vira nas matas do lugar que chamava de casa.

– Esta é a oferenda que julga apropriada para mim e minhas crianças? – inquiriu a forma gigantesca.

A mandíbula permaneceu fechada, mas o homem a ouviu perfeitamente, como se a voz estivesse sibilando em algum ponto próximo a seu ouvido. Assim como antes o condenado evitava olhar para a ilha no meio do rio, manteve o temor respeitoso evitando encará-la nos olhos.

– Devore-os, não ligo para o destino deles. Queriam me abandonar, me afastar do meu povo – disse o único homem consciente em meio aos cadáveres humanos e seres rastejantes.

– Se me dá algo sem valor, então não é uma oferenda – rugiu a forma, e seus filhotes sibilaram em irritação mútua. – Não somos carniceiros, alimentando-nos da mente, do corpo e da alma dos desesperados.

Enrolou-se ao seu redor, apertando, comprimindo, fazendo ossos estalarem. Mas era apenas um aviso, e não o que o transformaria em algo tragável para a maior de todas as ameaças à sua volta.

– O que pode nos oferece de real valor?

– A única coisa que me resta foi o que fez meu povo querer se livrar de mim –, guinchou, o ar sendo expelido dos pulmões, as pernas e os braços começando a adormecer.

– Ah! Ah, sim. O olho que vê além, que transpõe camadas. Você testemunhou a chegada do homem branco e do crucificado.

– Testemunhei.

– Você viu o fim dos seus diante do deus preso ao pedaço de madeira.

– É... Vi.

– E agora? Ainda se importa com o que vai acontecer a eles? Com os que o abandonaram?

O condenado não conseguia pensar com clareza. Sua mente ficava cada vez mais perturbada conforme as escamas o constringiam. No entanto, sabia que havia sido seu povo que o mandara até ali. Por que se importaria com quem o deixara naquela situação?

Milhares de serpentes pararam de sibilar ao mesmo tempo. As escamas afrouxaram a pressão, e o homem pôde virar a cabeça.

Cada uma das criaturas passou a engolir a própria cauda, de forma lenta e grotesca. O chão

da ilha maldita estava repleto de círculos vivos, de bocas escancaradas para absorver uma cauda. Inícios encontrando fins. Toda forma de vida consumia algo alheio ao seu corpo para existir, para ser, mas aquelas haviam resolvido infligir o princípio básico da vida e da morte. Naquele instante, eram infinitas.

– É, ainda me importo – disse o homem, pois entendeu que passado e presente eram um.

Ele havia sido feliz entre o povo que o exilara. Era feliz entre o povo que ainda não o exilara.

– Uma boa resposta – falou a criatura, e suas escamas passaram a soltar o aperto. – A única coisa que resta a um homem é o seu mundo. Assim, você me deu tudo.

O condenado caiu entre as serpentes menores, arfando. Seus olhos começavam a doer, e sentia um gosto amargo vindo da própria boca.

Ele se virou para as águas do rio. As estrelas começaram a escorregar para o horizonte, luas e sóis alternando o domínio do firmamento. O homem branco estava ali, de um instante para o outro; homens com longos mantos da cor de terra infértil raptando o corpo e a mente de suas crianças, carregando o símbolo do deus de madeira no pescoço. Uma língua que vinha de longe surgia. Uma grande ponte começava a ligar as margens, que agora tinha um nome familiar pronunciado pelos sacerdotes do deus de madeira. *Paraná*. Era como o esqueleto de uma cobra morta,

ganhando revestimento em ritmo acelerado. Aquela serpente conectava as duas terras, fronteiras invisíveis eram criadas onde antes havia o ir e vir. Rochas angulosas cresciam às duas margens e além – mas era à direita que as mais altas se erguiam. Templos para algo mais poderoso que o deus de madeira, uma força implacável que não fazia sentido para a mente do condenado. Pois aquela raça, híbrida dos seus e dos outros, cultuava essa divindade que era o consumo. O excesso. O ter. Todos eram como serpentes mordendo a própria cauda e se alimentando da própria existência.

Aos pés dos grandes templos cinzentos, abaixo dos escritos luminosos na língua dos brancos, centenas de milhares caminhavam todos os dias, como formigas atravessando a trilha para voltarem às suas casas. Coisas que se moviam sozinhas atravessavam o dorso da serpente que conectava as margens. Havia um nome irônico dado àquela víbora inerte, mas o condenado não compreendia por que a amizade fora evocada ali.

Os dias pararam de avançar. O céu noturno dos dias futuros, sobretudo na margem direita, era repleto de estrelas artificiais avermelhadas, enquanto os astros verdadeiros estavam encobertos por nuvens produzidas pelas coisas que andavam sozinhas...

O condenado balbuciava, confuso, qua [...]

-5-

ACHADOS E PERDIDOS



ANOS ANTES

Os quatro passaram o fim da tarde e o início da noite parando toda e qualquer pessoa na rua. Quando mais de uma pessoa vinha de direções opostas, eles se dividiam para perguntar se alguém tinha visto um viralata de pelo amarelado, que escapara durante o temporal. Só que ninguém se lembrava de ter observado Manson ou sequer demonstrava interesse pela cruzada dos adolescentes. A mãe e o irmão de Caroline os acompanharam por um tempo. Nicolas ficou exatos dez minutos no maior ato de caridade de toda a sua vida, mas logo anunciou que voltaria para casa, pois estava com fome — e andou na direção contrária. Caroline sabia que “fome” significava fumar maconha escondido, mas não falou nada. Ela nunca pôde contar com o garoto, não seria agora que começaria a cogitar isso. Já dona Lisete ficou por quase duas horas com a filha e seus amigos, procurando, inclusive, algumas amigas da região para perguntar se haviam visto Manson e pedir que, se ele por acaso aparecesse, lhe dessem abrigo.

— Vamos procurar na praia — sugeriu Mariana assim que a mãe da amiga dobrou a esquina. A garota não conseguia disfarçar o tom de voz de quem já se sentia derrotada. — Cada um vai para um lado, perguntamos também lá perto do rio ou para um maconheiro que esteja por lá, desde que não seja seu irmão.

— Boa ideia — disse Hélio, estufando o peito.

Sem que os outros notassem, Caroline tinha agradecido ao amigo por ter se colocado entre ela e o pai, e, desde então, ele andava com o peito um pouco mais estufado que o normal.

— Eu vou com a Carol, e você vai com o Paulinho ali para as pedras — disse ele.

— De novo isso, Hélio? — falou Mari, e o pavão pareceu fechar um pouco a cauda, fingindo inocência.

— Vocês dois vão para as pedras do canto da praia e eu vou com o Paulo para o rio — falou Caroline, tomando a dianteira, completamente sem paciência para mais uma briga entre eles. — Ele conhece os pescadores. Tchau.

Paulo trocou um olhar com os outros dois, como se dissesse “Não tenho nada a ver com isso”, e seguiu Caroline pelo acesso estreito e mal-

iluminado, deixando para trás Mari e Hélio, este com uma expressão de quem tinha derrubado uma casquinha de sorvete recém-comprada no chão.

— Espera, Carol — disse Paulo, alcançando-a instantes depois. — Acho que podemos ir perguntando e falando com o pessoal até perto da capelinha. Tenho certeza de que alguém deve ter visto o Manson.

— Eu estou me sentindo tão culpada, Paulo — disse Caroline, em um tom soturno. — Eu deveria ter simplesmente pulado o muro, sei lá...

— Não fica assim, Carol. Não dava para saber. Na verdade, nem sei como ele passou pelo portão... O Manson é bem gordinho.

— Ele deve ter se assustado com os raios e a ventania... Puta merda, só de pensar no medo que ele deve ter sentido, coitado...

— A gente vai encontrar ele, tenho certeza. Prometo! — disse Paulo, colocando a mão no ombro da amiga, que era mais alta que ele.

Caroline se surpreendeu com a leveza do toque do garoto. Ele era tão frágil e delicado, de uma maneira que ela mesma não sabia se tinha sido na idade dele. Mesmo sendo a filha exemplar de Amadeus e Lisete, sentia que já era bem menos inocente aos treze ou quatorze anos. Ela apenas não havia exposto aquilo, ainda mantendo o verniz de garota que sentava nas primeiras carteiras da escola. Intimamente, no entanto, Caroline já estava em ebulição havia alguns anos, desde que começara a espiar os exemplares de *Marie Claire* e *Nova* dos consultórios médicos e de dentista.

Paulo, por outro lado, não parecia ver maldade em nada.

— Você não pode prometer uma coisa dessas, Paulinho.

— Posso, sim. Juro por Deus que vou achar o Manson, Carol.

Ela parou onde estava, coçando a cabeça. Duas ondas se quebraram antes de Caroline conseguir responder ao garoto.

— Jurar por Deus algo que não se pode cumprir é ainda pior.

— Bom, eu estou disposto a me esforçar tanto nisso que vou transformar a promessa em fato, e aí Deus vai me perdoar.

Caroline riu, a culpa cristã lhe dando algumas pontadas. Ela estendeu a mão para o amigo.

— Ok, então. Juro por Deus que vou encontrar o Manson.

— Juro por Deus que *vamos* encontrar o Manson — disse ele, selando a promessa, e uma onda quebrou forte demais na areia, lançando pingos gelados e molhando os pés deles.

A promessa teve a benção do mar, e Caroline esperava que o deus responsável pelas águas não fosse o mesmo que seu pai tanto usava

como desculpa.

Um homem cambaleante escurrou bem próximo a eles. Em uma das mãos, segurava um quepe; na outra, uma garrafa. Calçava coturnos que mais pareciam bifés à milanesa de tanta areia grudada, calças sujas repletas de algas escuras e, para completar o look, uma espécie de sobretudo puído, algo que nem Mari sonharia em usar na praia. Por entre as algas que também estavam no casaco, havia algumas pequenas medalhas e símbolos indistinguíveis por causa da ferrugem. Alguns lembravam insígnias militares, outros estavam descascados demais para serem reconhecidos. O mais marcante, na opinião de Carol, era um camafeu pendurado no pescoço: um escaravelho negro sobre um fundo amarelo. Este não parecia tão velho, apenas... deslocado. Mas a verdade é que o homem em si estava mais fora de contexto do que qualquer outra coisa ali.

Os dois adolescentes ficaram um pouco ressabiados com aquela aparição súbita, mas Paulo foi o primeiro a superar o susto e lembrar por que estavam ali àquela hora da noite.

— Moço, moço... O senhor viu um cachorro por aí? Um vira-lata amarelo, de barriga branca e bem mansinho, mais ou menos desse tamanho...

O homem o encarou, os olhos entrando e saindo de foco. Sabendo que nada de bom poderia vir dali, Caroline respirou fundo e sentiu o cheiro de suor e álcool. O chapéu engraçado do homem caiu na areia, e ela observou que a garrafa na mão dele era da cor de barro, com um rótulo que nunca tinha visto na vida.

— Você... você parece bastante com um sujeito que eu conheci lá — disse o mendigo, sorrindo, apontando para o oceano.

O sotaque dele era diferente, e Caroline cogitou se seria gaúcho ou catarinense. Loiro, maçãs do rosto proeminentes... Já era incomum ver gente do Sul naquela região, assim como pessoas em condições tão miseráveis. As duas coisas juntas, então...

— Vamos embora, Paulinho — falou Caroline, por fim.

Um sentimento estranho fora despertado por aquele homem. Ele lhe causava tanto raiva quanto pena. Paulo, no entanto, parecia mais resistente a ignorá-lo.

— Com que sujeito eu pareço?

— Paulo... — sussurrou Caroline, em tom de aviso.

O homem fez uma careta quando se abaixou para pegar o quepe. Apesar de ter conseguido, também deixou a garrafa na areia — com o

gargalo para cima, é claro.

— Não sei o nome... Sou péssimo com nomes. Mas ele estava lá, numa das ilhas...

— Você diz a Ilha das Couves? — perguntou Paulo, tentando construir uma conexão entre aquelas frases.

— Couve? Não! Mas elas são todas parecidas, não é? A diferença é que umas ficam paradinhas, enquanto outras... No fundo, todas... todas são Carcosa. Todo desejo, todo naufrágio, todo pecado... A ilha aparece onde é necessário. — Ele soluçou com a força de uma convulsão, colocando o punho na frente da boca, e então começou a rir de forma descontrolada. — Carcosa, Kadath, Terra do Nunca, Ulthar, Éden...

— Senhor, eu não...

— ... a ilha da cabeça de porco, R'lyeh, Babel... Ah, Babel. É, eu entendo perfeitamente. O Homem... Digo, a primeira é a rainha do conhecimento, da linguagem, a língua sibila para a compreensão de todos...

— Paulo, já chega! Esse cara não tá falando coisa com coisa. A maioria dessas palavras nem *existe* — disse Caroline, decidida, puxando o amigo pela camiseta.

Em um instante, o homem ergueu o dedo e parou de rir.

— Eu vi o seu cachorro — retumbou ele, ganhando a atenção da garota por um minuto.

— Viu nada.

— Ele era amarelo, com uma mancha branca na barriga, mais ou menos desse tamanho. Mansinho, mansinho...

— Tá bom! — Caroline ultrapassou o homem e seguiu na direção do rio, já prestes a explodir de irritação.

Paulo ainda hesitou entre continuar falando com o homem e seguir a amiga. O sujeito levou a garrafa aos lábios e a inclinou, desperdiçando uma quantidade considerável da bebida enquanto o líquido escorria de sua boca. Olhou de novo para o garoto, e apontou para a Ilha das Couves.

— Ele foi para lá. Levaram ele, porque ele é importante. Se quiser, posso transportar vocês... Eu tenho uma... embarcação... *hehe*... Ela só está com um probleminha de vazamento no casco... talvez um pouco de umidade... Hehehe... *Hehehehe!*

O garoto entendeu que seria impossível continuar a conversa e foi atrás de Caroline, mesmo que indeciso. A amiga chutava areia com

raiva, decidida a abrir a maior distância possível entre ela e o bêbado que agora gargalhava escandalosamente.

Mais uma vez, Paulo correu para alcançá-la. Se qualquer um deles tivesse olhado para trás, teria avistado apenas uma garrafa solitária de *Steinhäger*.

HOJE

Paulo perguntou se ela gostaria de caminhar pela areia em vez de ficarem perambulando pelas calçadas. Caroline olhou para o mesmo acesso à praia que havia atravessado com o amigo há dezenove anos, e se lembrou do encontro com aquele estranho bêbado. Como já tivera sua cota de bizarrice naquele dia vendo as crianças indígenas, decidiu que preferia a segurança do asfalto, longe do mar. Se tivesse outra alucinação por ali, sua mente teria que se esforçar um pouco mais para traumatizá-la.

Eles continuaram caminhando, e a conversa sempre fugia das lembranças da ilha, voltando para alguma coisa do período em que ficaram sem se ver. Caroline se perguntou se deveria ser mais direta e abordar logo o assunto mais complicado. Entretanto, Paulo parecia contente em ouvir uma retrospectiva da amiga.

— Bom, pelo menos esse emprego na livraria rendeu umas boas risadas — disse ele, franzindo as sobrancelhas. — Você nunca pensou em estar do outro lado da coisa, escrevendo livros? Renderia umas crônicas bem legais.

Caroline revirou os olhos.

— Paulinho, crônica é mais mal recebida do que livro de ficção com capa de pôster de filme. Você é um best-seller e vê muito dinheiro entrando, mas não depende só dessa fonte de renda. Sua carreira leva gente a comprar o seu livro, você tem dinheiro para investir em marketing... É um sistema que funciona. Eu ficaria só nos direitos autorais, com uns trocadinhos entrando a conta-gotas.

— Bom, meu editor me deu um bom adiantamento. Mas você também pode usar o que sabe e dar curso para autores iniciantes. Talvez fosse bom para você escrever sem se preocupar com o aluguel, as contas... Se quiser, falo com o meu editor e apresento vocês.

Caroline riu, meneando a cabeça.

— Em menos de um minuto você tirou do nada que eu posso escrever ou sei lá o quê, e já está planejando a minha carreira?

— É o meu trabalho. Eu acredito nas pessoas e invisto, procuro saídas e alternativas — respondeu ele, erguendo os ombros. — Essa sessão de *coaching* está sendo de graça, antes que me pergunte.

— Você quis dizer *consultoria*.

— Não, quis dizer *coaching* mesmo. É a mesma coisa, só que mais caro.

Ela riu, surpresa em ver o amigo fazendo escárnio do próprio mundinho de *high stakes*.

— Eu sempre zoei essa galera que usa termo em inglês até para avisar que vai limpar a bunda e adora empreender no cu dos outros, sabe? — disse ela.

— Apesar de jamais ter esperado que Carol, minha amiga de infância, usasse esses termos chulos — respondeu Paulo, fingindo choque —, entendo perfeitamente.

— Bom, aquela Carol cresceu, largou a faculdade e toda a base que a família lhe dava e precisou trabalhar para meia dúzia de manés ricos. E aqui estou eu, queimando a língua e conversando com o guru dos empreendedores.

— Vem ser *VIPer* você também — cantarolou ele, plagiando a melodia de um jingle similar. Depois balançou a cabeça, parecendo cansado. — Bom, acho que posso ser franco com você. Para mim, tudo isso é uma besteira gigantesca, mas é assim que se entra nesse ramo. Quem vai investir quer ouvir você chamando reunião de *meeting* e ligação de *call*. É uma coisa tão frágil quanto o ego da maioria.

— Hum. Então você é um “startatapeiro” à paisana?

— Acho que sim. No final das contas, tudo é *branding*.

— Vai cagar, Paulo.

Enquanto Paulo contava mais sobre seu cotidiano que envolvia muitos *calls* e *meetings*, seus pés pareciam ter vontade própria ao virar esquinas, como se, por um instante, eles tivessem voltado a ser adolescentes com a tarde livre. Naquela época, caminhavam juntos, os quatro, sem se preocupar com horário, contas nem responsabilidades. A Caroline do presente refazia seus passos, preocupada com tudo que era possível, além de um acerto de contas que se tornava cada vez mais desconfortável.

— Essa é a rua do Hélio, né? — perguntou Paulo, olhando para os lados e buscando pontos de referência nas casas e nos muros.

Caroline fez que sim com a cabeça, sentindo um arrepio ao se lembrar do que acontecera no portão na madrugada anterior. De qualquer forma, não valia à pena comentar que a casa do amigo tinha sido invadida.

— E, sim. E a da Mari é ali, onde tem aquele monte de carro parado, tá vendo? E depois a minha.

— Posso fazer uma pergunta?

— Claro.

— Por que você está em uma pousada e não na sua casa?

— Porque é a casa da minha família, e eu sou *persona non grata*. Fui destrutada até no funeral da minha mãe.

Paulo respirou fundo, parecendo afetado por aquela informação. Já sabia, através da breve troca de e-mails com Caroline, que a mãe dela havia falecido no início do ano, mas agora podia demonstrar os pêsames de maneira mais adequada.

— Eu gostava muito da tia Lisete. Ela me tratava como se eu fosse filho dela, mesmo que só me visse nas férias.

— Mas eram *todas* as férias e os feriados. E era bem por aí mesmo, ela adorava você.

— Imagino que deve ter sido bem difícil pra você.

Caroline se lembrou das visitas que fizera à mãe, em horários específicos quando o pai não estava em casa, quando reparara que ela ficava cada vez mais magra, frágil, com olhos fundos que pareciam prestes a transbordar a vida que ela não conseguia mais comportar. Lembrou-se também das ocasiões em que saiu da livraria para encher a cara com os amigos, a ponto de, no dia seguinte, não ter forças para ir visitá-la. Caroline respirou fundo.

— Foi. Tenho a sensação de ter falhado com ela. Assim como com você...

— Carol, não. Por favor, você não me deve nada.

Ela interrompeu o passo, já quase na frente da casa de Mariana, onde eles precisaram andar pela rua, pois os carros ocupavam — desrespeitando as leis de trânsito, claro — metade da calçada. Caroline pensou que a cadeira de Hélio não passaria naquele pedaço minúsculo deixado pelos veículos. Sentiu um aperto no coração pelo amigo e pela hipocrisia de Mariana, que não parecia tão preocupada assim com o próximo. Se ao menos aquele dia tivesse sido diferente, não haveria tanta culpa em uma imagem tão cotidiana quanto carros estacionados ilegalmente. Caroline balançou a cabeça, forçando-se a se manter no presente, naquele momento. Encarou o amigo, tentando entender a situação. Por que ele agia daquele jeito, como se o passado não existisse e eles simplesmente tivessem se afastado sem motivo?

— As coisas deram errado para mim, Paulo. Desde aquele dia. Acredite, minha parcela do erro está sendo paga. Minha cabeça nunca mais foi a mesma.

Ela conseguiu perceber preocupação nos olhos dele. A mesma de quando a acompanhou na busca por Manson. Estava lá, preocupação genuína e intacta, mesmo após ela ter participado da “morte” dele.

— Eu quero entender, Carol. Minha vida deu uma guinada brusca desde a última vez que nos vimos, mas preciso... encaixar algumas peças. Por isso queria ver vocês.

O portão da casa se abriu, e Mariana apareceu carregando dois imensos sacos de lixo pretos. A roupa sóbria de quem estava indo ao culto de domingo surpreendeu Paulo por um momento, mas ele se recompôs e disfarçou o choque.

— Agora só falta um — sussurrou ele, mas apenas Caroline escutou.

* * *

Mariana manteve em Paulo o mesmo olhar obstinado de quando havia se despedido de Caroline, naquela tarde. O rapaz, no entanto, se adiantou com certa hesitação para o abraço. A amiga não o impediu, mas também não correspondeu, ficando com os braços abaixados, sem largar os sacos de lixo. Teria sido uma cena ridícula se ele não tivesse desarmado a bomba com tanta espontaneidade.

— É bom ver você, Mari — disse ele, enfim se afastando.

Ela pigarreou, jogou os dois sacos de lixo no suporte metálico ao lado do portão, encarou Caroline (que reparou no curativo na sua mão esquerda dela) e, então, voltou o olhar para o homem que um dia fora o menino que ela conhecia.

— Igualmente — respondeu.

Caroline se preparava para o pior, mas Paulo seguiu com a operação de aplacar Mariana.

— Sua família veio em peso, hein? — comentou ele, apontando para os inúmeros carros. — Mas realmente queria que amanhã você fosse jantar com a gente. O tio Douglas e a tia Virgínia estão aí? Queria dar um abraço neles.

— Eles não vieram. Esse pessoal é da minha igreja, e tem também uns jovens do grupo de teatro que coordeno.

— Que legal! Quem diria que você ia acabar parando no teatro! — disse Paulo, com sinceridade.

Caroline se lembrou de Douglas e Virgínia falando sobre o talento dela em cima do altar, ministrando “a palavra”. “Talvez ela também canalize o Senhor nas artes cênicas. Palco, altar... De lá de cima, não deve fazer diferença para Deus”, pensou com sua heresia habitual.

Paulo continuou com a tentativa de conversa.

— Bom, da última vez que nos vimos éramos tão jovens.

— Isso é verdade — concordou Mariana, vaga. — E desviados.

— *Certo...* — disse Caroline, temendo o que viria a seguir. — Bom, acho melhor irmos andando. Amanhã vamos jantar, aí botamos o papo em dia...

— Mas eu acabei de reencontrar a Mari! — Paulo riu, sem entender nada.

No silêncio que se seguiu, era possível ouvir um vozerio inflamado vindo da sala, algo bem parecido com uma pregação. Caroline imaginou se era Rodrigo que falava.

— Mas é claro que não quero atrapalhar, se vocês estiverem ocupados — acrescentou ele.

— Na verdade, já fiz minha parte. Meu esposo está conversando com os mais novos agora — respondeu Mariana, e uma sombra fugaz nublou seus olhos. — Aliás, tenho algumas coisas de vocês no quartinho da bagunça. Seria bom se as levassem embora. Estão aqui desde aquela tarde em que o Manson sumiu, quando vimos *Mogli*...

— Uau! — exclamou Paulo, parecendo emocionado. — Eu me lembro bem daquela tarde. Talvez seja por isso que *Mogli* seja um dos meus desenhos favoritos. Ele marcou uma das últimas vezes em que estivemos juntos.

O olhar desconfiado de Mariana procurou o de Caroline. Era como se ela perguntasse: “Ele está falando sério?” Se as duas agora sabiam que o pequeno Paulo não havia morrido, no mínimo eram as responsáveis por um evento traumático na juventude dele. Caroline deu de ombros. Mariana assentiu, devagar.

— Certo... Podem entrar, então — disse ela, empurrando o portão. — E não reparem na bagunça. O quartinho dos fundos está pior do que naquela época.

Paulo pediu licença e entrou, seguido de Caroline. Mariana aproveitou para lançar outro olhar de esguelha cheio de dúvidas para a ex-melhor amiga, que, desta vez, optou por ignorá-la e deixar que as

dúvidas fossem sanadas conforme conversassem. Se o seu Douglas estivesse por ali, é muito provável que as aconselhasse com as palavras de um sábio bardo com nome de origem grega que ele muito admirava: “Deixa acontecer naturalmente.”

— Seu nariz tá vermelho — disse Mari, fechando o portão.

— Eu sei. Posso usar seu banheiro?

— Você lembra onde é?

— Lembro.

— Se o trinco não funcionar, empurra para dentro e para baixo.

— Beleza.

Fazendo algum comentário sobre a cerca elétrica, Mariana e Paulo seguiram pelo corredor estreito ao lado da sala, onde o pessoal da igreja estava reunido. Os sofás foram arrastados para abrir espaço. Caroline entrou na casa, tentando não fazer barulho, mas as pessoas estavam em círculo, de mãos dadas e olhos fechados. Pé ante pé, sentindo que não deveria estar ali, reparou que a grande maioria era de adolescentes. Apenas uma ou outra pessoa aparentava ter mais de quarenta anos — provavelmente os pais. No epicentro do círculo, havia quatro indivíduos: o mais velho com certeza era Rodrigo, bradando a plenos pulmões, de camisa de manga comprida e gravata mesmo naquele calor. Transpirava, levando a mão à cabeça dos jovens. De algum modo, era como se todos ali estivessem falando em línguas desconhecidas.

No caminho até o banheiro, entre os silvos de todas aquelas pessoas, Caroline sentia estar próxima de um tanque de serpentes.

— Eu vejo tanta água revolta, tanta tempestade! Limpa e cura a mente desses jovens, Senhor!

Ela se lembrou de Indiana Jones e de como ele tinha medo de cobras. A cena do vagão de trem abarrotado de criaturas emboladas foi decisiva para ela nunca mais chegar perto de qualquer coisa relacionada a Harrison Ford simplesmente pela associação que sua mente fizera entre o ator e víboras. A mente dela percorria o mesmo caminho quando ouvia o chiado de uma panela de pressão, e era por causa disso que Caroline não fazia feijão em casa.

— ... e para cada dia que esses abençoados se mantiverem longe da tentação, meu Pai, eles vão fazer um culto de ações de graça — dizia Rodrigo, de olhos fechados, o discurso inflamado. — Hoje, vocês veem minha esposa, a pastora Mariana, escutam ela lendo a palavra do Gênese ao Apocalipse, ensaiam com ela, aprendem com ela! Amanhã, serão vocês no altar, falando sobre a vitória contra o demônio, contra o

espírito que influencia homens a cobiçarem homens, mulheres a cobiçarem mulheres...

Caroline apertou o passo rumo ao banheiro, e se trancou lá dentro, ofegante. Eles usavam a casa de Douglas e Virgínia para *aquilo*? Escutou os adolescentes murmurarem um “amém” enquanto as pessoas do círculo continuavam a falar em línguas indistinguíveis. Em alguns segundos, o pastor começou a fazer o mesmo, mas com toda a potência das suas cordas vocais treinadas. Havia algo de errado ali. Uma náusea tomou Caroline, que, por um segundo, ficou curvada sobre o vaso com a tampa aberta, achando que iria vomitar. Sua pressão caiu, como quando encarava alguma figura ofidica.

Demorou um tempo para ela se sentir melhor, e só então conseguiu se sentar no vaso — na beirada do assento, com as mãos tampando os ouvidos, e com o medo de sempre de que uma serpente pudesse subir pelo cano. Limpou-se com pressa, pensando que aquele discurso de Rodrigo fazia bastante sentido quando se analisava a pessoa em que Mariana havia se transformado. Lembrou-se da fita que ela tinha lhe entregado, e que aquilo não teria ido embora de uma hora para a outra apenas porque ela, Caroline, não havia correspondido o sentimento.

Tentou sair do banheiro e a porta não abria, conforme o aviso de Mariana. Empurrou o trinco para dentro e a pressionou um pouco para baixo

para dentro e para baixo para dentro e para baixo para dentro e

e sentiu uma tontura, mais uma vez parecida com uma queda de pressão, talvez por ter se levantado rápido do vaso. Aguardou até se recuperar, com pensamentos e recordações aleatórias demais surgindo na cabeça

Eu vi uma capela toda dourada...

e então tentou de novo o truque até a porta abrir...

... onde ninguém ousava entrar

passando o mais rápido possível pela sala, sentindo que estava por um triz de sua pressão cair barranco abaixo pela terceira vez.

Respirou fundo antes de reencontrar Mariana e Paulo, já na porta do quartinho dos fundos, um cômodo de tamanho suficiente para que Caroline morasse nele. “Melhor que o meu apartamento”, pensou, reparando que do assunto “cerca elétrica”, eles haviam saltado para como Paulo herdara a mansão dos antigos patrões da mãe.

— Foi um pedido que ela fez para eles, no leito de morte. Que eles não me abandonassem, que me dessem condições de seguir em frente — contou ele, tentando resumir tudo ao ver Caroline se aproximando. — Em consideração aos anos de serviço dela e por todo o comprometimento, eles continuaram cuidando de mim. Na hora de passar a escritura do lugar para o meu nome, nem pensaram duas vezes. Eles financiaram todos os meus estudos, antes mesmo de eu começar a trabalhar. Me tornei uma pessoa privilegiada da noite para o dia, e tenho noção disso. Como os dois não tiveram filhos e se separaram das famílias durante a guerra... Até por isso uso o Heinz deles na minha carreira. É a minha forma de agradecimento.

— Sinto muito pela sua mãe — disse Mariana, olhando para a amiga e então abrindo a porta do quarto. — Como falei, não reparem na bagunça.

Os dois entraram, e Caroline se surpreendeu com o fato de o lugar não ter o cheiro típico de coisa velha.

— Bom, é mais organizado que a minha casa — comentou Caroline, reparando que as coisas estavam empilhadas nos cantos, muitos eletrônicos espalhados aqui e ali, mas nada muito ruim. Havia também uma cama de solteiro desarrumada. Alguém estava dormindo ali. — Não quer alugar, não?

— Você moraria na Barra do Sahy? — perguntou Mariana, descrente.

— Quem eu quero enganar, né? — Caroline deu de ombros, notando uma caixa de All Star repleta de fitas cassete. Lembrava-se dela. Ao lado, um walkman amarelo-ovo do tamanho de um tijolo baiano. — Ei, eu me lembro disso! Eu tinha um também, lembra?

— Lembro, claro — disse Mariana, pegando a caixa e tirando-a dali, como se não quisesse que mexessem nela.

Paulo, parecendo deslocado com seu blazer caríssimo dentro daquele quarto um pouco bagunçado, não se deu conta da intenção de Mariana e meteu a mão dentro da caixa, parecendo animado.

— Essas eram as fitas em que você gravava as músicas que curti na rádio — falou, e ergueu uma com o logotipo do Metallica desenhado à

mão de maneira tosca.

Dando um bote, Mariana arrancou a fita da mão dele, enfiando-a de volta na caixa e colocando o walkman sobre ela, como se aquilo fosse a pedra diante da tumba de Lázaro.

— Não são mais aquelas músicas. Eu gravei por cima de todas, e queimei os meus discos e CDs.

Paulo assentiu, procurando outra coisa em que se concentrar. Caroline se lembrou da conversa que teve com os pais da amiga e ficou imaginando que existiram duas Marianas: a que vivera até o dia da ilha e a outra, que assumira seu corpo dali em diante. Então, logo depois, teve noção do erro que estava cometendo: já tinham se passado dezenove anos desde o réveillon de 1999, e Mariana era uma mulher evangélica com um passado indesejável há mais tempo do que fora uma adolescente rebelde de gosto musical nada eclético.

Caroline se sentiu envergonhada por se enganar a respeito da amiga: aquela *era* a verdadeira Mariana. Em razão daquele dia ou não, suas memórias não representavam Mariana como a mulher que ela havia se tornado, com uma vida estabelecida e um propósito claro.

Mariana apoiou a caixa de fitas e o walkman ao lado de um gravador Meu Primeiro Gradiente — que ainda tinha suas cores berrantes bem-conservadas — e foi até uma caixa maior, com as abas dobradas para fora.

— Você deixou isso aqui em casa no dia em que o Manson sumiu — disse ela, pegando a edição de *O príncipe* de dentro da caixa.

Caroline viu de relance o livro *Mate-me por favor*, que Mariana pegara emprestado com Hélio, e uma pochete vermelha, também dele. Provavelmente ela devolveria tudo no jantar do dia seguinte.

— Nossa! — exclamou Paulo, emocionado, olhando para o retrato a óleo com a figura do autor na capa do livro.

Caroline sentiu um aperto no coração, lembrando-se do temporal, do episódio com o pai, da busca pelo cachorro.

— Eu me lembro bem daquele dia. Me lembro depois de ter ficado curioso com o livro e de ter pedido emprestado para o seu Magnus e a dona Helga, mas o deles estava em alemão — acrescentou Paulo.

— Bom, você podia ter vindo aqui — disse Mariana, cruzando os braços. — Aí descobriríamos que você... não estava morto?

Paulo olhou para ela, confuso, mas parecia interpretar o “morto” como figura de linguagem. Caroline ficou desconfortável, e algo dentro dela se agitava, achando que aquela não era a melhor forma de abordar

o assunto. Mariana permaneceu firme, fitando o rapaz. O sorriso dele se abriu de repente, espantando o mal-estar.

— Depois acabei aprendendo alemão e li o exemplar deles. Não foi perda de tempo, afinal. — Ele ergueu o livro, com a capa voltada para as amigas. — Vocês não acham que a proporção da cabeça em relação ao corpo nessa pintura é bizarra?

Mariana não soube o que dizer, provavelmente porque não esperava aquilo. Caroline se apressou em deixar a situação menos estranha.

— Realmente. A cabeça é muito pequena.

— Não é? — disse ele, feliz com a concordância. — Ou então Maquiavel estava bem agasalhado no dia em que posou. Santi di Tito, o pintor. Nasceu no mesmo mês que você, Carol. Dezembro, só uns quinhentos anos antes.

— Olha só, outro sagitariano sem noção — brincou Caroline, notando que os olhos de Mariana iam dela para Paulo, como em uma partida de tênis.

— Bom, há controvérsias. — Ele baixou o livro, encostando-se na parede ao lado da janela do quatinho. — Tem uma tese de uns americanos que diz que os antigos babilônios se basearam em um céu que “mudou” com o tempo, e que não consideraram uma décima terceira constelação. Foi excluída da brincadeira, coitada. Assim, existiria uma reorganização dos signos.

— E um aumento de salário para os astrólogos de jornais, espero — falou Caroline. — Mas qual é a parte da controvérsia? Eu seria Capricórnio?

— Você é do dia 17, não é? Na verdade, assim como Santi di Tito, que era do dia 5 de dezembro, você seria desse novo signo.

— Ok. Mas qual? — perguntou ela, com a típica curiosidade morna de quem não liga para esse tipo de coisa e se espantava que Paulo soubesse tanto.

— Você é de...

— Serpentário — completou Mariana, arrancando a palavra da ponta da língua dele.

Caroline ficou desconfortável de repente. O livro de Paulo, dentro da sacola, pareceu mais pesado do que segundos atrás. Ela pigarreou, sem coragem de encarar qualquer um deles nos olhos e encontrar algo que não gostaria de ver, como pupilas em fendas verticais. Cada momento naquela cidade, com aquelas pessoas, tentando resgatar as memórias

daquele dia, a deixava mais sensível aos gatilhos, que faziam com que a parte assustadoramente criativa de sua mente aflorasse sem sobreaviso.

— Estranho. Acho que não me acostumaria com isso — disse Caroline, olhando para o chão.

Mesmo sem encarar Mariana, sabia que ela estava emburrada, por causa da postura que a aproximava um pouco da garota de quatorze anos, ainda que os cabelos alisados e presos num coque tentassem dissuadir Caroline do contrário.

— Você é de que dia mesmo? — perguntou.

— De 18 de junho. Mas não acredito nessas coisas — respondeu Mariana.

— Ah. — Caroline deixou escapar, sem graça, tentando não quebrar o barato do amigo. — E você, Paulinho?

— Sou de 4 de dezembro. Um dia antes de Tito di Santi... Descobri quando estava procurando famosos que nasceram perto do dia do meu aniversário.

Aquilo foi um choque para Caroline, que ficou embasbacada.

— Espera, você faz aniversário no dia 4 de dezembro e nunca falou isso para a gente?

Paulo deu de ombros.

— Vocês nunca perguntaram. E eu era tímido demais para falar.

Caroline olhou para Mariana, a expressão de incômodo da amiga desmoronando e se transformando em arrependimento, remorso. Se antes estava afetada pela perspectiva de ser *serpentário*, agora se sentia mal por se dar conta de algo que talvez fosse real, que não tinha simplesmente tomando sua mente de assalto com alucinações...

Eles não haviam falhado com Paulo apenas na ilha, pelo jeito. O garoto já havia sido abandonado antes, uma vez que nenhum dos três se importava de verdade com a vida dele. Manter alguém por perto era fácil, muitas vezes algo feito de modo automático. Caroline imaginava, buscava exemplos em sua mente para ter provas para si mesma, mas só conseguia chegar a uma pergunta: algum dia ela havia se importado com aquele menino pobre vivendo à margem daquelas vidas ricas ou ele era apenas uma mascote?

Quando estava a ponto de bater com a própria testa na parede ao constatar aquilo, a porta do quatinho se abriu com força. Caroline se assustou com a víbora em posição de bote na soleira, a cabeça a centímetros da madeira do batente. Ela silvou, irritada, a boca escancarada em seus assustadores 150 graus. Caroline, que não

dispunha de nenhum travesseiro naquele momento, afundou as unhas na pele delicada da palma da mão esquerda. Estreitou os olhos com a mesma intensidade, mas eles não sangraram como a carne.

Quando deu por si, havia um homem no lugar da víbora. Caso tivesse prestado atenção, notaria que as orações em diversas línguas haviam cessado na sala.

— Mariana! Por que você não... — gritou Rodrigo, surpreso ao ver aquele estranho que lhe sorria com uma surpresa simpática e que ficava tão melhor que ele em um terno. Os olhos do pastor passaram de Paulo para Caroline, e praticamente a ignoraram antes de voltar para a esposa, furiosos. — Quem é esse homem?

— Meu bem, eu não quis interromper a sua...

— Eu já falei que não quero pessoas de fora pisando nesta casa, Mariana.

— Este é Paulo Heinz, Rodrigo — apresentou Mariana, pronunciando cada sílaba do nome com ênfase e lançando um olhar significativo para o sujeito nervosinho.

Não teria como Caroline desgostar mais de uma pessoa à primeira vista. Ou segunda, se ela contasse a sua ida sorrateira ao banheiro da casa.

— Lembra? O consultor de investimentos, aquele do método VIPer... — continuou ela.

Rodrigo abriu a boca em um “aaah” mudo, os olhos alternando entre raiva e confusão. Caroline não pôde deixar de imaginar por que Mariana teria falado sobre Paulo ao marido. Pelo que ela havia visto, eles não podiam ser de mundos mais diferentes. Quanto ela contara sobre a infância, sobre a adolescência?

Paulo desencostou da parede, indo de maneira decidida até o sujeito, a mão direita estendida e cumprimentando-o com vigor.

— É um prazer conhecê-lo, pastor Rodrigo. Você faz um excelente trabalho como administrador. Tenho acompanhado com interesse e gostaria muito de sugerir maneiras de sua congregação prosperar ainda mais no atual momento do país.

Rodrigo o abraçou como se ele pertencesse à sua igreja.

[...] o ritual não poderia ser interrompido. O malacatifa, como era chamado o sacerdote da Irmandade da Serpente de Bronze, havia começado a discursar com furor profético, deixando claro através da fala alucinada que agora estava a poucos passos de tornar os seus filhos os detentores da única verdade aceita.

As tochas iam sendo acesas por outras pessoas de capuz conforme o crepúsculo escurecia os tons do céu. Tingindo de colorado as paredes brancas da mansão ao fundo e criando um ambiente impressionante, o brilho do sol vermelho refletia no bronze dos postes e das serpentes esculpidas neles, fazendo referências a coisas que muitos ali não captariam, pois nem todos que conheciam teatro entendiam da Bíblia. A educação de Alice e a casa onde fora criada eram exemplos saudáveis de como a arte e o cristianismo poderiam andar juntos – mesmo que fosse o último refúgio de convívio pacífico entre as duas coisas. Ela entendia a revolta das pessoas com as instituições religiosas que estavam transformando a vida do artista brasileiro no inferno que tanto alardeavam. Mas também sabia que era possível ser cristã e ser contra a corrupção em nome de Deus.

Amarradas aos postes, as pessoas nuas se contorciam. Por mais que fossem atores e atrizes, era perturbador. O fato de estarem ali, à beira-mar, nos jardins daquela casa cedida para a apresentação, participando de uma peça que já havia sido alvo de tantos – como sua mãe

costumava dizer – “atos terroristas com patrocínio federal e respaldo presidencial”, já fazia com que todos eles sentissem um pouco do que era estar no campo de visão dos encapuzados, à luz das tochas e dos “bons costumes”. A compulsão do cidadão de bem que amarrava suspeitos em postes já deveria ter sido erradicada, da mesma forma que a peste bubônica e outras doenças do passado.

As falas do ator que interpretava o malacatifa eram citações integrais do discurso da figura real retratada. Todo o ódio estava ali, replicado da forma que havia sido documentada. Alice olhou em volta, imaginando se era necessário reviver tim-tim por tim-tim toda a maldade, mas aguardaria o fim da peça para tirar as próprias conclusões. Até aquele momento, estava gostando da montagem de guerrilha de *A verdadeira função dos monarcas*, mas achava que havia outras formas de protesto com as quais se identificava mais – porém, é claro, isso não invalidava o que aqueles atores estavam fazendo, muito pelo contrário. Era apenas uma questão de gosto pessoal. Ela se colocava no lugar deles, que primeiro viram as verbas serem cortadas para qualquer lei de fomento à cultura, degradando aos poucos universidades e teatros, para, enfim, tornarem a “manifestação de opinião de viés ideológico” um crime. Mesmo como crime, o teatro encontrava uma maneira de continuar existindo.

Alice procurou nos olhos dos espectadores indícios do que estavam achando. Viu gente

séria, compenetrada, chorando e chorando demais – estas, ela imaginava, tinham alguma relação pessoal com os temas, fosse por familiares perdidos para atos criminosos do governo ou outros inúmeros casos de violência física ou psicológica causadas desde a dissolução dos três poderes. O alerta de risco, evidenciando temas sensíveis, era sempre divulgado na venda dos ingressos (isso quando a peça ainda não havia sido proibida) e fora por inúmeras vezes relembrado antes da apresentação.

Até ali, tudo bem, considerava Alice, segundos antes de avistar um rapaz irrequieto a alguns passos à sua direita. Ele não parecia prestar atenção na peça, não parava de coçar o nariz e de passar a mão pelo cabelo curto, de corte em um formato quadrado. Usava botas, mesmo sabendo que a apresentação seria na areia da praia. Sua jaqueta também não condizia com a temperatura, apesar do vento do final de tarde soprar por entre a plateia.

Aproveitando que todos assistiam de pé, que era a ideia inicial do diretor, Alice foi se locomovendo devagar para perto do sujeito, permanecendo fora do campo de visão dele. Não que estivesse desconfiada, mas o rapaz não parecia nem um pouco interessado no desenrolar da peça. Tentou identificar uma namorada, um namorado, um amigo ou qualquer coisa que justificasse sua presença. Talvez ele fosse alguém que aceitava convites de “Vem comigo! Vai ser proibido, mas vai ser legal!”, e, no final

das contas, não era muito uma pessoa de teatro e performances.

Talvez estivesse nervoso pelo teor subversivo da coisa toda. E uma voz junto a seu ombro sussurrou: “Botas. Cabelo quadrado. Sem companhia aparente. Não podemos julgar, mas não podemos deixar de observar.”

Ela odiava aquela frase, mas, naquele contexto, fazia todo o sentido.

Alice já estava a uma curta distância do rapaz irrequieto. Ele tirou a mão do bolso da jaqueta para coçar a nuca outra vez, e ela pôde notar cicatrizes em seu pulso e feridas nos nós dos dedos. Não poderiam deixar de observar *mesmo*, e nesse momento o público explodiu em uma inesperada crise de riso.

Um vira-lata de pelo amarelo invadiu o palco, completamente alheio à magia cênica ao redor. Os atores, no ápice de um momento dramático, não ignoraram o cachorro, pois seria impossível. Ele parou ao lado do malacatifa, cheirou suas longas vestes sacerdotais e, então, começou a se coçar e a lambar suas próprias partes. Mais risadas, inclusive de Alice. O ator, ótimo no improviso e fazendo Brecht aplaudir de pé fosse lá onde estivesse, passou a discursar de forma pomposa para o cachorro, que apenas o observou com a língua de fora, sem entender uma palavra do que era dito, mas completamente atento ao encapuzado. Quando o cão resolveu que já tinha se cansado do falatório, foi mijar na base de uma das hastes de bronze, e aí nem o ator

amarrado no poste resistiu e caiu na gargalhada. O bichinho terminou suas necessidades, deu as costas ao malacatifa e se misturou à plateia, vindo na direção de Alice, que se sentia bem mais leve após aquela intervenção animal.

Então, a quarta parede, que já havia sido rompida, explodiu.

Uma rajada de tiros foi disparada. O sujeito nervoso encobria o rosto com um capuz, idêntico ao que os atores usavam, e um de seus braços estava erguido sobre a cabeça, segurando uma submetralhadora MP5. Muitos taparam os ouvidos, mas poucos correram de seus lugares. Tudo parecia parte da encenação, bruta e crua como toda a peça antes de o cachorro clamar os holofotes.

Alice sabia que não era, e sacou a [...]





-6
VENHA A MIM

ANOS ANTES

Na noite anterior, Caroline dormiu vencida pelo cansaço. Seu corpo doía por ter andado pela faixa de areia de cabo a rabo tantas vezes. A coluna pedia arrego, assim como os olhos, inchados de tanto chorar após um dia de buscas infrutíferas por Manson.

Quando o sono veio, foi como um cruzado de direita. Caroline só percebeu que tinha dormido torta como o esqueleto fossilizado de um velociraptor quando o irmão esmurrou a porta com toda a habitual falta de tato.

— O caixara está chamando você lá fora.

Seus sentidos foram voltando aos poucos, ainda bem embaralhados. Sentiu o cheiro de comida vindo da cozinha e percebeu que já era quase hora do almoço. Em outras condições, Amadeus nunca a teria deixado dormir até tão tarde, mas haviam dois fatores decisivos em toda a permissividade daquele dia: era 31 de dezembro e seu pai apontara uma faca para ela no dia anterior.

Foi até o portão, onde Paulo estava inquieto.

— Carol, vem logo! A gente tem que ir até a praia!

— Calma. Acabei de acordar — disse ela, travando o maxilar para segurar um bocejo, os olhos embaçados de lágrimas. — Eu queria continuar procurando o Manson, mas chama o pessoal pra ir com você. Agradeço demais a ajuda ontem e...

— Não é isso! — disse Paulo, interrompendo a amiga, coisa que nunca fazia. — Eu vi o Manson lá na Baleia!

— Como assim? Ele foi até lá atrás de você?

— Não! Eu estava ajudando o Neves, que é o jardineiro do seu Magnus. Ele estava podando o jardim que dá vista para o mar, quando vi um cara em uma canoa velha com um cachorro na proa, latindo sem parar... e era o latido do Manson.

— Paulinho...

— Eu juro!

— ... não tem como você ter certeza.

— E ele parecia o bêbado de ontem. O mesmo que falou que tinham levado o Manson para as ilhas, quando você deu as costas.

Aquilo afetou Caroline de uma maneira inesperada, e ela não conseguiu rebater.

— Dei as costas porque ele só estava falando merda.

— Naquele momento, eu também achei. Mas agora...

Caroline ponderou um pouco, olhando para o amigo. Ele não tinha o costume de mentir, e muito menos de tomar a iniciativa nas coisas. Sempre seguia os três mais velhos e poucas vezes pedia com tanto ímpeto, sobretudo quando ela seria a maior beneficiada.

— Vou avisar a minha mãe que vou almoçar com vocês.

Ela correu para dentro e trocou o pijama por um short jeans, uma blusinha e uma camisa de flanela. Depois, avisou Lisete que almoçaria na casa de Mariana, rezando para que Virgínia e Douglas não falassem com a mãe durante aquela saída. Como cada um estava preparando a ceia de réveillon à sua própria maneira, achou que seria difícil eles se falarem nas próximas horas.

— Ok — disse Caroline, trancando o portão ao sair e olhando para Paulo. — Vamos chamar o Hélio e a Mari, caso eles queiram ir?

— Já avisei quando estava vindo para cá — respondeu ele, apertando o passo. — Os dois estão esperando a gente na praia.

— Mas a gente vai até a Baleia?

— Não, eles estão no canto do rio daqui da Barra.

Dito e feito, encontraram Hélio e Mariana com os pés dentro da água doce, segurando os chinelos nas mãos. Pareciam estar discutindo alguma coisa quando viram Paulo e Caroline se aproximando. Ambos acenaram, parecendo aliviados em interromper seja lá o que fosse.

— Falei para minha mãe que ia almoçar na sua casa — disse Caroline para Mariana, que fez uma careta.

— E eu falei para o meu pai que almoçaria na casa do Hélio.

— E eu avisei para o meu pai que ia sair para usar drogas, e ele respondeu: “Vai nessa, filhão.” Já estava bêbado de novo.

— Bom, se alguém perguntar, fomos todos usar drogas com o Hélio — disse Mariana, suspirando e olhando ao redor, procurando por algum pescador.

Contudo, o rio estava repleto de crianças brincando, provavelmente os filhos dos mesmos pescadores que eles procuravam.

— Estamos indo mesmo para a Ilha das Couves? Tem certeza disso, Paulo?

— O barquinho que eu vi não pode ter ido muito longe, era uma canoa bem velha — disse ele, decidido. — Não custa nada tentar.

Quando enfim encontraram um pescador voltando, contornando as pedras que separavam a Barra do Sahy da Praia da Baleia, perguntaram se ele poderia levá-los e o homem os lembrou que o transporte custaria alguma coisa, sim.

— Merda, eu estou liso. Deixei a minha pochete na casa da Mari ontem — reclamou Hélio.

— Depois você pega. O livro do Paulinho está lá também. Eu tenho vinte contos aqui no bolso.

— Vim sem nada também, merda. — Caroline bateu na própria testa.

Paulinho revirava os bolsos da bermuda e acabou encontrando duas moedas.

— Tenho R\$1,25...

O pescador infelizmente não se animou com o trabalho de traslado até a Ilha das Couves por apenas R\$21,25 e deixou-os à beira do rio com um “passar bem”, seguido por um ruidoso som de reprovação.

— Galera, não dá para ir nadando — disse Mariana, irritada.

Hélio estufou o peito.

— Olha, eu até consigo, mas vocês...

— Vai tomar no cu, Hélio. O que a gente vai fazer, Carol?

— Não sei, Mari.

— Gente — disse Paulo, com a voz trêmula.

Ele apontava para o mar, bem próximo à faixa de areia, onde uma canoa rústica brigava com a arrebentação. Um índio, nu e de olhos vendados, aguardava de pé com um remo, o rosto voltado na direção deles. Hélio fez um barulho parecido com um soluço.

— Puta que pariu!

— Ele está... esperando pela gente? — perguntou Caroline, a voz vacilando.

Mariana se exasperou, segurando o braço da amiga.

— Você está louca se a gente vai entrar em um barco que parece feito de papel machê com um homem pelado, ainda por cima!

— E cego — falou Hélio. — Acho que ele é cego.

— Foda-se que ele é cego, o homem está com o pau de fora! — gritou Mariana, sem acreditar nas prioridades do garoto.

Caroline se virou para Paulo, o único que parecia controlado naquela situação, apenas para descobrir que ele já não estava mais ao seu lado.

O garoto entrou no mar e logo a água atingiu sua cintura. Com passos obstinados, foi na direção da canoa e chegou a ficar submerso até

o peito. Por duas vezes, antes de chegar à embarcação, ele submergiu para escapar das ondas e não ser jogado de volta na areia. Por fim, estendeu a mão para o índio, que, mesmo com os olhos vendados, esticou a mão livre do remo e pegou as duas moedas de Paulo.

— Tem R\$1,25 aí, moço. É tudo o que eu tenho.

O índio não pareceu achar aquilo nem bom, nem ruim. Engoliu as duas moedas, como se fossem aspirinas (“Moço, você vai engasgar!”), e, em seguida, esticou o remo para que Paulo segurasse nele e subisse na canoa.

— Paulo! — gritou Caroline, alarmada.

Ele olhou para o grupo, lado a lado, no limite da água com a areia, todos aflitos.

— Eu vou lá pegar o Manson. Vocês podem ficar, me esperem aqui!

Caroline não esperou nem mais um segundo para entrar no mar, quase tropeçando logo de cara. Mariana e Hélio se entreolharam, indignados, até que a garota seguiu a amiga, ainda que hesitante.

— Mari! — gritou Hélio, sem acreditar no desenrolar daquilo tudo.

Ainda não muito longe, Mariana o encarou com gravidade.

— Caso ele tente alguma coisa, não vai ser melhor se você estiver por lá para defender a gente?

O ego de Hélio entendeu aquele pedido de socorro de uma donzela e impeliu o corpo de adolescente atlético adiante, antes que ele pudesse responder qualquer coisa.

Assim, os quatro subiram naquela canoa velha, torcendo para que ela não virasse, torcendo para que o homem com o remo não fosse um maníaco e para que subesse aonde estava indo.

HOJE

Rodrigo estava bastante empolgado em conversar com Paulo Heinz, tanto que, após quase cinco minutos sem dirigir a palavra para Caroline, o próprio empresário e autor interrompeu o pastor com delicadeza para apresentá-la.

— Ah, me desculpe! É que o dia foi tão corrido, estou completamente aéreo — falou o marido de Mariana, estendendo a mão para Caroline. E então perguntou para Paulo: — É sua esposa?

— Não, não sou — respondeu Caroline, sem soltar o aperto de mão e com o sorriso mais amarelo do mundo. — Sou amiga da sua esposa e de Paulo, na verdade. Crescemos juntos, né, Mari?

— Claro. Acho que ela, hã, já comentou sobre você — falou Rodrigo de forma vaga, voltando a atenção para o outro homem. — Então, onde estávamos? Ah, é! Sobre o encontro de empresários...

— Não é exatamente um encontro de empresários — corrigiu Paulo com delicadeza, pedindo desculpas para Caroline com um olhar fugaz antes de retomar a conversa de negócios. — Quero dizer, é um encontro repleto de empresários, mas a ideia é unir pessoas com propósitos parecidos, ONGs e empresas com iniciativas sociais, para discutir saídas nesses momentos de crise e criar laços. O meu papel é estreitar o relacionamento entre essas diversas lideranças. A VIPer vai oferecer consultoria e aconselhamento fiscal, por assim dizer, a todos os participantes.

Os olhos de Rodrigo brilharam com aquelas palavras mágicas: *aconselhamento fiscal*.

— Que ideia maravilhosa, abençoado.

— Bom, se você achar que a ONG da sua igreja tem a ver com isso, ficarei feliz em recebê-los — disse Paulo. — Sua assembleia oferece acompanhamento psicológico para jovens, pelo que entendi.

— Ah, sim. Quando vocês chegaram, eu estava terminando uma das sessões conjuntas, na qual Mariana também atua — disse ele, enlaçando a esposa pela cintura e puxando-a para perto. De braços cruzados, ela se aproximou com a mesma mobilidade de uma bicicleta de rodas travadas. — Coloco os jovens, as famílias e os amigos da comunidade que formamos para confrontar seus medos, traumas, desvios...

— Que ótimo. Como o quê, por exemplo? — perguntou Paulo, interessado.

Caroline não sabia se o amigo estava caindo naquele papo ou se realmente era muito bom em obter informação e confiança. Achava que estava mais para a segunda opção. No entanto, ela observou Rodrigo e Mariana trocarem um olhar inseguro. Não parecia que ele estava muito acostumado a falar sobre aquela parte de sua vida como líder religioso.

— Ah, você sabe. Os jovens estão cada vez mais sem bons exemplos em casa, em famílias destroçadas pela crise dos últimos governos, pela propaganda enganosa na televisão... É muito fácil eles trilharem o caminho da tentação, sabe?

Caroline lutava para não deixar transparecer seus sentimentos, mas, por dentro, se admirava em como Rodrigo poderia ser ambíguo. Ela sabia exatamente que tipo de “ajuda” ele dava aos jovens. Porém, como o pastor não sabia que tipo de pessoa Paulo era — além de rico — estava sendo cauteloso e dizendo coisas de senso comum. Se percebesse que Paulo parecia interessado e concordava com as diretrizes, logo surgiriam pautas *sérias* nas quais a igreja se engajava com muito afinco, como a luta contra as terríveis mulheres que se trajam de forma inapropriada com o intuito de provocar os piores instintos nos homens de bem e a doutrinação sexual por trás da distribuição de preservativos gratuitos em postos de saúde.

— ... enfim, acho que o acompanhamento de uma rede de apoio se faz necessário para essas pobres almas. Somos todos filhos de Deus, até mesmo as ovelhas desgarradas que, muitas vezes, se esquecem disso.

— É uma ideia interessante, pastor...

— Por favor, me chame de Rodrigo!

— Pois então, Rodrigo — falou Paulo, com interesse no olhar.

Era o tipo de atenção verdadeira que uma pessoa dedicava a outra, como Caroline poucas vezes via em conversas. Seu maior exemplo nesse sentido era Jô Soares entrevistando alguém, estreitando os olhos e quase mergulhando nas respostas do convidado. Paulo continuou, com Rodrigo também destinando um olhar fixo às suas palavras. Praticamente como Mogli hipnotizado pela canção de Kaa.

— Valorizo demais o acompanhamento terapêutico por profissionais, acho um trabalho de muita responsabilidade e de verdadeira entrega à sociedade — continuou. — Digo isso porque, para exercer essa função de *coach*, me formei em psicologia em Stanford... Queria ter cursado

Harvard, mas ali eu ficava mais perto do Vale do Silício. Achei melhor unir o útil ao rentável!

Rodrigo e Paulo explodiram em uma risada que parecia ter sido acionada por um botão. Mariana e Caroline se entreolharam com um traço fugaz da cumplicidade da adolescência. Os dois homens pararam de rir quase ao mesmo tempo, então Paulo falou:

— Bom, digo isso porque devo estar certo em supor que, além de teologia, a sua formação também tenha sido na área de saúde pública ou mental, não?

Paulo deixou a pergunta pairando no ar, a interrogação ricocheteando nas paredes do recinto como a animação precária do logotipo de uma velha versão do Windows na tela de descanso. Fosse o comportamento do amigo inocente ou proposital, Caroline nunca sentira tanta satisfação em ver o olhar de uma pessoa encurralada por uma pergunta — ainda que Rodrigo disfarçasse bem. Aparentemente, aquela era uma das habilidades requeridas para seu trabalho.

— Está corretíssimo, meu amigo — respondeu o pastor, o que fez Caroline e até mesmo a esposa dele parecerem encará-lo com certa surpresa.

Paulo continuou com o mesmo brilho no olhar ao ouvir a resposta, talvez até mais alegre.

— Que ótimo! Foi em São Paulo mesmo? Por qual instituição?

— Veja bem, irmão — disse o homem, após soltar o riso de um jogador de dominó que ganhava a terceira partida seguida. — Diferente do mestre secular, que precisa ir a uma universidade para se formar e fazer um mestrado, todo aquele que é dedicado ao ensino bíblico e à palavra de Deus pode ser chamado de mestre. A vida que o Senhor preparou pra mim — Rodrigo fez uma pausa estratégica, apontando para o teto mofado do quatinho — foi a melhor formação que eu poderia ter tido.

Um pouco boquiaberta, Caroline olhou para a amiga, que evitou retribuir o olhar. Paulo continuava apenas sorrisos, assentindo.

— E eu admiro muito os autodidatas, sobretudo quando têm propósitos claros na vida. Não vou lembrar exatamente o versículo, mas sei que é do livro de Efésios, e diz que Ele designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres. Me corrija se eu estiver errado, por favor!

— Ah, meu amigo! Não tenho nada a corrigir — disse Rodrigo, batendo uma palma solitária. — Efésios, capítulo 4, versículo 11. Que

alegria ver que você conhece as Escrituras! Ficarei feliz em recebê-lo na nossa matriz para algum encontro com jovens, falar sobre empreendedorismo com Deus à frente, me entende?

— Será um prazer — respondeu Paulo, tirando o celular do bolso e olhando as horas. — Nossa, como está tarde! Preciso ir para casa, ainda tenho alguns e-mails importantes para responder. E não quero atrapalhar vocês também, lógico.

— Meu amigo, pode ficar quanto quiser! Mariana pode preparar algo para você beber — disse Rodrigo, como se ainda fosse três da tarde. Paulo declinou com simpatia.

— De maneira alguma, amanhã é dia 31, e todo mundo já tem muito o que fazer! Aliás, conforme disse para as minhas amigas, darei um jantar lá na minha casa, e ficaria feliz se pudesse se juntar a nós, Rodrigo. Poderíamos falar mais sobre negócios, e também adoraria ouvir as opiniões de Mari, que está tão quieta. Embora imagino que você prefira passar com os seus, de acordo com a sua programação...

— Ah, você está certo, preciso estar presente quase em tempo integral nos louvores de amanhã! Mas minha amada estará com vocês, me representando — respondeu ele com um riso eufórico, segurando a esposa pelos ombros. — E logo no início do ano nos reencontramos para conversar mais. Combinado?

Trocaram um longo abraço cordial, enquanto Caroline mantinha a câimbra facial — que se assemelhava a um sorriso — por todo o tempo em que se despediam. Deu um “tchau” para Mariana, que abraçou brevemente os dois amigos e os acompanhou até o portão junto do marido.

Paulo e Carol olharam de novo para trás antes de chegarem à esquina, vendo que varão e varoa ainda acenavam.

— Sujeito simpático — comentou Paulo, enquanto tomavam o caminho da pousada, cada um com um livro debaixo do braço.

Caroline não sabia o que dizer sobre tudo aquilo, se podia dar sua opinião sincera e negativa sobre tudo que vira e ouvira. Limitou-se a ficar em uma zona segura de comentários.

— Ele nem falou direito comigo, então não sei o que dizer. Mas pareceu feliz com a oportunidade de negociar com você, seja lá o que tenha visto ali. Não imaginava que você conhecesse tão bem a Bíblia...

Paulo ergueu os ombros, olhando para o céu. As estrelas estavam um tanto encobertas pelas nuvens.

— Bom, foi um dos livros que estudei durante todo esse tempo. Muito disso graças ao seu incentivo. — Sorridente, ele ergueu o exemplar de *O príncipe*. — Não sou cristão como Rodrigo, mas não posso negar a influência do cristianismo em todas as coisas que nos cercam.

— Bom, o ano de 2018 e eu não temos como discordar. Você segue alguma religião?

— Não, mas tenho minha espiritualidade.

Por um segundo, pareceu que ele explicaria melhor suas crenças, mas simplesmente parou de caminhar, obrigando a amiga a fazer o mesmo.

— Carol, só para deixar bem claro: da maneira que falei com ele, pode ter parecido que só vejo utilidade em alguém se a pessoa tiver uma “formação acadêmica”... e isso não é verdade. Aquele era o meu “modo negócios” funcionando, falando amenidades.

— Ah, ok — disse Carol, pouco à vontade.

Por mais que aquela época tivesse ficado para trás, ela ainda se sentia um fracasso por não ter conseguido seguir o curso de medicina veterinária. Quando essa onda de arrependimento batia, a mulher chegava até a relativizar as reações reais e nocivas que havia sofrido, pensando que talvez, se tivesse se esforçado, poderia ter continuado com a formação e, assim, acostumado a mente a não enxergar cobras se mexendo em cada jaleco que visse.

“A quem estou querendo enganar?”, pensou ela. “Até ver *Grey’s Anatomy* se tornou perigoso para mim.”

Como se tivesse percebido a tensão na amiga, ele a abraçou. Seu perfume era tão bom que Caroline sentia que deveria pagar só para respirar perto dele.

— Ninguém sabe pelo que a gente passou — disse Paulo, consolando-a. — Somos bem mais do que as promessas que não conseguimos cumprir, entendeu?

Caroline derramou uma lágrima. Já estava sensível por tudo que o dia lhe trouxera, mas aquilo viera bem a calhar. Ela fungou algumas vezes até o abraço se dissolver, e Paulo apontou o caminho com o queixo, para que voltassem a andar.

— E, só para você ficar sabendo, essa sessão de *flash coaching* vai custar os olhos da cara.

Os minutos seguintes, da caminhada até a pousada e depois com Paulo se despedindo dentro do carro de colecionador, foram mais leves. Caroline sentiu que o amigo tinha tirado grande parte do peso de seus ombros, algo que ela sentia desde a noite anterior. Aquilo explicava o

sucesso de Paulo Heinz como homem de negócios, autor e personalidade influente, inclusive quando o assunto não era tão positivo: com todo o seu charme, Caroline só percebera agora que não o questionara sobre aqueles momentos esquisitos na conversa com Rodrigo, envolvendo “aconselhamento fiscal” e outros detalhes mais escusos.

“Mas como eu poderia culpá-lo, depois de tê-lo deixado naquele lugar para morrer?”, pensou.

Antes de dormir, Caroline considerou mandar uma mensagem para Hélio, apenas para verificar se ele ainda estava nervoso e para lhe contar como havia sido o reencontro com Paulo. Mas achou que deveria encerrar o dia com aquele sentimento de leveza.

Ainda que a calma estivesse com as horas contadas.

[...] seja lá o que tivesse transformado o submarino em sucata.

Juntos, voltaram até as pedras, onde foram açoitados pela chuva e pelos respingos das ondas que rebentavam com violência mais abaixo na encosta. No clarão momentâneo entre um relâmpago e outro, enxergavam o restante da carcaça do U-88 despontando do mar, como uma criatura morta havia muito tempo, apenas esperando a podridão completar seu trabalho.

Tanto Franz quanto Wainer sabiam que não durariam muito tempo perto da linha das árvores, no caminho para o coração da ilha. Consideravam a possibilidade de que talvez fossem os últimos sobreviventes. Viram Wanger ser abocanhado no pescoço ao encostar em uma daquelas serpentes amarelas, pensando que era um cipó. Lindemann fora picado ao se abrigarem na caverna e alucinou por cerca de duas horas antes de morrer, dizendo que enxergava crianças ao seu redor. "Canibais! São selvagens, estão aqui para nos devorar!" foi uma das últimas coisas que disse, aos berros, apontando para todos os lados como uma bússola em polo Norte.

— Aproveite para beber a água da chuva! — gritou Franz para o técnico de radar, que parecia apático mesmo com a tempestade batendo em seu nariz.

Estava mais perdido em seus pensamentos do que naquela ilha que não aparecia em nenhum mapa.

— É como Ulthar...

– O que você disse, Wainer? – gritou Franz acima do ruído do mar e do vento.

– *Ulthar!* Só que com cobras em vez de gatos...

– Você não vai começar de novo com isso!

– ... já descartei a possibilidade de ser Carcosa, pois não vejo nenhuma ruína de torres para indicar um passado glorioso ou algo assim...

Franz socou Wainer no queixo, e ele caiu na pedra molhada à beira da ilha. Caso tivesse cambaleado, poderia ter rolado de volta até o submarino lá embaixo – ou o que tinha sobrado dele. No entanto, o golpe saiu fraco, mas não por falta de intenção. Não fosse a ausência de uma alimentação decente no último dia, minando suas forças, sua disposição e sua sanidade, provavelmente o resultado daquele golpe teria sido diferente.

O homem atingido se sentou, devagar. Franz quase se arrependeu do surto ao ver como ele parecia franzino com a farda ensopada colada ao corpo.

– Que inferno, Wainer! De todos que poderiam ter sobrevivido comigo, por que justo você?

O movimento espasmódico dos ombros dele denunciava um riso silencioso, enquanto o sangue que saía do nariz se misturava à água da chuva em seu corpo. Ele não parecia magoado.

– Você não entende... Nós já estamos mortos! Não há como escapar daqui, mesmo que por um

milagre nosso corpo saia dessa ilha.

– Cale essa boca!

– Essa ilha é... como o resquício de um passado antigo demais para os homens recordarem.

– Não, Wainer! É a merda de um pedaço de terra de um país primitivo, quente e subdesenvolvido que deveria ser varrido do mapa!

– Uma hora ou outra, a coisa que destruiu o submarino vai nos encontrar – falou Wainer, ignorando a opinião de Franz. – Além do mais, não estamos mais no Kansas.

– O quê?! Claro que não, aqui é o Brasil! Eu acabei de falar isso!

– Você claramente não tem o hábito de ler, comandante. Mas não faz diferença agora. Tanto eu quanto você poderemos ser os próximos devorados, e não serão patentes nem livros que vão influenciar a fome.

O comandante sentou nas pedras, de frente para o outro. Sentiu-se derrotado. O técnico de radar olhou ao redor, e não parecia ter medo, apenas uma curiosidade mórbida de entender o que era aquele lugar. Franz o encarava com um misto de raiva e temor. Não se sentia mais tão poderoso, blindado por suas insígnias. Em breve, provavelmente começaria a enlouquecer como Wainer, balbuciando sandices.

O jeito era se juntar a ele.

– Por que você falou que já estamos mortos? Aqui é o purgatório? Morremos afogados lá

embaixo?

Wainer o encarou com uma careta.

– Seria muito simples. Não... Nós até podemos sobreviver à ilha... – Ele se aproximou de Franz, para não precisar gritar. – Podemos até sobreviver, mas apenas ver a antiga criatura vai acabar com a gente. Jamais vamos nos esquecer da visão infernal. Aos poucos, ela vai consumir nossa sanidade, um parasita se alimentando de lembranças traumáticas para prolongar a própria existência através dos tempos. Um ser procurando por sua antiga grandeza, de uma época onde não estava isolado dos seus semelhantes.

– Céus... – disse Franz. – Eu queria saber o que você leu para ficar assim, Wainer. Foi Helena Blavatsky? Ou aquele outro russo horrível, Rasputin?

Wainer não respondeu. Sentado de pernas cruzadas, estreitando os olhos por causa da água e do vento que os castigavam, ele encarava as árvores.

– Talvez possamos conversar com o Antigo. Pelo tamanho, eu diria se tratar de Jörmungandr, a serpente do mundo. Vamos fazer um acordo com ela. Trazer o *Führer* para cá. Ele ficaria interessado, já que os símbolos da mitologia nórdica sempre estiveram nas suas realizações. Imagine Hitler com uma estação de guerra como essa, que pode simplesmente surgir no caminho dos inimigos.

– Nada do que você está dizendo faz sentido. Não confunda sua incompetência em não localizar essa ilha com uma obra do oculto – asseverou Franz, forçando-se a acreditar no que dizia.

Sabia que Wainer era um dos melhores técnicos de radar de toda a frota, mas talvez aquela solteirice morando no interior do país, somada a uma casa repleta de livros, fosse adubo para uma mente já [...]





-7-

A CRUZADA DAS CRIANÇAS,



ANOS ANTES

Caroline jamais se esqueceria de que a primeira vez que viu um homem nu fora também a primeira vez que vira um índio.

O barqueiro vendado estava de pé na popa da canoa estreita, e sua visão obstruída não parecia ser uma dificuldade na hora de cortar as ondas e alternar as remadas a bombordo ou estibordo. Os quatro adolescentes ficaram à frente, nervosos, sabendo que estavam extrapolando a desobediência à Lei Maior dos Pais: *Não falem com estranhos*. Caroline, em seu íntimo, tentava se convencer de que não estava quebrando aquela regra, uma vez que o índio não dissera uma palavra para eles.

Hélio tentava ficar em uma posição que ocultava a visão do sujeito, ao mesmo tempo que não parava de olhar para trás, nervoso. Em seus olhos esbugalhados berrava o alarme do adolescente que não gostava de alguém posicionado às suas costas, podendo atacá-lo a qualquer momento.

— Algum sinal do outro barco? — perguntou Caroline, posicionando a mão acima dos olhos, de modo a fazer sombra.

Ela procurava por algo no meio das ondas e nos arredores das ilhas que se aproximavam a cada remada do barqueiro silencioso. Paulo, que se espremia ao lado de Mariana, balançava a cabeça, desolado.

— Ele já deve estar na ilha. Mas não sei qual. Vamos ter que descer e procurar. — Ele se virou para trás, para o barqueiro. — Ei. Você... entende a gente?

O homem continuou quieto, remando. Hélio se virou para trás, xingando baixinho por se deparar com as partes íntimas do homem na altura dos olhos.

— Ô, cara! Ele fez uma pergunta!

— Ser escroto não vai ajudar, Hélio — falou Caroline.

— Mas ele só fica aí sem falar nada!

— Isso responde à sua pergunta, então? — disse Mariana, olhando para o horizonte. — Tem umas nuvens... se formando ali. Entre as duas ilhas, estão vendo?

— Não, não pode ser uma nuvem — comentou Caroline, vendo a fumaça branca que, a cada minuto, parecia estar mais densa. — Deve

ser uma fogueira. Será que estão queimando alguma coisa na beira da Ilha das Couves?

— Deve ser só o Planet Hemp de férias, *rá* — brincou Mariana.

Paulo olhou para ela fazendo bico, parecendo que não tinha entendido. A garota suspirou.

— Maconha, Paulo. Maconha — esclareceu ela.

— É uma fumaça rente à água, como neblina — murmurou Caroline, apertando os olhos.

Foi quando, de repente, os quatro perceberam que a luz do sol não estava mais ofuscante.

— Nuvem — disse Hélio, quase com alívio.

Ninguém ali tinha passado protetor solar. Afinal, aquela era só uma escapulida sem a presença dos pais, e o único adulto ali não estava nem um pouco preocupado com aquilo.

Porém, as nuvens continuaram se acumulando na frente do sol conforme a canoa se aproximava da praia da Ilha das Couves. Cada vez mais densas, mais escuras. As ondas começaram a responder ao humor dos céus, e cada remada do barqueiro se mostrava mais difícil. Se a embarcação avançava uma braçada, recuava duas logo depois, sendo empurrada sempre para a direita da Ilha das Couves.

— Estou ficando com medo — confessou Mariana, agarrada às bordas da canoa.

Paulo segurava com firmeza na parte da frente, mas os olhos estavam fixos na neblina que se formava entre as duas ilhas.

— Vamos voltar! — gritou Hélio para o barqueiro, notando que o balanço ficava cada vez mais agressivo.

O respingo de uma onda com o volume de um balde d'água foi arremessado contra seu rosto, e ele xingou Deus e o mundo depois de tossir alucinadamente e antes de gritar de novo para que o barqueiro desse meia-volta.

No entanto, a verdade é que a água estava tão revolta que a canoa só iria para a direção que a maré ordenasse. Era evidente que o índio estava tentando levá-los em segurança até a areia da Ilha das Couves, com um esforço hercúleo e uma noção de navegação incomum, sendo que ele nem mesmo enxergava ao redor.

Caroline olhou para a distância até lá e se perguntou se conseguiria nadar, caso a canoa virasse. “Não”, respondeu sua voz interior na mesma hora. Ela não era atlética como Hélio ou habituada ao mar como Paulo, que crescera perto dele. Caroline passava parte de seu

tempo livre estudando, lendo, se preparando para o vestibular. Coisas que garantiam um futuro no mercado de trabalho, mas não garantiam um no meio de uma tempestade. Provavelmente, ela e Mari seriam as primeiras a se afogar caso fossem jogadas para fora da canoa, e aquilo era algo difícil de aceitar naquele momento.

Em geral, o mar só ficava revolto na parte de trás das duas ilhas, onde recebia a completa fúria do oceano; porém, a canoa já estava muito à direita da praia da Ilha das Couves, indo na direção das rochas, onde seria difícil desembarcar. Enxergavam a outra ilha em meio à neblina, temendo serem arrastados por entre elas e ficarem à mercê do Atlântico.

— Nós vamos morrer — disse Mariana, batendo os dentes de medo e frio. Sua voz havia saído baixa demais, mas Caroline estava muito perto dela, às suas costas, e a escutou perfeitamente, apesar do estrondo das ondas. Ela virou o pescoço o máximo que pôde na direção da amiga. — Carol? E-eu só queria dizer que...

— Nós não vamos morrer, Mari — retrucou Caroline com a voz rouca. Não que acreditasse piamente no que dizia.

Mariana balançou a cabeça, agitada.

— Eu só queria dizer que nós... eu... d-deveria ter...

— Ali! — gritou Paulo, se inclinando tanto na ponta da canoa que corria o risco de cair na onda seguinte.

Mariana interrompeu seu lamento e agarrou a camiseta do amigo, que apontava para o nevoeiro à frente. Havia uma terceira ilha surgindo do meio da bruma. Partes do arquipélago despontavam no meio da cerração, mostrando uma massa escura de árvores cercada por rochas pontiagudas. A forma ameaçadora crescia conforme o oceano os tragava, como um pedágio antes de poderem passar para alto-mar.

— Aquilo... não deveria estar ali — disse Caroline, incapaz de gritar.

Os outros três pensavam o mesmo, em meio ao perigo da canoa virar. Seria possível que aquela ilha estivesse lá o tempo todo, em um ponto cego? *Algo daquele tamanho?*

Caroline se virou para o barqueiro, e Hélio a imitou. Quando só havia dúvidas e praticamente nenhuma resposta, até alguém em silêncio se tornava uma esperança na ânsia por respostas.

Só que o índio não estava mais remando. E também não estava mais vendado. O remo repousava no chão da canoa, e o homem estava com os olhos expostos, brancos e sem íris. A boca estava aberta, como se ele estivesse ávido por... ar? Água é que não seria, não com toda aquela chuva.

Suas mãos também estavam atadas por cordas, sendo que, segundos atrás, estavam livres. Hélio passou por cima de seu orgulho imbecil e tentou ajudá-lo a desatar os nós, enquanto Caroline gritava para que ele pegasse o remo. Mariana virou o corpo para ver o que os dois estavam fazendo em meio a toda aquela gritaria, e se juntou ao coro ao ver o índio com os pulsos presos e os olhos convulsivos.

A canoa saltou no ar, como quando o pai de Caroline passava por um quebra-molas sem desacelerar. Algo havia batido no casco da embarcação, talvez uma rocha. Hélio precisou desistir de soltar o laço que prendia o barqueiro quando um segundo impacto quase o jogou para fora, forçando-o a segurar-se na borda da canoa.

Paulo, entretanto, era o único que olhava para a água.

— Tem algo bem embaixo da...

Antes que terminasse a frase, a canoa virou, a popa se erguendo bem acima do normal, como um daqueles barcos vikings de parquinhos enferrujados do litoral sul. Caroline registrou o índio fechando as pálpebras um segundo antes de mergulhar por cima de suas cabeças. Hélio a abraçou antes que fossem catapultados para a água, e Mariana teve a presença de espírito de sorver uma grande quantidade de ar antes de também deixar a canoa à força.

Paulo, entretanto, já havia sumido.

HOJE

Caroline passou por aquela noite de sono em diversas etapas. Em todas elas, sonhou com o que presenciara às escondidas na casa de Mariana. Sempre despertava quando o embrulho estomacal que sentira naquele momento ressurgia, então se sentava na cama com a testa suada e o tornozelo ardendo, deitava e se revirava por cerca de meia hora antes de conseguir adormecer de novo — fazendo o sonho recomeçar do início.

Quando amanheceu, estava indisposta e a vontade de viver a abandonara, o que significava que era um dia normal, como qualquer outro. A diferença é que agora não tinha mais emprego e sabia que aquele sentimento sempre a acompanharia, independentemente da condição financeira em que se encontrava.

Seus vizinhos faziam aquele indistinguível barulho ritmado contra a parede, e ela desejou que, só por aquela manhã, eles decidissem dar uma volta na praia ou ao menos desencostar a cama da parede do quarto. Enquanto Caroline massageava as têmporas, algo de vidro se espatifou do outro lado, mas o barulho não foi interrompido. “*The show must go on*”, pensou Caroline, na voz de Freddie Mercury.

Foi até a janela, sentou-se à escrivaninha com uma única cadeira, sem abrir as persianas. O livro de Paulo ainda estava lá, o papel de presente intocado. Ela sentia curiosidade de ver a dedicatória do amigo, mas não tinha a mínima vontade de cruzar seu olhar com a víbora brega da capa.

Mesmo desperta de seus sonhos que mais pareciam gifs do culto do pastor Rodrigo, continuou a reviver o dia anterior enquanto tomava uma água do frigobar. Deveria ter esperado para beber algo no café da manhã, porque provavelmente pagaria o preço equivalente a um galão de cinco litros só naquela garrafinha. Mas ainda não estava preparada para ser simpática porta afóra.

Relembrou a empolgação do marido de Mariana, a conversa cheia de coisas não ditas que pairavam entre um tipo estranho de empreendedorismo e um tipo escuso de fé. Era assim que as pessoas juntavam dinheiro de verdade? Ela achava que seria trabalhando em escala “seis para um”, tomando banhos de no máximo cinco minutos e fazendo compras na feira apenas na hora da xepa.

Caroline pegou o celular para pesquisar a tal da igreja. Com a coordenação motora de quem havia acabado de despertar, derrubou o aparelho no chão e só percebeu o que acontecera por conta do barulho. A tela do celular não tinha película protetora e ganhou uma textura permanente de teia de aranha. Praguejando e ao mesmo tempo imaginando que aquilo havia sido uma vingança de Deus por vê-la duvidando de uma igreja que louvava o Seu nome, digitou o nome da congregação, e com um rápido deslizar de tela encontrou dezenas de imagens de Rodrigo ao lado de deputados, senadores e até de um presidente. Mari aparecia em algumas fotos, com o mesmo sorriso que mais lembrava uma câimbra. Quando fotografada em ocasiões sérias, seus olhos denunciavam que estava morta por dentro. Nenhuma das imagens parecia ser de encontros oficiais ou reuniões habituais entre lideranças religiosas em ambiente laico. Rodrigo aparentava ser do tipo puxa-saco, tirava essas fotos mais como fã dos políticos do que como um aliado, o que explicava seu comportamento de enredar Paulo em uma teia de elogios e gentilezas.

O telefone do quarto tocou, e a recepcionista avisou Caroline que havia algo para ela na recepção.

— É um molho de chaves, acabaram de deixar aqui — disse a moça.

— Que estranho. Está em uma pochete vermelha?

— Pochete? — A recepcionista parecia indignada. — E vermelha?

— Ah, desculpa... Foi uma mulher que deixou isso para mim? Cabelos presos, saia...

— Na verdade, foi um moço que chegou e saiu rapidinho em um carrão... E desculpa se ele for algo da senhora, mas era um baita de um homão.

— Ah, tá — disse Caroline, eliminando a hipótese de que Mariana estaria desistindo de ir ao jantar e deixando o que deveria entregar para Hélio aos seus cuidados. Mas se não era ela... — Como eram as pernas dele?

— Olha, ele era bonito, mas não olhei tanto assim.

— Não, não! — Caroline bateu na própria testa. — O que quis perguntar é se ele andava.

— Hã... Andava?...

— Deixa para lá, já estou descendo.

Assim que desligou o telefone, xingando a si mesma de “tacanha”, viu que Paulo lhe enviara duas mensagens de áudio que teriam poupado tanto ela quanto a recepcionista daquela conversa estranha.

“Oi, Carol! Tive que resolver algo urgente, mas chego bem em cima da hora do nosso jantar, ok? Deixei uma cópia das chaves na recepção da pousada. Você poderia chegar um pouco mais cedo e receber o pessoal? Eu acho que chego antes, mas não quero correr o risco de deixar o Hélio ou a Mari esperando. Só por segurança mesmo. Sinta-se em casa e fique à vontade. Mas não come a sobremesa, hein? Hahaha. Beijos e até mais tarde.”

Caroline apertou para ouvir a próxima mensagem.

“Ah, outra coisa... Marquei um jantar meio cedo porque imaginei que iam querer passar a virada com as famílias de vocês. Mas, bom... pelo que vi ontem, talvez não seja bem isso que vai rolar para você e para o Hélio. Acho que nem preciso dizer que, se quiserem estourar um champanhe comigo lá em casa, ficarei muito feliz. De verdade. Ah! O portão abre com o sensor, caso queira usar a garagem, e a entrada de trás, do portãozinho, é a chave com um treco azul. Agora sim, tchau.”

Também em áudio, Caroline respondeu que tudo bem sobre ir mais cedo para a mansão e que, até o jantar, decidiria se ficaria por lá na virada. No finalzinho da gravação, seu estômago resolveu roncar tão alto que talvez Paulo até o escutasse no final da mensagem. Entendeu que aquela era a deixa para sair do quarto e ir tomar café.

Desceu as escadas e resolveu pegar as chaves com a recepcionista de uma vez — que assistia no computador da recepção ao que parecia ser um drama coreano. Ela lhe entregou o chaveiro e logo voltou a encarar a tela, absorta.

Havia um casal de velhinhos no restaurante (“Fofos”, pensou ela ao ver o homem adoçando o chá da esposa), que ela cumprimentou com um “bom dia”, assim como fez com a copeira repondo as bebidas, os queijos e outras guloseimas. Era uma refeição bem-servida, e só o cheiro de café fresco já dava um pouco mais de disposição a Caroline. Pegou café, pão, manteiga, vários tipos de queijos e sentou-se perto da janela e dos pombinhos, bem no momento em que um segundo casal descia as escadas, a moça rindo bastante. Um rapaz branco vinha atrás dela, usando uma camiseta de cores berrantes e tão colada ao corpo que parecia algo criado pelo Hans Donner. Ele apertou a bunda da garota, achando que ninguém repararia, mas todos os presentes testemunharam a alegria matinal do casal. A não ser que Caroline estivesse muito enganada quanto aos velhinhos da mesa ao lado, ela achava que tinha acabado de conhecer seus vizinhos de quarto animadinhos.

Caroline sentiu uma vertigem inexplicável, e ouviu Manson latindo na rua. Não conseguiu se segurar e olhou pela janela, procurando e, claro, sem encontrar nada.

A moça também parecia estar pronta para ir ao Vila Country, com um vestido verde colado que também não tinha nada de matinal. Pegando apenas um copo de suco e uma fatia de mamão, ela se sentou longe de Caroline, mas no seu campo de visão. Os latidos persistiam, assim como a tontura. Foi quando percebeu a tatuagem nas costas da garota. Era uma cobra, que começava na panturrilha esquerda, subia enrodilhando-se pela sua perna torneada, sumia para dentro do vestido e surgia de novo pela abertura nas costas, terminando perto da nuca, de onde sibilava para Caroline.

— Com licença. — Ela ergueu a mão para a copeira, visivelmente abalada. — Posso terminar de comer isso no quarto? Estou me sentindo meio indisposta...

— Filha, você está mais branca que o manjar que acabei de colocar na mesa! Eu levo em uma bandejinha para você lá no seu quarto, não se preocupa. Vai lá.

— Obrigada — arfou Caroline, sentindo o peso do olhar de ambos os casais e da cobra nas costas da garota animada.

Quando passou pela recepção, a mocinha dos doramas a chamou, sem perceber a urgência em seu semblante.

— Eu queria saber se a senhora vai passar a ceia especial aqui na pousada. Pacote de bebida e comida à vontade até as duas da manhã por apenas...

— Não, não — respondeu ela, apressada. Não correria o risco de começar 2019 olhando para aquela cobra ou sabendo que ela estava ali, no quarto ao lado, em cima da cama que martelava sua parede. — Vou passar na casa de um amigo. Obrigada...

— Ah, então tá! E seu nariz está descascando bastante, senhora. Se quiser um creminho emprestado...

— Eu tenho um, obrigada! — respondeu Caroline, já no meio da escada.

Sua mão foi direto ao nariz, que parecia realmente estar pior do que no dia anterior. Manson latia lá fora, ecoando na recepção daquela maneira que somente ela conseguia escutar.

Talvez chegasse na casa de Paulo bem mais cedo do que tinha planejado.

[...] tentando reunir forças, se lembrando dos relatos de como outro José, o “de Anchieta”, havia vencido o monstro marítimo, trancafiando-o na caverna. Beijou a cruz, clamando por misericórdia, mas não esperava ser compreendido por eles. Por todos os motivos, o símbolo de seu deus significava apenas dois pedaços de madeira. Ali, onde o som das ondas já era distante e difuso, o nome de Cristo era só um ruído.

Para o padre, crianças não deveriam ser criadas naquela doutrina selvagem. Estava imerso em um turbilhão de dor. Era isso que acontecia quando o evangelho não estava presente na vida de alguém. José inclusive tinha suas dúvidas quanto a se eles comiam ou não carne humana, alimentando-se dos irmãos mais novos que nasciam defeituosos ou fracos demais, drenando o que restava de sua energia vital. Era por isso que demonstravam tanta força na hora de segurá-lo contra o chão.

Sua oração foi interrompida pelo beijo que a borduna lhe deu, levando seus dentes da frente, que já não eram muito bons mesmo. De onde haviam tirado aquela arma? Isso foi tudo que passou por sua cabeça durante o clarão que sucedia a explosão de dor. O flagelo seguinte veio na forma de enforcamento pelas contas do próprio crucifixo. Não conseguia ver qual dos pequenos demônios lhe causava tamanho sufoco, mas o fio que segurava as contas não deveria ter arrebentado? Ocorreu-lhe que sua fé havia reforçado o instrumento que um dia o

estrangularia. O jesuíta engasgou, tentou se livrar do sufocamento, mas não conseguiu. Como ele poderia imaginar que crianças reagiriam assim?

A primeira serpente que ele vira foi se aproximando, com a pele pálida e luzidia, deslizando por entre os pés pequeninos sem qualquer ameaça à integridade dos nativos. Subiu em cima dele, sinuosamente, e lá ficou por um bom tempo, enquanto José lutava por ar, seu peito subindo e descendo com o arfar da respiração. O homem, que seguia tentando comprimir as palavras no pouco ar que restava em sua traqueia, dessa vez pediu misericórdia à serpente. Disse que a reconheceria como um poder maior, que abdicaria de seu deus fraco que não podia punir nem cinco crianças indígenas. Jurou pela guardiã da maçã no Éden, disse que se doaria ao pai da mentira, prometeu que nunca mais tocaria um dedo em nenhum filho do homem, mesmo os mais indefesos que vinham até ele com nudez e inocência. Recusaria sua maior tentação para ser salvo pelo Pai de todas elas.

A serpente não acreditou em sua oferta. O bote foi rápido, bem na jugular, como quem não quer mais perder tempo. As palavras de um homem que abdicava o próprio deus não lhe interessavam, pois não tinham propósito; muito menos um que usava da hipocrisia para satisfazer seus desejos da carne, desejos profanos até para o Diabo que ele tanto temia: a liberdade que Lúcifer

oferecia jamais seria a de se deleitar com o inocente, com o indefeso.

As crianças recuavam, formando um círculo ao redor do moribundo. Ao redor dos filhotes de homens, outro círculo se formou, de serpentes. Tinham um inimigo em comum.

— Comam, crianças — disse a Primeira Serpente, já em estranhas vestes de homem, pálidas como a pele que abandonara aos pés do jesuíta.

E, assim, sua prole obedeceu.



-8-

UM LUGAR SEM NOME

ANOS ANTES

A areia dali era como uma lixa roçando o rosto. O cheiro da praia lembrava o de um cabo de panela queimando na chama do fogão. Caroline se lembraria daquele odor toda vez que alguém anunciasse a morte de um conhecido, de um ente querido. Mas ela ainda não sabia daquilo, mesmo estando deitada nos limites de um lugar que não estava definido no espaço nem no tempo. Ela descobriria que palavras como *onde* e *quando* nada significavam ali.

Caroline se levantou para procurar pelos amigos, mas percebeu que a neblina estava baixa, ondulando próxima à sua cintura, e não escondia o relevo daquela terceira ilha. A cerca de vinte passos, começava uma linha de árvores retorcidas, de um verde esmaecido. Além, havia uma grande rocha bem no meio da ilha, esta sim, coroada por mais névoa. Não dava para saber exatamente a distância até lá, e, dependendo de como o vento soprava, as formas e as distâncias pareciam mudar.

Caroline gritou o nome dos amigos, mas não recebeu resposta. Nem do próprio eco. Era como se o lugar tivesse proclamado também a morte do som e da luz. Até era possível divisar o sol através das nuvens carregadas, mas ele era pouco mais brilhante que o reflexo de um relógio de parede. O mar avançava pela areia, incondizente com a tempestade repentina que os arremessara ali.

Caroline ouviu o som cadenciado de passos triturando a areia grossa logo atrás dela, e deu de cara com Mariana saindo do meio da névoa, completamente ensopada e com apenas uma das sandálias.

— N-não s-sei como fomos p-parar tão longe uma da outra — falou, abraçando o próprio corpo, os dentes batendo de frio.

Caroline a abraçou, aliviada, e ela pôde sentir as batidas do coração da amiga junto ao peito. Foi apenas então que percebeu que também estava morrendo de frio.

— Estávamos muito perto da ilha, a maré deve ter jogado Paulo e Hélio na areia também — disse Caroline, tentando se convencer disso.

Agarrava-se ao fato que os dois garotos sabiam nadar, mas aquilo era bem diferente de uma piscina ou de um mergulho em meio às marolas.

— Vamos contornar a ilha... não deve ser muito grande, já que nem dava para vê-la no meio das outras — acrescentou.

No entanto, o lugar não era tão pequeno assim. Caminharam por cerca de dez minutos, até chegarem a pedras pontiagudas que deveriam ficar na parte da ilha voltada para o oceano. A maré era mais forte ali, por mais que o som fosse estranhamente abafado. Mari sentia o mesmo em relação à luz e ao som, e Caroline sugeriu que pulassem um pouco em uma perna só, para ver se por acaso estavam com água no ouvido.

— Ainda sinto a mesma merda e agora estou meio tonta — reclamou Mariana, irritada, mas tremendo um pouco menos.

A força de seu ódio era uma espécie de fornalha interior que mantinha as coisas funcionando. Apoiando-se em uma das pedras, ela tentou olhar de volta pelo caminho que haviam feito, mas a neblina escondia o rastro na areia.

— Você acha que o Manson está *nessa* ilha? — perguntou Mariana.

— Acho mais provável ele estar na outra. Não parece ter nada vivo aqui — respondeu Caroline, pensando que aquele deveria ser o pior dos cenários. Se perder um cachorro já era terrível, perder dois amigos e ficar ilhada em um lugar completamente inóspito era o cúmulo. — Bom, não dá para passar para o outro lado por cima das pedras... Tem uma coisa ali no meio, tipo uma baleia morta, ou estou viajando na maionese?

— Parece que sim... mas essa neblina não me deixa ver direito — disse Mariana, tentando subir com o único pé calçado em uma das lanças naturais esculpidas pela força das ondas e logo desistindo. Ficou encarando a palma da própria mão. — Ai! Essa bosta é afiada mesmo.

— Machucou? Deixa eu ver... *Putá merda.*

— Pior que nem tá doendo...

— Mas pode infeccionar — disse Caroline, segurando a mão de Mariana enquanto olhava para a rocha manchada de vermelho.

A palma estava com um corte diagonal que parecia ter sido feito por um estilete cego. Não era muito profundo, mas atravessava da base do mindinho até o carpo abaixo do polegar. Fazendo uma nota mental de que deveria descobrir os nomes certos dos ossos das mãos (já que ingressaria em medicina veterinária em breve), Caroline aproximou o próprio braço da boca e mordeu a manga da camisa xadrez.

— *Mi avuda agui!*

— O que você quer fazer?

Caroline cuspiu o tecido, irritada.

— Rasgar um pedaço, oras. Para proteger esse corte.

— Com o dente fica difícil, né.

— Você tem alguma ideia de algo cortante que... *ah*.

Mariana a encarava com um sorriso enviesado e a sobrancelha erguida.

— “Ah”?

Caroline enrubesceu.

— Às vezes, eu sou meio lerda. Me dá um desconto que nem tomei café direito hoje — disse, tirando o braço esquerdo de dentro da camisa e cortando metade da manga na mesma pedra que ferira a amiga. — Estica a mão.

Mariana obedeceu, e, enquanto o curativo improvisado era feito, seus olhos fitavam o rosto de Caroline, concentrada em estancar o sangramento.

— Pensei que eu fosse perder você.

Caroline levantou a cabeça.

— Ahn?

— Naquela hora, quando o barco virou. Achei que fosse perder você, juro. Eu não ia me perdoar...

— Ei, ei. Tá tudo bem! Estamos aqui, não é? Vamos achar os meninos, e o peladão que trouxe a gente para cá. Você reparou que antes de ele cair as mãos dele estavam atadas? Achei meio sinistro que...

— Carol?

— O quê?

Foi rápido, mas não abrupto. Caroline viu o começo do movimento, o queixo de Mariana se projetando, os olhos dela se fechando devagar. Os lábios, entreabertos, ressecados e salgados pela água do mar. Nunca vira tanta serenidade no rosto daquela garota que estava sempre tensa, de sobrancelhas franzidas, vinco na testa e boca semicerrada.

Ela poderia ter desviado, mas não fez nada. Nos dezenove anos seguintes, Caroline se lembraria daquele momento, em que o tempo não era do jeito que estava acostumada a sentir. O que acontecia em Vegas ficava em Vegas, diziam os filmes. Mas e quando as coisas aconteciam em um lugar sem nome? Caroline se recordaria de que não correspondera ao beijo, mas que não havia feito o menor esforço para impedi-lo. Dali a alguns anos, ela contaria à dra. Monique sobre aquilo e sobre como seu único arrependimento era o fato de não ter fechado os olhos também.

Tão logo o momento começou, ele terminou.

— Ahn... Mari?

— Desculpa — disse ela, dando um passo para trás e segurando a mão ferida. — Eu deveria ter...

— Não. Não, não. Relaxa, não precisa se desculpar...

— É que eu já estava ensaiando confessar isso há um tempo. A fita que eu dei pra você... São umas músicas que gravei, mas...

— Eu... ainda não consegui ouvir...

— Imaginei.

— Mas vou!

— Tá.

— Como é que eu falei agora mesmo?

— “Às vezes, eu sou meio lerda.”

As duas riram, e a inaptidão em continuarem agindo normalmente foi desfeita por um instante longo o suficiente para que voltassem a se encarar em silêncio.

— Não foi ruim — disse Caroline, notando a dificuldade da amiga.

— Isso não significa que foi bom — retrucou Mariana, com uma careta.

— Não, não! — Caroline estendeu as mãos, a pele de um dos braços à mostra com a camisa rasgada. — Não foi isso que eu quis dizer! É só que... não parece certo, nesse momento... Estamos...

— ... perdidas.

— ... e procurando pelos meninos...

— ... e o Manson...

— ... não temos como voltar...

— E deveríamos estar desesperadas — falou Mari, olhando ao redor.

— Você está ouvindo um barulho?

— Tem alguém vindo dali das árvores...

Uma mancha foi se tornando visível, vindo na direção das garotas. Em alguns segundos, Hélio surgiu do meio da cortina nevoenta, sem se decidir se arfava ou gritava. Ele só parou quando viu Caroline e Mariana próximas às pedras.

— Achei vocês! — disse ele, apoiando-se nos joelhos flexionados, sorvendo uma grande quantidade de ar pela boca e apontando para as árvores de onde tinha saído. — Eu... corri... crianças...

— O quê? Que crianças? — perguntou Mariana.

— Cadê o Paulo? — inquiriu Caroline.

Hélio apenas balançava a cabeça.

— Eu... não sei... Acordei agora há pouco... com umas crianças que estavam cutucando a minha cara...

— Então tem mais gente aqui? — perguntou Caroline, olhando para Mari. — Talvez tenham...

— Não! — interrompeu Hélio, empertigando-se e tentando voltar à respiração normal. — São... índios. E eles estavam sujos, carregando uma... uma pessoa. Dentro de um pano, uma mortalha. Tipo aqueles leprosos enrolados em um lençol...

— Era o Paulinho? — gritou Mariana, segurando o garoto pela camiseta sem delicadeza alguma. — Se pegaram ele, nós temos que...

— Ei! — gritou Hélio, empurrando Mariana para longe e desvencilhando-se, como fazia quando alguém segurava seu quimono em uma luta na academia do pai. — Estou bem, sim! Obrigado pela preocupação! Eu não vi o Paulo, mas não me afoguei, olha só!

— Ninguém está triste por você ter sobrevivido, Hélio — disse Caroline.

Mariana começou a levantar a mão para discordar, mas parou ao ver o olhar da amiga.

— Só que a gente precisa saber se a pessoa que você viu na mortalha era o Paulinho.

— Não sei, parecia o corpo de um adulto... mas estava meio enevoado — respondeu Hélio, confuso. — De qualquer forma, acho melhor irmos por ali, contornando a ilha.

— Já viemos daquela direção. Não tem ninguém lá — falou Caroline, resoluta, fazendo o caminho de Hélio de volta para as árvores além do nevoeiro. — Vamos. Sei lidar com crianças, elas não podem ser piores que Nicolas quando era pequeno.

Mariana a seguiu sem pestanejar, enquanto Hélio parecia prestes a arrancar os cabelos.

— Se eu disser que os indiozinhos estavam cobertos de sangue, vocês mudam de ideia? — gritou.

Ambas responderam com um sonoro “não” sem ao menos se virarem.

— Mas eles estavam — murmurou Hélio, seguindo os passos das amigas sem o mínimo de vontade.

Então, pneus cantaram e o ruído de metal colidindo com metal explodiu às costas dos três.

Em um sobressalto, o garoto se voltou para trás. Só deveria haver pedras pontiagudas, areia e a água do mar que banhava a praia da ilha. Mesmo que o barulho fosse de algo parecido com pneus cantando, o

ruído de colisão de carros seguido do tilintar de milhares de pedaços de vidro se transformado em cristais era inconfundível.

Hélio balançou a cabeça, confuso: aquilo não fazia sentido, mas seu coração batia acelerado. Sentia que tinha *quase* acabado de presenciar um acidente automobilístico... no meio do mar.

Porém, de onde o som parecia ter vindo — e não havia nem sinal da colisão mesmo de lanchas —, jazia na areia algo flácido e comprido, cerca de três metros de tecido cuja ponta, submersa, era difícil de ver onde terminava.

Hélio se aproximou, pensando ser uma lona, e então resolveu puxá-la para fora da água.

— *Putá que pariu!*

O grito acabou ali mesmo, sem se propagar. Era o efeito daquela terra morta, como se tudo fosse bloqueado pela predominância daquele cinza-chumbo de televisão fora de sintonia, digno do céu de uma cidade ciberpunk.

Hélio caiu sentado, arranhando as mãos na areia áspera, e recuou ao perceber que aquilo não era tecido, lona ou lixo trazido pelo mar. Era a pele de uma cobra imensa, que conservava inclusive o formato da cabeça pontiaguda e a boca escancarada, murcha e vazia, como se o monstruoso animal tivesse escapado de si mesmo por ali, abandonando as escamas praticamente intactas. A pele continuava dentro da água, sendo impossível saber o tamanho real daquela coisa.

— Foi a maré que trouxe. Foi a maré. Veio de lá da Ilha da Queimada Grande — repetia ele sem parar, mesmo sabendo que era quase impossível aquele couro ter viajado por tantas léguas de mar aberto e chegado ali incólume.

Mas peles de cobra eram incapazes de contar histórias, e Hélio estava feliz com a sua explicação absurda para tudo aquilo. Só precisava acreditar no que dizia a si mesmo, assim como tinha se esforçado para ignorar o barulho de carros colidindo em plena ilha deserta.

— Paulo? — chamou ele, vendo a pele de cobra ser tocada pelas ondas preguiçosas.

Ouviu um assobio vindo das pedras, e ficou aliviado por um instante, tomando cuidado para escalá-las sem se machucar nas pontas que pareciam o cenário da ponte de *Mortal Kombat*. Não queria ser a primeira pessoa a morrer em um *fatality* autoinfligido.

— Cadê você? As meninas foram atrás de... — insistiu, mas se deteve.

Não era Paulo. Em cima de uma parte plana das rochas, observou um homem pálido, de terno branco e com os cabelos mais escuros que ele já vira na vida. Ele estava voltado para o mar, e Hélio entendeu tarde demais que o homem estava urinando na direção do oceano, providencialmente a favor do vento.

— Não sou Paulo, garoto — disse o homem, com uma risada seca. — Eu só ia falar com você depois de acabar aqui, mas você me flagrou. Desculpe a grosseria.

Hélio se virou de costas, tanto por educação quanto por escutar parte de seu cérebro dizendo: “Ei, você vai mesmo correr o risco de ver mais um pau hoje?”

A parte de seu cérebro menos imatura, por outro lado, não achava normal uma pessoa vestida *daquela* maneira *naquele* lugar ermo, mesmo no réveillon, mas também deduzia que era algum rico que chegou ali em um iate com os amigos, parando naquela ilha deserta para a última orgia do milênio. Hélio sempre vira iates circundando a Ilha das Couves.

O homem de branco fechou a braguilha e desceu pulando de rocha em rocha, com sapatos extremamente limpos e tão brancos quanto sua roupa. Hélio tomou uma distância segura do estranho. Em um cálculo mental padrão, igual ao que ele fazia ao encontrar com qualquer pessoa, imaginou se ele conseguiria derrubar o sujeito na porrada, se fosse necessário. “Ele não é tão grande, mas parece... saudável”, pensou, reparando no tórax projetado para a frente, perceptível mesmo com o terno abotoado. De frente, Hélio reparou que ele usava camisa e gravatas pretas, contrastando com a roupa e combinando com o cabelo.

— Não vou estender a mão para cumprimentá-lo porque não tem sabão por aqui — disse o estranho, com aquela mesma risada seca de antes.

Ele rodeava o garoto, que permanecia imóvel, e pareceu reparar em seus punhos cerrados. Os instintos de Hélio lhe diziam que ele não deveria encará-lo nos olhos. Seu orgulho cultivado no tatame tentava lhe convencer do contrário.

— Você parece pronto para uma briga, rapaz. Não há necessidade disso.

— Festinha de Ano-novo? — perguntou Hélio, conseguindo esconder o medo.

— Não é exatamente o que eu chamaria de festa, mas... pode-se dizer que sim. Este é um péssimo lugar para tomar sol, aliás.

— Eu só quero encontrar meus amigos.

O homem riu, parando de rodeá-lo, como se tivesse formado sua opinião com base naquela breve análise. Colocou as mãos nos bolsos da calça e olhou para duas gaivotas que passavam acima deles, poucos segundos antes de desaparecerem na neblina. Hélio podia jurar que o sujeito havia gemido baixinho ao segui-las com o olhar, com uma lascívia faminta, do mesmo jeito que o menino fazia ao ver um Big Mac na propaganda.

— Ninguém tem amigos de verdade, Hélio — afirmou, ainda olhando para o alto como se as gaivotas pudessem voltar por onde tinham sumido.

O garoto se mexeu, dando um passo para trás, na direção do mar.

— Eu não falei meu nome.

— Eu sei. E eu não falei o meu.

O homem sorriu, ainda olhando para o céu. Não havia mais gaivotas, mas, ainda assim, todo aquele cinza nublado parecia ter algo de interessante para ele.

— Nomes são superestimados e desaparecem da mente dos nossos *amigos* mais rápido que as boas ações que fazemos para obter a aprovação deles.

— Não sei se entendi o que quer dizer.

— Bem, inteligência nunca foi mesmo o seu forte, não é?

Hélio olhou para o chão, processando a frase.

— Ô...Vai se foder!

— Ah, não me leve a mal. No entanto, você precisa aceitar que algumas coisas são assim mesmo — disse o homem, olhando para o garoto e indo na direção dele.

Foi possível notar que seus olhos também eram negros e grandes. Quase como se a parte escura fosse maior que a clara. Hélio jamais lembraria os nomes de cada uma delas, pois não era a futura dra. Caroline.

— Não chegue perto de mim.

— Você não é esperto, mas é forte. Decidido. A questão é que é muito fácil ser tudo isso com os privilégios que se tem desde o berço — disse o homem, ignorando o alerta do adolescente. Olhou para baixo, levando uma das mãos ao próprio queixo e analisando Hélio quase como se fosse um vaso antigo em um museu. — *Hum*. Tem pernas bem-definidas também. Elas vão levar você longe, garoto.

— Cara, é o seguinte... Eu só quero sair daqui. Isso tudo está muito estranho e preciso encontrar meus amigos — disse Hélio, mais uma vez controlando o temor para que a voz saísse firme e articulada.

Ele começou a se afastar na direção das árvores, e achou que ficaria por isso mesmo. “Foda-se que um cara de terno branco apareceu de repente em uma ilha deserta. Eu só quero ficar longe dele”, pensou.

E, então, levou um tranco quando a gola da camiseta foi puxada. O reflexo causado pelo movimento abrupto fez Hélio girar apoiando-se apenas nos calcanhares, agarrando o pulso do sujeito e a lapela do paletó branco ao mesmo tempo. Consciente de que cada músculo de seu corpo estava preparado para a luta, posicionou os pés como havia sido ensinado e corrigido tantas vezes pelo pai. Uma das pernas voou para a frente e voltou, para derrubar o agressor antes que ele se desse conta.

Foi como tentar dar uma rasteira em uma árvore. O Homem de Branco nem se mexeu.

— Eu não caio à toa, pirralho. E ninguém vira as costas para mim enquanto estou falando — sibilou o sujeito, a boca transformada numa linha fina de fúria.

Hélio não estava preparado para falhar, e todo o medo que escondia do estranho aflorou de uma só vez. Os olhos negros do Homem de Branco brilharam com o reflexo de alguma luz que não estava ali.

“Ele não tem pálpebras. Nem cílios”, notou Hélio, o horror o tomando de assalto antes que a testa do homem atingisse sua boca com a força de uma marreta. O garoto foi ao chão com um baque emudecido pela atmosfera da maldita praia, sentindo o gosto ferroso do próprio sangue pulsando para fora das gengivas. Em meio à tontura e à dor, olhou para cima e viu que o homem o encarava tranquilo, como se não tivesse quase nocauteado o garoto com uma cabeçada devastadora.

Havia um corte bem no meio de sua testa, estreito mas profundo, feito pelos incisivos de Hélio. Aquele sangue derramado, porém, nem sequer contava a favor do garoto. Era o mesmo que ter golpeado o punho de alguém com o próprio queixo. Um filete de sangue descia pelo nariz e pingava no tecido alvo e puro do paletó. No meio do turbilhão de pensamentos, o garoto quase se sentiu culpado por manchar algo tão limpo, tão puro — em mais um devaneio fugaz inevitável, ocorreu-lhe que o Homem de Branco tinha a aparência de um guru espiritual que seus pais adorariam adorar. Richard e Leila teriam quadros do rosto de cera dele pela casa, pagariam por longos retiros nas suas cidades-modelo e comprariam seus livros nos espaços holísticos de paredes brancas com

símbolos apropriados de outras culturas, onde também meditariam toda semana — isso sem faltar a nem um encontro de cientologia, claro. Ninguém gostaria de empacar nos níveis de evolução após passar por tantos ensinamentos e apostilas adquiridos com tanta perseverança.

Ele tocou o corte na testa, sem uma careta de dor nem qualquer sinal de irritação.

— S-sai de perto de mim — ordenou Hélio, as palavras se formando desagradavelmente estranhas e viscosas com o volume de sangue que se acumulava na boca.

O Homem de Branco sorriu, abotoando o punho do paletó.

— Nós mal começamos a dançar, Hélio. Mas não se preocupe, você não vai se lembrar disso. Prometo.

O garoto sentiu algo morder sua perna esquerda. Hélio se debateu e gritou, com a impressão de ter captado com a visão periférica a pele de cobra se mexendo, ondulando como se estivesse preenchida novamente. O céu, antes cinza, passou a ganhar matizes indescritíveis, cores que se espalhavam como desinfetante de cor berrante se misturando à água, devagar, em um balé químico. Ondas quase invisíveis se moviam lá em cima, preguiçosas, notadas apenas por mentes que estivessem no meio do caminho entre a lucidez e a alucinação, entre a tontura e a ânsia de vômito. Vidro saltando do asfalto para voltar ao painel do carro, metal repelindo metal. Uma buzina forte como a de um caminhão, luzes intensas, era um caminhão mesmo, o Homem de Branco o dirigia, sorridente, afastando-se a toda velocidade, de ré, rumo à escuridão além de uma curva. Vidro saltando do asfalto para voltar ao painel do carro. Pneus cantando, mais luzes, o corpo de Hélio bombeando um líquido para dentro de uma seringa, com um pouco de seu sangue. Música incompreensível rebobinada, seios colados em seu corpo, seios lindos, pequenos, com uma tatuagem torta daquele filme com o menino da bolha, *Donnie Darko*, mas o que é *Donnie Darko*?, e que bolha?, o Mateus da faculdade, o que tinha a *Kawasaki Ninja verde*, ele que falava que qualquer garota que dissesse ter entendido aquele filme era mentirosa, mas ele também não tinha entendido, que porra era aquele coelho?, ih, tem uma língua roubando um comprimido de dentro da própria boca. No céu noturno (não era dia?), uma imensa serpente abocanhava uma gaivota. No primeiro plano da mente entorpecida de Hélio, o rosto do Homem de Branco surgiu, dividido por uma tênue linha vermelha que deveria ser a sua última lembrança antes do mergulho na completa inconsciência.

No entanto, conforme fora prometido, Hélio não se lembraria de nada.

HOJE

Bater naquele portão sempre a deixaria apreensiva. Não sabia se Hélio a atenderia ou se a ignoraria.

Para sua surpresa, Caroline viu a cadeira de rodas irrompendo porta afora, sem hesitar. Hélio abriu o portão, com olheiras imensas e vestindo uma roupa que devia ser seu pijama — de tão esgarçada e desbotada que estava. Em breve, seria demovida a pano de chão.

— Entra.

— Sem ressentimentos, que bom.

— Você precisa ver uma coisa.

— O quê?

— Você tem medo de ver sangue?

Caroline congelou onde estava.

— Eu tenho problema com cobras, mas que porra de pergunta foi essa?

— Eu não sei, quero que você veja para entender.

— Você se machucou?

— Há mais de dez anos. Fiquei sem mexer as pernas, lembra?

— Uau. Que humor maravilhoso. De que sangue você está falando?

Hélio não respondeu, e foi impulsionando as rodas da cadeira como se estivesse em uma maratona, forçando Caroline a engatar em uma marcha olímpica atrás dele, até o velho quarto dos fundos. Hélio parou de frente para a parede repleta de fotos e medalhas. Olhava para lá, na direção de algo que ficava oculto por seu corpo e a cadeira. Caroline se aproximou com uma cautela involuntária. A estética do final dos 1990 estava ali, homenageada e registrada para a posteridade, e era incrível perceber como aquela década envelhecera mal. Ela viu que o amigo encarava fixamente um porta-retratos com a foto dos quatro amigos reunidos, com camisetas coloridas em cores berrantes da Pakalolo, bonés da Side Play, data de 1997 no canto inferior direito.

A foto estava manchada de sangue. A maior parte da mancha se concentrava sobre Paulo, mas os olhos de Caroline pareciam riscados em vermelho.

— Hélio, por que você fez isso?

— Não fui eu, tá doida? — retrucou ele, olhando por cima do ombro. — Lembra quando você disse que alguém entrou aqui?

— Pensei que você tinha decidido que eu inventei tudo isso.

— Eu já pedi desculpas.

— Ah, verdade. Como pude esquecer? Foi só um pouco antes de você me expulsar da sua casa. Sem ressentimentos! — falou Caroline imediatamente, ao ver que o outro já se preparava para disparar mais justificativas. Ela estava usando todo o sarcasmo acumulado desde o estouro de Hélio, e, depois do mal-estar na pousada, era bom sentir que estava “purgando” de alguma forma. — Além disso, você e o seu Lino falaram que ninguém tinha feito nada.

— A gente não tinha reparado nisso, a única coisa estranha aqui é a mancha de sangue nessa foto. Eu mesmo só vi isso hoje mais cedo. Esse alguém que você viu entrou e deixou esse... aviso.

Caroline se aproximou do retrato, quase encostando o nariz no vidro sujo. O sangue tinha pingado no chão, apenas algumas gotas. Seu Lino era desatento demais para perceber um detalhe daquele.

— Tá, mas o que esse aviso significa? — perguntou ela, recuando. — Você chegou a dizer que o Paulo estava armando uma vingança para cima da gente

— E ainda não abandonei essa hipótese. Você já assistiu a *Jogos Mortais*? Ou *Eu sei o que vocês fizeram no verão passado*?

— Ah, Hélio. Puta merda...

— Ele pode estar tentando nos reunir para isso, e deve ter entrado aqui naquele dia e marcou ele mesmo na foto, com sangue. Para nos lembrarmos do que fizemos.

— Mas como ele teria entrado, porra? — falou Caroline.

A fixação de Hélio era tão ridícula que ela sabia que seria inútil argumentar que ela chegara à Barra do Sahy um dia antes de Paulo e de Mariana.

— E olha, se você desse uma chance para o Paulinho e conversasse com ele, veria que parece que ele não se lembra direito do que aconteceu. Ele estava prestes a me contar ontem quando...

— Você viu ele ontem?

— Vi, eu e a Mari encontramos ele, vim aqui para dizer justamente...

— E não ia me avisar?

— Você deu um chilique, Hélio!

Ele manobrou a cadeira de rodas, ficando de frente para Caroline.

— Ele tem jeito de psicopata?

— Não, ele ainda é um amor — respondeu ela, cansada daquela conversa. — Lembrava até o meu aniversário.

— Uma fixação dele. Psicopata total.

— A segunda pessoa mais próxima de psicopata que vi ontem foi o marido da Mari, e, ainda assim, ele passava bem longe do perfil.

Hélio fez cara de desentendido.

— Quem foi a primeira?

— Você. Eu queria ter gravado a sua reação.

Hélio ficou pensativo por um momento e saiu do quarto, deixando Caroline para trás. Ela o seguiu e notou que o rapaz não parecia ofendido.

— Hélio?

— Pode continuar falando. Vou me trocar — respondeu ele, sem se virar, entrando em outro cômodo.

Caroline permaneceu no corredor.

— Vim aqui para perguntar se você vai no jantar. Tenho que ir um pouco antes, estou com as chaves da mansão. Seria muito importante para mim e para o Paulo se você fosse. Aí veria que ele...

— Eu vou. Estou me trocando para isso.

Caroline franziu as sobrancelhas. Fez uma careta que ninguém viu.

— Fácil assim?

— Você tem razão, eu preciso ver com meus próprios olhos. Quero falar com ele.

— Que bom, então — falou Caroline, tentando entender se aquilo era positivo mesmo. — E você vai chamar a polícia para ver esse sangue ou algo assim?

— Aqui em Barra do Sahy não tem exatamente um departamento do *CSI*, sabe — ironizou ele de dentro do quarto.

Caroline sabia que o amigo estava certo, e imaginava a boa vontade do policial que viesse até Barra do Sahy no último dia do ano por causa de um porta-retratos manchado de sangue, que poderia muito bem ser ketchup, mas que ela jamais saberia, pois ninguém lamberia aquilo.

Hélio deu outro motivo para que não chamassem ninguém.

— Além disso, tenho umas ervas aqui e acho melhor não correr o risco.

— Hum. Pensei que você estivesse... dando um tempo dessas coisas.

— Eu estou, isso aqui é para uso medicinal. Eu fumo no narguilé. Quer experimentar?

— Não. Já estou velha para isso — respondeu ela, com um riso. — Ficar baforando fumaça de uma mangueirinha é coisa para jovem. Você já viu quanto desses “lounges” abriram em São Paulo?

— É, vi. O que os anos 2000 tiveram de febre das *lan houses* em cada esquina está acontecendo agora com os lounges.

— Verdade. Vendo pelo lado positivo, essa juventude poderia estar viciada em *Counter-Strike*. Quer ajuda aí?

Hélio voltou ao corredor, de branco dos pés à cabeça. Fez a cadeira girar no eixo e deixou uma das mãos no ar, como se dissesse: “Como estou?”

— Gostei, bela paleta de cores — disse Caroline, estranhando o amigo naquelas roupas. Quem passava o Ano-novo de terno a não ser o Roberto Carlos?

— É quase réveillon, pô — retrucou ele, abrindo os braços.

Caroline fez um som de reprovação: tinha esquecido completamente daquele detalhe. Não tinha uma roupa clara nem uma daquelas blusinhas com FÉ escrito, fosse em um traço contínuo ou naquele design horroroso de um escudo. Porém, não fazia tanta questão, e imaginava que Paulo também não.

— Acho que nem trouxe roupa branca. Mas tanto faz.

— Você que sabe. Superstição minha.

Acompanhando-o de perto, Caroline observou o amigo manobrando habilmente até a cozinha, em uma nova atitude que parecia ter vindo com a roupa recém-colocada.

— Por que você ficou tão animadinho de repente?

Hélio pegou um copo do escorredor e o levou até o filtro de água.

— Resoluções. Respostas. Vou comprovar as minhas suspeitas, você vai ver.

— Certo — respondeu Caroline, insegura. — Mas, por favor, lembre-se de que...

— Não se preocupe — interrompeu ele, estalando os beijos após beber a água gelada. — Vamos? Eu dou uma carona.

— Agradeço, mas sua cadeira só tem lugar para um.

Hélio pareceu ponderar uma resposta bem ao seu estilo, mas apenas pegou as chaves do carro alugado de cima da mesa, e Caroline quis socar o próprio rosto antes de acompanhá-lo até a calçada.

Logo chegaram à Praia da Baleia e estacionaram em uma rua próxima ao acesso mais perto da mansão de Paulo. Tanto Hélio quanto Caroline nunca tinham entrado lá, só ido até a porta, esperando pelo

amigo ou acompanhando-o para voltarem a pé para Barra do Sahy, pelo atalho por dentro da mata que passava ao lado da igrejinha.

Tanto no embarque quanto no desembarque, Caroline não se ofereceu para ajudar Hélio, pois sabia que ele preferia assim, e, na verdade, o rapaz não tinha dificuldade alguma com aquela parte de sua rotina. Porém, ela pensou no pequeno terreno acidentado que precisariam passar até a entrada da casa. Se estivesse certa, a prefeitura não teria feito grandes mudanças por ali, e ela se ofereceria para empurrar a cadeira do amigo.

Mas ela estava errada.

— Acessibilidade, a gente vê por aqui! — exclamou Hélio, surpreso, engatando por uma estreita pista com rampa que parecia nova em folha, ainda no cimento, que dava a volta pela casa até a entrada do lado voltado para a praia. — Parece que foi feita recentemente.

— Pois é — concordou Caroline, seguindo-o, atenta às manchas de cal em volta da pista. — Eu diria até que foi terminada hoje.

A entrada da praia era um portão baixo em uma cerquinha, de onde era possível ver as cadeiras e o guarda-sol à beira da piscina onde o casal de velhinhos sempre estava, observando o mar ou lendo algum livro. A nova pista terminava no mesmo portão, com uma rampa bem-projetada e, de acordo com Hélio, muito bem-feita. Um homem a pintava de branco, para igualar com a cerca recém-pintada.

— Boa tarde — disse o sujeito, com o braço respingado de tinta branca. Ele olhou para os dois e abriu um sorriso de reconhecimento. — Vocês são os amigos do seu Paulo, né? Já estou acabando aqui. Gostou da pista, doutor?

Hélio inclinou a cabeça, olhando do homem para Caroline e parecendo processar a pergunta.

— Espera... Você fez essa pista para mim?

— Ah, isso é coisa do seu Paulo. Ele é um sujeito muito generoso, mas vocês são amigos de longa data e já devem saber disso. — Sorrindo como um artista orgulhoso da própria obra de arte, ele encarou a pista de cimento, nivelada e lisa com uma lona perfeitamente esticada. — Ele me avisou há alguns dias que queria adaptar a casa para um amigo cadeirante, e disse que me pagaria o necessário para montar uma equipe que terminasse tudo a tempo. Lá dentro tem até um elevadorzinho para os outros andares. Ficou ótimo.

Carol apontava da pista para a casa, surpresa. Mesmo assim, começou a balbuciar os pensamentos em voz alta.

— Quer dizer que... o Paulo... reformou? Digo, o senhor reformou a casa... toda?

— Olha, sendo justo, ele pagou bem o suficiente para juntarmos um time dos bons, os melhores pedreiros da região. Meu filho até brincou e falou que éramos os Vingativos de São Sebastião, *hehe*.

— Vingativos? — perguntou Hélio, os olhos saindo um pouco de foco conforme ele virava a cabeça devagar para Caroline.

— Ele quis dizer *Vingadores*, Hélio.

— Ah, isso aí! — disse o homem, rindo alto, acompanhado de uma risada nervosa de Caroline e Hélio. — Vingadores. Como eu sou o líder, sou o loirão com o escudo lá. Só que um pouco mais bonito!

Caroline continuou rindo, nervosa. O moço era simpático, mas ela não conseguia deixar de pensar que tudo aquilo era bondade *demais* por parte de Paulo. Até para ela, que defendia o amigo diante das conspirações de Hélio.

Acompanhados pelo cheiro de tinta fresca, os dois entraram, depois de o pedreiro, que se chamava Silas, informar que já estava terminando por ali e que iria pra casa.

— Ano-novo, sabem como é — falou ele, e se despediu da dupla enquanto eles entravam.

Caroline procurou pela chave certa no molho.

Silenciosos e longos segundos sugaram a atenção de Hélio e Caroline, parados na entrada da mansão, observando os pilares no átrio e sentindo-se minúsculos sob aquele teto tão alto. Era óbvio que o proprietário atual não ficava muito tempo por lá, pois o lugar ainda conservava os ares do gosto clássico dos antigos donos, com muitas fotografias de pessoas brancas que não poderiam ser parentes consanguíneos de Paulo. Porém, em uma escala menor, havia fotos de uma senhora negra com as clássicas vestes de empregada. Em apenas duas ela estava acompanhada do filho. Em uma delas, Paulo devia ter seis ou sete anos e ajudava a mãe a enxugar a louça. “Tem que ser muito sem noção para tirar uma foto dessas”, pensou Caroline.

No restante das fotos, a mãe estava sempre cuidando do dia a dia da senhora branca e do senhor branco. Caroline imaginou que aquilo indicava que era Paulo quem estava por trás da câmera, pegando emprestado alguma velha máquina fotográfica dos idosos para brincar de fotógrafo e capturar alguns momentos raros, em que tinha o poder de eternizar memórias. As fotos da mãe de Paulo eram poucas, e aquela era a realidade de muitas pessoas que haviam crescido antes da revolução da

câmera digital e dos celulares: a infância de muitos, em especial dos que não tinham condições financeiras, ficavam gravadas apenas na memória.

Caroline tinha a estranha sensação de que a casa era maior por dentro do que aparentava pelo lado de fora, o que fazia seu instinto gritar que aquele lugar era uma armadilha. Mas sabia que talvez estivesse sendo influenciada pela neurose conspiratória de Hélio.

Ali imperava o cheiro de algo antigo, o tipo de aroma que livros velhos adquiriam, por mais que fossem bem-cuidados. A inevitabilidade do envelhecimento, um tipo de decadência incontável que nem o dinheiro era capaz de impedir. Caroline tentou imaginar o Paulo de vinte anos atrás andando por aqueles cômodos, e ainda assim nunca se familiarizando com a riqueza, pois nada daquilo era *dele*. “Você pode olhar, mas não pode tocar.” Era um garoto negro que não podia ser considerado exatamente um morador daquela casa, repetindo um costume em teoria extinto há tanto tempo; ali, Paulo estava à luz de outras regras de domínio que já não tinham mais a ver com o imperialismo brasileiro. Caroline se lembrou do garoto chamando os velhinhos de “patrões”, algo que a consternara muito, mesmo na adolescência. Ele nascera marcado e empregado; não no significado de emprego garantido quando a hora chegasse, mas no sentido de que seu destino era *servir*. O mesmo dinheiro que permitia que alguém tivesse uma casa de proporções babilônicas era o que garantia a existência de uma classe que daria a vida em função do conforto do outro; a própria Caroline já tivera a inocência de pensar que alguém que dormia no local de trabalho teria as garantias das leis trabalhistas, como horas extras.

Paulo, tendo contato com a riqueza na sua forma mais caricata — como se a Fortuna pudesse ser representada dentro de um museu de cera genérico muito aquém de Madame Tussauds —, ainda assim preferira a simplicidade da infância, pois aquilo lhe era inato. Ele preferia ficar na praia, nariz voltado para o mar, olhos que tentavam ir ainda além, pés descalços, aguardando pelo próximo feriado quando todos os amigos iriam para o litoral.

— Que lugar sinistro — comentou Hélio, e Caroline deu um soco em seu ombro, aproveitando para tentar se afastar um pouco do raciocínio melancólico sobre a infância do amigo.

— O cara reforma a casa para ficar acessível para você e é isso que você tem a dizer?

— Certo. “Oi, Paulo! Casa sinistra, hein? Obrigado pelas rampas.”

— Cuzão — disse ela, porém mentalmente concordando que a atmosfera tinha algo de taciturno.

“Só fica ruim mesmo quando eu começo a ouvir o latido do meu cachorro morto”, pensou ela, tomando a iniciativa de explorar o resto da casa. “À vontade”, como Paulo dissera que ela deveria se sentir.

— Vamos entrar? Posso pegar alguma coisa para beber enquanto os dois não chegam.

— Não quero beber por enquanto — disse Hélio, sumindo por um corredor à esquerda do primeiro pilar do átrio. — Mas vou ao banheiro só para atestar que ele também foi adaptado para cadeirantes e voltar ainda mais de queixo caído.

— Divirta-se — respondeu Caroline, olhando para a direita, onde, além do arco que era a entrada para a sala de estar, ela podia enxergar um piano de cauda próximo à janela com cortinas brancas. Um som baixo e sussurrado vinha de lá, o que significava que Paulo havia saído e deixado a televisão ligada desde aquela manhã. — Vou estar ali na sala.

Sentindo-se culpada por pisar com sapatilhas de alta quilometragem naquele tapete que parecia ter conhecido pouquíssimas solas de sapato, ela caminhou até a sala, atentando aos móveis ao redor, aos retratos de Magnus e Helga Heinz, e desviando o olhar ao perceber que, na mesinha ao lado do piano, onde havia um livro de Sebastião Salgado, havia também um exemplar de *O método VIPer*, os olhos da víbora acompanhando sua incursão pela sala. Sem encará-lo, Caroline colocou o livro com a capa para baixo e olhou para a direção de onde o som de algo balbuciado persistia, como se fosse uma oração. “Que canal passaria uma missa em plena tarde do dia 31 de dezembro?”, pensou ela.

Mas não havia televisão.

Caroline demorou para assimilar a surpresa de que não havia na parede oposta algo que ela tinha certeza de que estava lá. No espaço nobre da sala, de frente para os sofás dispostos em L onde em geral estaria posicionada uma televisão enorme, havia um quadro. Ela se deparou com uma imensa gravura emoldurada, e em movimento, claro. Como se o quadro pensasse ser uma televisão simplesmente por estar ocupando o lugar de uma. Havia uma imensa serpente amarela nele, enrolada em um poste, desafiando o céu com sua cabeça draconiana. Outras serpentes menores a cercavam, mas elas se enroscavam ao redor de mulheres em vestes brancas e homens nus que despencavam dos céus, também contidos por víboras que despejavam fogo na bocarra aberta de

suas semelhantes. Um homem, entretanto, encarava a serpente abrasiva no poste, com a pele de uma cobra morta ao redor da sua túnica branca. Ele não estava sendo atacado, como os outros infelizes, e era dele que vinha a reza.

Caroline derramava lágrimas incontroláveis, de impotência e medo, ouvindo o sibilar de línguas fendidas.

— Eu não quero... passar por isso... por quê...?

Sentia-se como uma das figuras coadjuvantes que faziam parte da gravura: desesperada, percebendo o toque de escamas subindo por sua perna. “Eu vi uma serpente se levantar”, murmurou. Seu tornozelo coçou, mas a mulher continuou parada. Olhava para a serpente no poste, que encarava o espaço além da moldura acima conforme seu corpanzil majestoso se movimentava devagar, acomodando-se melhor naquele poste. Era praticamente a serpente do Bastão de Esculápio, algo de que Caroline fugira por tanto tempo, para não ter que lidar com aquilo.

Foi quando o cachorro morto dela começou a latir, comprovando que as coisas sempre podiam piorar.

[...] correr em terreno acidentado não era a mesma coisa. Com a mente entorpecida pelo veneno, Franz já não sabia se as coisas que tentavam agarrar seus pés eram serpentes ou apenas raízes retorcidas. O sibilar, de qualquer forma, já se tornara uma espécie de ruído estático contínuo. Estava por todo lado naquela ilha de cobras. Wainer merecia ser tragado por aquelas malditas coisas, depois de toda aquela conversa sobre Jörmungandr, Ulthar e falar com os Antigos.

O capitão tropeçou várias vezes até conseguir chegar ao trecho da mata onde os troncos e galhos ficavam mais esparsos, o que significava que ele estava de novo alcançando a praia. Subindo por sua garganta, um som que não era risada nem lamúria escapou pela boca, até que um borrão mais claro que toda a paisagem ao seu redor relampejou diante de seus olhos, enquanto a dor explodia no nariz.

Um punho esticado foi o suficiente para detê-lo. Como o sujeito havia chegado até ali tão rápido? Ele saía de trás da árvore, arrumando o punho do terno branco manchado com o sangue de um nariz recém-esmagado.

– Fugindo? – perguntou, a palidez da sua pele repelindo o breu daquela mata fechada, quase como se o homem brilhasse no escuro.

Ele se adiantou em um passo calculado, o salto do sapato parando sobre a traqueia de Franz. A

julgar pelo estalar de cartilagem e ossos, o sujeito pesava o mesmo que um tanque *Panzer*.

– Você deixou seu amigo para morrer. Por que eu faria um trato com uma dupla que nem mesmo consegue se entender?

– P-por favor...

– Ah, pedidos de clemência! – disse o Homem de Branco.

Retirou do bolso do paletó uma cigarreira, e o cigarro encontrou as chamas de um isqueiro prateado que já estava na outra mão dele. Não ofereceu um trago ao homem debaixo de sua sola, e baforou para cima, a fumaça subindo em uma espiral. Arremessou o isqueiro por cima dos ombros, em qualquer lugar.

– Gostaria que você tivesse sentidos aguçados como os meus para escutar o que estão dizendo agora em Auschwitz. Longe, bem longe daqui...

– E-eu... n-não...

– Talvez eu possa fazer alguma coisa quanto a isso – comentou ele, a brasa na ponta do cigarro brilhando mais e mais.

Ele tragava e tragava, criando um tentáculo cinzento diante do filtro conforme o tabaco era consumido pela chama. A fumaça encontrava seu fim no pulmão do Homem de Branco, de onde parecia que nunca mais sairia. Seu pé afrouxou um pouco a pressão sobre o pescoço de Franz, e o sujeito disparou uma única ordem para ninguém em especial.

– Tragam o outro.

Uma serpente amarela gigantesca despencou do alto de uma árvore, bem ao lado de Franz. Pelo barulho do impacto causado pelo peso do animal, parecia que uma vaca havia caído. O animal se retorceu, com a barriga descamada para cima, o corpo esguio convertido em um formato irregular que deixava óbvio que se alimentara de algo que estava no limite da sua capacidade de digestão sem parti-lo ao meio. O sujeito aliviou ainda mais a pressão sobre Franz, para que ele pudesse virar o rosto para a serpente que se retorcia. Seu nariz estava a centímetros da boca escancarada da criatura, que parecia engasgar conforme um som agonizante vinha do túnel além de suas presas, da carne rosada de sua traqueia extensível.

Como um recém-nascido evitando a overdose de luz no seu confortável mundo líquido, Franz tentou rastejar e, ao mesmo tempo, proteger o rosto, em movimentos débeis. Não acreditava que ainda restava espaço no sistema digestivo daquela serpente. Provavelmente ela o engoliria e sua pele acabaria rasgada. O trauma de passar por aquele túnel macabro já seria o suficiente para que ele nunca mais dormisse, isso se o animal não o matasse antes.

Mas a cobra não quis devorá-lo.

Franz abriu os olhos e viu que ela regurgitava algo, na mais satânica imitação de um gato cuspiendo uma bola de pelos. Dois pés descalços saíram de sua boca conforme a pele se esticava

de modo anormal. Assim, surgiram dedos calejados e sujos de terra, e depois uma canela, e então um par de pernas envolvidas em algo viscoso. Demorados instantes depois, Wainer fora completamente vomitado pela serpente, que já parecia estar de volta ao seu tamanho normal, afastando-se para dentro da mata depois de se esforçar demais para continuar ali, naquela convenção macabra.

– Aí está ele – disse o Homem de Branco, agachando-se no meio de seus dois cativos, e checando o pulso de Wainer, que apesar dos olhos abertos e vidrados estava vivo.

Wainer balbuciou algo que parecia apenas um relincho, ao que o Homem respondeu com um riso frouxo.

– Está aí alguém que entende de radares e rádio. De sintonia. Eu queria que você fosse um pouco mais como ele e menos como você, Franz. Está me entendendo?

– P-por favor, eu n-ão...

– Guarde suas súplicas para si mesmo. Escute mais e fale menos – ordenou o Homem de Branco, interrompendo-o, colocando dois dedos em sua testa e os outros dois na de Wainer, que se debateu e pareceu recuperar a consciência e presença de espírito.

– Não! P-podemos fazer um acordo, Antigo!

– De que tipo? – O Homem fingiu interesse.

As serpentes que formavam um júri reptiliano ficaram ainda mais ariscas, como fogo atijado pelo vento.

– O mesmo tipo de acordo que cedeu a Polônia à sua gente?

Wainer, apesar de aterrorizado, respirou fundo, como alguém diante de uma oportunidade por muito tempo sonhada.

– M-me dê essa ilha, e posso conquistar mais terras e servos para você – disse ele, acalmando-se e ganhando concentração durante sua cartada.

Com os dedos retorcidos e movimentos afetados pela experiência de quase ser digerido por uma serpente, ele tentava se livrar da camisa rota e imunda, meio que se despindo, meio que a rasgando. Suas costas e seu peito, para a surpresa de Franz, eram completamente cobertas por tatuagens, com pouco espaço de pele incólume.

– Estes indignos, mestiços e miscigenados sangrarão por você e por você serão purificados! – continuou ele. – Seu corpo poderá abraçar o mundo e se livrar dos limites dessa prisão cercada de água. Erguerei para você o altar, e eles conhecerão a sua sabedoria, ó, grande Jörmungandr, filho de Loki e irmão de Fenrir, que um dia engolirá o sol.

Wainer apontava para o próprio peito, que subia e descia com violência. Sobre o esterno, havia o desenho de uma serpente enrolada, o

símbolo do infinito, mordendo a própria cauda. O Homem parecia admirar as tatuagens do sujeito, inclinando a cabeça enquanto dava outro trago de seu cigarro, já quase no fim. Franz tentava decifrar os outros desenhos, surpreso que a criatura magra e patética que era o operador de radares do U-88 tivesse aqueles símbolos ocultistas pelo corpo. Isso ao menos fazia *um pouco* de sentido com todas aquelas conversas sobre livros que endeusavam a loucura e o devaneio. No meio do mosaico de sinais, runas e suásticas de diferentes traços e tamanhos, havia também letras que, mal sabia Franz, não eram de nenhuma escrita humana.

O Homem de Branco pareceu perder o interesse nos símbolos, preferindo o cigarro.

Abaixo do silvar absoluto ao seu redor, o coração de Franz batia rápido, e aquilo não era resultado apenas da neurotoxina inoculada pelas serpentes que haviam mordido Wainer e a ele. Estava apavorado, escutando palavras de ordem que jamais eram direcionadas a oficiais.

– Vocês, usurpadores de símbolos que se pensam superiores a todos, adoram propor acordos. Por curiosidade, apenas quando se veem acuados – disse ele, a fumaça infinda sendo liberada aos poucos por entre os dentes.

Tudo o que entrava precisava sair. Era uma certeza de Franz. As brumas intensificavam ao redor dos três homens, ocultando as serpentes que montavam guarda ao redor, parecendo encurtar distâncias físicas.

Sentiam que a Europa estava logo ali. Como se captassem uma interferência em meio a ondas de rádio instáveis, os dois alemães ouviram palavras de ordem que mandavam pais se ajoelharem, mães se despirem e crianças entrarem em cômodos e carrocerias de caminhões sem janelas. Ouviram o inconfundível som do fuzilamento, e os corpos de Franz e Wainer sacudiram com cada bala disparada. Seus lábios sangraram a cada golpe de botina. As narinas inflamaram com o gás que invadia a boca, o nariz e os olhos. E o gás também envolvia o Homem de Branco.

— Quando isso acontece e não há previsão de um acordo comum, vocês preferem colocar uma bala no céu da boca. É engraçado.

Franz não entendeu aquela parte. Mas via formas despontando no meio da neblina que era formada por gás e fumaça de cigarro; meninos índios, um sacerdote de vestes humildes enforcando a si mesmo com as contas de seu terço, um homem nu de olhos vendados, uma mulher armada e com olhos mais perigosos que a pistola que empunhava. Atrás deles, uma, dez, cem, mil, um milhão, seis milhões de pessoas o observavam sufocar. O chão da ilha era azulejo sujo de sangue e vômito, como os das câmaras. O som do lastro do submarino estava lá, ampliado mil vezes mil, assim como os lamentos e os clamores em iídiche, em polonês, em tupi-guarani e, então, enfim, em português que, dali em diante, eles entenderiam muito bem. Aquela língua na

qual tanto seria suplicado, e cujas preces jamais seriam atendidas. A língua silenciada dos que despejavam o sangue na terra em que cultivavam. A língua manipulada por homens que enxergavam em pessoas como Franz e Wainer exemplos melhores que os assassinados por eles.

A mente e a alma de ambos os alemães, agora desprovidos de pátria e vida, experimentariam para sempre uma existência em um eterno campo de concentração. Aquilo era pouco perto da dor que haviam ajudado a causar, e uma espécie de dívida que jamais poderia ser quitada. Mas, ao menos, era algo.

— Este país que você, Wainer, enxerga como uma fonte de servos, criará um ditado bem interessante quando entrar na guerra que vocês começaram. — O Homem de Branco deu um último trago no cigarro e olhou para a guimba, parecendo achar graça. — Eu gosto deste povo. Ele é caótico, e é desse caos que tiram seu flagelo e sua força. Infelizmente, meu caro, domesticar o caos é algo que fez muitos falharem... e pagarem caro por essa ambição.

A bruma se condensou e espiralou sobre os dois. Ganhou a forma da Serpente do Mundo, ilustrando em um teatro de fumaça o possível triunfo do Terceiro Reich. Ascendendo aos céus, ela levava ao firmamento o idioma universal que a queda da Torre de Babel não destruiu: o sofrimento.

— Sou apenas da opinião... — começou o Homem de Branco, jogando a guimba ao lado do rosto de

Wainer e saindo do campo de visão dos alemães prostrados, que mal conseguiam erguer os olhos, quiçá mover a cabeça - ... que vocês têm conceitos muito errados sobre símbolos e força. Sobre a pele, a linhagem e o que ela representa. E isso me ofende.

Circundando Franz e Wainer, o Homem entrava e saía do campo de visão dos dois, livrando-se devagar do paletó.

- A pele de alguém é a armadura que protege sua alma. Juntas, alma e pele transmitem força através da linhagem. Linhagem é história, e histórias que se cruzam são fortalecidas e tendem a ser lembradas.

Uma volta. O Homem estava tirando colete e a gravata branca.

- Na minha opinião, a maneira mais covarde de ataque é fazer com que alguém acredite ser mais fraco do que é. Fazer com que uma história seja esquecida é igualmente cruel. Covardia pura. Porém, preciso admitir, é eficaz.

Ele deu outra volta e estava de torso nu.

- Acredite, você vai criar um oponente muito acima de sua capacidade de lidar com ele.

Outra volta. Ele afundou os dedos abaixo dos olhos, afastando a pele fina do rosto e revelando o vermelho que imperava sob a superfície. Franz se espantou em como a pele humana podia ser elástica e resistente, mas se assustou ainda mais com som de carne se rasgando.

– Eu acredito que o melhor remédio para a covardia é se colocar na pele do outro...

Volta e mais volta. O Homem, que deixara de ser pálido e virava uma mistura de vermelho, branco e amarelo, parecia estar quebrando o próprio maxilar para dar vazão a algo. Sua voz não vinha mais da boca escancarada, apenas emanava da bruma.

– ... começar do zero, com pele nova. E sem futuras linhagens.

Não havia mais voltas, pois a imensa serpente amarela liberta de sua pálida prisão era a própria volta. Ela se movia ao redor dos dois homens, contínua, em busca da cauda. Franz sabia que não só estava próximo de seu fim, como talvez já tivesse o ultrapassado. Wainer, no entanto, ria histericamente, e aquilo era quase pior do que a visão do imenso ser rastejante e da pele humana flácida descartada na mata, como as vestes brancas que antes a cobriam.

– O Rei... hahaha... de *Amarelo!* – disse Wainer.

Seu riso subia aos céus junto à fumaça, enquanto ele agarrava a própria pélvis. Franz, que, se pudesse, jamais teria desejado ter o comando de um submarino, ou mesmo ter se alistado no Partido Nazista, não estava entendendo nada. O gesto que a princípio parecia obsceno e mais um resultado daquela devoção mística e macabra de Wainer, na verdade, revelou um sangramento visível mesmo através das calças

imundas de terra e fluidos ofídicos; era a representação mais improvável de alguém que tivesse os testículos extirpados e achasse graça naquilo.

Foi a vez de Franz rir, completamente inconformado com como seu raciocínio havia chegado até ali. Alguma coisa dentro dele acabara de se desprender, e parecia ser sua alma, admitindo que não havia mais volta. Ele deveria ter percebido aquilo a partir do momento em que tinham desembarcado naquela ilha. Daquele mundo perdido. Despediu-se de sua noiva, sozinha em Dresden com suas telas. Helga fora boa ao esperá-lo, ao escrever para ele todas as semanas. Que encontrasse a felicidade em breve, mas não tão rápido. Alguém deveria chorar por ele, pois lágrimas de luto valiam mais do que uma Cruz de Ferro com Folhas de Carvalho.

— Engole essa, Guggenberger — sussurrou, embalado pelo riso desenfreado.

Feito isso, perder o controle era tudo que restava a Franz, e enveredar por um caminho da dissolução da mente seria seu último ato consciente.

Um agrupamento de estrelas brilhou mais forte que a lua e que a bruma, por tempo suficiente para os dois homens notarem. Elas estavam pulsando. Uma linguagem de sinais.

Franz fechou os olhos para o mundo. Mas ali, na ilha, eles permaneceriam abertos para sempre.





-9-

É PAU, É PEDRA...

ANOS ANTES

Caroline tinha uma grande dúvida quando o assunto era o futuro — grande parte disso pelo fato de seu futuro ser sempre definido pela família. A perspectiva de salvar animais era algo que, em meio a toda a cobrança e ameaças passivo-agressivas, lhe enchia de ânimo para seguir aquele caminho. Porém, havia algo que pesava nas suas escolhas: salvar um ser vivo devia ser algo indescritível, mas não havia como fazer isso sem sujar as mãos. Ela teria a coragem de colocar um bisturi na barriga macia de um gato, de fazer uma incisão em um coelho doente, de amputar a pata de um cachorrinho como o seu Manson? Seus olhos ficavam marejados só de imaginar. Seria mais fácil se o trabalho mais árduo de um veterinário fosse dar uma vacina em gotas para um gato arisco... A verdade era que *alguém* precisava fazer esse tipo de coisa, mas talvez ela ficasse feliz se não fosse a responsável por isso.

Curiosamente, esse medo em se responsabilizar pela dor alheia sumia quando ela colocava um paciente humano em perspectiva. Não passava pela mente de sua família que a doce e esforçada Carol poderia, sem o menor arrepio, imaginar-se tirando metros e metros de intestino de uma pessoa dopada sobre uma mesa de cirurgia. Aquilo era o que médicos faziam (o *Plantão Médico* na Globo não lhe deixava mentir) e humanos já nasciam mais preparados para enfrentar a dor no percurso da vida, ainda mais por terem consciência de que um dia vão morrer. *Memento mori*. Cachorrinhos, gatos e coelhos, no entanto... suas vidas já eram mais curtas, então essa coisa de dor era completamente injusta. Olhinhos redondos como bolas de gude nunca deveriam encontrar o frio vítreo da morte. Eles deveriam ser eternos, e os humanos seriam seus companheiros temporários, sendo substituídos pelos filhos, netos, bisnetos... todos eles os melhores amigos de um felpudo ser imortal, atravessando gerações.

Por esse motivo, ela esqueceu o amor-próprio ou qualquer senso de autopreservação quando ouviu o latido de Manson vindo do meio das árvores. Caroline estava disposta a se colocar em perigo para salvar o cachorro. Naquele momento, esqueceu-se também de que tinha um amigo desaparecido, e essa vergonha cairia sobre ela mais tarde, sobretudo nos anos seguintes. Disparou para onde os galhos das árvores

se encontravam e se entrelaçavam, deixando uma Mariana alarmada para trás no momento em que um atordoado Hélios alcançava. Ao ser questionado por que tinha ficado para trás e por que sua boca estava sangrando, o garoto descobriu que não sabia como responder àquela pergunta de maneira objetiva, e que quanto mais tentava lembrar, mais difusa a memória recente se tornava.

Enquanto isso, Caroline percebia tarde demais que seu ímpeto a tinha colocado em uma armadilha que talvez anulasse a possibilidade de salvar o cão, pois se viu desfilando por um verdadeiro corredor polonês feito de serpentes. Suas cabeças triangulares levantavam-se dos galhos, seus corpos enrodilhavam-se nos troncos. Amarelas, pálidas, calmas, pois não eram necessárias quaisquer atitudes predatórias quando a presa caminhava de bom grado na direção do abate.

“E se uma delas tiver picado o Manson?”

Esse pensamento fez Caroline dobrar a velocidade da corrida. E a impediu de ver o buraco oculto pelas folhas secas e raízes.

Hélios e Mariana demoraram a alcançá-la, pois tiveram o bom senso de contornar o caminho feito de serpentes; um placebo, pois as copas das outras árvores também estavam repletas delas. No entanto, a ignorância é uma benção, e bem-aventurados são os que conseguem mantê-la por uma vida inteira. Quando apareceram acima, na borda do buraco, Caroline se levantava com dificuldade do fundo daquela armadilha natural repleta de galhos, raízes e pedregulhos escorregadios. Ao se colocar de pé e tombar de novo, sentiu o calcanhar esquerdo dormente, e tentou afastar a possibilidade de tê-lo quebrado na queda.

— *Ai* — gemeu ela, olhando para o alto e vendo os contornos de Mari e Hélios, agachados na borda do buraco. — Vocês estão me vendo?

— Está difícil, é muito escuro — gritou Mariana, e o eco da voz dela funcionou como um sonar, ecoando na escuridão à frente de Caroline e revelando que ali havia profundidade.

Um túnel. Ela percebeu que estava na entrada de uma caverna em meio às raízes das árvores. Seus olhos começavam a se acostumar com a escuridão, e via contornos de raízes e cipós finos pendendo do teto. Água gotejava em algum lugar próximo.

— Vou procurar algo para puxar você! — disse Hélios, sua voz se estilhaçando em todas as direções.

Em seguida, um latido respondeu ao seu grito multiplicado, e Caroline teve certeza de que cair naquele buraco não havia sido acaso.

— *Manson!* Ele está aqui embaixo. Vocês ouviram?

Os contornos das cabeças dos amigos foram de um lado para outro durante alguns segundos, até terminarem uma de frente para a outra.

— Eu até ouvi, mas pareceu ser aqui em cima, Carol — disse Mariana, resabiada.

Hélio se ergueu, ficando de pé bem na beira do buraco.

— Eu ouvi umas vozes também, vocês não? — perguntou ele.

— Não era o eco? — Mariana deu de ombros.

Hélio fez um som de reprovação.

— Não sei, parecia mais uma risada. Cuidado onde pisam — avisou Caroline, lá de baixo.

— Era uma risada familiar... Será que não era o Paulo?

— Hélio, abaixa... — ordenou Mariana.

— Se bem que não acho que era o Paulo! Mari, me escuta! Eu estou dizendo que...

Naquele momento, um grande torrão de terra preta ao redor do buraco se desprende e fez o garoto despencar ao lado de Caroline, por pouco não a atingindo.

— Você é muito burro, caralho! — gritou Mariana com as mãos em concha, antes mesmo de confirmar se o amigo estava vivo.

Caroline se aproximou dele, preocupada, mas Hélio já tentava se levantar sozinho. Desistiu do esforço e sentou-se, levando uma das mãos à lombar.

— Acho... que bati as costas. Mas estou bem.

— Não deveria — retrucou Mari.

— Cala essa boca!

— Agora a Mari vai ter que puxar a gente — disse Caroline, segurando-se para não se juntar ao linchamento verbal contra Hélio. — Você consegue procurar algum cipó aí perto, Mari? Cuidado com a mão machucada.

— Vou ver — respondeu Mariana, afastando-se bastante do buraco e olhando ao redor.

Tudo era muito parecido. Ela tinha medo de se afastar demais dali e não encontrar mais os amigos. Ouvia latidos ao longe, e realmente lembravam os de Manson, mas, ao mesmo tempo, não pareciam vir daquele túnel.

— Era só o que faltava — resmungou a garota, tentando quebrar um galho de uma árvore, mas mudando de ideia ao perceber que ele não alcançaria os amigos no buraco. Deviam estar uns quatro metros abaixo, e ela precisaria de algo maior e mais resistente que aquilo. — Paulo

perdido, Manson perdido, os dois lá dentro de um buraco... e eu sem saber o que fazer.

Folhas se movimentaram em algum ponto próximo. Mariana se virou assustada, pegando uma pedra do chão sem tirar os olhos de onde a vegetação tinha chacoalhado.

— Quem está aí?

Hélio e Carol gritavam por ela lá de baixo, mas ela não entendia o que diziam. Talvez tivessem escutado o movimento, talvez tivessem encontrado algo. No entanto, Mariana não podia dar as costas para seja lá o que estivesse de tocaia. E se fosse um puma? Já tinha lido que o sudeste do Brasil abrigava vários deles em parques nacionais. Era um felino predador, não? O símbolo da marca de tênis com o mesmo nome parecia um desses animais agressivos, em posição de ataque.

— Quem está aí? — repetiu ela, sem acreditar que estava torcendo para ser um humano que se assustasse com uma pedrada ou com perguntas. — Paulo, é você? Estamos...

O mato se mexeu, e ela atirou a pedra por reflexo. Errou por muito a criatura quadrúpede que saiu do mato: um cachorro vira-lata.

— Manson! — disse Mariana, arfando, feliz por ter errado o ataque.

O cachorro fez festa em volta dela, lambendo a mão enfaixada e o rosto, e ela deixou escapar uma lágrima de alívio.

— Puta merda, que bom ver você! Tenho que avisar a Carol que...

Passando a mão pelas costas dele, percebeu que havia uma corda pendendo dali, amarrada a seu pescoço. A sensação eufórica de ter encontrado algo que serviria para puxar os amigos antecedeu a dúvida e o medo de imaginar quem teria amarrado o animal.

Enquanto ela tentava soltá-lo, agachada diante do cachorro, algo maior e mais pesado saiu das folhagens.

— Saia de perto desse fujão — disse o sujeito, com um coturno gasto pisando na corda que se estendia por muitos metros atrás de Manson.

Debaixo do sobretudo arruinado e do quepe que ocultava grande parte de seu cabelo loiro e lançava uma sombra em seu rosto, dava para ver que era um homem com a pele avermelhada que pessoas brancas como seu Amadeus exibiam quando passavam da conta na hora de beber. Havia algumas medalhas no sobretudo, insígnias e patentes bastante convincentes, e uma braçadeira vermelha. Mesmo sem ver a suástica desbotada no círculo branco, Mariana já havia assistido a documentários suficientes para identificar aquelas vestimentas, e reconheceu que o sujeito se vestia como um oficial nazista.

Ele apontava um remo de madeira para o rosto da garota, como se fosse uma lança.

— Não ouviu o que eu disse? Saia de perto do cachorro, ele é meu.

— Ele é da minha amiga, Caroline — respondeu Mariana, dando um passo para trás enquanto Manson fazia um som triste por não poder segui-la, sua coleira improvisada presa pela botina do homem fantasiado.

O sujeito riu, e o bafo alcoolizado alcançou a garota.

— Ele é meu, porque eu o encontrei. E preciso de cachorros por aqui. Muitos.

— E... por que você precisa de cachorros? — perguntou Mariana, tentando ganhar tempo enquanto considerava se conseguiria brigar corpo a corpo com o homem bêbado com a pior escolha de roupa para o réveillon.

“Alguém mandou ele ir para a festa de branco, e ele resolveu ir de supremacista branco”, pensou ela.

Porém, apesar do estado alterado do sujeito, dava para ver que era empertigado e corpulento. Se ele acertasse um golpe com aquele remo, Mari provavelmente teria a cabeça partida ao meio. Ela havia assistido a filmes de terror suficientes para saber que os assassinos e monstros eram fatais mesmo quando lentos e desajeitados. Também sabia que as mocinhas que gritavam e choravam desesperadas eram as primeiras vítimas de Jason, Michael Myers ou o fantasma de *Pânico*; esse último ela nem tinha gostado tanto assim, até porque a máscara do assassino conseguia ter mais expressões que a Neve Campbell (que era bem gatinha, mas não era essa a questão).

Mariana cerrou os punhos tentando passar alguma confiança mesmo sabendo que não era faixa preta em coisa alguma. Ela não era o tipo frágil de *mocinha*, e não daria aquele gosto para o maluco com um remo e com roupa nazista. Como dizia uma banda punk, a Propagandhi, que ela tinha muito orgulho por ser a única pessoa na escola a conhecer: *The Only Good Fascist Is a Very Dead Fascist*.

— Eu preciso de cachorros pra eles matarem as cobras daqui de Ulthar, que mataram os gatos, que provavelmente mataram os ratos que viviam aqui antes deles — respondeu o homem, apontando para Manson com o remo, o tom de voz sugerindo que fosse algo óbvio.

De repente, Mariana se sentiu completamente desarmada e sem o ímpeto de violência que tomava conta dela pouco antes: o sujeito era louco.

— *O quê?*

— Ulthar! — repetiu o oficial nazista, em um gesto que abrangia tudo a seu redor. Devia estar se referindo à ilha. — Antes daquele maldito do Wainer roubar a minha vida, ele me disse isso uma vez. Chamava esse fim de mundo de um monte de nomes, mas acho que ele tinha razão... Aqueles livros que lia sobre o fim do mundo, sobre o oculto. Ulthar era uma cidade que adorava gatos, muitos séculos atrás. Os templos devem ter virado pó. Você já viu o tanto de cobras que tem por aqui?

— Ahn... vi — respondeu Mariana, confusa. — Mas cobras não são gatos.

— Claro que não, mas comem gatos! E cachorros são descendentes de lobos — disse ele, apontando para um assustado Manson.

Com as orelhinhas baixas e o focinho molhado, o animal parecia tudo menos um lobo. A garota não sabia aonde o homem estava querendo chegar com aquilo, e ele continuou, os olhos indo para lá e para cá, parecendo procurar o sentido que faltava em suas palavras.

— Lobos, de acordo com os estudiosos do Ragnarök, são parentes das cobras. Fenrir é irmão de Jörmungandr, e todas as serpentes e lobos...

— Você está falando de *black metal*? — interrompeu Mariana, completamente confusa. Mas sua pergunta pareceu deixar o sujeito como uma máquina de fliperama travada, e ela começou a desamarrar a corda que prendia o pescoço de Manson. — É por isso que usa essas roupas, né? Acho uma bosta essas bandas norueguesas com esse papinho de “Ah, o Terceiro Reich é que era foda, *Heil Hitler*”. Vai tomar no cu. Solta o cachorro e vai procurar uma igreja para queimar, vai.

O homem de farda decadente não pareceu acreditar na petulância da menina, muito menos entender o que era *black metal* e o que Hitler tinha a ver com tudo aquilo. Havia muito tempo que ele não pensava naquele nome. Quem era Hitler mesmo? Seu rosto foi da incompreensão à raiva em poucas microexpressões, e então ele ergueu o remo. Podia ser louco, mas sabia discernir quando alguém estava claramente fazendo troça dele.

— Sua pirralha! Vou mostrar como...

Manson foi mais rápido e mordeu a perna do homem logo onde o coturno terminava. Ele gritou, e o remo zuniu próximo ao rosto de Mariana, que avançou com rapidez para agarrar a arma improvisada do sujeito. Disputaram o objeto de madeira por alguns segundos, enquanto

o cão rosnava e continuava a mordê-lo. O homem tentou chutar o cachorro com a outra perna, mas acertou a botina de raspão. Manson ganiu, e Mariana aproveitou que o homem tinha perdido o apoio de uma das pernas para derrubá-lo e ficar com o remo.

— No chão! Fica no chão! — gritou ela, atijando o remo rente ao rosto do sujeito, que de vilão de filme de terror virou bandido de filme em que criança e cachorro encaravam o adulto, típico de um *Esqueceram de Mim*.

Mas o homem não obedeceu, porque filmes do Macaulay Culkin não costumam ter nazistas; tirando seu papel em *Anjo Malvado*, que era o mais próximo de um filhote de Hitler. Ele foi se levantando, levando a mão a um bolso interno do sobretudo. “Se ele tinha uma arma, porque não a sacou antes?”, pensou a garota, torcendo para ele não ter ali nada mais perigoso que um vira-lata.

Porém, seu movimento nem sequer foi completado, pois outra figura surgiu de trás das árvores, o terno branco conseguindo chamar mais atenção do que as vestes nazistas.

— Franz, Franz, Franz... O que eu faço com você? Incomodando nossos hóspedes de novo? — perguntou o recém-chegado, caminhando de forma despreocupada.

Seus sapatos, também brancos, estavam limpos demais para alguém que caminhava na mata da ilha depois daquela tempestade. Rosto macilento, cabelos escuros e um sorriso largo demais fixo no rosto terminavam de compor uma figura exótica que passava seu réveillon particular com gente muito estranha e maluca naquela ilha.

“Aí está alguém que se empenhou bastante para se vestir para o Anonovo”, pensou Mariana, ainda desconfiada. Ele lhe ofereceu uma das mãos, a palma virada para cima, como se ela fosse estender a dela para que ele a beijasse.

— Peço perdão pelo comportamento dele, minha querida. Ao contrário do que dizem por aí, livros demais podem *sim* fazer mal a certos tipos de mente. Principalmente as que percorrem léguas submarinas sem o auxílio de Júlio Verne.

Ela não retribuiu o gesto cortês. Manson tinha parado de rosnar, mas se escondia atrás das pernas de Mariana, nitidamente incomodado com aquelas presenças. O maluco inicial, que pelo visto se chamava Franz, ficou resmungando no chão como uma criança mimada, polindo com a bainha do sobretudo puído uma espécie de broche amarelo com um besouro negro no meio, cheio de letras incompreensíveis. Ele parecia ter

conjurado uma garrafa de bebida do nada e a levava aos lábios triste, uma mamadeira de consolo para um bebê chorão.

— Certo — disse ela, dando passos vacilantes para trás. Sentira-se mais segura na presença do índio pelado do que com aqueles dois. — Então, valeu. Estou indo nessa.

Mariana se virou.

Mas não havia mais o caminho acidentado até o buraco que *deveria* estar ali. Sua mente gritava que não fazia sentido a paisagem mudar daquela maneira. Não havia sequer algo que sugerisse que ela estava no planeta Terra.

Sob seus pés, rocha derretida e incandescente era revolvida. No céu, rochas multiformes e incandescentes despencavam. A cada choque, um resultado nada imediato. A nuvem de vapor que subia desaguardaria em breve. Água, fogo, pedra e dor, pois ainda não havia ar. Apenas a fúria de um corpo celestial em sofrimento.

Mariana não sabia o que estava acontecendo ali, mesmo após o índio cego — olhos desvendados, mas abertos e brancos, iluminados por dentro —, que a levava até a ilha, reaparecer e parar à sua esquerda, também de pé sobre o nada, destacado do caos.

À sua direita, uma serpente pálida, iridescente, entre o dourado e o argênteo. Mas ela não a ameaçava, apenas olhava para a frente. Agora, havia terra sob as solas de quem tinha pés e sob o ventre de quem por ele deslizava. O mundo avançava debaixo deles, com quilômetros e quilômetros de oceano sem praia alguma para despejar a sua fúria, senão em si mesmo.

A rocha foi ganhando espaço, mas nunca venceria aquela luta. Ela seria um alívio temporário. Ninguém escapava de retornar à sua matéria-prima, da viagem de volta à fonte.

O pedaço de terra sob seus pés resistia aos efeitos do tempo. Congelou e depois derreteu. Seres titânicos passaram e pisaram por ali, e depois perderam a briga para o retorno do frio. A Serpente, que tudo sabia, sibilou que quando o gelo derretesse outra vez seria o sinal de que o homem ainda viria, e assim foi. Quando o tempo dos homens chegou, foi tão de repente e tão... sem sentido. O conhecimento que eles adquiriam também queimava. Nalanda queimava. Roma queimava. Alexandria queimava. A Babel de Borges queimava. Havia formas de queimar que não envolviam fogo, e as mulheres queimaram das duas formas. A África queimou e muitas outras Áfricas queimariam em pouco tempo, incluindo as que não eram reconhecidas como parte da

civilização, as que haviam sido levadas para longe do continente e as que ficavam amontoadas nas beiras das grandes cidades retratadas em cartões-postais. Luzia, assim nomeada muito depois do seu próprio tempo, também conheceu as chamas do descaso, da mesma maneira que a Notre-Dame de Victor Hugo queimaria. O povo arderia de novas formas, pois o homem entendia que o esquecimento era feito de cinzas e desejava o esquecimento para muitos dos seus semelhantes. E as suas cinzas eram diluídas no ar, que agora existia. Tempestade e vendaval para alguns, brisa e ar fresco para outros.

A poeira que se acumulava nas quinas do mundo, incômoda e indesejada, era lavada por água domesticada. Mariana viu uma cidade com seu nome e tantas outras se tornarem fantasmas de lembranças, ectoplasmas ralos e tênues prestes a se misturarem ao ozônio. Mas antes que pudessem ser sentidas, as rochas incandescentes voltavam a tomar conta do cenário, e a garota se perguntava em voz alta, enquanto piscava repetidas vezes:

— Que merda foi tudo isso?

O cenário era a ilha de novo. O índio ainda estava ali, à direita, os olhos cegos encarando algo que Mariana já havia parado de enxergar. A serpente, no entanto, dera lugar ao Homem de Branco.

— Um belo resumo da ópera do mundo — disse ele, ficando de frente para ela, de costas para o buraco, cerca de dez metros adiante.

Lá embaixo, os amigos de Mariana gritavam seu nome, preocupados com o silêncio de sabe-se lá quanto tempo.

— Talvez, da próxima vez, você deva se segurar para não ver de maneira tão acelerada. Quando isso é feito com muita frequência, pode deixar você daquele jeito — falou ele.

O Homem apontou para algum ponto atrás de Mariana, que se virou a tempo para ver Franz brincando com o broche tétrico de escaravelho no chão coberto de folhas mortas. A garota suspirou, em seguida olhou para baixo procurando por Manson, que não estava mais lá.

— Ei! Cadê o cacho... — disse ela, virando-se de volta para o Homem de Branco, mas ele agarrou seu rosto com a mão espalmada antes que ela terminasse a frase.

Como um pastor conduzindo uma sessão de descarrego, ele a manteve junto ao chão, e Mariana sentiu as pernas bambearem, a voz completamente abafada e a visão bloqueada.

— Você terá tempo de praticar visões mais tarde, mas agora deve esquecer tudo o que viu. Sua presença em outro lugar será importante.

A gente se vê em breve.

E assim, ele empurrou a testa dela com o indicador e o dedo médio juntos. Com o som de um trovão, ela despencou.

* * *

Caroline e Hélio gritavam pelo nome de Mariana, que havia sumido da borda do buraco e simplesmente parado de responder. Abusando do esforço, mesmo com as costas doloridas, o garoto tentou erguer a amiga até algum ponto onde ela pudesse se agarrar a uma raiz e pudesse içar-se para fora do buraco. Mas a terra estava muito úmida e cedia ao menor esforço, derrubando-os de volta ao chão de pedras e galhos.

Para piorar, um estouro nos céus anunciou mais uma daquelas tempestades surpresa.

— Vamos ter que entrar nesse túnel para nos proteger — disse Hélio, com uma careta de dor.

Caroline tentava se levantar com uma expressão bem parecida.

— Imagina o tanto de cobras que deve ter aí dentro! Você viu quantas delas havia nas árvores?

— Não, porque não saí correndo desembestado pela mata.

— Não vai adiantar jogar isso na minha cara agora, Hélio. Aqui a gente vai se afogar na lama, morrer eletrocutados ou coisa pior. Deve ter uma saída, no mínimo. Tem *vento* vindo de lá.

— Você está doida. Eu preciso de mais do que isso para me aventurar no breu. Vamos esperar a Mari.

— Então você espera, eu vou — disse Caroline, irritada, empurrando Hélio para o lado.

E então, com um baque seco, Mariana caiu do alto do buraco, pouco antes dos primeiros pingos grossos da tempestade.

Hélio e Caroline olharam completamente abismados para a amiga, enquanto ela parecia estar acordando de um longo sono, e não despencado das alturas como um saco de batatas. Seus olhos pareciam enevoados e confusos, e sua única expressão de dor veio quando ela tentou se sentar e algo pareceu espetar suas nádegas. Ela tateou o chão sob seu corpo e, para sua surpresa e a de Hélio, sorriu feito boba para o isqueiro prateado encontrado por acaso.

* * *

— Um passo de cada vez — disse a dra. Monique, claramente satisfeita.

Na ocasião, sentada na poltrona confortável próxima ao abajur do consultório, Caroline conseguiu jogar uma partida do jogo da cobrinha no celular sem começar a ver coisas. Ela devolveu o aparelho para a mulher, um pouco tensa, achando que a qualquer momento experimentaria o efeito retardado de ter alimentado aquela serpente de pixels.

— E acho que foi até mais longe do que eu. Sou péssima nesses joguinhos.

Monique sempre a fazia se sentir melhor ao fim de cada sessão. Seu consultório, no entanto, poderia ser considerado sinistro por muitos, mas não por Caroline. O diploma de graduação pela UFPA e os de doutorado e mestrado na USP estavam emoldurados ao lado de outros certificados, como o de um curso de Tarot egípcio, o de acupuntura e o de terapia holística. Ao longo das paredes, havia gravuras, estátuas e símbolos intrincados, que deixavam claro até para quem não entendia do assunto que ela seguia uma linha mais jungiana. Essa conclusão ficou mais óbvia para Caroline depois que ela se deparou com retrato de Carl Gustav Jung na entrada do consultório. Havia também uma cópia de *O livro vermelho*, um fac-símile, que estava sempre na escrivaninha próxima à janela. Caroline nunca o viu empoeirado e, a cada sessão, o livro estava aberto em uma página diferente, o que significava que Monique devia folheá-lo com frequência.

Apenas esse fato já seria o suficiente para assustar algumas pessoas.

Caroline, no entanto, sabia que seu trauma não seria curado por médicos e terapeutas convencionais. Gostava do fato de a psicóloga ter ascendência marajoara, se interessar por medicina “alternativa” oriental e se identificar com métodos psicanalíticos de um dos homens que mais pensava ter entendido o Ocidente e o Oriente. Gostava também dos ares (místicos, talvez?) daquela sala, das mandalas, da meia-luz, das persianas que nunca estavam totalmente fechadas, projetando raios de claridade no tapete do consultório, que tinha janelas voltadas para o oeste — e as sessões eram sempre às dezesseis ou dezessete horas. Mesmo nos raros dias em que Monique permanecia praticamente calada e só se manifestava para dizer “terminamos por hoje”, era bom estar ali.

No início, Caroline falava apenas do rompimento de sua relação com a família, sempre contornando o que considerava “pesado” demais para revelar a outra pessoa, por mais que houvesse toda a questão do sigilo

profissional. Então, as sessões passaram a ter sua finada carreira de médica veterinária como foco. A dra. Monique fazia perguntas que pareciam não ter nada a ver com isso, mas, aos poucos, ela surpreendentemente foi capaz de construir um perfil de sua paciente sem ser invasiva, da forma mais furtiva que uma psicanalista poderia ser. Foi assim que ela descobriu que Carol havia beijado garotas e gostado disso muito antes de Katy Perry, e foi assim que também descobriu o medo de serpentes. A ofidiofobia foi anotada como possibilidade de estresse pós-traumático no dia em que Monique se sentou de pernas cruzadas diante de Caroline, com um sapato que imitava a estampa de pele de cobra-coral.

— Você parece nervosa, irrequieta, e está evitando olhar para mim. Há algo errado? — perguntara ela enquanto anotava no seu caderninho informações como “estresse pós-traumático”, “cobrança paterna” e “esculápio”, sucedidas por pontos de interrogação.

Na ocasião, a resposta da paciente fora:

— Acho que deixei a panela no fogo, sinto muito. Até semana que vem.

Só que não houve semana que vem, pois a paciente sumiu.

Esse era o fio solto que desfiaria todo o tecido que Caroline usava para cobrir seus medos. Mas Monique estava disposta a puxá-lo com delicadeza. A paciente alegou problemas financeiros (o que não era mentira), e a psicanalista deixou claro que as duas próximas consultas seriam gratuitas, pois ela se interessava por seu caso. Mesmo assim, não adiantou.

Caroline voltaria ao consultório, mas apenas depois de alguns meses e um tanto mais aberta a conversar sobre os próprios medos. Monique, no entanto, não sabia que, no “hiato” de sua paciente, ela conversara com outro profissional.

O nome do dr. Honorato havia sido encontrado no Google, anúncio patrocinado — *Primeira sessão grátis, agende já*. Consultório na avenida Faria Lima, oitavo andar de um prédio com um saguão tão grande que parecia uma pista de dança. Bela primeira impressão. Espaço vazio sempre demonstrava prosperidade, pois era um sinalizador de que pessoas ricas podiam pagar por um cômodo imenso e o preencher somente com um vaso e uma poltrona. O elevador de aroma cítrico desejou “bom dia” para a paciente e a deixou no oitavo andar, onde Caroline foi recebida pelo próprio Honorato, cortês e gentil, pálido e de cabelos escuros contrastando com a camisa e a calça branca.

Caroline achou curioso um psicanalista se vestir como um clínico geral que tivesse esquecido o jaleco e o estetoscópio. O consultório abraçou com um cheiro de couro envelhecido, mas limpo, antes que seu olfato tivesse desacostumado com o elevador sabor lima-da-pérsia. Sem recepcionista nem assistente, ele a conduziu pela antessala com as paredes convertidas em estantes abarrotadas de livros, ainda mais que na sala da dra. Monique. O tapete, as persianas (estas, completamente cerradas) e a meia-luz (de luminárias de aparência antiga) faziam com que os consultórios fossem, de certa forma, parecidos. O dr. Honorato, porém, tinha mais quadros pelas paredes e fotografias de si mesmo. Em uma delas, ele sorria posando ao lado de uma amurada, com um rio e uma ilha verde ao fundo. Caroline se demorou diante do retrato do homem, que percebeu sua curiosidade e logo tratou de explicar, com um sorriso saudoso:

— Ah, tirei essa foto na ponte da Amizade. Embaixo dá para ver o rio Paraná. Comprei muita muamba em Ciudad del Este. Já foi lá?

Caroline sorriu e negou, estranhando. Pelo prédio e pelo consultório, esperava encontrar apenas fotos do terapeuta em frente à torre Eiffel, no Louvre, no Stonehenge... Aquilo lhe confortou, pois conversaria com um homem culto e, ao mesmo tempo, de certa simplicidade, se é que podia imaginá-lo desse jeito.

Então, a sessão começou.

Honorato não pediu para que ela explicasse por que estava ali. Ele apenas se sentou de frente para a paciente, em silêncio, por muito tempo. Algo entre dois e trinta minutos.

Seus olhos eram negros, o avesso de toda a brancura das vestes. E ele não piscava. Caroline queria sentir terror, mas a mente dela estava ocupada demais sendo sugada para dentro daquela escuridão. E não havia tempo de sentir medo.

Dr. Honorato se levantou ao fim do silêncio de tempo insondável, e foi até a escrivaninha, próxima à janela. Uma brecha de sol ainda teimosa entrava por ali, e ele logo ajeitou as persianas, quase que com irritação, para que o breu se mantivesse. Caroline permaneceu sentada onde estava, ainda com os lábios selados, mas com a sensação de que havia regurgitado a vida toda diante daquele homem.

Ele voltou para o lugar, com um caderno em capa de couro. Desenrolou o cordão que o fechava com uma calma que fazia parecer que aquilo era um ritual. Folheou páginas repletas de letras e símbolos feitos à mão. Caroline não conseguia se mexer, mas não se sentia

apavorada. Era como se não visse utilidade naquela ação, como se estivesse muito distante de *querer* sair dali.

— Você que trabalha em livraria já deve ter se deparado com inúmeros advogados, médicos e políticos que tentam ser poetas — disse ele calmamente, as pernas cruzadas enquanto procurava por uma página específica.

Caroline assentiu, se lembrando dos lançamentos cheios de gente rica que jamais lia aqueles livros com

tais rimas
(horrorosas)
que evocavam
paixões e rosas.

compravam apenas
para puxar
O saco
do honorável velhaco,

pois todas as pessoas eram alunas, clientes e sócias dos poetas, vagando pela livraria e deixando taças de champanhe e canapés em cima de pilhas de livros pela loja toda. Vez ou outra, vomitavam no carpete.

Em meio ao turbilhão de pensamentos tão verossímeis e pelo horror de ter se envolvido em um sarau e não em uma sessão de terapia, Caroline não percebeu que jamais havia dito ao psicanalista que trabalhava em uma livraria.

— Bom, não lerei uma poesia autoral para você, mas uma tradução de um poema praticamente desconhecido de William Blake que, creio eu, conversará bem com seus medos.

Ele pigarreou e começou:

*“Eu vi uma capela toda dourada
Onde ninguém ousava adentrar.
E muitos ali, parados à estrada,
A chorar, a gemer e a adorar.*

*Eu vi uma serpente se levantar
Entre os alvos pilares obscuros,*

*E bateu e bateu até destroçar
Os trinques e tranças de ouro puro.*

*E serpenteou pelo belo pavimento,
Entre o brilho de pérolas e rubis,
Deixando seu viscoso corrimento
Até a alvura do altar branco gris.*

*E então vomitou seu amargo veneno
Sobre a hóstia e o vinho da unção.
Voltei rápido ao imundo terreno
Para entre os porcos obter comunhão.”*

Então fechou o caderno com o ruído macio de couro tocando o papel já grosso e engordado pela tinta. Enquanto enrolava o cordão de volta na capa, Caroline se levantou e disparou porta afora, sentindo o olhar que nunca oscilava às suas costas. Nada foi dito para impedir sua saída.

Ela não olhou para trás até atravessar o saguão espaçoso, entrar no ônibus na avenida Rebouças e se sentar à janela, ofegante. Olhou para a rua, nervosa, procurando por qualquer sinal de um homem todo de branco na multidão que atravessava a avenida. *Nada*. Recostou-se no assento, aliviada, e então percebeu duas coisas: que o cobrador a encarava e que ela estava com o rosto completamente molhado pelas lágrimas.

Alguns meses depois, retomou as consultas com Monique. Não comentou com ela sobre a visita macabra ao dr. Honorato e sobre sua vontade de denunciá-lo ao Conselho de Psicologia, tampouco sobre seu fiasco em obter qualquer informação posterior sobre o sujeito. O Google havia lhe mostrado o anúncio de Honorato, mas agora não exibia mais nada, e Caroline não entendia como alguém podia sumir daquela maneira. Em um arroubo de coragem, até passara pelo prédio de saguão amplo e perguntado pelo psicólogo, e a resposta que obteve da recepcionista só a deixou mais confusa:

— Trabalho aqui há cinco anos e não me lembro de nenhum dr. Honorato. Me desculpe.

Caroline resolveu não pensar mais no assunto, pois, de outra forma, enlouqueceria. Procurou esquecer a sensação experimentada durante a leitura daquele poema e continuou o tratamento com Monique — que

foi eterno enquanto durou, até que a mudança no convênio do trabalho as separasse para sempre.

O episódio com o dr. Honorato continuou esquecido até Caroline ver a versão pintada daquele poema na mansão de Paulo.

Hélio a chacoalhou, tentando tirar a amiga da catarse de lágrimas.

— Carol!

— ... *bateu e bateu até destroçar...*

— Carol! Olha para mim!

— ... *trancas de ouro puro...*

Hélio agarrou o pulso da amiga com firmeza e a puxou para ele, que se desequilibrou e içou Caroline por cima dele enquanto a cadeira de rodas tombava de lado. Hélio gemeu de dor, e a moça demorou a se levantar, confusa como se estivesse acordando de um pesadelo. Manson havia parado de latir.

— Você... me atropelou? — perguntou ela, tentando levantar a cadeira do amigo, que apenas sinalizou para que deixasse aquilo com ele.

Graças à força dos seus braços, ele subiu com rapidez.

— Não, mas bem que deveria. Você estava encarando aquela tela e tendo uma síncope. Acho que deu tela azul em você. — Hélio suspirou, com a cadeira de volta à posição normal. — Ou tela branca, no caso.

Caroline não entendeu, e suprimiu um grito quando quase se virou de frente para a tela. Cobriu a lateral do rosto, dando as costas para o quadro.

— Essa pintura... é como se ela falasse comigo...

— Carol, essa pintura “fala” tanto quanto eu faço polichinelo.

— Hélio, eu disse que tenho pesadelos de olhos abertos com serpentes! Vai ficar me zoando agora, babaca?

Hélio ergueu as sobrancelhas e crispou os lábios, indicando a tela. Caroline negou com a cabeça, mas ele insistiu, tentando segurá-la pelos ombros. De frente para o quadro, ela fechou os olhos com força.

— Abre os olhos.

— Não... Vou começar a ouvir tudo de novo...

— *Por favor.*

Aquelas duas palavras eram tão inesperadas vindas de Hélio que foi impossível não ceder, ainda mais ditas daquela maneira, como um apelo do fundo da alma. Ela não se lembrava de ter ouvido o amigo dizendo “por favor” em qualquer ocasião ou contexto. Então, resolveu que abriria os olhos. Era algo que deveria fazer rápido: como piscar, só que

mais rápido, porque abrir os olhos levava apenas metade do tempo no processo de piscar. No entanto, o tempo entre atitude e realização parecia se estender dentro de Caroline. Ela pensava mil vezes, lembrava-se do jogo da cobrinha e de como a dra. Monique fazia ela prestar atenção aos pixels. *Se você simplesmente olhasse para essa tela pausada, sem contexto, não veria uma cobra.* Fazia sentido na época, continuava fazendo sentido agora. *São pixels. Pixels grandes demais, quadradinhos em uma tela, marchando até outro quadradinho, e mais outro.* Era isso. Caroline estava convencida. Aquilo à frente dela era tinta à óleo sobre tela. Uma pincelada atrás da outra, em sentidos diferentes, com cores diferentes. Não era uma cobra. Além do mais, pensou, talvez a serpente já tivesse ido embora, deslizado para o próximo quadro da casa, que nem aquelas pinturas vivas em *Harry Potter* (série que ela nunca terminou por causa da primeira aparição da mascote de Você-Sabe-Quem).

Ela de fato abriu os olhos e então se deparou com uma tela em branco.

Do exato mesmo tamanho, ocupando o mesmo lugar. Mas era branca, como a cegueira branca da epidemia de Saramago.

O quadro não estava assinado, mas definitivamente não era uma tela vazia, da cor crua de tela nova. Com certeza era pintado, tinha as marcas óbvias de pinceladas (nada de um compressor ou de um mergulho em um tanque de tinta) e nem todas eram no mesmo sentido. Havia um esforço para se chegar àquela simplicidade monocromática, de tinta branca e espessa — o que talvez significasse que, em algum lugar, havia uma assinatura.

— Onde... está o outro quadro?

— Que outro quadro? — perguntou Hélio, girando a cadeira no próprio eixo.

— O... da serpente no poste...

— Carol, não tinha nenhum quadro aqui. Só esse. Você... quer me contar alguma coisa?

— Medo de cobra — respondeu ela, como se toda a questão dela com esses animais fosse algo tão simples quanto três palavras.

— Tem algum remédio que você se esqueceu de tomar ou algo assim? Estou perguntando porque eu...

— Não. Já estou melhor, relaxa — mentiu, sentando no sofá e apontando para o próprio rosto, sem saber que estava com o rímel escorrendo pelas bochechas. — *Tcha-ram.* Viu?

A boca de Hélio se moveu em uma expressão pensativa, desviando o olhar e sumindo pelo corredor de onde viera com um ranger mínimo de rodas que, em breve, precisariam de óleo nos eixos. Reapareceu quase um minuto depois segurando um rolo de papel higiênico e o atirou contra o rosto manchado de Caroline, com toda a indelicadeza habitual.

— Acredita que ele também adaptou o banheiro para mim? — disse Hélio, indo até o minibar do outro lado da sala, onde brilhavam garrafas tão diferentes entre si quanto amigos que não se falavam havia dezenove anos. Pegou um copo e olhou dentro para ver se estava limpo. — Vai lá lavar o rosto senão a Mari chega e manda exorcizar você.

— Ué. Achei que você não bebia mais por causa de... tudo.

— É pra você.

Carol sentiu um orgulho estranho do amigo. A bebida não era mais uma questão para ele. Em uma vida cheia de traumas irreparáveis e segredos, ao menos *aquilo* estava resolvido para Hélio.

“Talvez eu também possa me curar, afinal”, pensou, lembrando que haviam pessoas interessadas em ajudá-la (como a dra. Monique), mas que também havia gente que não fazia muita questão de possibilitar que ela pagasse por essa ajuda específica (a maioria dos empregadores no final de 2018). Se Mariana ainda fosse adolescente e estivesse por ali um pouco mais cedo, diria que tinha uma música do Megadeth que falava sobre algo parecido.

Porém, ela só chegou duas horas depois, após Hélio e Caroline já terem espiado todas as fotos e os retratos dos velinhos que apareciam ao lado de outros retratos da mãe de Paulo, sempre sorridente em fotos de baixa qualidade. O assunto já tinha mudado quando Hélio e Caroline estavam ao lado da piscina, um terminando o primeiro maço de cigarros e o outro terminando uma garrafa de espumante caro, olhando para libélulas dando rasantes na água.

Hélio se assustou com Mariana aparecendo de repente pelo corredor lateral e chamando pelos nomes deles. Caroline não demonstrou nenhum sobressalto, pois estava bem anestesiada tanto pelo trauma do quadro em branco quanto pelo champanhe.

— Essa aí quer me matar do coração.

— Falou aquele que está enchendo os pulmões de fumaça — rebateu Mari, passando por ele e largando uma pochete vermelha e um livro em seu colo, o que deixou Hélio sem reação. Ela se sentou um pouco longe dos outros, puxando uma cadeira de praia. — Nada do Paulo ainda?

Caroline negou com a cabeça, virando a garrafa até a última gota em sua taça — e dando uma chacoalhadinha para desprender um pingoteimoso do gargalo. Hélio, com o cigarro no canto da boca, segurava a pochete com umas das mãos e o livro *Mate-me por favor* na outra.

— O que é isso, Mari?

— Devolução de empréstimo e de itens esquecidos na minha casa — respondeu ela, olhando para o celular. — Você deixou a pochete na minha casa há dezenove anos, estava lá no quartinho da bagunça até hoje. E você me emprestou o livro, lembra?

— Não — respondeu ele com uma careta e chacoalhando a pochete, que tilintava. — Caramba, deve ter umas moedas aqui.

— Estou devolvendo do jeito que você deixou — retrucou ela, irritada. — O que tinha naquela época é o que tem agora. Carol, deixei um negócio para você na recepção da pousada. Achei que ainda a encontraria por lá.

— Gratidão — respondeu a amiga, aérea e afetada pelo álcool. E então fechou o rosto. — O que é?

— Depois você vê — disse Mariana na mesma hora, um tanto impaciente.

Hélio encarava a pochete vermelha como se ela fosse um rato radioativo.

— Nem sei se agradeço. É uma pochete vermelha. — Ele passou o cinto dela por cima dos ombros e a prendeu, cruzada no peito, ajustando-a embaixo das axilas. — Como estou?

— Tendência — falou Caroline, com polegares erguidos.

Mariana se levantou para pegar o pote de batatas Pringles que estava perto dela, fazendo cara de desagrado ao ver a garrafa de bebida vazia. Hélio acompanhava a movimentação da amiga com certa curiosidade, a dúvida que sentia em relação àquela atitude de devolver velharias que poderiam muito bem ter sido jogadas fora estava estampada em seu rosto. Mas havia outra coisa que o incomodava.

— O Paulo deixou a chave da mansão com vocês duas, mas não comigo. Acho que ele vai me matar primeiro. — Ele ergueu o livro, mostrando o título. — Talvez esse seja um sinal de que ele vai abrir os sacrifícios comigo. E quanto a vocês, ele vai decidir na base de quem correr mais rápido e abrir a porta trancada.

— Do que *focê* está falando? — perguntou Mariana, sisuda, seca, com a boca cheia, fazendo farelo de batata voar. Naquele momento, parecia

a Mari sisuda e seca de 1999 fantasiada de alguém muito diferente. — Eu não ganhei chave nenhuma.

— O Hélio é *ressentiiiiido* — comentou Caroline em meio a uma crise de riso boba. — E acha que o Paulo está juntando a gente aqui para se vingar. Eu devia escrever um livro assim...

— Vá à merda, Carol — disparou Hélio, a mão aberta na direção de Mariana. — Como assim você não ganhou a chave? A gente deixou a porta aberta?

Mari deu de ombros.

— Claro que não. Quando cheguei aqui, abriram a porta para mim. A risada de Caroline parou. Hélio deixou o cigarro cair.

— Quem abriu?

— Não sei o nome dela. Uma senhora negra, cheinha, com roupa chique. Aliás... — disse Mariana, séria, congelando por um instante sem perceber a troca de olhares confusos e horrorizados entre Hélio e Carol. — Achei que o Paulo morasse sozinho aqui. Por que tem tantos retratos dela pela casa?

[...] aguardando para fazer reféns. Mais homens vieram marchando pela praia, entraram na mansão e se posicionaram nas sacadas e janelas, dispersando o público com tiros para o céu e gritos de guerra ou de oração – coisas que, para eles, eram iguais. No meio da correria de gente fugindo ou se escondendo dos recém-chegados, um pensamento veio na contramão do bom senso de Alice: ela olhou para o homem morto a seus pés e reparou que o chapéu pontudo e a túnica da Irmandade da Serpente de Bronze original eram bem malfeitos, muito piores do que o figurino da peça. Ao que parecia, bom gosto e estética nunca faziam sucesso no lado direito do totalitarismo. Ela recarregou a pistola e tentava arrancar um fuzil da mão enrijecida do sujeito que a atacara. A bala que disparara em legítima defesa tinha feito uma curta viagem através de seu crânio até sair do outro lado e repousar ali, na areia áspera da Praia da Baleia.

Alice se recostou ao *charriot* usando-o como cobertura e esconderijo temporário até que pensasse em uma estratégia no meio do caos. Naquele instante, outro grupo chegava contornando a mansão e gritando contra dois encapuzados que faziam o ator do malacatifa e o técnico de iluminação de reféns. Eles não pareciam ser da Irmandade, mas também portavam armas de fogo. Calças camufladas, camisas brancas, todos brancos e de cabeça raspada. O líder, que gritava com o encapuzado da Irmandade, tinha o número oitenta e oito tatuado

em um dos lados do pescoço e uma Cruz de Ferro no outro; ele parecia bem nervoso. Apontava para o ator, como se o reivindicasse. Alice reconhecia as vestes e se lembrava dos arquivos da polícia que havia estudado antes daquela missão: achava improvável que a Irmandade e os Supremacistas estivessem de conluio para uma ação conjunta. Por mais que ambos odiassem a "libertinagem" do teatro ("Tudo o que há de errado com o Brasil vem dessa corja!"), jamais combinariam de trabalhar juntos. O país era um território dividido por milícias, algumas com nomes mais pomposos, mas todas de olho nas mesmas fontes de lucro. A fé cega e o medo criado através da opressão se alimentavam de coisas parecidas, no fim das contas.

Observando o encontro improvável dentro daquele cenário ritualístico artificial, com todas as tochas, as fogueiras e os símbolos bíblicos de bronze, Alice imaginou que era como se a Guarda Branca e a Juventude Hitlerista tivessem alugado a cidade de Rajneeshpura para uma festinha de final de ano onde o *dress code* fosse decidido pela Ku Klux Klan, com direito a *open bar* de fanatismo e munição até meia-noite.

Alice se permitiu fechar os olhos por um instante, tentando conseguir sinal de celular para pedir reforços. Se bem que, considerando o capitão de sua delegacia, provavelmente ele seria simpatizante de um dos dois grupos. Respirou devagar, expirando pela boca. Três, quatro, doze vezes, até que estivesse apta a

pensar. Abriu os olhos e se espantou com um homem de pele cor de cera, vestindo um terno branco e andando na sua direção com o dedo indicador diante dos lábios. Seus olhos diziam "Eu não vou falar nada sobre você estar aí escondida" – ou ao menos era o que Alice gostaria de acreditar.

Ele caminhava como se fosse invisível aos olhos dos encapuzados e dos carecas. Tiros eram trocados ao longe, e um helicóptero com o símbolo da Polícia Militar do estado de São Paulo sobrevoou a cena. Mais tiros foram disparados, agora de um atirador de elite na lateral da aeronave.

– Assim como o Terceiro Reich chegou para se banquetear da Europa dos anos 1930, chega a terceira milícia para esse luau à beira-mar – disse o Homem de Branco, em tom de piada, parecendo adorar o caos instaurado. – Aposto que você não esperava um terceiro ato como esse, não é?

Alice balançou a cabeça, segura de que apenas ela o enxergava.

Então, ele apontou para o mar, mais precisamente para uma névoa densa perto da Ilha das Cobras. Mesmo na escuridão do horizonte sem luz, a mulher teve a sensação de que havia uma terceira ilha além das duas de sempre. Voltou o olhar para o Homem, mas, no lugar dele, havia agora outra pessoa. Também um homem, nu e vendado [...]



- 10 -

UMA CAPELA TODA DOURADA

ANOS ANTES

O silêncio ali era diferente.

Vibrava, assim como a escuridão atrás deles e adiante parecia se estender e se encurtar, com os três adolescentes no meio disso tudo. Caroline se sentia esticada, depois comprimida, e, a cada vez que o isqueiro de Mariana falhava (como ela não tinha visto aquilo enfiado na terra?), perguntava a si mesma se morreriam ali, procurando por Paulo, Manson e uma saída.

— O combustível dele vai acabar — avisou Hélio, em tom de bronca.

Disse, de um jeito bem confuso, algo sobre se lembrar daquele isqueiro, mas não exatamente de onde. Presumiu que talvez tivesse visto o objeto com Paulo, que deveria ter achado na praia e perdido ali pelo buraco. De incógnita, o artefato passou a pista.

— Economiza aí, Mari — insistiu ele.

— É, aí você tropeça em um esqueleto, cai de boca em uma lança envenenada e depois vem botar a culpa em mim...

— Já devemos estar chegando na saída — disse Caroline, tentando apaziguar os dois antes que Hélio desse uma resposta. — A corrente de ar aumentou bastante, não estão sentindo?

— Não — respondeu Hélio.

— Estou — falou Mari.

Caroline grunhiu, irritada. Ela mesma não acreditava muito no que dissera aos dois; inclusive, em meio ao conflito de sensações estranhas que aquele túnel lhe causava, tinha a impressão de que o caminho estava descendo. Aos poucos, difícil de perceber, mas sempre descendo. Seus ouvidos começavam a ganhar uma leve pressão que os empurrava para dentro e para baixo.

Para dentro e para baixo.

Para dentro de uma armadilha, para baixo da terra.

Conforme andavam, Caroline pensava que parecia errado eles conversarem entre si. E, da mesma maneira, era mais fácil começarem a imaginar coisas, dar voz a pensamentos cada vez mais desconexos.

Se o mar avançar para dentro da ilha, nós vamos morrer afogados?

(Pelo menos, o Manson sobreviveria, porque ele nada cachorrinho.)

Nós vamos perceber que estamos chegando ao centro da Terra muito antes ou vamos assar que nem uma rã, aos poucos, em uma panela de água fervendo?

E, por fim, um último pensamento dito em voz alta pouco antes do combustível do isqueiro prateado acabar.

— Esse túnel parece feito por uma minhoca gigante.

Antes de a luz tremeluzir e se apagar, três pares de olhos repararam nas bordas do túnel. Segmentadas, porém inconstantes, mais como se tivessem sido feitas por uma boca gigante do que por uma broca ou por erosão natural.

Aquilo era uma toca. Eles entraram.

Com a escuridão, veio um sopro de vento gelado bem mais frio do que a corrente de ar à qual o trio já tinha se acostumado. Com a voz fraca, Mariana disse algo sobre *O Ataque dos Vermes Malditos*, mas Caroline não sabia o que era aquilo. Hélio começou a xingar a amiga por não ter economizado o fluido do isqueiro como ele havia alertado.

Havia, porém, uma luz no fim daquele túnel. Exígua e frágil, mas suficiente para o lado Poliana de Caroline imaginar que tinham encontrado Paulo — que crescera sem pai, era safo, caçara, esperto o suficiente com “coisas da natureza” para ter feito uma fogueira em um lugar onde se protegeria do vento e da tempestade.

A visão ali, já fora do caminho de minhoca gigante, não era completamente escura. Os três se viram à beira de um lago subterrâneo que, vez ou outra, ecoava um pingo que vinha das estalactites. Era o único movimento do lugar. Havia uma luz doentia, verde e morta, vinda do lago. Era luz natural, Caroline imaginava, mas não conseguia encontrar nenhuma explicação lógica em seu cérebro tão treinado pelo estudo em tempo integral, por conta do preparatório para o vestibular. Algas? Pedras preciosas fosforescentes?

Um portal para o inferno?

As águas paradas eram calmas e divididas por imensas lajes de pedra que poderiam ser transpostas com facilidade. Caroline logo subiu na primeira, mas os outros dois estacaram.

— Eu acho que não vai ter saída nenhuma por aí — disse Hélio.

Caroline olhou para ele do alto da laje de pedra.

— Não estamos procurando apenas pela saída, estamos procurando pelo Paulo e pelo Manson.

— Eu sei, mas...

— Então, se quiser continuar insistindo no erro de escalar aquele buraco, fica à vontade! — desabafou Caroline, liberando a raiva e a

frustração que estava guardando desde o dia anterior.

Por mais insensível que fosse, Hélio não merecia uma resposta atravessada naquele momento, em que todos estavam perdidos e sofrendo as consequências de uma ação impensada. No entanto, era difícil parar depois que você começava a extravasar.

— Deve estar bem mais fácil agora com o pé-d'água que está caindo! Mas você é atleta, vai nessa!

— Carol!

A voz de Mariana ecoou pela caverna, a palavra retornando amplificada, distorcida, sussurrada. Caroline escutou o próprio nome como se um coral de monges o entoasse em uma cerimônia fúnebre — e ela tinha certeza de que havia algumas palavras sobrando ali no meio. Outros nomes e termos incompreensíveis eram sussurrados entre as repetições, em um sibilar contínuo. Ecos não deveriam funcionar assim.

Todo o som estava *errado*, sendo que o mundo desabava lá fora, mas não se ouvia um único trovão, sequer uma ventania. Para não escutarem um barulho que fosse, deveriam estar muitos metros abaixo da terra. “Ou *quilômetros?*”, pensou Caroline. O tempo também estava errado, escorrendo pelas beiradas das lajes de pedra como em um quadro de Dalí, e ela não conseguia ter a mínima noção de quantos minutos (*Ou horas?*) haviam se passado naquela caminhada para dentro e para baixo.

Para dentro e para baixo.

A luz também parecia funcionar de maneira diferente. Não deveria vir de dentro da água. Assim como o escuro do túnel que ficara às suas costas não deveria parecer capaz de engolir pensamentos.

Um tilintar veio do outro lado do lago, após a ponte natural de pedra. Parecia um bater de talheres. De taças brindando. Faria sentido, pois era réveillon, afinal. Talvez já fosse quase meia-noite. E daí que estavam em uma caverna perto do centro da Terra? Os morlocks também têm direito de comemorar o Ano-novo.

— Tem alguém lá — sussurrou Caroline antes de tomar a decisão impetuosa e estúpida que a levou a sair correndo, para longe do campo de visão dos amigos.

— *Espera, porra!* — gritou Hélio, e foi uma sinfonia de *porras* para todo lado.

Então, eles seguiram Caroline para dentro de uma reentrância na rocha do outro lado do lago. Uma fenda escura, mas que pulsava com a luz dourada de seu interior — e que não estava ali alguns ecos atrás.

HOJE

— É óbvio que é a mãe do Paulo nas fotos, Mariana — disse Hélio, abrindo a porta de outro quarto vazio e balançando a cabeça, inconformado.

Mari, segurando a mão com o curativo, entrou no cômodo apenas para se posicionar debaixo do lustre e ter a mesma noção que obtivera na espiada inicial.

— Então, ela está viva? — perguntou Caroline, parada no corredor logo atrás da cadeira de Hélio.

Depois do susto, ela estava voltando rapidamente a si, mas o problema é que a bebida também parecia querer voltar por sua garganta. Ela fez uma careta, pressionou os lábios com as costas da mão por um tempo e continuou:

— Por que o Paulo mentiria para a gente? Nós... somos amigos.

— Talvez a gente devesse dar uma olhada lá fora — disse Mariana, parecendo querer desconversar e sair do quarto o quanto antes. — Vou procurar no jardim.

Mesmo com a fina camada alcoólica revolvendo sua realidade, Caroline percebeu que a amiga estava nervosa e agitada. Ela e Hélio observaram Mariana dobrar o corredor, sem saber o que pensar.

— Ela está estranha — comentou Hélio. — Acho que está mentindo.

— E se estiver tão louca quanto eu?

— Só se for louca por Cristo. Ela nem bebe.

— Nããão... Estou falando de enxergar coisas e tal. Tipo eu na frente do quadro.

Hélio respirou fundo. Sua paciência parecia prestes a se esgotar.

— Cara, como eu queria estar em São Paulo — confessou, e conduziu a cadeira de rodas pelo corredor. — Tem um lado da casa em que a gente não procurou. Vamos.

Caroline o seguiu, abrindo todas as portas que encontrou no caminho. Em nenhuma viu a suposta mãe morta de Paulo. “E se Mari enxerga a mãe dele da mesma maneira que eu escuto o Manson?”, pensou ela, sem querer dizer aquilo em voz alta e comprometer o tênue fio de sanidade e trégua entre Hélio e ela.

Havia mais fotos da senhora pelo restante da casa. Algumas do casal de velhinhos, os patrões. Nenhuma de Paulo. Um dos corredores com mais retratos conduzia até uma espaçosa cozinha com janelas com vista para o mar — e, para a surpresa dos dois, havia uma mesa posta, repleta de frutas e bebidas.

Mesmo com os pratos principais estando na geladeira e no forno, aquilo sobre a mesa já configurava um banquete para um exército.

O cheiro de peru e lombo assados estavam ótimos, e o fato de não terem sentido o aroma de nada até então só comprovava como a casa era imensa. Aquele cômodo era bem mais moderno que os outros da mansão, e era provável que aquelas janelas não fossem da época dos donos originais.

— Pensei que já tinha me enchido de porcarias lá na beira da piscina, mas acho que estou ficando com fome de novo — murmurou Caroline.

Hélio circundava a mesa, pegando uma ameixa aqui, uma noz ali.

— Você deve ter uma lombriga na barriga, então — comentou ele, displicente, sem perceber o estrago que aquela imagem mental faria a Caroline.

Imaginar uma criatura longilínea como uma serpente *vivendo* dentro dela a fazia ter vontade de abrir o próprio estômago com a primeira faca que encontrasse naquela cozinha, mesmo uma daquelas serrilhadas de cortar pão. Nada era pior do que carregar uma serpente em seu ventre, como um filho maldito gerado por uma concepção imaculada, como...

— Carol? — chamou Hélio. Ele parecia assustado. Uma das mãos estava mais à frente, como se pedisse calma. — Você se importaria em... largar essa faca? Coloca ela aqui, na mesa...

Foi somente então que Caroline percebeu a própria mão fechada e a lâmina em riste. Com a mandíbula projetada para a frente e os dentes quase esfarelado com a tensão, ela era Maria Bonita encarnada e pronta para a batalha, mas a casa dos Heinz era provavelmente o local e o momento errado para aquele tipo de coisa. Estava chorando de novo, mas pelo menos não havia rímel para escorrer pelo rosto dessa vez. Hélio, que nunca usara maquiagem e tinha grandes chances de dizer alguma coisa homofóbica sobre homens que usassem, carregava uma máscara pálida da cor do medo. Ela largou a faca em cima da mesa, envergonhada, mesmo sabendo que o amigo não estava se sentindo ameaçado por ela; o medo vinha da preocupação genuína dele com a integridade de Caroline.

E aquilo, depois de destruí-la, acabou aquecendo seu coração.

— Desculpa — pediu ela, adiantando-se até o amigo para abraçá-lo, de início em uma posição de frente da cadeira de rodas, mas que foi logo ajustada.

Hélio não pareceu tão comovido ou temeroso, apenas aliviado. Deu tapinhas nas costas de Caroline.

— Tudo bem, tudo bem. Você ficou fora do ar por um tempo, só isso. Bebe uma água.

— Já estou melhor — respondeu ela, se afastando.

— Hum. Você quem sabe.

A cozinha se iluminou nos minutos seguintes, onde os dois permaneceram em silêncio enquanto o brilho solar dourado invadia o lugar pelas janelas amplas, e a mesa do banquete ganhava tons divinos. Caroline e Hélio estavam quietos, mordiscando uma fruta, um panetone ou um doce, mas sem verbalizar nada. Não havia desconforto algum naquele silêncio; pelo contrário. Ainda eram amigos, mesmo depois de anos de afastamento, vergonha e medo. Paulo ressurgira na vida deles para evaporar um monstro gigante feito de culpa e remorso jamais compartilhados em voz alta. Uma criatura que fizera ninhos em suas costas e, de quando em quando, voltava para chocar os ovos.

— Maldito!

O silêncio foi quebrado de fora para dentro; o grito veio da sala de piano. A sala do quadro branco. A voz era de Mariana, e Hélio disparou pelos corredores após uma rápida troca de olhares com Caroline.

Eles chegaram rápido, e encontraram Mariana olhando para a pintura vazia, do jeito que Caroline havia feito horas antes. Seu lábio inferior tremia, e ela não conseguia desviar os olhos da tela. Se estivesse da mesma maneira em uma galeria de arte, as pessoas diriam que estava emocionada ao ver o tal quadro. Mas Caroline sabia como a amiga era no quesito “demonstrar sentimentos”.

Hélio tentou tocar nela, mas Mariana afastou o braço. A gaze na mão tinha um lampejo vermelho-vivo, como se sua ferida tivesse aberto naquele instante. Caroline deu a volta por trás da amiga, para que ela estivesse amparada de ambos os lados. Mariana não recuou ao seu toque, mas continuou olhando para o branco vazio.

Caroline fez o mesmo. Desta vez, não viu a haste com a serpente de bronze nem qualquer outra serpente cuspidor fogo dentro da boca de suas semelhantes. Muito menos o homem de túnica usando uma pele de cobra como echarpe. Os condenados também não estavam lá, e, de

certa forma, aquilo deixava Caroline aliviada. Sem a interferência de seus medos, ela via o quadro quase como ele era de verdade.

Quase.

Havia uma fenda no meio dele. Vertical, escura. Vazia, à sua maneira; o branco do óleo sobre tela era uma espécie de vácuo, o negrume daquela mancha era outro. Do tipo que sugava a atenção, a gravidade e o tempo.

Caroline viu a pupila de uma víbora.

— E-eu... — disse ela, erguendo o dedo e apontando para o meio da tela.

“São pixels. Pixels que parecem uma cobra, não uma cobra”, pensou, lembrando-se da dra. Monique. Aquilo não era o olho de uma serpente, e ela convenceria sua mente daquilo. Sabia que Mari também via *alguma coisa*, que estava paralisada da mesma maneira que ela própria ficara horas atrás, mas não sabia o que a amiga enxergava.

— Mari, o que você está...?

— J-juro que eu não queria — balbuciou ela em resposta.

Hélio trocou olhares significativos com Caroline enquanto Mariana tentava encontrar as palavras certas, saindo de seu torpor aos poucos.

— Eu... vim até aqui para pegar meu celular que tinha ficado lá fora, na piscina. E achei o seu.

Ela tirou do bolso da saia o aparelho de Caroline, com a tela trincada. As pontas frias dos seus dedos trêmulos se tocaram por um instante.

— Obrigada — disse Caroline, vendo que a amiga desprendia sua atenção aos poucos da tela.

Era como se Mariana estivesse despertando de um sono pesado e desconfortável.

— Eu até tinha visto esse quadro quando passei por aqui antes, mas não dei bola para ela. Só que... quando voltei da piscina... eu vi.

— Ele não estava mais em branco — falou Carol.

Mari assentiu.

— Era a gravura de uma mulher deitada, que eu *sabia*, dentro de mim eu *sabia*, que era Eva, com uma serpente enrolada no corpo... Acima dela, um d-demônio alado segurando uma lança. Era Satã. — Ela fungou profundamente. — A pintura se mexia, eu j-juro... Até tentei pegar o celular para gravar e mostrar para vocês que eu não estava louca. Eu não sou louca!

Caroline e Hélio, que estava boquiaberto e confuso, trocaram olhares outra vez.

— Então, a pintura mudou. Ainda se mexia... E tinha uma mulher e um homem, nus, Adão e Eva... chorando sobre outro homem morto, que era Abel. Ao lado de uma cova aberta. E Caim fugia, desesperado. Levantei o celular para filmar e, então, o quadro começou a se mexer também. Eu ouvia os soluços de Eva. Ela agora era negra como a senhora que me atendeu. E Abel também, porque ele era Paulo. Do jeito que a gente o deixou, entregue às cobras... ao inimigo.

— Mari, calma! — disse Hélio, sem desgrudar os olhos dela.

— Não! Você não entende! — Mariana agarrou o braço de Hélio. — Eu sou Caim! Eu fugi! *Nós* somos Caim, porque matamos o Paulo e fugimos. E o homem que nos convidou para esse banquete... — Ela semicerrou os lábios. Parecia se lembrar da força que demonstrava no altar ao lado do marido. — Ele é o inimigo. O Pai da Mentira. A Serpente, que troca de pele para enganar os que seguem o Cordeiro. Ele me fez mentir...

Caroline olhou para a amiga. Para sua mão machucada, como se o corte nas pedras pontiagudas da ilha tivesse sido feito naquele momento ou como se o machucado nunca houvesse cicatrizado. “Ele me fez mentir.” Ela sabia sobre o que Mariana estava falando, e a amiga sabia que Caroline percebera. Hélio, no entanto, tinha o mínimo de empatia possível e não registrou a frase ou o silêncio significativo entre as duas.

— Mari, o que você acabou de dizer... a Carol também passou por isso e... — falou ele, olhando para a pintura e parando no meio da frase. — O que é... essa mancha?

— Espera. Você também viu? — perguntou Caroline, assustada, aproximando-se do quadro e apontando para a fenda vertical que estava tentando ignorar desde que entrara no cômodo. — Eu pensei que...

— Estou vendo, sim — respondeu Hélio, absorto pela mancha.

Dezenove anos antes, os amigos assistiam a *Mogli* sendo hipnotizado por Kaa. Mariana se levantou, trôpega, e se aproximou do quadro.

— Eu... acho q-que vai acontecer algo em instantes — disse ela, parecendo mais pálida que o normal. Ela apontou para o celular na mão de Caroline. — Vou precisar que você... grave o que vai acontecer...

— O que você vai fazer? — questionou ela, se aproximando, mas Mariana a parou com um gesto. — Mari, o que você...

— Acontece de vez em quando... depois que eu oro...

Mariana caiu de joelhos, e Hélio fez algum comentário infeliz sobre a amiga começar a rezar bem naquela hora. Caroline mandou ele se foder, e apontou para os olhos da mulher, revirados.

— Ela está tendo um ataque epiléptico, porra! — disse Caroline, enquanto a amiga começava a se debater e a retorcer os dedos, como galhos secos de árvores tétricas.

Hélio pareceu cair em si e, até onde sua mobilidade permitia, tentou ajudá-la a se levantar, mas foi nesse momento que Mariana empurrou e chutou os dois.

— ... *então, alertada pelo homem vendado, Alice saiu de trás do seu esconderijo, no exato momento em que o atirador no helicóptero disparou... ela olhou para as ilhas e havia algo ali, como uma imensa forma se erguendo contra os céus...*

— Isso é um salmo?

— Hélio...

— É sério! Cara, esse negócio é assustador... Mari? O que está rolando?

— ... *e as mulheres que chegavam à praia, como se despejadas de dentro de uma tempestade...*

— Mari! — gritou Caroline, preocupada com a amiga, que parecia um rádio retransmitindo ondas de uma estação pirata.

Mas Mariana continuou, as mãos flexionando de maneira compulsiva.

— ... *e Alice olhou para as mulheres, confusa, sem entender o que suas mães faziam ali, alheia ao inferno que consumia a guerrilha instaurada diante da mansão...*

— Que mansão? Essa mansão? — perguntou Hélio, angustiado e tentando entender alguma coisa daquilo tudo.

Caroline apenas balançava a cabeça, impotente, sem saber se tirar a amiga daquele delírio era mais perigoso do que esperar que o ataque passasse.

— ... *seguiu sua intuição e procurou abrigo, jogando-se em um caixote de transporte de equipamentos bem embaixo do palco.* — Mariana fez uma careta de dor, e o canto da sua boca pareceu ser repuxado por um anzol invisível. — *Para dentro e para baixo, para dentro...*

— Já chega. Carol, você também ficou esquisita, mas não assim. Vou ligar para a emergência.

— ... *e para baixo, para dentro e para baixo...*

— Hélio, espera.

— ... *paradentro e para baixo paradentroparabaixo paradentroparabaixoparadentroparabaixo!*

Caroline se desesperou, como se a mulher estivesse ferindo seus ouvidos com um picador de gelo, e, por impulso, tentou segurar as mãos dela, mas foi empurrada de novo pela amiga que se debatia. Mariana continuou repetindo a frase cada vez mais rápido, e então se levantou, cambaleante como um zumbi de George Romero, um dos dedos retorcidos apontando para o quadro

Esticou o braço na direção da fenda, e Caroline ficou aflita por vê-la com a mão tão próxima do “olho da serpente”.

No entanto, Mariana tocou na arte, e sua mão atravessou o vazio, assim como o braço, até a altura dos ombros.

A tela balançou. O braço voltou inteiro.

E Mariana piscou forte, uma única vez, parecendo normalizar a respiração. Então, ajeitou a sua roupa, desamassou a saia e olhou para os amigos com a expressão dura de sempre. Completamente recomposta.

— Você gravou? — perguntou ela.

Os outros dois não sabiam o que dizer, apenas ficaram de olhos arregalados. Caroline se adiantou até o quadro e imitou a amiga em transe.

A fenda era real, pois era um *buraco* no meio da tela.

— Você gravou ou não, Carol? — indagou Mariana, irritadiça.

— Eu? Cara, eu fiquei apavorada, nem lembrei!

Mariana meneou a cabeça.

— O que eu falei?

— Tem certeza de que você está *bem*? — perguntou Hélio, embasbacado.

— Estou, obrigada por perguntar. Agora, *o que foi que eu falei*?

— Como você... fez isso? — questionou Caroline, ainda perdida.

— Eu joguei meu celular dentro do quadro.

— Ok, mas como?

Mariana se exasperou e imitou o movimento de arremesso, atirando um celular invisível contra a tela.

— Isso eu *entendi*. Mas como você sabia que tinha *algo* atrás desse quadro?

— Eu não sabia. Foi um sinal, assim como as minhas outras visões — explicou Mariana, e depois viu a perplexidade no rosto de Hélio e Caroline. Ela estava quase recuperada do torpor, com sua rabugice habitual. — O que eu disse enquanto estava... vocês sabem?

— Você falou alguma coisa sobre mansão, teatro, um helicóptero disparando tiros. — Hélio emendou a última sentença com uma risada forçada. Ele parecia inclinado a contar para Mariana que havia visto Caroline entrar em uma catarse semelhante em frente ao quadro, mas que definitivamente não havia sido da mesma maneira. — Falou algo sobre ilhas, névoa, sobre um... homem vendado.

Ao falar sobre o *homem vendado*, contorceu o rosto em uma expressão de quem buscava algo a respeito daquilo no arquivo da memória, abarrotado de uma papelada velha acumulada. Caroline notou a confusão do amigo e também sentiu algo familiar àquela menção,

(um homem nu e vendado remando na tempestade)

mas não conseguia explicar. Parecia ser algo do réveillon de 1999 para 2000. Porém, assim como tudo no dia em que Paulo sumiu, eram memórias desconexas, corroídas por ácido.

— Ok. Só isso? — perguntou Mariana, parecendo saber algo mais que Caroline e Hélio, que naquele momento concordariam que qualquer pessoa do mundo *realmente* sabia mais do que eles.

— Não — falou Caroline, vendo que Hélio ainda estava pensativo com o que dissera. — Você ficou repetindo “para dentro e para baixo”. Algumas vezes.

— *Hum*. Isso já aconteceu antes. É difícil eu me repetir. — Mariana suspirou, voltando para perto da pintura arruinada. — Vocês me ajudam com isso? Preciso pegar meu celular.

Hélio sorriu para Caroline, nervoso (“Claro! Por que não?”) e empurrou sua cadeira até a tela. Mariana segurou do outro lado, e juntos descobriram que o quadro era mais pesado do que aparentava. Caroline se juntou ao esforço e percebeu que, na beirada onde Mariana apoiava a mão ferida havia uma mancha de sangue. Conteve outro ruído aflitivo e a vontade de avisá-la, lembrando que a amiga acabara de abrir um rombo no meio de uma obra de arte, e que uma mancha vermelha no branco era uma coisa bem mais fácil de explicar para Paulo; que era milionário e poderia comprar outro quadro branco para a sala que nunca visitava.

Quando afastaram a tela com todo o cuidado que não era condizente com o estado em que o objeto se encontrava, depararam-se com uma passagem.

Sem portas. Apenas escuridão.

— Mas é claro que tem uma passagem secreta. Talvez seja a coisa mais previsível nesse dia bizarro — disse Hélio, respirando fundo e olhando para a entrada revelada. — Mulher morta vagando pela casa, um banquete que já beliscamos e pode ser que estivesse envenenado, uma mulher possuída e uma passagem secreta.

Caroline foi até a beirada da entrada e usou o próprio celular para iluminá-la. Era uma escadaria estreita — feita no cimento e sem maiores acabamentos, assim como as paredes —, que ia para o âmago de um breu total. Ali, à luz fraca e de pouco alcance do celular de Caroline, a escuridão não se parecia mais com o *vantablack* do centro de um buraco negro.

— Você está vendo o meu celular? — perguntou Mariana.

Caroline negou.

— Acho que você jogou com força demais. “Para dentro e para baixo”?

— E tem outra opção?

— A gente não descer? — sugeriu Hélio.

— Meu celular está lá.

— Teu marido vende terreno no mesmo condomínio de Jesus, mas não pode dar um celular novo para você?

— Pessoal, calma — disse Caroline, interrompendo-os assim que Mariana ergueu o indicador, furiosa.

Hélio ainda se lembrava plenamente de como ser escroto, mas uma briga naquele momento só deixaria tudo pior.

— Hélio, fica aqui, espera a gente e grita se alguém chegar. A gente pega o celular, vê o que tem no porão e volta correndo.

— É assim que as pessoas morrem nos filmes de terror.

— As pessoas nos filmes de terror também costumam fazer comentários espertinhos antes de morrerem. — Ela ergueu o celular com a lanterna ligada. — Nós não estamos em um filme de terror, mas também não temos outra opção. Você pode ficar quietinho aí e nos avisar se der alguma merda. Tudo bem?

Ele deu de ombros e revirou os olhos em um arco completo.

— Não é como se eu tivesse escolha.

Caroline assentiu, em silêncio, e entrou na passagem com a fonte de luz à frente. Mariana se virou para Hélio antes de segui-la, sussurrando para que apenas ele a escutasse e não tivesse tempo de retrucar:

— Vai tomar no cu.

As duas sumiram porta adentro e escadaria abaixo.

[...] pois ela era a Primeira, tão antiga quanto as rochas que seu ventre assediava.

Observava a maré subindo e a lua se afastando do firmamento em uma acelerada cadeia de acontecimentos, assim como a raça do além-mar que, mais tarde, caminharia pelo continente e observaria o rápido movimento do sol do nascente ao poente, assim como a lua desfilando entre as constelações em uma única madrugada. Sua percepção, assim como a das rochas, registrava grandes mudanças, tal como o instante fugaz em que um inseto pairava diante de uma flor para coletar pólen. Os homens, que um dia viriam com todas as suas "grandes obras e feitos", também passariam, como uma gripe momentânea que tinha acometido o organismo, mas que logo seria extirpada.

A Primeira encarava o céu noturno com inveja, talvez até saudosismo. Em tempos em que os construtores de pirâmides e os obstrutores de horizontes ainda nem sequer existiam para enfileirar e contabilizar o tempo – ou para criar o véu que nos impediria de enxergar o cosmos em toda a sua imponência –, seus olhos bulbosos refletiam os pontos luminosos que um dia seriam conectados, que um dia seriam batizados pelos mesmos que clamariam seu esquecimento.

Entre supernovas, nebulosas e gigantes vermelhas estava *Ophiuchus*, encarando de volta

sua semelhante, milhares de anos-luz abaixo
dela. [...]



-11-

PETRICH

ANOS ANTES

Entrando pela fenda nas pedras da margem oposta do lago, Caroline não esperava encontrar um salão escavado em meio à rocha pura, muito menos uma longa mesa posta para o que deveria ser uma ceia de réveillon subterrânea. Mesmo durante as celebrações de sua família, que tinha como mantra de fim de ano o clássico “melhor sobrar do que faltar” (e sempre sobrava), jamais tinha visto tanta fartura. Era impossível que alguém conseguisse comer tudo aquilo, mesmo que houvesse um batalhão faminto entrincheirado pela ilha.

A luz dourada que vinha das velas e dos candelabros a fazia se sentir dentro de uma pintura renascentista. Ela imaginava a si mesma atravessando um portal em um quadro na parede, e, por algum motivo, aquela imagem mental a incomodou ainda mais que o cenário inusitado que a aguardava.

— Bem na hora, minha querida Caroline.

A voz que chamou sua atenção vinha do outro extremo da mesa, da cabeceira, onde, um instante atrás, ela podia jurar que não havia ninguém. Quatro cadeiras de espaldar alto estavam dispostas, duas de cada lado da mesa, o que deixava tudo com um clima meio *Alice no País das Maravilhas*. O homem sentado era pálido como um coelho, mas não agia como se estivesse atrasado.

— Você... Eu conheço você? — perguntou ela.

O homem ergueu um dedo pedindo “um instante”, tomou um longo gole de vinho tinto de uma taça dourada e limpou a boca na manga do paletó branco.

— Não, não me conhece — disse ele, estalando os beiços.

Caroline viu a sensação de familiaridade com o homem de branco se esvaír.

— Sente-se, por favor — pediu ele.

“Talvez ele esteja mais para um Chapeleiro Louco. Tão louco que esqueceu o chapéu”, pensou ela, deixando qualquer dúvida de lado e obedecendo a ordem dele. Se um estranho em uma caverna decorada como uma sala de jantar diz que você não o conhece, então só pode ser verdade. Caroline se sentou, salivando com a comida disposta ali. Só então tinha se dado conta de que não havia se alimentado direito

naquele dia. Seus olhos percorreram a variedade de garfos, facas e colheres douradas ao lado do prato diante dela, mas a vontade era de usar as mãos.

Então, um rebuliço se formou na entrada do salão de pedra, e Hélio e Mariana apareceram sem fôlego, olhando para trás como se estivessem fugindo de algo.

— Carol, tem alguma coisa saindo do lago! — gritou Mariana, aterrorizada.

Hélio encarava a porta por onde haviam entrado como se, a qualquer momento, ela fosse cuspir algo inominável e indescritível para o alcance da luz dourada. Mariana o puxou pela camiseta.

— Sai daí, Hélio! Sai de perto, vai que esse *negócio* resolve...

— Vocês vão ficar seguros enquanto estiverem aqui dentro — disse o Homem de Branco, erguendo-se na cabeceira da mesa e apontando para as cadeiras vazias. — Sentem-se, por favor!

Hélio e Mariana o encararam com a expressão mais desorientada possível. Caroline correspondeu ao olhar transtornado dos amigos, e aquilo fez com que a aura de normalidade que emanava do Homem de Branco perdesse sua força, como que por desencanto.

Mentalmente, ela classificou a situação em que estava como “estranha para caralho”.

Hélio, no entanto, caminhava de forma hesitante até a mesa, contornando-a para se sentar à esquerda do Homem de Branco, de frente para Caroline.

— Sente-se também, querida Mariana — falou ele, indicando a cadeira do mesmo lado da mesa de Caroline. — Você quer ficar ao lado dela, certo? Não é isso que você quer?

— Eu não quero me sentar — respondeu Mariana, de pronto.

Caroline encontrou o olhar perdido da amiga no meio do caminho, e o posicionamento firme da menina também pareceu lhe dar forças. O dourado da sala não parecia mais tão... dourado.

— Como preferir — disse o Homem de Branco, nem um pouco ofendido, oferecendo um sorriso e uma taça para Hélio, que se aproximava de uma das cadeiras vazias. — Vinho, meu caro? Você vai gostar desse.

— Claro! — exclamou o garoto, ávido, recebendo a taça e se acomodando na cadeira.

— Hélio... — disse Caroline, parecendo confusa. — Você não deveria... beber isso.

— Meus pais sempre me deixam beber um pouco no réveillon — argumentou o amigo.

Sem perder tempo, ele foi em frente e provou o vinho.

Caroline balançou a cabeça e, mais uma vez, buscava apoio no olhar de Mariana, de pé junto à entrada do salão.

— É, só que... — Ela procurou as palavras, parecendo reaprender a como pronunciá-las — ... ele não é o seu pai.

Hélio continuou bebendo. Ali, naquela ilha sem nome e sem adultos conhecidos, ninguém poderia lhe dar ordens, era um homem feito.

O Homem de Branco deu uma sonora gargalhada, pegando uma maçã lustrosa do topo de uma pirâmide de frutas em cima da mesa. Algo se moveu brevemente na base dela, mas Caroline se convenceu de que poderia ser apenas um efeito da luz bruxuleante dos candelabros.

— Caroline, você não precisa de todo esse senso de proteção aqui dentro. Relaxe! Está entre amigos. Você também, Mariana. Vamos lá, não me faça uma desfeita dessas. Você sabe que quer se sentar. Bem aqui, do lado de Caroline. Isso, boa menina.

O rosto de Mariana continuava tenso, em desacordo com suas pernas, que a levavam em linha reta até a cadeira vazia ao lado de Caroline. Ela se sentou, e sua mão esquerda (a que estava sem o ferimento) procurou o calor da mão direita da amiga. As duas estavam com medo, mas não iriam demonstrar aquilo para aquele desconhecido tão familiar — se é que uma pessoa desse tipo poderia existir.

— Perdoem a minha insistência — falou o Homem de Branco, o rosto macilento dourado como a luz do salão —, mas não recebo muitas visitas de pessoas que *querem* vir para cá. Em geral, sou eu que vou até elas, e podem ter certeza de que as pessoas que busco não recebem esse tratamento. — Ele fez um gesto amplo para a mesa.

— Estamos procurando um cachorro — comentou Caroline, sem entender como uma ilha poderia ir até alguém. — O meu cachorro. Ele se chama Manson, e meu amigo viu um homem trazer ele para cá...

— E estamos procurando esse amigo também — afirmou Mariana.

Caroline fez um ruído em concordância. Hélio parecia concentrado no fundo da taça, enchendo-a mais uma vez após terminar a que fora oferecida.

— Ele se chama Paulo. É um pouco mais novo e caiu na água enquanto a gente estava vindo para cá — acrescentou ela.

— Hum, vejamos... Paulo, Paulo, Paulo... — repetiu o Homem de Branco, os dedos tamborilando na mesa. — Não lembro. Mas o cão, ah,

isso parece coisa do Franz. É típico dele. — Ele bateu duas palmas curtas e ordenou: — *Vá buscá-lo.*

Caroline e Mariana se entreolharam ao ouvirem aquela ordem — que soara estranhamente sibilada —, achando que havia sido com elas. Mas *algo* saiu rastejando do meio das frutas para o chão, sumindo pela fenda que levava para fora da caverna. Daquela vez, não era um truque. Era uma cobra, tão pálida que refletia a luz do salão dourado. Por instinto, as duas garotas se afastaram da mesa, erguendo as mãos. Elas não haviam visto a serpente ali no meio. Haveria outras? E por que não conseguiam sair correndo?

— Não se preocupem, elas só atacam quando eu mando. São crianças comportadas, na medida do possível — disse o Homem de Branco, com um sorriso que Caroline infelizmente achou encantador.

Era horrível sentir aquela afeição por alguém que contrariava todos os instintos básicos e os ensinamentos maternos para não falar com estranhos. Hélio continuava bebendo e experimentando todas as carnes e frutas possíveis. Se ele havia visto a cobra, a ignorara por completo.

— Sabe, essa história de cachorro fujão me lembra muito o Incidente de Petrich. Já ouviram falar nele? Não? No primeiro quarto do século que está terminando, o cão de um soldado grego ultrapassou a fronteira do país dele com a Bulgária. Cidade de Petrich — explicou ele, desenhando posições e linhas divisórias invisíveis no tampo da mesa, com a ponta do indicador. — O soldado grego foi buscar o bicho, aí um soldado búlgaro o viu no seu território e *bang!* Morto.

— O soldado ou o cachorro? — perguntou Caroline, interessada, enquanto o Homem de Branco deu outra mordida ruidosa na maçã.

Mariana apertou a mão dela por baixo da mesa.

— O soldado! — disse ele, após engolir. — E depois dele, mais uns cinquenta civis, com o resultado da confusão. Que lambança, não? Demorou até tudo se resolver, Liga das Nações, uma indenização para a Grécia... E a Guerra do Cachorro Fugido entrava para os anais das guerras que a humanidade causou.

— “Anais”, rá-rá-rá — murmurou Hélio sozinho, entreouvindo a conversa e concentrado em arrancar a coxa de algum animal assado.

Mariana revirou os olhos, e Caroline olhou para a entrada do salão, tentando entender se a cobra do Homem de Branco voltaria com alguém que pudesse ajudá-la a encontrar o cachorro ou o amigo. De preferência, os dois.

— E um nome bem idiota para uma guerra — comentou ela, tentando ganhar tempo, sentindo que, enquanto o sujeito falava, tudo parecia mais normal. Tudo ficava mais dourado.

— Ah, mas todas as guerras são idiotas. Porque fronteiras são idiotas, e quase toda guerra tem a ver com fronteiras. — O Homem se animou. — Veja bem: um sujeito atravessa uma linha que existe em um mapa, que veio da imaginação do homem... e leva um tiro. Os pés dele não sentiram qualquer diferença entre pisar de um lado ou do outro da linha, o chão é o mesmo. Mas o que a cabeça, o peito e o estômago dele sentiram?

O Homem de Branco quebrou o silêncio educado ao imitar com a boca e as mãos uma metralhadora, tão imaginária quanto as linhas divisórias de países, sendo disparada ao melhor estilo *Scarface*. Pela primeira vez, Hélio pareceu sair do transe alimentício em que havia entrado, e olhou para o sujeito na ponta da mesa com uma expressão de “De onde veio isso, cara?”.

— Alguém bota o pé onde não deve e, *bum*, invasão, uma guerra mundial é declarada. Alguém pensa do jeito que não deveria e é expulso do cerne da Criação. Uma criança negra e pobre sai da área que a sociedade delimitou como “seu lugar” e vai atrás de um brinquedo de papel e gravetos, e, assim, alguém fardado com um uniforme cinzento atemporal se sente no direito de *encerrar* aquela mente jovem e ativa. Proteger. *Prevenir*. Vejam... A vida brota onde a mente cria raízes, e a morte vem logo em seguida, onde achamos que dominamos o plantio da imaginação. — Ele deu um gole na taça de vinho à sua frente, que Caroline não se lembrava de ter sido enchida desde a última vez que ele a esvaziara. — Bom, não quero parecer chato ou saudosista. Mas tudo aqui é feito disso, de imaginação. E eu preciso de algo concreto. Preciso *sentir* de novo. E todos os inúteis que encontro são... bem, inúteis. Talvez vocês, jovens que vieram para cá por conta própria, possam me ajudar nisso.

— Como? — perguntou Mariana.

Caroline sentia que ela tentava passar algo para a sua mão por baixo da mesa. Era um dos talheres, e um toque rápido dos dedos revelou ser uma das facas. O Homem de Branco jamais daria por falta de uma delas. Mariana continuou desviando a atenção, e Caroline temeu por seu plano.

— Não sei como podemos ajudar você. A gente só quer achar o nosso amigo e o cachorro da Carol — acrescentou Mariana.

— Podem me ajudar a ver o mundo por completo. Não quero mais cultivar essas esperanças e me deparar com um bando de pervertidos que só querem poder e poder, sem oferecer nada em troca. Tive a sorte de encontrar alguns poucos assim, que me ensinaram a enxergar mais longe.

Ele sorriu, pensativo. Era uma expressão considerada normal, mas Caroline tinha certeza de que aquele rosto parecia estar se esquecendo de fazer algo, alguma coisa comum que lhe conferiria humanidade. Ele continuou a falar, mesmo com aquela característica do sorriso faltando.

— Quero sentir o vento de fora da ilha, quero ver o efeito dos meus atos passados aplicados em vocês, agora, neste exato momento. Quero as sensações, provar das frutas e dos vinhos, por completo.

— Ué! — exclamou Hélio, a voz já um tanto arrastada.

Naquela hora, Caroline achou que ele se parecia com Leila e sua indispensável vitamina matinal de caipirinha.

— Você não está aqui, comendo do bom e do melhor? Não está... tendo sensações? — perguntou o garoto.

O Homem riu, a atenção voltada para Hélio. Caroline notou que Mariana deslizara outra faca para baixo da mesa, e agora as duas estavam armadas. Ainda que fosse de maneira fraca, estavam menos indefesas do que antes, quando entraram ali. Suas mãos livres voltaram a se entrelaçar. Estariam juntas se a situação saísse do controle.

— Meu caro, eu poderia estar bebendo uma taça do mais doce Pramnio de Icária ou uma caneca de sangue de boi e jamais notaria a diferença. Serpentes não têm um paladar muito bom.

Pontuando a resposta do Homem de Branco, Hélio começou a tossir. Caroline teve o ímpeto de se levantar, mas Mariana aumentou a pressão do aperto. Ela revelaria a faca cedo demais. O Homem apenas olhou para o garoto, que cuspiu sua bebida sobre a mesa e sobre os alimentos à sua frente, com uma careta horrível. O líquido escorria da boca, viscoso demais para ser vinho.

— O quê... eu tô bebendo?! É horrível!

Ele então voltou a tossir, e derrubou a taça no chão junto a alguns talheres, graças a um movimento malcalculado com o cotovelo sobre a mesa. Então olhou para o lado direito e para baixo, para pegar o que havia caído e avaliar o estrago do vinho derrubado, mas sua reação foi suficiente para acabar com a crise de tosse e fazê-lo se levantar rapidamente.

— Puta que pariu! *Putá que pariu!*

Caroline achou que ele tinha visto uma serpente no chão, próxima aos seus pés, mas Hélio não permaneceria olhando para um bicho daquele com a mão tapando a boca, completamente imóvel.

— E-ele... ele está... *m-morto*? — perguntou Hélio, os olhos buscando alguma resposta no semblante do Homem de Branco, que o encarou como se não tivesse entendido a pergunta.

Caroline se levantou, alarmada. No seu íntimo, sabia o que havia horrorizado o amigo. Ela gritou, logo após subir em cima da mesa, a mão apertando o cabo da faca. Não viu a meia dúzia de cobras que fugiu em disparada conforme se colocava de pé entre o elaborado labirinto de alimentos. Apenas Mariana testemunhou os bichos se dispersando pelo chão, serpenteando ao seu lado até sumirem de vista e se esconderem de novo nas sombras.

O que Caroline viu foi Paulo, imóvel e jogado no chão, ao lado da cadeira do Homem de Branco. Descalço, sangue escorria da mordida no calcanhar, vestes e cabelos cheios de areia.

— Paulo! Não!

— Ah! — exclamou o Homem de Branco, apontando para o garoto, a boca transformada em um túnel de surpresa e o rosto intrigado. — Era *desse* Paulo que vocês estavam falando? Ele é o amigo sumido? Que coisa! Eu o encontrei lá na praia, cheio de água nos pulmões.

— Ele... está morto? — perguntou Hélio, a voz fraca perdendo a força muito antes de deixar sua boca.

Ao menos ele parecia estar saindo do encanto do sujeito, que logo ficou irritadiço, indo de zero a cem quilômetros por hora mais rápido que os carros esportivos da concessionária do pai de Caroline.

— Morto? Por quê? Porque está deitado? Ora, você olha para uma serpente e acha que ela está morta só porque está de barriga para baixo? — Ele respirou fundo, ignorando por completo a garota de pé sobre a mesa. — Me poupe, rapaz. Eu o trouxe para cá bem antes de vocês chegarem. Ele já comeu bastante e agora está tirando uma bela soneca. Quem pode culpá-lo?

Hélio parecia à beira de um ataque de pânico, e voltou a se sentar, esfregando as pernas com as mãos. Caroline o ouviu grunhir, entre outras coisas, que não sentia as pernas. Ela ergueu a faca na direção do Homem de Branco e reuniu todo o fôlego para que a voz saísse firme e sem tremores.

— Estamos indo embora e vamos levar o nosso amigo. Agora. Chega pra trás, encosta na parede.

As palavras de ultimato foram perfeitamente executadas. O Homem de Branco, porém, a encarou como se visse um pardal enxerido pousando no seu piquenique, o que fez Caroline se sentir muito idiota nos momentos de silêncio que se passaram.

— Mas e o seu cachorro? — perguntou ele, enfim.

— Eu vou encontrar ele sozinha. Hélio, pega o Paulinho e vamos embora.

— O q-quê? — falou o garoto, a boca trêmula ainda suja de vermelho.

— *Pega o Paulinho.* O que foi, não aguenta o peso dele?

Hélio nunca havia sido desafiado por Caroline, mas parecia indeciso simplesmente por estar sob o olhar vazio do Homem, e sua sobrancelha arqueada parecia ecoar a pergunta da garota: “É, você não aguenta o peso de um moleque mirradinho desses?”

— Aguento — respondeu ele, quase em um miado.

O anfitrião do banquete deu uma risada, enquanto o garoto se abaixava até Paulo, tentando passar os braços fortes por baixo das pernas e por trás do pescoço.

— Muito bem, agora sou eu que vou pedir paciência — disse o Homem, se levantando. — Você. Largue o garoto. Caroline. Sente-se.

— Eu não vou...

— *Agora.*

Não foi um grito. Sequer foi verbalizado. A voz saiu sibilada de dentro da cabeça dele, e, quando Caroline se deu conta, já estava na cadeira, as costas grudadas no estofamento. Foi como se alguém tivesse cortado seus movimentos e excluído toda a sequência de gestos necessários para descer da mesa, puxar a cadeira e se sentar. Em um instante, ela estava pisando sobre os alimentos; no outro, estava ao lado de Mariana, com a faca escorregando por entre os dedos.

— Hélio, você também — ordenou o Homem, recuperando por completo sua calma.

O garoto então estava sentado, como se nunca houvesse ousado se levantar.

— Se partirem, não creio que o ônus da decisão vai recair sobre mim — continuou o Homem.

O brilho dourado do salão começou a se apagar. A luz predominante tornou-se um bronze quase bonito antes do lugar assumir um tom sépia e escurecer, e escurecer...

— Que decisão? — perguntou Caroline, esfregando os olhos.

Sentia que sua visão estava prejudicada, como quando dilatava as pupilas no oftalmologista.

— Ora, a de quem vai ficar aqui para me ajudar — respondeu o Homem, afastando uma serpente amarelada de modo displicente ao pegar outra maçã de uma pilha de frutos podres.

“Eles estavam assim antes?”, perguntou-se Caroline.

O Homem de Branco se ergueu mais uma vez. A maçã podre ia sendo consumida. Se fosse verdade que ele não tinha paladar, aquilo não seria problema.

O salão agora estava predominantemente escuro, com uma luz esverdeada vinda do lago fantasmagórico do exterior. Mas o terno do Homem continuava branco, pois as sombras não afetavam aquele tecido único, alvo como as asas de um anjo.

— Vocês podem escolher. Quem ficar aqui vai me ajudar. Prometo muita coisa em troca. *Muita* coisa. Mas tem que ser em comum acordo com esta camarilha, consciente e democrático, já que a unanimidade não existe.

— Eu fico — disse Caroline, sem entender aquelas palavras ilógicas do Homem.

Na mesma hora, Mariana virou a cabeça para a amiga, assustada.

— Eu fico. Deixe eles irem embora. Por favor — insistiu Caroline.

— O que você...? — falou Mariana.

Porém, ela foi interrompida pelo riso do Homem, que balançou a cabeça.

— É muito corajoso da sua parte, Caroline, mas você não precisa provar nada para ninguém. Isso aqui não é o vestibular. E eu não sou o seu pai. Você pode ser... você mesma. Não precisa ser a Poliana, a eterna bondosa e generosa. Seja apenas o que precisa ser.

— Eu estou me oferecendo — insistiu ela. — Essa sou eu.

O Homem de Branco inclinou a cabeça, avaliando-a com os olhos que contrastavam com o terno por tempo suficiente para ela entender o detalhe que faltava naquele rosto, aquilo que, se estivesse ali, não seria alardeado, mas cuja ausência parecia comprometer sua humanidade: o sujeito não piscava. Seus olhos podiam muito bem não ter pálpebras. Com quase toda a certeza, elas teriam sido engolidas pela escuridão daquelas pupilas negras, que sugavam toda a atenção e o tempo para si.

Ele assentiu, parecendo intrigado.

— Veremos, então.

Mariana soltou um grito curto e surpreso. Suas mãos foram até o calcanhar. Do outro lado da mesa, Hélio fez o mesmo, olhando para baixo em desespero. No chão, Paulo resmungou algo, o primeiro sinal de vida que demonstrava.

Uma serpente pálida se ergueu de dentro de uma pirâmide de ameixas estragadas e fedorentas, e logo ficou na posição de bote diante de Caroline, a bocarra aberta. Mariana arquejou ao seu lado, em pânico. Os dentes. Os olhos sem pálpebras que, de alguma forma, se assemelhavam aos do Homem. As duas viram tudo muito de perto, com tempo para registrar cada escama, cada presa.

Uma segunda serpente passou pelo calcanhar esquerdo de Caroline, e ela sentiu as escamas frias tocando sua pele. Então, o contato se tornou mais constante, e ela notou que o bicho se enrodilhava ao redor de seus pés. O arrepio que subiu pelo corpo da garota fez seus dentes baterem uma, duas, três vezes, como quando ela saía do mar no fim de tarde e ia para casa tremendo de frio, abraçando o próprio corpo molhado.

— E-eu fui p-picada! — exclamou Mariana, com lágrimas nos olhos, agarrando a camisa arruinada da amiga com a mesma estampa que o curativo improvisado na mão direita. — Carol... E-eu não entendo disso... V-vou morrer..?

— Eu também fui — disse Hélio, olhando para a serpente em cima da mesa, e parecendo, de uma forma estranha e mórbida, conformado com aquilo. Como se não tivesse sido a primeira vez que uma cobra o picava. — Merda.

Com a víbora na mesa ainda a encarando, Caroline olhou desesperada para o Homem. Em São Paulo, já estaria correndo para ligar para a Emergência, para o Butantã e se prontificando a prestar os primeiros socorros. Mas ali? Ali, ela não sabia o que fazer.

A serpente a seus pés aumentou o aperto. A língua bifurcada experimentou a pele de sua panturrilha por um breve instante, ligeira como a asa de uma borboleta que roçava ali por acidente.

Caroline ainda olhava para o Homem de Branco. Apesar de tudo. Ele sorriu com cumplicidade quando a serpente afrouxou o aperto nas pernas da menina e se afastou. Sem mordidas. Sem ardência. Pelo menos era o que ela achava... Os amigos haviam gritado, até Paulo reclamara, mesmo que dormindo... Ela sentiria se tivesse sido picada, não é?

Não é?

— Agora vocês estão todos em pé de igualdade — informou ele.

E Caroline sabia que, se não fosse pela ausência da fina membrana de pele sobre os olhos, ele teria dado uma piscadela na sua direção.

Aos poucos, Paulo se levantava ao lado do Homem, que apontou para a última cadeira vazia da mesa para que ele a ocupasse. Cambaleante, ele desabou no lugar indicado, os olhos verdes entrando e saindo de foco.

— Eu... acho que fui picado...

— N-nós também fomos — respondeu Mariana.

Caroline queria dizer alguma coisa, mas sua vontade parecia arrefecida. Gostaria de dizer ao amigo que estava feliz por ele não ter se afogado, que estava contente em revê-lo, mas as palavras pareciam se embaralhar na sua mente antes de a língua conseguir transformá-las em som. Muitas delas pareciam ir sumindo, sendo apagadas de seu léxico construído ao longo dos dezesseis anos. Aquilo só podia ser o veneno

mas eu fui picada, então?

ah, é, claro que fui

todos nós fomos

por que eu não seria?

agindo na sua corrente sanguínea.

— Acharam o Manson? — perguntou Paulo, mostrando que, mesmo com a vida em risco, o cachorro ainda era sua prioridade.

Caroline balançou a cabeça com certo atraso, pois havia demorado a entender quem ou o quê era Manson, e se sentiu culpada. Mesmo sabendo que aquilo era obra das toxinas no seu corpo. O Homem de Branco sorria, olhando

sem piscar

ele não pode piscar

para ela, enquanto sentia a ardência em seu calcanhar.

— Ainda não — respondeu ela, por fim.

— O cachorro pode esperar — disse o Homem de Branco, alegre. — Ele adentrou muito profundamente as fronteiras. Os únicos que estão em algum limiar por aqui são vocês, então aconselho que quem vai e quem fica.

Caroline olhou para os amigos, e todos pareciam estar sofrendo do mesmo que ela. As lacunas na memória, os apagões que a faziam entrar

e sair de foco.

— Eu não por que temos que escolher isso. Nós não a lugar nenhum separados — disse a garota ao lado de Caroline, *qual é o nome dela mesmo?*

Ma... Mari... Mariane?

O nome dela rimava com o meu? Ahn?

com raiva. Ela tinha grandes olheiras que não estavam lá alguns minutos antes. — Você não nos obrigar.

— Mariana,

ah, é

Mariana

não estou fazendo nenhum tipo de jogo com vocês — disse o Homem de Branco, soando prático e nada imperativo. — Eu me certificar de que a pessoa que decida por todos seja a escolha ideal para na minha empreitada.

O que é no meu peito?

Caroline sentia o coração começando a pesar, encharcado de desespero e tristeza, como um pano de chão absorvendo um líquido grosso, sujo e fedido. O Homem de Branco a encarava com divertimento e um tom de alerta nos olhos, quase como as apresentadoras daquele programa *Fantasia*, sempre sorridentes,

uma delas era a loirinha do É o Tchan!, a Cinderela Baiana, sei lá, mas aquele programa não tinha sido cancelado? vai ser cancelado de novo?

aguardando uma resposta do telespectador para seus diversos jogos.

O tempo está passando, viu?, avisava a Cinderela Baiana. Está vendo a nossa legião de dançarinas fazendo sinal de relógio? Dedo no pulso, dedo na cabeça, dedo no pulso, dedo na cabeça. Sabe o que é isso, Carol? É que vocês vão morrer se não decidirem logo, caralho.

O você vai fazer da vida, hein?

Vai as lacunas que estão faltando?

Ou vai esquecer tudo?

Que conveniente, né?

— Quanto mais demorarem, mais e mais de vocês terá se dissolvido com o veneno — alertou o Homem de Branco, uma serpente se enrolando no seu braço e sendo acariciada como um animalzinho

carente por atenção. — Aconselho que rápido, que não sobre nada além de cascas vazias.

— Você disse que ficaria, Carol — falou Hélio entre gemidos, do outro lado da mesa.

Ela balançou a cabeça,

eu disse?

quando?

que absurdo, eu não me... o contrário de esquecer... de nada disso.

as palavras estão sumindo, uma por uma por por .

ele deve estar...

...

não me... o contrário de esquecer... da palavra para isso também...

ele deve estar falando... o contrário da verdade

contestando o amigo e alegando que sua e seu pai a matariam se ela sumisse, o que não fazia o menor sentido, mas dane-se. Talvez o estrago já estivesse feito, e eles estivessem procurando pelas crianças por toda a , ligando para a... coisa que anda de farda e que atende o telefone quando você disca 190... que nunca chegava até região e que provavelmente não ia conseguir atender o chamado no dia 31 de dezembro de... que ano estou mesmo?... Será que aquele branco todo na sua cabeça era o “bug do milênio”? “Seria algo bem chato”, pensou , porém pior ainda seria desaparecer e deixar a preocupada. Seu pai compraria um daqueles jipes esportivos que na moda nos Estados Unidos ou um jet ski para preencher o temporário na alma, e logo deixaria de pensar na filha. Enterro sem corpo. Que tragédia. Mas a mãe, ah, ela sofreria. E não merecia mais do que o que ela já normalmente, coitada. Não, ela precisava voltar. Tinha certeza de que não ficar ali, com aquele Homem que não piscava e provavelmente não dormia. Uma vez ela dizer a Xuxa também não fechava os olhos para dormir. Que estranho. que isso tinha a ver com o negócio de girar o disco ao contrário? Provavelmente.

— Eu não quero ficar, por favor, eu não aqui embaixo — implorou ela, olhando para Hélio.

Mariana também começou a fazer súplicas e dar explicações do porquê seu pai e sua mãe precisavam dela em casa, e que, em breve, ela

ajudaria na fábrica de embalagens, conforme eles tanto tinham conversado apenas há alguns dias, olha só que coincidência.

Hélio também se defendia, buscando palavras que , dizendo que ele faria falta no time de , na equipe de -jitsu, que choraria e que provavelmente o dele em negação, enquanto a mãe afundaria no alcoolismo e sairia dirigindo bêbada, porque aquilo era a cara dela, uma vez ela até atropelado uma por esse motivo e até hoje ela recorria no tribunal dizendo que a mulher havia na frente do seu carro fora da de pedestres.

Então, todos olharam para Paulo.

Apesar de estar à beira de um por causa da peçonha no sangue, o garoto parecia prestar atenção a tudo que os amigos diziam, mas o mesmo ímpeto de se defender e dizer o de voltar para casa. não saber o que falar, até mesmo por saber poucos chorariam por seu desaparecimento. Sua mãe, é claro. Aquilo a destruiria. Mas não seria desculpa para ela interromper sua vida. Seu Magnus e a Helga não eram pessoas lá muito emotivas, mas pouco provável algo pelo seu desaparecimento. Ele vagava pelo casarão como um fantasma que um dia herdaria as obrigações da mãe. Os velhos precisavam da sua mãe tanto quanto ; até mais. Paulo nadar. Sabia correr. Tinha saúde. E talvez nada daquilo fizesse diferença ali, verdadeira Ilha das Cobras.

Caroline não entendia o que estava acontecendo,

Fantasiíííia no aaaaar...

mas viu Hélio se levantar e surpreender... aquele garoto caíçara, só que caíçara não é um nome... com um mata-leão. O menino menor, porém, não brigou nem ofereceu resistência. Nem conseguiria, franzino do jeito que era. O apenas observava, enquanto o menino era arrastado até seu lado e desmaiava nos seus braços, o fluxo do sangue que ia para o cérebro interrompido por um momento. Mais uma medalha para Hélio, mas esta ele não ia pendurar na do quarto. Mariana se levantou também, dizendo coisas sem sentido, e o Homem prestou atenção nela por um instante, parecendo satisfeito. apontou a saída da caverna, que de forma alguma lembrava o salão

dourado de minutos atrás. Agora era um lugar sombrio, tétrico, fadado ao esquecimento. E ele viria, vítima apagão gradual.

— O antídoto para o que está no sangue de vocês é tão real quanto uma fronteira. Acompanhem o cão para além dela — falou o Homem de Branco, o braço esquerdo ainda estendido enquanto o outro segurava Paulo, desacordado e mais uma vez parecendo morto.

Na entrada da fenda, Manson aguardava. Ele não latiu, e, na verdade, parecia com medo do homem que estava ao seu lado. Caroline o conhecia. Da praia. Estava com... o menino que morava na praia e que ela via todas as férias, qual era o nome dele mesmo...? na ocasião.

Como ele se chama mesmo?

... dedo no pulso...

Carol, como ele se chama?

... dedo na cabeça...

ele vai morrer, não é?

... dedo no pulso...

se você não lembrar e ele não fizer nada, vai ser tudo... o contrário de quando a gente não se arrepende... sua, entendeu?

... dedo na...

Paulo.

O nome estava lá, parado bem no meio de sua mente. Havia caído em cima dela como uma bigorna de desenho animado, destrutiva e mortal, esmagando todos os seus pensamentos desconexos e o cenário do programa *Fantasia*, deixando a Cinderela Baiana sob os escombros, gritando “Carol, sua filha da puta!”. O nome do amigo parecia ter funcionado como uma estaca, pregando-a no chão, obrigando sua mente a permanecer ali, naquele momento.

— Não podemos deixar ele aqui, Hélio — disse Caroline, fraca, forçando a mente a permanecer focada e hesitando ir até seu amado cachorro.

O garoto balançou a cabeça, empurrando-a na direção da saída.

— Todo dia um caçara morre afogado, Carol. Como a gente ia explicar para os nossos pais que eu, você ou a Mari sumimos?

Ele bateu com os dedos na própria cabeça, pedindo para que ela pensasse ao mesmo tempo em que parecia querer ordenar os

pensamentos confusos no meio da adrenalina, por mais que seu semblante mostrasse que ele suava e sofria com a peçonha da serpente.

— Nós três estaríamos encrocados! Já a mãe do Paulo, nem conhece a gente. Eu não sei o nome dela, não sei o sobrenome do Paulo. N-não teria como chegar até nós, entendeu?

Mariana apenas balançava a cabeça, confusa, olhando para o sujeito com sobretudo e quepe ao lado do cachorro. Caroline continuava parada no mesmo lugar, e observava o Homem de Branco deitando Paulo em cima da mesa do banquete, que, de um segundo para outro, não continha mais comida alguma, podre ou não.

— ... porque a vida é assim, é a sobrevivência do mais forte! — falou Hélio, justificando o ato.

Ele segurou Caroline pelos ombros, para que a menina ficasse de frente para ele.

O garoto a encarou e insistiu com calma:

— Esse é um mundo de predadores, Carol. Temos que fazer de tudo para ficar no topo da cadeia alimentar.

Ela não conseguia concordar. Caroline forçava a mente a permanecer focada. O efeito parecia estar se mantendo por um tempo, como uma pessoa contendo o vazamento de uma barragem com o dedo. Olhou para trás, enquanto Hélio empurrava Mariana na direção da saída,

*como ele chegou ali tão rápido?
ele estava aqui bem agora...*

na direção de Manson e do bêbado da praia (que parecia emburrado), e viu Paulo cercado pelas serpentes pálidas, que agora saíam das sombras e começavam a rastejar sobre o garoto, sujo de areia como o cadáver de um naufrago encontrado tarde demais.

O Homem encarava o garoto oferecido como sacrifício em silêncio. Havia, porém, um ruído alto demais para ser ignorado. Era o resultado de uma centena de cobras se embolando dentro de uma caverna que, por sua vez, ecoava o sibilar de suas línguas fendidas. Caroline sentia que deveria fazer algo por Paulo. Que, se lhe desse as costas naquele momento, estaria sendo tão cruel quanto Hélio, deixando o amigo para a morte.

— Não...

— Ei! — gritou o bêbado da praia.

Mari e Hélio já estavam ao lado dele, enquanto Manson, de orelhas baixas, observava a dona ficando para trás.

— Ou se decide logo ou jogo você lá no meio do serpentário do Homem! — completou ele.

Caroline obedeceu, como se tivesse levado um choque. No entanto, a imagem de Paulo deitado na mesa estava queimada e registrada em sua retina. Hélio estendeu a mão quando ela passou para pegar Manson, mas Caroline desviou do garoto, com raiva. Ela não sabia se conseguiria viver com a culpa por não ter contestado a decisão enquanto era tempo.

— Voltem por onde vieram. Passem por cima do lago e subam o túnel. Não olhem para trás! — orientou o bêbado, soando como um Adolf Hitler ainda mais histérico e irritadiço. — Não aguento mais essas serpentes malditas de Ulthar, e o Homem ainda me faz abrir mão do cachorro que *eu* achei! *Eu!*

Caroline o ignorou, deixou-o reclamando sozinho ao lado da fenda na pedra. Manson parecia ressabiado e assustado, mais ia à frente dos três através da ponte formada pelas lajes de pedra. Mariana e Hélio apontavam para o lago, e Caroline pensou que de fato via um monstro saindo dele, emergindo aos poucos. Assemelhava-se à carcaça de uma serpente imensa e comprida, mas em uma olhada mais atenta percebeu que aquilo era... um submarino?

De tudo o que tinha visto naquele dia, um submarino em um lago subterrâneo era o menos inacreditável.

— Vamos — disse Hélio, tentando mais uma vez tocar em Caroline.

Ela deu um safanão na mão do garoto e estacou no lugar, bem no meio da ponte de pedra. Manson voltou até ela, apoiando-se com as patas dianteiras na perna da garota para cheirar sua mão. Ela fez carinho na cabeça do cachorro e olhou para trás. O bêbado, parado ao lado do submarino na margem do lago (agora era possível ver que ele era a fonte da luz verde radioativa das profundezas do lago) segurando uma garrafa, fazia sinais frenéticos com a mão livre para que eles fossem embora. *Xô, xô! Chispa!*

— Ou vamos todos, ou ninguém vai — grunhiu Caroline.

Hélio, que oferecia o ombro para que Mariana se apoiasse, deu um riso de escárnio e quase deixou a garota cair no chão.

— Você ouviu o que eu falei lá dentro? — perguntou ele, deixando o medo e o desespero transparecerem. — Como vamos explicar isso para os nossos pais?

— Se nenhum de nós voltar, ninguém vai precisar dar explicação nenhuma — respondeu Caroline, disparando pelo caminho de volta à fenda com Manson em seu encalço.

— Carol! Volta aqui!

Mas ela não voltou, e aquilo foi o suficiente para Mariana recobrar parte de sua presença de espírito, se desvencilhar de Hélio e correr atrás da amiga.

— Se quiser ir embora, vai logo! A gente não precisa de você! — gritou ela para Hélio.

O rapaz ficou plantado no lugar, enquanto via as duas garotas e o cachorro diminuindo e se aproximando do cara com roupa de oficial nazista.

— Eu mandei vocês irem embora, suas piranhas! — gritou o homem, quebrando a garrafa em uma estalagmite e erguendo os restos pontiagudos na direção do rosto de Caroline.

Ela corria com toda a força e atenção que conseguia juntar em meio ao dilúvio de peçonha que enevoava sua mente, os efeitos voltando com força total. O braço do _____ recuou para o golpe, e Caroline sequer teve a intenção de desviar. Todo o foco estava em correr, em voltar para o salão de pedra.

Mariana, que estava um pouco atrás dela, gritou algo parecido com “_____, mas ela não conseguiu entender e continuou, sentindo o hálito tóxico do _____. Viu as pontas afiadas se aproximando de seu rosto e sabia que o estrago seria grande. Talvez ficasse irreconhecível e isso dificultaria para os pais identificarem seu cadáver. Mas tudo estava sumindo de novo, _____ o mundo perdia a coerência e o _____ e _____ e a dor não veio, surgindo apenas o grito do homem e os rosnados de Manson, que o atacou bem na virilha, como uma unidade canina treinada para o maior dano possível em alvos hostis, e não um vira-lata _____ e _____. Mariana se engalfinhou com o sujeito, _____ sangue derramado.

Caroline entrou _____ de cor doentia e sem resquício de dourado _____, não viu Paulo, pois ele estava soterrado por serpentes em cima da grande _____ de pedra, e não a mesa _____ de minutos atrás. O sibilar das serpentes fazia sua mente doer, seu nariz sangrar e a ferida no calcanhar

mas que ferida, mesmo?

arder. Ela subiu na mesa de novo, e nenhuma serpente a atacou. já
marcada pela peçonha delas

não é?

e mesmo que fosse picada outra vez, nada seria pior do que . Ela não se importava. Precisava tirar Paulo , aproveitando que o de Branco parecia estar em transe, se debatendo no chão. Assim, foi e atirando as serpentes para os lados, sentindo o arrepio do contato das escamas com a pele macia, lágrimas desciam rosto. Mariana mancando em seguida, parecendo machucada, mas não era possível saber se aquele sangue era dela. ajudou a levantar Paulo, que murmurava coisas sem sentido e o nome da mãe, descobriu. Era Diva. *Diva.*

— Paulo, acorda! — pediu Caroline, fazendo força, tentando ignorar as centenas, milhares de ameaças rastejantes ao seu .

O garoto não tinha mais areia no corpo ou sangue no calcanhar. Era como se as serpentes o tivessem *limpado*.

—Vamos embora daqui! Nós achamos o Manson como você prometeu.

Ele os olhos e o verde de suas pupilas era o mesmo da fantasmagórica da caverna. o de Branco se levantou, rasgando a pele do próprio peito, aos gritos, as pontas dos dedos pressionadas na nuca, as unhas entrando no couro cabeludo. arrancado uma parte da pele do rosto, mas, em vez de músculo ou descarnado e cheio de sangue, havia escamas. aos poucos. Escamas amareladas eram sua pele natural, como o resquício do dourado que em algum momento existiu naquele salão. caverna. Ele gritou, e

voz era o som de água caindo sobre fogo feroz e brasa forte. Os ouvidos de sangraram , e os de Mariana também, o sangue escorrendo pelo pescoço. Ele avançou na direção das garotas, contornando a mesa de pedra, mas uma pernas parecia flácida, desossada, sendo arrastada atrás dele junto ao restante de um corpo sinuoso que escapava pelas costas do Homem, longo que se perdia para dentro da escuridão. Ele avançou, como em um bote, e as garotas se viraram a

tempo de

apenas um
vulto investindo contra a criatura que era parte serpente e parte humana.

Hélio surgira e tentava imobilizar o homem, mas o restante do esguio passou a se enrolar pelo tronco do garoto, e, em segundos, era ele quem estava sendo subjugado, esmagado por aquela bestialidade inominável.

— Corram! — gritou ele, com o pouco ar que sobrava em seus pulmões.

Garoto e serpente rolavam pelo chão de pedra, como em um vídeo da *Geographic* uma onça e uma anaconda monstruosa lutavam vigorosa e pela sobrevivência. se fincaram no braço e nas veias de Hélio, injetando mais e , mas o corpo absorvia tudo que a fera inoculava. Desesperado o predador que clamava ser, uma pedra do tamanho de sua mão e bateu no crânio da serpente que através da pele do homem, e continuou batendo e , enquanto

fugiam. O Homem de Branco fez o chiado hediondo mais uma vez, e Mariana, Caroline e Paulo atravessavam a ponte de pedra, nazista para trás, caído e amaldiçoando cachorros, brasileiros inferiores, adolescentes e tudo o que a conseguia lembrar. Não havia sinal de Manson , e Caroline chorou acontecido com o seu bichinho.

voltaria para rasgar a garganta daquele bêbado com a garrafa dele. Hélio , em estado deplorável e segurando os e pulsos perfurados, quase alcançando-as. Chegaram no túnel , no breu total, e, desta vez, não teriam nenhum isqueiro, e subindo, até se chocarem com no escuro. Pareciam pessoas, mas elas brigavam como animais esfomeados. Braços e pernas se digladiaram no espaço reduzido, mordidas e arranhões ferozes, e

os adolescentes se deixaram levar pela selvageria, pois precisavam passar . Eles iriam juntos, ou ninguém voltaria, era o que dissera. Os desconhecidos

que deveriam ser adultos, passaram uns pelos outros, e

simplesmente correram sem olhar para trás.

, e continuaram apressados até chegar ao buraco, onde uma corda que não estava ali antes os esperava. Um grupo os adolescentes indígenas os ajudou a sair do buraco, corda abandonada ali perto, os acompanharam de perto, olhando com interesse para aquelas outras crianças de pele tão diferente da deles.

caminho até a praia da ilha, serpentes no trajeto, e sibilavam com fúria e hostilidade, mas nenhuma ousava se aproximar daquelas crianças indígenas. Logo, também não atacaram os fugitivos. rochas e viram que ali perto estava a canoa que os levara até a ilha. O índio que havia sumido na tempestade novamente, porém não mais vendado. Seus olhos eram brancos, e pareciam enxergar . Mudo, na direção da praia,

as ondas estavam fortes, e a maré mais uma vez ameaçava virar a canoa uma imensa forma escamosa surgindo das ondas abocanhando Paulo, como se horror inominável

enquanto Caroline gritava. De novo. Aquilo se repetia.

O veneno no sangue não a deixava saber quanto tempo chegar na praia, rosto, de cara na areia. Só

coisa que e já era de noite, , um deles uma

camiseta com os dizeres “Ah, eu tô maluco”

encaravam os adolescentes, pensando se tratar de crianças alcoolizadas. Caroline chorava, de Paulo.

Não era justo. Mariana e Hélio faziam o mesmo, o garoto ainda com o agravante da culpa por tê-lo entregado da primeira vez.

promessa de não falarem nada até descobrirem

morte

concordaram, e assim

se separaram.

Voltaram para o de suas casas, para o aroma de carne assada e travessas de peru e pernil, para as suas famílias, que fartura

no máximo brigariam sumiço
toda a tarde e o início da noite. apenas
adolescentes.

o trabalho de ir até a mansão no canto da Baleia. A dona Diva trabalharia noite, como sempre fazia nos réveillons, servindo o apático casal que a empregava, preocupada com o filho que não voltara para casa naquela noite. Nenhum desejo de Feliz Ano-novo faria sentido enquanto seu coração de mãe não se aquietasse com o retorno de Paulo.

Quando o garoto reaparecesse, ele não seria mais o mesmo.

HOJE

— Você se lembra?

Caroline parou no degrau em que estava, direcionando a luz do celular para o rosto de Mariana.

— Do quê? — perguntou baixinho.

— Do que aconteceu naquele dia — respondeu a amiga.

Ela parecia segurar lágrimas que forçavam seus olhos de dentro para fora, como um aríete. Caroline ergueu os ombros e voltou a descer a escada estreita.

— Tenho algumas lembranças, mas cheias de lacunas. Em alguns momentos, a história me parece mais esparsa, toda cortada, como se tivesse sido montada por um editor maluco. Mas, em outros, ela me vem à cabeça de forma mais completa. E você?

— Acho que é isso mesmo. Algumas situações parecem coisa da minha cabeça. Outras, eu penso que devem ter sido causadas pelo veneno ou, então, foi algo que a Serpente plantou na nossa cabeça para criar dúvida... para nos forçar a mentir.

Caroline riu.

— Percebi que mentir é algo sério para você.

— Do que está falando?

— Na hora que você chegou. A pochete velha do Hélio.

— Eu trouxe porque ela estava há tempos lá no quartinho e...

— Ela tem a chave da casa dele. Desde aquela época. E ele nunca pediu para trocar a fechadura.

Mariana permaneceu em silêncio.

— Era você aquele dia, não era? Na casa dele. Me espiando, através do portão.

— Era.

Caroline encarou a amiga, que estava completamente envergonhada. Para Mariana, mentir era uma transgressão que a colocava debaixo das asas do diabo. Caroline percebeu o desconforto da amiga ao ter que inventar uma história ou ser acuada por uma pergunta que ela não podia responder com sinceridade. Aquela história de que tinha ido para o litoral um dia depois do marido e do grupo da igreja fora apenas a

primeira das muitas coisas que havia resolvido fingir, omitir ou camuflar.

— Fico feliz que tenha começado a ser sincera comigo. Obrigada — disse Caroline, no último degrau.

Olhou para Mariana, para a mão com um curativo decente, e não aquele feito às pressas com um pedaço de camisa xadrez e um beijo roubado.

— O ferimento. Quando que ele voltou? — perguntou Caroline.

— Mais ou menos junto com os furos no meu tornozelo. Eu estava segurando uma foto nossa lá no quarto do Hélio... E, de repente, ele se abriu, como se eu tivesse me cortado de novo. No mesmo lugar.

Caroline assentiu. Voltar para o lugar onde tudo fora perdido havia literalmente aberto velhas feridas.

Ela então chegou ao piso do porão, também de concreto, e começou a caçar o celular de Mariana com a lanterna. O feixe de luz encontrou o aparelho próximo à parede oposta, com a tela virada para baixo. Havia sido uma queda longa e ela teria muita sorte de encontrá-lo ainda funcionando.

Mariana se adiantou para pegá-lo quando o rosto esbarrou em um cordão que pendia do teto.

— Olha, acho que encontrei a luz desse lugar.

Ela puxou o cordão e uma única lâmpada se acendeu entre as calhas de madeira e grossas vigas daquele esconderijo. Era o cenário perfeito para um filme trash de horror com cenas de cativo ou de alguma tortura em grupo, em que a única chave para sair do porão se encontrava no estômago de um amigo.

No entanto, havia algo no fundo daquele aposento que mudava toda a percepção da cena. E o tipo de filme que poderia ser gravado naquele lugar também mudaria.

— Mari... Você está vendo o mesmo que eu?

Grandes estantes de livros grossos, encadernados em couro estavam dispostas ao lado de um altar de mármore branco. A bandeira com a suástica nazista pendurada ao fundo era grande o suficiente para servir como lençol de uma cama de casal.

De um casal de idosos vindos da Europa após o fim da Segunda Guerra Mundial.

— Meu Deus — murmurou Mariana, as mãos na frente do rosto.

Caroline estava completamente absorta, com a lanterna do celular ainda erguida como se ela tivesse alguma utilidade. Paulo não sabia

daquilo. Ele não *poderia* saber e continuar deixando que uma atrocidade daquelas permanecesse sob o seu teto.

— Isso é um... esconderijo? — perguntou ela.

— Eu não sei... e não sei o que está acontecendo aqui, mas acho que deveríamos... voltar — disse Mariana.

Caroline assentiu. Ela vislumbrou os livros nas estantes, e quase todos estavam em línguas estrangeiras. Havia um *O príncipe* em alemão, poemas em latim e um único livro em português, uma versão de *Livro de São Cipriano* com uma capa metalizada que parecia pesada como uma tampa de bueiro. Outros estavam em inglês, sendo que alguns tinham etiquetas, como se já tivessem pertencido a alguma biblioteca. *Miskatonic University*, dizia uma delas, amarelada com o tempo. Ela não fazia ideia de que lugar seria aquele. Além dos livros, havia cadernos com capa de couro e outras obras sem título: glifos e símbolos que Caroline jamais havia visto ou que lhe eram estranhamente familiares, como um livro de ornamentos amarelos com um grande escaravelho na capa. Ela o pegou, atraída pela curiosidade. Aquilo parecia ter no mínimo uns cento e cinquenta anos, e estava conservado para a idade.

— Se eu fosse você, não abriria esse. Tem o histórico de enlouquecer os leitores — informou uma voz do alto da escada.

Mariana e Caroline levaram um susto. Paulo descia, calmo, segurando o que pareciam ser chaves de um carro. Ele usava um terno branco. E não parecia amedrontado ou nervoso. Ao que tudo indicava, ele sabia da existência de um recanto místico nazista na mansão em que crescera.

— E acho que não precisamos de mais confusão nas nossas vidas. Não é? — perguntou ele.

Caroline guardou o livro de volta em seu nicho. Mariana se aproximou da amiga, parecendo temerosa, apesar de Paulo não estar mostrando sinais de animosidade ou qualquer comportamento esquisito.

— Cadê o Hélio? — perguntou Caroline, estranhando por não ter ouvido aviso nenhum, já que ele deveria estar vigiando a porta.

— Está dormindo. Em paz. Achei maldade acordá-lo.

Mariana segurou o braço da amiga com um pouco mais de força que o necessário.

— Nós acabamos de deixá-lo lá em cima — disse ela. — E ele estava acordado.

Paulo parou no último degrau. Caroline teve vontade de gritar para que ele descesse a escada de uma vez, pois aquilo era irritante. Porém,

dentre todas as estranhezas daquela situação, ela estaria sendo mesquinha em reclamar de algo que apenas acionava seu TOC.

O homem suspirou, olhou para as amigas e para além delas, na direção da suástica. Um sorriso triste se formou em seus lábios conforme os olhos se enchiam de lágrimas, e aquilo, sim, era motivo suficiente para Caroline gritar de raiva e incompreensão. Por que que um homem negro se emocionava com *aquilo*?

— Acho que deveriam seguir o exemplo do Hélio, garotas — disse Paulo, parecendo incomodado e profundamente tocado.

Algo se mexeu às costas de Caroline, que se virou depressa com Mariana a tempo de ver a senhora negra das fotos encarando-as com severidade.

No entanto, ela não usava o uniforme de empregada. Aquele tempo tinha ficado para trás.

— É hora de vocês dormirem também — informou ela.

E, assim, as duas mulheres obedeceram na mesma hora, pois aquilo não era um pedido. Crianças comportadas sempre obedecem aos mais velhos.

[...] era uma das poucas liberdades entre empregada e patrões, quando Diva pedia a velha máquina fotográfica Yashica emprestada para dona Helga, e ela não fazia objeções. Seu Magnus não gostava de sair em fotos, mas, de vez em quando, o pequeno Paulo conseguia flagrar o patrão, sempre de longe, durante as refeições lendo no jardim um de seus inúmeros livros velhos (que o menino não fazia ideia de onde eram guardados, porque a biblioteca não parecia ser tão grande assim).

O tempo avança imperceptivelmente para uma rocha que se sedimenta ao choque das ondas, mas o suficiente para um humano ver a diferença no tamanho das pernas. Paulo, já um pouco mais velho, costumava ir de carona com alguém das redondezas – em geral com Silas, o pedreiro da região – até o centrinho de Boiçucanga a fim de revelar as fotos para a mãe, que sempre guardava uma ou duas em que o filho saía. “Porque senão você cresce, e eu não vou nem me lembrar de como você era”, dizia ela. E foi depois de ouvir isso que Paulo decidiu roubar alguns momentos espontâneos da mãe também. O medo de perdê-la não era tão grande quanto o de um dia esquecer seu rosto depois que ela partisse. O garoto, que não tinha memórias do pai, sabia que esse era o verdadeiro mal de quando uma pessoa resolvia ir para o outro lado: não poder ser alcançado pela memória.

Os dias avançavam, marcados pelos jornais arremessados por cima do muro. Paulo sempre

pegava os que seu Magnus descartava no lixo após a leitura, e se encantava com as fotos enormes que vinham nas primeiras páginas. Aquelas pessoas nunca seriam esquecidas. Elas eram famosas – a maioria pelos motivos errados – e saíam nas manchetes. Pensava com frequência em virar fotógrafo profissional para um dia poder colocar a mãe em uma foto daquelas.

Seu Magnus não tinha muita paciência com o menino e nunca o olhava por muito tempo sem começar a resmungar naquela língua que Paulo achava bonita, apesar de um tanto agressiva. No entanto, no dia em que o garoto verbalizou para ele sua vontade de ser fotógrafo, o velho disse que, para isso, ele precisaria entender melhor o jornalismo e estudar publicidade, porque apenas grandes homens entendiam a forma como as massas se comunicavam. Ele mencionou um sujeito de nome engraçado que soava como *guebeus*. “Ele era um grande mestre na arte de veicular propagandas e entreter o meu país!”

Foi pouco após essa conversa que dona Diva começou a andar com a velha Yashica dentro do avental, e, quando era questionada pelo filho, apenas fazia sinal para que ele não falasse sobre aquilo alto demais. A mulher também começou a pedir para Paulo revelar filmes com muito mais frequência, sempre de doze poses, pois eram os mais baratos. Diva também pedia para o filho levar alguns envelopes até uma moça de bonitos cabelos trançados e com cheiro adocicado, que ele descobriu ser uma parente

distante sua — além de advogada. Sua mãe ordenava que ele não abrisse os envelopes, e Paulo obedecia. Diva dizia que o conteúdo era coisa de adulto e que ela explicaria tudo um dia. Ele sabia que havia alguns filmes não revelados dentro deles, mas não imaginava que tipo de coisa poderia ser tão perigosa para crianças, mas seguia obedecendo à mãe, afastando a curiosidade. Ele poderia fazer comentários sobre a forma estranha com que dona Diva agia em relação a algum amigo de confiança, como Caroline, ou talvez até Mariana e Hélio, que era legal quando não estava se gabando ou falando da magreza dele, mas a palavra da mãe era lei no seu coração.

Mais algumas centenas de jornais voando sobre o muro. Diva ficou doente. O trabalho na mansão era o mesmo dos últimos quinze anos, mas se tornou mais pesado por causa das dores e náuseas, e também pela idade avançada de dona Helga e seu Magnus, que começaram a destratá-la com mais frequência e a exigir que Paulo ajudasse em tarefas que não lhe cabiam. Ele era uma criança. Deveria estar se divertindo e estudando, e não passando o dia cortando a grama ou limpando uma piscina que ninguém usava. “Tudo bem, mãe. Estou aqui para ajudar. Se eu fizer essas coisas, eles ficam mais calmos.” Ela tirou mais fotos do filho limpando a água com a peneira, e separou o filme para mandar para Lis, em Boiçucanga. Cogitou procurar outras casas para trabalhar, talvez lá para os lados de Angra

ou Maresias, mas sabia que não ia conseguir um salário tão bom quanto ali, onde a confiança dos Heinz vinha junto com a humilhação e uma herança de trabalho precoce para o filho. Diva pensou nele e se sentiu culpada em vê-lo receber ordens dos idosos tranquilamente. Gostaria de ter levantado a voz contra eles e dizer que o filho não fazia parte dos seus serviços. No entanto, deixou esse pensamento se misturar às milhares de coisas que gostaria de ter feito em vida, desejos exauridos de alguém que se acostumara a não sonhar alto.

E então, Paulo sumiu. Em pleno réveillon. Diva começou o ano 2000 sem o filho por perto, afundada em desespero e depressão. A polícia foi notificada, quase todos os comércios de São Sebastião tinham cartazes com o rosto de Paulo, tirados das fotos que Diva guardara. Mas ninguém tinha sequer ouvido um boato para lhe dar esperanças.

As dores se acentuaram, e ela passou a não ver mais sentido em trabalhar ali. Para quê? Para quem? Tarde da noite, pouco antes de tirar o uniforme e dormir, decidiu escrever sua carta de demissão – que se danem todas as horas extras que nunca seriam pagas, todos os processos trabalhistas que ela poderia ganhar. Diva só queria se ver livre daquela situação. Contudo, ela não tinha lápis, papel ou caneta em seu quartinho. Quem sabia onde aquelas coisas ficavam era Paulo. E ele tinha sumido da vida dela sem deixar rastros.

Ela entrou na mansão de madrugada e foi até a sala do estranho quadro branco que seu Magnus havia pintado. A última coisa que esperava era ver o patrão saindo de trás dele, a camisa do pijama aberta e a tatuagem de serpente à mostra. Segurava um de seus livros com capa de couro e símbolos indecifráveis. Diva se desesperou, procurando um lugar para se esconder, mas o velho não a viu, mesmo a menos de cinco metros de distância. Magnus foi embora para o quarto, apoiando-se na bengala, sem tomar conhecimento de que estava sendo observado.

Diva esperou um bom tempo depois de o homem sumir da sala, sem conseguir imaginar que debaixo do teto que trabalhara por anos havia um lugar que desconhecia. Era por isso que seu Magnus ficava tão nervoso quando ela tentava tirar pó da moldura do quadro. “Deixe assim! Você vai danificar a arte!”

— Grandes merdas — resmungou ela, arregaçando as mangas. — Um quadro branco. Até eu pintaria um desses.

Diva desceu as escadas por trás da tela e encontrou a biblioteca secreta de Magnus. Ela não sabia o nome do desenho da bandeira estendida naquele altar branco, mas sabia o que ele significava para gente como ela. Lembrava-se de algum lugar dizendo que usar aquele símbolo era crime ou algo assim.

Estar ali não era seguro. Diva não pensou nem por um momento que aquilo poderia ser uma estupidez perigosa. Ela sempre tivera pouco, e

aquele pouco foi tirado de sua vida de uma hora para a outra, deixando apenas o luto por uma morte que jamais se confirmara. "Sem um corpo, ele é apenas um desaparecido, Mãe", disse o policial na delegacia em Boiçucanga, que, apesar das visitas quase semanais da mulher, jamais se dera ao trabalho de decorar seu nome. Diva, que morava em uma casa que não era sua e jamais realizava os próprios desejos, fora reduzida à Mãe, e nem tinha mais um filho para exercer esse "título".

Não ligava para o que poderia acontecer, pois não tinha nada a perder. Meteu a mão no bolso do avental e tirou as fotos.

Assim, os dias se passaram. Poucos, não muitos, onde Diva visitou o porão mais vezes e coletou provas, incluindo documentos e a verdadeira certidão de nascimento de Helga (antes casada com um tal de Franz Kassner, morto em um acidente militar da Marinha alemã) e Magnus Heinz, nascido Wainer Fürmann.

Foi em um fim de tarde que Paulo reapareceu no portão da mansão. Apesar de não estar ferido nem doente, parecia mudado. Compreensivelmente soturno para uma criança que deveria ter enfrentado poucas e boas, mas emocionado em ver a mãe. Eles se abraçaram e choraram, sem se importar com Helga chamando por Diva para que a ajudasse a se levantar do banco no jardim. Diva não perguntou por onde o filho havia andado, e ele também nunca disse. Aquele capítulo estava encerrado, e ela sentia que não seria bom

revisitá-lo. Foram seis meses de sofrimento e de uma piora do seu quadro de saúde, mas enfim os cartazes desbotados nas lojas da região poderiam ser retirados.

Foi só Paulo voltar que o corpo da mãe pareceu entender que a cria estava em casa, segura, e se sentiu livre para deixar de funcionar. Ela adoeceu. Em seu leito no hospital, disse ao filho que havia assegurado seu futuro, e que precisava falar a sós com os patrões. Em seguida, dona Helga e seu Magnus entraram no quarto. Eles nunca foram de demonstrar afeto, apesar da dedicação de Diva durante todos aqueles anos (e de todas as funções que ela acumulara), mas pareciam preocupados com a morte da mulher que os suportara e entendia a rotina do casal. Talvez fosse o pesar de perder um funcionário que trabalhava por dez, mas havia ali uma ponta de emoção, ao menos nos olhos da senhora idosa, que jamais considerara que fosse viver além de sua empregada, tão mais jovem.

Diva queria dizer algumas palavras. Então se dirigiu a Wainer Fürmann. Os olhos do velho brilharam como uma navalha recém-afiada.

– Vocês vão cuidar do meu filho. Vão dar do bom e do melhor pra ele. Estudos, boas condições. Ele não vai ser empregado de vocês.

Helga parecia confusa, mas certa de que Diva havia encontrado os documentos do marido. Mesmo velha e esquecida, sabia o que a deserção, a falsidade ideológica e os crimes de guerra poderiam significar.

– Vamos cuidar de Paulo como se fosse nosso filho – disse ela, sob o olhar amargo do marido.

Diva, porém, balançou a cabeça.

– Ele é o *meu* filho. E vocês sempre o olharam como um futuro empregado. A apólice da invalidez de dois velhos. Ele é meu menino, ele é preto, e eu sei o que vocês pensam da minha gente. Eu não estudei, mas não sou burra. Vocês vão cuidar dele, sim. Dar tudo do bom e do melhor, e se *qualquer coisa* acontecer com ele, uma pessoa vai levar tudo a público.

– Blefe – resmungou Magnus, ou melhor, Wainer, quase em uma cusparada raivosa.

– Quer pagar para ver? – perguntou Diva. – Ele é meu filho, não de vocês. E vão dar a ele todo o respeito que não me deram, nem que eu tenha que voltar da morte para isso.

Um silêncio amargo imperou no quarto do hospital, e os Heinz entenderam o que Diva tinha acabado de fazer. Com as mãos na bengala, Magnus parecia prestes a ter um colapso nervoso, balbuciando algo sobre “o Rei de Amarelo ter arruinado a vida dele”, mas Helga apoiou as mãos nas costas do marido, pedindo calma.

– Nós entendemos – disse ela para Diva, querendo encerrar aquela conversa e reconhecendo que haviam perdido a batalha. – Mais alguma coisa que podemos fazer por você?

Diva sorriu. Tinha algo, sim, mas ela pediria ao filho.

- Queime o meu uniforme. Quero morrer com roupas de verda [...]

- 12 -

ILHA DAS COBRAS



HOJE

Caroline tinha certa implicância em acordar, por mais que seus sonhos fossem apáticos ou lembranças de traumas inexplicáveis. Nos piores dias do trabalho, o som do alarme do celular era tão odioso quanto uma pessoa dando más notícias com um sorriso nos lábios. Ela daria tudo para não precisar sair de debaixo das cobertas, para não ter que encarar o metrô lotado e toda aquela muralha de escudos de vikings berserkers que aguardava o trem chegar no Brás para entrar com carga total; para não precisar desejar bom-dia a quem a tratava como lixo por mais de oito horas por dia.

Porém, ali, diante de uma bandeira nazista no porão daquela mansão e com uma senhora de vestes aristocráticas tirando suas roupas, ela desejava mais do que nunca ter forças para estar desperta. Sua mente apenas obedeceu à ordem para que dormisse, a melatonina sendo manipulada como que através de um simples interruptor — ou um cordão no final de uma escadaria para o porão.

Ao seu lado, Mariana não se saía melhor.

Caroline tentava reunir forças para impedir que a mulher encostasse nela. Porém, esparramada com os braços abertos, abrindo e fechando os olhos como se as pálpebras pesassem mais que o mundo nas costas de Atlas, era impossível escapar daquele limbo entre o sono incontrollável e a vigília frágil. No fim das contas, contudo, ela estava apenas trocando as roupas, como uma cuidadora carinhosa, mas obstinada diante de bebês sonolentos e grandes demais.

Ainda incapazes de se manter completamente despertas, tanto Mariana quanto Caroline agora estavam vestidas de branco.

Paulo não esteve presente durante toda a troca de vestimentas no porão sinistro. A consciência de Caroline ia e voltava. A cada vez que ela abria os olhos, o cenário parecia mudar. Estava sendo carregada escada acima. Deitada no sofá da sala do quadro branco, ao lado de um Hélio também desacordado, retirado da cadeira de rodas logo à frente. Escuridão de novo. Era carregada para dentro da cabine de um barco, e o balanço das águas a enjoava mais do que o Bicho da Seda do extinto Playcenter, que havia feito Caroline vomitar em plena excursão escolar na oitava série.

Paulo estava no controle da embarcação, focado na direção. Pelo pouco que Caroline conseguia ver através das janelas, deitada nos assentos estofados, notava que o céu já estava completamente estrelado — aliás, não se lembrava da última vez que vira um céu noturno tão limpo, com a Via Láctea tão aparente por entre as infinitas constelações, como uma nuvem que resolvera desafiar as alturas e se colocar por trás das estrelas. A consciência começou a voltar, embalada pelo ronco grave do motor. Viu Hélio deitado no chão ao seu lado, também com as roupas brancas, e Mariana no outro assento, usando um vestido da mesma cor. Caroline olhou para o próprio braço e notou que todos estavam combinando para aquele que prometia ser um réveillon ainda mais estranho que o de 1999.

No balanço das ondas e com o barulho de pedras arranhando o casco da embarcação, a realidade entrou e saiu de foco diversas vezes. Caroline percebeu que Paulo desligou o motor, se afastou do leme e passou incontáveis segundos (minutos, horas?) observando o esforço dos amigos para recobrar a consciência.

— Espero que consigam entender — disse ele, parecendo triste.

Então saiu da cabine.

Caroline foi a primeira a conseguir se levantar sozinha, sentindo as pernas trêmulas e a cabeça rodando. A voz da senhora (que ela custava a conseguir pensar como Diva, a “mãe de Paulo”) parecia ter batido mais forte na sua mente do que o veneno

Mas que veneno, Caroline?

que os amigos haviam experimentado, com todas aquelas lacunas e apagões como efeitos colaterais.

— Mari... acorda. Me ajuda a colocar o Hélio sentado.

— O que... aconteceu? — perguntou ela, zozza, ouvindo o som que lhe daria a resposta antes que Caroline pudesse responder.

O som do mar quebrando naquelas pedras lhe trazia lembranças específicas.

— Estamos n-na... — prosseguiu ela.

— Na ilha.

Hélio, com as vestes brancas contrastando com a pochete vermelha atravessada no peito, estava acordado e chamou a atenção das mulheres. Ele sequer conseguia enxergar qualquer coisa além do teto da cabine,

mas sua resposta parecia segura. Como se o homem tivesse informações privilegiadas.

— Eu nunca consegui me esquecer do cheiro desse lugar — falou ele, os olhos desviando de Caroline para Mariana. — É ruim pra cacete.

As duas fizeram menção de ajudar Hélio a se levantar, mas ele as impediu com um gesto calmo, usando o braço e o tronco para se sentar com as costas retas. Caroline, que procurou pela cadeira de rodas, convenceu-se de que ela havia sido deixada na mansão, e suspirou, convicta do que faria a seguir.

— Eu vou atrás do Paulo — sentenciou.

— Eu vou com você — respondeu Mariana de pronto, séria e preocupada.

O curativo na mão parecia ter sido trocado junto com as roupas e estava tão branco quanto suas vestes.

Hélio balançou a cabeça, observando as rochas pontiagudas do lado de fora, parecendo ainda mais afiadas à luz da lua.

— Por que temos que ir até ele? Isso não faz sentido nenhum.

— Nada faz sentido, e é por isso quero encontrar Paulo — respondeu Mariana, procurando pelo celular na roupa, sem encontrá-lo. Aquilo também havia sido deixado para trás. — E olha que a gente ainda nem falou que tinha uma bandeira nazista lá no porão.

— O quê?

— A família para quem a mãe dele trabalhava era dona da bandeira. Para mim, está bem explicado — disse Caroline, irritada.

Mariana deu de ombros.

— Então, por que ele não jogou ela fora com os livros depois que os velhos morreram? Nada daquilo era de Deus.

Caroline abriu a boca para argumentar que, se dependesse dela, aquelas raridades não teriam ido parar no lixo. Eram livros, e ela não era o tipo de pessoa que queimava livros. Já a bandeira nazista pertencia ao lixo mesmo. E isso era o que realmente não entendia.

— Não faz sentido o Paulo ser nazista, gente. Ele é...

— Negão — disse Hélio na mesma hora, ainda olhando para fora.

Caroline revirou os olhos.

— Eu ia dizer que ele é um cara inteligente. Tente não ser tão babaca, Hélio.

— Bem, não é como se uns absurdos desses fossem inéditos no Brasil, não é gente? — comentou Mariana.

Caroline ficou feliz ao vê-la se mostrando revoltada, como nos velhos tempos. Seu coração se aqueceu por um momento, ainda que não achasse que Paulo estivesse sendo motivado por uma política que envolvia a supremacia branca.

— Mas pensando bem, não sei se a gente deveria ir atrás dele, Carol... — falou Mariana.

— Tá bom. Pensem aí se querem ir comigo ou não. Enquanto isso, vou dar uma olhada no barco — informou Caroline, sabendo que era inútil ficar discutindo aquilo.

Saiu da cabine e foi para a popa da embarcação.

Tendo uma visão além da cabine, percebeu que estava em um iate caríssimo — ainda que o conceito de iates a preços populares não existisse, de qualquer forma. Havia um jet ski encaixado na popa, e uma banheira de hidromassagem na área externa. Ele era bem maior do que parecia, com uma escada que levava a uma área interna.

Pela segunda vez naquele dia, Caroline se encontrava em uma escada, seguindo

para dentro e para baixo

temerosa do que poderia encontrar. Respirou aliviada por não se deparar com um cômodo escuro com alguma bandeira que representava um discurso de ódio. Pelo contrário, o lugar era tão claro e asséptico quanto a parte externa do iate, que Caroline sabia ser branco mesmo antes de vê-lo, pois aquela era a cor das embarcações de gente rica.

Ficou surpresa com o design do lugar e todo o espaço disponível. Não fossem as ondas, poderia muito bem estar no lounge de uma boate, na área VIP de um rei do camarote do Instagram. Um minibar e uma adega (vazios), sofás (com plástico sobre o estofamento), uma televisão de muitas polegadas (ainda com a película de fábrica) centralizada com a proa do barco indicavam que Paulo tinha adquirido aquela casa flutuante de luxo havia pouco tempo. Existiam ainda duas portas, que Caroline imaginava levar para as suítes, mas que estavam trancadas.

Parou de frente para o espelho ao lado do minibar e se viu vestida na cor predominante do local. “Feliz Ano-novo”, cantarolou em pensamento, arrumando a barra da calça jeans para dentro do tênis de cano alto (a única coisa que não era branca ali) e alisando a camisa amarrotada pelo sono forçado, sentindo-se idiota por todo o asseio desnecessário.

“Para onde eu estou achando que vou?”, pensou, meneando a cabeça.

Mas ela sabia para onde precisava ir. Após se olhar no espelho e ver que não apenas o nariz ainda descascava, como agora também a testa e os ombros, Caroline subiu as escadas, parando desta vez no solário da proa e encarando a mancha escura da ilha. Dezenove anos atrás, aquele grande pedaço de terra aparecera no meio do rio que era sua vida, dividindo as águas do seu destino. Tudo havia mudado a partir dali.

Sua ideia de reencontrar os amigos para esclarecer o passado não seguira conforme o planejado. Tinha pensado no risco de a coisa descambar para *Casos de Família*, mas não para *A ilha do dr. Moreau*. Nada estava bem. Para ela. Para Mariana. Ou para Hélio. Nem Paulo tinha uma vida normal. O porão havia deixado aquilo bem claro. Se houvesse uma maneira de colocar tudo nos eixos, aquele era o lugar certo para aquilo acontecer.

“O problema é acabar piorando tudo”, pensou. “Mas não sei como isso seria possível.”

Quilômetros adentro do horizonte marítimo, um relâmpago iluminou uma nuvem, pontuando seu pensamento como uma possibilidade visível, apesar de distante.

Caroline voltou para a cabine em que estavam os amigos e encontrou Hélio e Mariana em um silêncio sepulcral, apenas encarando as ondas quebrando nas rochas.

— Decidiram? — perguntou.

— Vou com você.

— E eu também — disse Hélio.

Caroline não percebeu o semblante assustado que ele demonstrou diante da declaração.

— Mas a sua cadeira ficou lá na mansão...

— Eu já falei, só que ele não escuta — disse Mariana.

Hélio estalou a língua, irritado.

— O Paulo não deve ter colocado rampa e feito um projeto de acessibilidade na ilha. A cadeira não faria diferença nenhuma. Eu me viro para acompanhar vocês, só vamos dar um fim nisso.

Dar um fim.

Aquelas palavras causaram um calafrio em Caroline. As duas ofereceram ajuda para Hélio descer do sofá, mas ele rejeitou com uma grosseria maior que o normal. Não queria ajuda e não queria que sentissem pena dele. Caroline e Mariana seguiram na frente, descendo as escadas para a área externa, e encontravam dificuldades em ignorar os grunhidos de esforço do homem.

— Ele está se arrastando, Carol — sussurrou Mariana, aflita.

As duas olharam para trás, e viram o rosto do amigo vermelho, os braços fortes terminando em punhos fechados se esforçando e pressionando o chão, enquanto as pernas imóveis eram içadas pelo esforço descomunal do tronco. Ele já havia se movido bastante, mas acabaria machucando a pele das partes do corpo que não tinham sensibilidade, e aquilo teria consequências graves. Caroline se lembrou de quando Hélio lhe contou sobre o acidente. Sobre se arrastar para fora das ferragens do carro, de se sentir como uma serpente...

Caroline e Mariana não esperaram mais. Foram até o amigo, que empurrou as duas conforme se aproximavam, passando a derramar lágrimas. Caroline não se intimidou e continuou tentando abraçá-lo, mas ele apenas pedia para que se afastassem e o deixassem fazer aquilo sozinho, enquanto o rosto lívido de pavor denunciava todas as emoções que as suas atitudes tentavam encobrir.

À beira da escada do iate, Hélio continuou a empurrar os braços de Caroline. Mari veio pelas suas costas e tentou abraçá-lo por trás. Ele se contorceu e falou um palavrão. E empurrou. Caroline continuou tentando, como se não estivesse sendo repelida com tanta vontade. O espaço entre os dois foi diminuindo, enquanto Hélio perdia as forças e ganhava lágrimas mais copiosas.

— Me deixem... por favor...

— Não — respondeu Caroline em tom categórico.

— Vamos todos — disse Mariana, passando os braços por baixo das axilas do amigo.

— Ou ninguém vai — falou Caroline, fazendo o mesmo que Mariana só que pela frente.

As duas mulheres envolviam Hélio em um abraço sem escapatória, e, assim, suas emoções se renderam e afloraram de vez. Deixou a cabeça desabar no ombro de Caroline e permitiu-se o choro acumulado, doído. Aquela tristeza da alma guardada por tantos anos, traduzida em discursos de autossuficiência que, por muitas vezes, fora sua única força. Provar para si e para o mundo que ele ainda podia ser forte foi uma das

coisas que mais impulsionaram Hélio a não mergulhar em uma espiral de dor e remorso, pois, em seu íntimo, sentia que tudo aquilo estava relacionado ao fato de ele ter sido o algoz de Paulo naquele dia de memórias esburacadas. Continuar competindo era uma forma de provar isso. Não pedir ajuda era uma forma de provar isso. Mas ali, embalado pelo carinho de duas pessoas que conheciam o pior de sua alma, mulheres que sabiam de todo seu egoísmo e sua maldade, Hélio percebeu que, ainda assim, era abraçado e não havia necessidade de provar nada.

Por cima dos ombros de Hélio, os olhares das amigas se encontraram. O homem tremia enquanto Caroline sentiam suas lágrimas nos braços, enquanto ele pedia desculpas sem parar.

— Está tudo bem. Estamos aqui — disse ela, sem ideia de palavras melhores, mas dizendo o necessário.

Gestos eram tudo que Caroline tinha naquele momento. E compaixão. Beijou a cabeça do amigo, por entre seus cabelos desgrenhados, e viu Mariana derramar uma lágrima solitária que parecia ter vindo de muito longe, das profundezas daqueles olhos tristes, levando rosto abaixo as lembranças e uma ternura que haviam ficado no passado. Dezenove anos atrás, para ser mais preciso.

O choro de Hélio ficou mais silencioso. Caroline e Mariana fizeram força ao mesmo tempo para levantá-lo do chão — um esforço considerável, já que ele era mais alto e pesado que as duas. Suas pernas não se esticavam por completo, e ele se segurou no corrimão da escada para que Mariana conseguisse passar por baixo de seus braços e usasse os ombros como alavanca. Caroline fez o mesmo, cada uma de um lado de Hélio. Desceram as escadas de maneira um tanto descoordenada, e pensaram que seria difícil sair do iate. No entanto, Hélio foi habilidoso, descendo apenas com a força dos braços, e deixando-se desabar na areia sem reclamar. As duas desceram em seguida e retomaram a caminhada em trio, ganhando coordenação a cada passo.

Deixaram para trás um iate branco e um rastro exótico na areia, parando algumas vezes para recuperar as forças e o fôlego. Caroline se sentia aflita ao ver Hélio sentado no chão, na escuridão das árvores, sabendo que o lugar tinha serpentes que poderiam estar camufladas. Mas ele mesmo parecia não ligar.

Os três pareciam se lembrar de cada metro que haviam dado na direção do buraco há dezenove anos. Um silêncio tumular os embalava, e seus pés refizeram aqueles passos, resolutos e sem hesitação.

Percebendo que Mariana e Caroline estavam cansadas, Hélio tentava avançar um pouco sozinho quando era colocado no chão, mas as mulheres logo recobravam os esforços ao vê-lo se empurrando, sentado e de costas, centímetro a centímetro. À luz do céu noturno estilhaçada pelas copas fechadas das árvores, elas viam que a calça branca do amigo já havia mudado completamente de cor.

Chegaram na entrada para o túnel. Havia uma corda que mergulhava para dentro do buraco, e todos sabiam que era a mesma de dezenove anos atrás. Hélio foi o primeiro a descer, com habilidade, e aguardou as amigas lá embaixo. Mariana o ajudou a apalpar o chão terroso e repleto de raízes em busca de um novo isqueiro prateado perdido, mas a mesma mágica não aconteceria duas vezes. Após Caroline ajudá-los por alguns infrutíferos minutos, decidiram percorrer o túnel, sem a mais ínfima fonte de iluminação.

Em alguns trechos da descida gradual, não era possível a passagem dos três lado a lado, e precisaram se espremer ou desfazerem a formação com Hélio no meio. Tropeçaram em raízes no caminho, e a maioria das quedas não significava o machucado de uma só pessoa: quando um caía, os outros dois também iam parar no chão. Em nenhum momento houve reclamações, brigas ou desentendimentos. Por mais de uma vez, Caroline impediu que Hélio tombasse para a frente segurando-o pela alça da pochete às suas costas.

Novamente, a descida se estendeu por incontáveis minutos (ou horas?), e a escuridão se encarregou de confundir a percepção de espaço e tempo. Aos trancos e barrancos, ouviram passos apressados e destrambelhados vindo de algum ponto à frente, e aquele sinal os fez desabar no chão para um descanso.

— Deve ser o Paulo — disse Caroline, ofegante.

Mas aquilo era o tropel de várias pernas. Ao longe, ouviam gritos irados,

e latidos

que pareciam vir de uma distância inconcebível. Caroline estava assustada, mas ao mesmo tempo reconfortada de uma maneira pouco convencional: o som de passos significava pessoas, pernas, e não serpentes. A iminência de se deparar com uma delas no escuro era a pior coisa que podia imaginar, mais do que a dor nos músculos e os arranhões.

Sem sobreaviso, os três gritaram ao se chocarem com o que pareciam ser outras pessoas em fuga. De um segundo para o outro, elas já estavam sobre eles, tentando passar por aquele trecho que era como o gargalo de um túnel, onde apenas uma ou duas pessoas passariam por vez.

Caroline sentiu o rosto ser arranhado, e aquilo ativou seu modo de sobrevivência. Ela empurrou, ouviu xingamentos e deu chutes. Ao seu redor, o ar estava repleto do som abafado de agarrões, xingamentos entre os dentes, socos e pontapés. Caroline lembrou que fazia muito tempo que não entrava em um confronto físico com alguém, e se lembrou de certo recreio na escola quando uma garota (o nome dela era Graziela) lhe pediu um Trakinas de morango e ela negou. Graziela aceitou a resposta de Caroline e agarrou seu cabelo, as duas indo parar na diretoria com suas mairias-chiquinhas desgrenhadas e arranhões no rosto. Lembrou-se também de outra briga, mas as memórias eram difusas. Será que fora ali mesmo, na ilha? Ou era o veneno da serpente a fazendo se sentir dentro de um déjà-vu?

Na dúvida, agarrou os cabelos compridos de quem a atacava, como se fosse Graziela, e não Caroline. Eram cabelos compridos, e aquilo doeu nela também, por mais que não pudesse ver quem era seu oponente. A fúria de quem estava vindo contra eles era forte, com ímpeto e certa selvageria jovem que exalava do suor deles, tão característico quanto o cheiro que ficava no uniforme escolar após uma aula de educação física em um dia quente. Hormônios, certo desasseio calculado e inexplicável que morria ao mesmo tempo que a maioria chegava e a vida no colégio terminava. Poderiam estar facilmente brigando com os adolescentes que um dia haviam sido e, em outras ocasiões, Caroline teria tentado entender o que aqueles jovens faziam ali na ilha, se eles também estavam passando o pior dia deles naquele Anonovo que os assombraria pelas próximas décadas.

Mas ela havia entendido que eles queriam passar por aquilo. E ela também.

Caroline parou de se debater. A garota com quem se engalfinhava sumiu. Ao seu lado, ouviu Mariana cair e mais alguém correr. Hélio parecia estar tendo sucesso contra seu agressor (ou seriam agressores?) e Caroline se arrastou até ele, colocando a mão em seu ombro.

— Deixa eles irem.

Mais passos pesados se afastaram. E eles se viram de novo a sós, ofegantes e machucados.

“Porém juntos”, completou Caroline no próprio silêncio, começando a erguer Hélio já com prática e habilidade. Sem nada dizer e sem enxergá-la, Mariana fez o mesmo e continuaram. Para dentro e para baixo.

O túnel foi se iluminando aos poucos, denunciando o fim da descida. Os três chegaram ao lago. O submarino estava na margem do outro lado das lajes de pedra — e só desta vez Caroline notou o *U-88* no casco —, a luz verde fantasmagórica fazendo a caverna parecer estranhamente maior, com sombras se elevando como pilares obscuros. A entrada onde grande parte do pesadelo ocorrera estava lá, a luz áurea dos candelabros refletindo nos talheres de ouro anunciando que o banquete já estava servido. Ninguém guardava a porta, assim como há dezenove anos. Desta vez, no entanto, ninguém saía em uma corrida destrambelhada. Os três entravam juntos, como uma só criatura de seis pernas, três cabeças e um único objetivo.

Então, adentraram o salão escavado na pedra, mas a sutileza do encontro anterior estava ausente. Caroline nunca vira nada tão parecido com o tanque de serpentes de Indiana Jones, tantos seres rastejantes por metro quadrado. Pelo chão, em cima da mesa e debaixo dela.

Ao redor do Homem de Branco e Paulo, sentados na outra ponta diante de uma garrafa de champanhe, duas taças — e mais serpentes.

Desta vez, além dos bichos em cima da mesa — a grande maioria enrolada e parecendo sonolenta —, havia apenas pratos e muitos talheres dispostos. Como se os três tivessem chegado muito antes de a comida ficar pronta. O Homem de Branco não pareceu registrar a chegada deles, absorto em uma conversa com Paulo, que não parecia relaxado, mas também não se mostrava tenso. Era como se conversar com aquele sujeito que se transformava em uma imensa serpente fosse uma de suas milhares de atribuições profissionais, ainda que as reuniões entre eles já tivessem se tornado mais informais com o tempo.

Caroline congelou na entrada, a respiração falhando, e Mariana quase se desequilibrou com Hélio.

— Temos que entrar, Carol.

— Eu... n-não consigo...

— Consegue, sim. Viemos de longe desse jeito — disse Hélio, apertando o ombro da amiga — Vamos.

— Não tem n-nem onde pisar — balbuciou Caroline, tentando achar um bom motivo para dar meia-volta e sair dali o mais rápido possível.

Que ideia idiota sair do barco. Sair do porão. Sair do ônibus para Barra do Sahy. Sair de São Paulo para o litoral...

Mariana deu o primeiro passo, obrigando Caroline a avançar também. As serpentes, que até então dormiam, se afastaram antes de seu pé tocar o solo. Também saíram do caminho dos outros dois conforme avançavam, um caminho sibilante se abrindo, transformando-se em um corredor vivo e venenoso que os levaria para as mesmas cadeiras de respaldo alto em que haviam sentado anos atrás.

Caroline prendeu a respiração, como se pudesse se afogar apenas ao respirar o ar que fervilhava com aquela presença nefasta. Hélio continuava repetindo alguma coisa em voz baixa, apenas para si mesmo. Mariana parecia orar.

Então, o Homem de Branco percebeu a presença dos visitantes e se levantou, como um bom anfitrião. Seu sorriso era completamente humano e não havia cortes nem arranhões no rosto dele. “Claro que não”, pensou Caroline, se aproximando das cadeiras que ele indicava com um gesto cortês. “Tudo que vi era a peçonha agindo no meu sangue. Não era uma serpente gigante, isso é ridículo.”

— Por favor, sintam-se em casa — disse o Homem de Branco. E Paulo, ao lado dele, apenas encarava os amigos com semblante indecifrável. — Sentem-se.

Caroline sentiu a respiração pesada de Hélio. Mariana ainda orava aos sussurros.

— Estamos b-bem aqui — respondeu Caroline, o que arrancou uma gargalhada estrondosa do Homem de Branco.

Um crescendo de silvos acompanhou o eco dela.

— Bom, você devia se olhar no espelho antes de afirmar algo assim, Carol. Mas tudo bem, como preferir.

Ela olhou para os amigos. Estavam sujos de sangue, terra, lama e folhas, em uma miríade de tons de verde, marrom e vermelho, sobrando poucos pontos que denunciavam o branco original de suas roupas.

Paulo os encarava, sem parecer se sentir ameaçado pelas serpentes tão próximas de seu braço, no tampo da mesa, ou culpado por ter sequestrado os amigos.

“O que você está planejando, Paulo?”, pensou Caroline, se lembrando de dona Diva (um fantasma?) no porão e de que ninguém fora maltratado no iate. Pelo visto, Paulo queria levá-los até o Homem de Branco, mas foi na frente para tentar resolver as coisas. Talvez ele não imaginasse que os três chegariam até ali, já que tinha deixado a

cadeira de rodas de Hélio na sala da mansão. Um segundo pensamento lhe ocorreu, de que, mesmo que Paulo os sequestrasse e os torturasse, talvez ele tivesse um “motivo” para isso. Era um pensamento absurdo e que não condizia com qualquer um de seus ideais. Mas, sem dúvida, Carol entenderia aquela vingança.

Não era o caso. Eles estavam ali para resolver tudo. Como em uma reunião — talvez a mais importante da vida de Paulo.

— Agora que estamos todos aqui, não vejo por que adiarmos mais — disse ele.

O Homem de Branco o encarou como se ele fosse um estragaprazeres.

— Você parece bem certo disso, Paulo. Quem vai carregar o fardo?

— Aí é que está, meu caro — respondeu ele, chamando o Homem de Branco pelo nome.

Mas Caroline não conseguia escutá-lo ou compreendê-lo. Em parte era como estática, mas talvez fosse mais como as memórias da visita anterior à ilha: conforme tentava rememorar, as lembranças pareciam escapular dos holofotes de sua compreensão um segundo antes de serem iluminadas. Acontecia o mesmo com o nome.

— Não há mais dívida alguma. Cada um de nós ofereceu um pouco da sua vida, da sua sanidade — disse Paulo, com calma. Seus olhos se voltaram para Caroline por uma fração de segundo. — Dos seus sonhos.

— Está falando de indivíduos que traíram você, garoto.

— E que, no momento em que se arrependeram e voltaram para me buscar, dividiram o fardo comigo — argumentou Paulo, levantando-se. — Você foi um bom amigo, . Me mostrou coisas inimagináveis durante todos esses anos, ampliou a minha visão e a minha mente. Agora, peço que faça algo por pessoas que também me são queridas.

As serpentes do salão estavam agora voltadas para Paulo, como se a voz dele as encantasse, tal qual uma melodia sinuosa de uma flauta em um desenho animado. O Homem de Branco também estava imerso nas palavras do homem — que ele ainda chamava de garoto —, e era como se os animais imitassem suas emoções e refletissem seu humor. Ele, então, coçou o queixo, as sobrancelhas escuras se franzindo em sua testa pálida, como se estivesse considerando as palavras do rapaz.

— Só temos um problema, garoto... Nem todos aqui carregaram esse “fardo”.

Na mesma hora, Paulo pareceu mais sério, assumindo a postura de um implacável homem de negócios disposto a desafiar a vontade do

Homem de Branco em defesa dos amigos.

— Todos nós fomos picados. Todos fomos marcados e todos vivemos as consequências.

Caroline sentiu uma pedra de gelo se formar em seu estômago.

— Ah, sim. A vida não foi fácil para nenhum de vocês. Apesar de achar que dei uma boa animada no tédio em que vocês chafurdavam — disse o Homem de Branco, como se o grupo ali tivesse apenas passado por “maus momentos”. — Mas você sabe, precisei de um voluntário...

— E conseguiu um, . Eu estive aqui, não? Nós conversamos. Eu vi o mundo através de você, esqueci e me lembrei dos ensinamentos quando foi preciso.

O Homem riu, balançando a cabeça, e caminhou até o rapaz. Caroline sentiu a pedra de gelo em seu estômago virar um iceberg. Nada de positivo surgiria daquele encontro. Ela se desvencilhou dos braços de Hélio e avançou até a mesa, estendendo a mão para uma das facas. Mariana fez menção de impedi-la, mas uma das serpentes entrou em posição de ataque ao perceber a intenção da mulher, silvando com agressividade.

O iceberg dominou seu corpo, e Caroline congelou diante da ameaça. Sua mão estava a centímetros da serpente, e qualquer movimento brusco poderia resultar em um ataque. Ela nem percebeu que estava chorando até tentar olhar para Paulo e para o Homem de Branco e não conseguir enxergá-los, por causa dos olhos marejados.

— Paulo, Paulo — cantarolou ele, segurando os braços do garoto. — Você não foi um voluntário. Foi um amigo.

E então o abraçou. De verdade, sem ameaças, como dois velhos amigos. E aquilo desarmou a animosidade de Caroline e de todas as serpentes.

Quando se separaram, Paulo estava um pouco emocionado. O Homem de Branco continuou segurando seus braços, afetuoso.

— Sou grato a você e tenho a alegria de vê-lo eternizando minha busca. Que os homens que agem como deuses caiam. Rastejem. Em nome da nossa amizade, e que assim seja.

— Obrigado, . Por tudo — agradeceu Paulo, solene. — Mas não entendi o que disse sobre eu não ser voluntário. Eu o ajudei porque quis. Voltei aqui pelo mesmo motivo.

O Homem lhe deu um tapinha nas costas e se voltou para Caroline. Todas as serpentes fizeram o mesmo, enquanto ela tremia à beira de uma convulsão. No silêncio que se seguiu, a voz de Mariana dizia algo

sobre homens caindo ao seu lado sem atingi-la. Hélio, que agora estava sentado no chão, parecia aflito e temeroso do que aconteceria a seguir.

— Tivemos uma verdadeira voluntária naquele dia tão marcante para mim e tão cheio de lacunas para vocês. Que triste e solitário é sentir um gosto tão requintado...

Mais uma vez, com o efeito de um vídeo editado porcamente, o Homem de Branco estava diante de Caroline de um instante para o outro, segurando o queixo dela. A moça sentiu escamas frias contra a pele, apesar de ver claramente a mão macilenta diante de seu rosto.

— Caroline não foi picada. Muito antes de o garoto Hélio botar em prática tudo que aprendeu com o pai, você já tinha se oferecido, lembra?

Eu fico. Deixe eles irem embora. Por favor.

Eu estou me oferecendo.

Essa sou eu.

Caroline ouviu a própria voz ecoando na caverna. A luz dourada foi morrendo, conforme ela parecia implodir, lembrando-se do que havia dito. Não sabia se Hélio e Mariana escutavam a voz dela ricocheteando nas paredes de pedra, mas Paulo com certeza ouvia. Ela o encontrou com o olhar, pedindo socorro, mas ele nada disse.

— Para mim, foi o suficiente — falou o Homem, colocando os braços para trás, olhando-a de cima a baixo.

Caroline não se lembrava de ele ser tão alto.

— Então, todos foram picados, mas você... você, não — sentenciou ele.

— Eu f-fui, sim! Tudo isso aconteceu. — Caroline não conseguia continuar, pois o choro tampava sua garganta, sufocando-a. Ela tentou de novo. — Tudo isso aconteceu por causa do v-veneno...

— Nós dois sabemos a verdade, Caroline. Você se lembra das escamas na perna, do medo que sentiu... mas não foi picada. Você escolheu passar por isso com seus amigos, pois você era assim. Não aceitou ser privilegiada desta vez, assim como foi a vida inteira. É difícil ganhar tudo de mão beijada, não é? Como você podia se sentir bem perto de quem nunca teve nada?

— Eu f-fui...

— Não foi, não. Tire o sapato, Caroline. Levante a barra da calça — pediu o Homem de repente, apontando para os pés dela. — Seus amigos ainda têm as marcas, e elas latejam desde o momento em que pisaram no litoral. Até Hélio, que não sente as pernas, sente isso de alguma forma. Mas você não tem nada aí.

Caroline começou a arregaçar a perna da calça e a retirar o calcanhar do tênis, com raiva. Estava prestes a mostrar para o Homem de Branco que ele estava errado. Ela havia sido picada

não havia?

e fora por isso que alucinara tanto há dezenove anos atrás.

— Eu não sou louca, eu sei que...

Não havia marca alguma. Apenas pele branca com algumas veias azuis surgindo de leve. Ela olhou para Mariana, e podia ver de longe que os furos em seu calcanhar vertiam sangue, como se fossem recentes. Os de Hélio também, e ele olhava para o ferimento como se pudesse senti-lo naquele instante. Paulo também olhava para baixo, e Caroline sabia por quê.

— Eu juro que senti — falou ela como uma criança flagrada mentindo.

A diferença é que ela se convencera de que aquilo de fato tinha acontecido. Sempre se comportou como se não tivesse sido privada do mesmo sofrimento dos amigos. “Efeito psicossomático”, comentara a dra. Monique certa vez, dando exemplo de alguns pacientes com experiências traumáticas e efeitos colaterais físicos. Caroline, porém, evitava se lembrar daquele termo, daquela sessão em específico. Assim como apagara tantas outras coisas que a psicóloga dissera.

— Eu sei que senti — disse o Homem —, pois foi o que você quis. Você se voluntariou, Caroline. Sua maneira de ajudar o próximo foi mergulhar na dor deles. Sentindo na *própria* pele, que não estava muito acostumada a sofrer, convenhamos. Agora, precisa se recompor. Ser você mesma de novo. Sentindo apenas o que há para ser sentido e nada mais.

Ele tocou na ponta do nariz dela, de um jeito quase infantil. Era um carinho ou uma provocação? Podia ser as duas coisas. Caroline se sentiu em suspenso, como se faltasse o Homem de Branco dizer algo.

Então, ela sentiu a dor no pé desprotegido.

Dessa vez, era real.

A serpente não fugiu após picá-la. E Caroline tampouco gritou. Apenas olhou para o Homem, que sorria em um misto de orgulho e escárnio.

— Bem-vinda à sua nova vida, Caroline. Mate o passado, troque de pele.

Ela caiu de joelhos ao lado da serpente, que recuou, silvando ressabiada. A tontura a acometeu. Caroline olhou para o Homem, e viu dois, três, infinitos dele, enfileirados. Viu a serpente imensa que ele era, sem início ou fim, começando na aurora dos tempos e chegando até ali. Aquele era o verdadeiro veneno. A peçonha que desgraçara sua vida vinha dela mesma. A serpente inoculava apenas o sumo do conhecimento amplo das coisas para aqueles que estivessem dispostos a enxergar. Mariana mantinha as pálpebras abertas, via o passado e o futuro com clareza, mas temia o conhecimento, sobretudo aquele que vinha de si mesma. Hélio estava entorpecido demais para perceber a visão, fosse pela vaidade, pela tirania ou pelo preconceito que perpetuara ao decidir fazer algo “pelo bem maior” do grupo; afinal, todas as decisões feitas “pelo bem maior” começavam com a imolação de um inocente, o abate do menor e da minoria. Paulo, no caso, era ambas as coisas.

E Caroline, que não havia sido picada, só experimentara o pior de si mesma.

O ponto onde o Homem de Branco tocou seu rosto ardia. Como a pele sensível surpreendida pelo excesso de sol após uma longa caminhada ao meio-dia. Caroline encostou na ponta do nariz, que estava descascando. Um grande pedaço de pele pendia, seco, se esfarelado. Olhou para Mari e Hélio e os viu crianças, e não os adultos que eram. Tentou piscar para ver se a alucinação passava, mas as pálpebras não obedeciam aos seus comandos. Talvez elas nem existissem mais. Paulo apareceu ao seu lado, querendo ajudá-la a se levantar... mas era o Paulo garoto, descalço, com o corpo cheio de areia. Seu calcanhar estava machucado, com dois furos profundos, e o sangue escorria, fazendo com que ele deixasse pegadas vermelhas na rocha. Então, pediu para que ele se afastasse, e agora Caroline sabia o nome dele. Ela poderia repetir por várias vezes, que jamais decoraria. Mas sabia, assim como Paulo.

As cobras se posicionavam à sua volta, mas já não lhe causavam pânico. Circundando-a como em um comitê de boas-vindas, elas falavam com Caroline, que sentia que as entendia assim como

compreendia o nome do Homem de Branco. Elas diziam algo familiar e recorrente, repetidas vezes, quase como um pedido. No entanto, ainda não entendia a sentença.

Seus dedos deslizaram pelo próprio rosto, na camada de pele que se descolava, seca. Sentia uma satisfação estranha ao tocá-la. Logo descobriu que era ainda melhor puxá-la, como uma crosta na beirada do tubo de cola. Como casca de ferida no joelho, tão durinha, tão craquelada... “Não puxe a pele, vai dar sarda! Vai ficar marcado para sempre”, dizia a mãe, irritada ao ver a filha desobedecendo a seu pedido. Só que a mãe dela não estava ali... infelizmente. Ela ia gostar de ter uma segunda chance nisso também. Assim como estava tendo com a ilha. Arrancou a pele do nariz e puxou mais uma grande parte junto, fazendo um barulho satisfatório. Puxou mais, e sentiu um naco imenso que ia de debaixo dos olhos até a bochecha. Seus dedos ávidos encontraram a ponta do queixo, onde havia tocado, e descobriu que ali também dava para tentar arrancar. Ela puxou, e puxou... A pele descolou do pescoço até o peito. Ela rasgou as vestes brancas com facilidade, como se elas fossem de papel.

Caroline gritou, sentindo-se livre. Aquela pele era seu pai, agressivo e ausente. Seu irmão indiferente. Sua mãe, triste e frágil. Caroline não era nada daquilo. As camadas que haviam se acumulado sobre ela com os anos agora podiam ser arrancadas, e era isso que ela faria.

Caroline gritou, e então escutou o sibilar de uma língua ofídica mais alto do que nunca. Não eram as serpentes em uníssono, pois o som se originava na ponta fendida de sua língua comprida. E ela ria, pois sua boca nunca fora tão grande, tão propensa a sorrir. Ela se sentia capaz de engolir o mundo e o sol, se quisesse. De cravar as presas no espaço e envenenar o próprio tempo.

Caroline gritou, e seu verdadeiro corpo veio à tona, tocando a escuridão no teto daquela caverna e indo além, para onde estava sempre escuro, para onde o homem olhava quando buscava respostas.

Caroline gritou.

E, então, tudo tinha acabado.

— Carol? — chamou Paulo.

Era o Paulo adulto, bonito e preocupado. Seu amigo. Estava com a mão nas suas costas, enquanto ela arquejava, de joelhos, diante de uma bile escura espalhada na rocha.

— I-isso saiu de mim? — perguntou ela, e ouviu a própria voz como se fosse algo inédito.

Era a primeira vez que falava. Olhou para as costas da mão, para a própria pele. Era humana. Como sempre fora, mas havia algo novo ali. Algo que não saberia explicar.

— Está tudo bem. Respire — disse ele, calmo, reconfortante.

Hélio se aproximou, era como se estivesse remando até a amiga. Mariana se agachou ao seu lado, e havia preocupação nos olhos dela. Preocupação e algo mais. Caroline sorriu.

Ao seu redor, todas as serpentes encaravam os amigos no meio da clareira vazia.

— Muito bem, podem ir agora — informou o Homem de Branco, aproximando-se e acendendo um cigarro com um isqueiro prateado que parecia ter sido conjurado do nada, como em um truque de um artista de rua. — Carol e eu temos muito o que conversar.

Ela olhou apavorada para Paulo. “O que quer dizer com isso?” Mas o amigo apertou seus ombros com um olhar reconfortante. “Está tudo bem.” E então se levantou, ficando de frente para o Homem.

— Meu amigo, sairemos daqui os quatro dessa vez. Espero que não se ofenda.

O Homem de Branco balançou a cabeça, impaciente, mas como se esperasse por aquilo. Tragou até a brasa do cigarro ser a luz mais forte naquele lugar. Então, descartou o cigarro recém-acendido com desdém, soltando a fumaça pela boca e pelo nariz.

A nuvem era enorme, como se tivesse aumentado de tamanho nos seus pulmões.

— E lá vamos nós de novo — disse, coçando um ponto abaixo do olho esquerdo.

A pele dali levantou com facilidade.

— Vamos — disse Paulo, apressando Caroline e lhe oferecendo a mão para ajudá-la a se levantar. Em seguida, voltou-se para Hélio: — Eu carrego você desta vez. Vamos!

Hélio o encarou, embasbacado.

— Vamos logo! — ordenou Paulo, com um ímpeto que não existia na sua infância.

E Hélio obedeceu, pois sabia que, da maneira que havia chegado ali, jamais sairia a tempo ou com vida.

Foram na direção da saída do salão de pedra, os candelabros bruxuleando e perdendo a força. Caroline se voltou para olhar para o Homem de Branco, que arrancava a própria pele com certa dificuldade, contorcendo-se, as luzes lançadas pelas chamas que tremiam fazendo as

sombras parecerem ainda mais monstruosas do que a forma que ele pretendia alcançar.

Ignorando o sibilar das serpentes, Caroline foi até a mesa e agarrou a faca ao lado dos talheres, como fizera há tanto tempo. Talvez precisasse agir rápido para salvar os amigos...

Sentiu a mão quente de alguém tocar sua mão livre.

— Vamos — disse Mariana, puxando-a.

E Caroline a seguiu para fora do salão.

As serpentes também as seguiram, de perto, sem ousar atacá-las, mas ameaçadoras.

— Não vamos sair pelo túnel — disse Paulo, carregando Hélio nas costas.

Apontou para o submarino à beira do lago subterrâneo com a cabeça.

— Nem fodendo! — gritou Hélio, taxativo. — Você já me fez bancar o Yoda e agora vamos brincar de *Caçada ao Outubro Vermelho*?

— Cala essa boca, Hélio — grunhiu Mariana, olhando para a embarcação. — Mas isso é maluquice mesmo, não é?

— Da outra vez, a nossa fuga não deu certo, um ficou para trás. Agora eu me lembro disso, sem lacunas — respondeu Paulo, respirando fundo. — Desta vez vamos todos juntos.

— Ou ninguém vai — falou Caroline, sem conseguir conter o sorriso triste.

Um silvo alto veio do salão. O Homem de Branco devia estar completando a transformação, e uma enxurrada de cobras começou a disparar para fora da fenda, na direção dos quatro amigos e do submarino.

Carol ergueu as mãos espalmadas, e elas estacaram a menos de um metro dela, encantadas pelo gesto.

— Rápido, porque não tenho a menor ideia do que estou fazendo!

— Mas sei o que eu estou fazendo — murmurou Hélio, chacoalhando enquanto era conduzido. — Estou quase me mijando nas costas de um homem bem-vestido.

Paulo agarrou a escada que levava à escotilha, com Hélio ainda pendurado nele. Quando sua mão livre estava prestes a tocar a manilha que a abria, a pesada escotilha se abriu com um estampido violento.

Um homem branco, fardado com um sobretudo cinza, irrompeu de dentro do submarino. De quepe militar e braçadeira vermelha com uma

suástica sobre um círculo branco. Todos o reconheceram da última fuga da ilha, há dezenove anos.

Segurando uma garrafa de Steinhäger, Franz Kassner olhou para Paulo com um sorriso cruel.

— Agora eu sei quem você é.

E acertou a cabeça dele com a garrafa, que se estilhaçou.

— Paulo! — gritou Caroline, perdendo a concentração que dominava as serpentes.

Mariana também berrou o nome do amigo, e Paulo desabou para o lado direito da escada, com um imenso corte na testa. Hélio ainda tentou agarrar o braço do oficial nazista e puxá-lo, mas foi empurrado com o amigo, batendo no casco do submarino e deslizando para dentro da água fantasmagórica do lago.

As serpentes soterraram Caroline, e seu grito de terror morreu na garganta. Mariana pulou no lago sem pensar duas vezes, segurando a escada de ferro com uma das mãos e tentando alcançar os amigos com a outra, a machucada. Ela gritava desesperada por Paulo, mas foi Hélio quem conseguiu alcançá-la. Ele usava o outro braço para impedir que o amigo ferido, agora completamente submerso, afundasse para o leito daquelas águas profundas.

Franz desceu pela escada de ferro com calma, como tantas vezes havia feito em vida. E então arrancou a mulher de lá com um único puxão e a jogou para dentro do lago. Mariana se debateu desesperada ao perder o apoio da escada, e Franz parou na margem do lago para observar os três afundarem.

— Não dá para acreditar que Helga praticamente adotou essa *coisa* — disse ele, referindo-se a Paulo. — Mande um abraço para Wainer no inferno, aquele filho da puta sem saco!

Então, ele se voltou para Caroline, escondida sob camadas e camadas de serpentes agitadas. Dentro do salão, o Homem de Branco tentava se espremer pela passagem na pedra, mas era grande demais para sair com facilidade dali. A atenção do nazista, porém, estava na mulher que tentava se livrar do emaranhado de cobras.

— Nunca vou esquecer o que seu cachorro fez comigo — vociferou ele, cuspidando no chão ao seu lado. — Vou assistir você morrer do jeito que fiz com ele.

Caroline ouviu aquilo mesmo debaixo de todas as serpentes. E então percebeu que seu grande problema não eram os animais. Depois que

trocara de pele, tendo sido uma alucinação ou não, ela não encontrava mais a velha fobia dentro de si mesma.

Serpentes pálidas de todos os tamanhos andavam por dentro de suas roupas, emaranhavam-se em seus cabelos e caíam ao redor enquanto ela se levantava, com dificuldade, a mão direita apertando o cabo da faca dourada.

Franz sorria, como que em desafio. “Ele já está morto”, pensou Caroline.

Às suas costas, o Homem de Branco tentava se libertar da caverna e de sua “forma limitadora”, e ela não queria vê-lo daquele jeito, por mais que seus medos tivessem sido resolvidos. “Acho melhor não”, pensou ela, olhando por sobre os ombros para a sombra da forma gigantesca que se debatia no velho salão.

À sua direita, Mariana e Hélio gritavam por socorro — e aquilo, de certa forma, era positivo. *Silêncio* era o problema; *gritos* significavam que estavam vivos e próximos à superfície. Não havia qualquer sinal da voz de Paulo, no entanto, e aquilo fazia Caroline revisitar o mesmo pavor de vê-lo sendo tragado pelas ondas. Seu ímpeto era mergulhar para salvá-lo, mas Franz daria um jeito de deixá-la dentro do lago também.

Um cheiro cítrico inundou o subterrâneo.

Quando olhou de novo para o oficial nazista, ele tinha mudado de rosto. As roupas cinzentas do capitão de submarino eram as mesmas, assim como o hálito alcoólico; mas o homem à sua frente era Amadeus, seu pai. De olhos vermelhos injetados. Seus lábios tremiam de raiva, que era algo tão eficaz e inebriante quanto a peçonha de serpentes.

O latido de Manson se fez ouvir. O choro de Lisete também, e aquilo era inédito. Caroline sentiu uma dor irremediável no peito, lembrando-se da mãe sendo eclipsada por aquele homem que dizia amar a família. Que dizia querer o bem da filha.

— V-você... — pronunciou ela, debilmente. — Matou minha mãe...

— *Você me respeita que eu sou seu pai!*

— ... e o meu cachorro...

— *Cala essa boca ou eu vou calar à força!*

Caroline se calou. Ainda tinha o ímpeto de obedecê-lo. O rosto do homem parecia difuso, misturado com o do nazista, sendo os dois ao mesmo tempo. Como nos sonhos, onde as coisas eram e não eram.

Ela respirou fundo. As serpentes silvavam, falando com Caroline. A mesma frase que diziam desde a hora em que havia sido picada. Ela tentou isolar o ruído dos amigos que se afogavam, do choro da mãe, do

latido de Manson, do Homem de Branco que vinha para buscá-la: tudo aquilo a tirava do foco que precisava para resolver os seus problemas.

Prestou atenção no que os animais diziam. E compreendeu. Era uma única sentença, curta, que se repetia sem parar, eterna como uma serpente mordendo a própria cauda.

Elas diziam *para dentro e para baixo*.

E foi esse o movimento que sua mão fez com a faca.

Apunhalou para dentro.

Rasgou para baixo.

Caroline gritou, tirando de si tudo que não saíra no purgar daquela bile negra. Gritou com seu pai, com o opressor à sua frente.

E o empurrou para dentro das águas fantasmagóricas do lago.

Sua mãe parou de chorar, seu cachorro parou de latir.

E seus amigos pararam de gritar.

O que não era bom.

Rápido.

Ela se debruçou na margem, aflita, procurando por algum sinal deles.

— Não, não, não... Por favor...

Bolhas estouravam na superfície, e aquilo lhe deu esperanças. Havia um vislumbre claro de dentro das águas, um borrão branco que indicava a presença deles não muito abaixo, e Caroline se apegou àquela chance, gritando pelo nome dos três amigos e golpeando a água irracionalmente, tentando fazer com que eles soubessem que ela estava ali. Sua vontade era de mergulhar atrás deles, mas talvez não tivesse a força necessária para içá-los do lago.

Então, sobre as bolhas esparsas que estouravam, uma pochete vermelha emergiu. Uma das extremidades estava indo para o fundo, e Caroline a puxou a alça, desesperada, sentindo que havia alguém segurando-a com força do outro lado.

Ela puxou, e teve que tomar cuidado para não cair no lago e perder aquela última chance. Firmou os pés, flexionou as pernas e puxou com toda a força que tinha.

O rosto de Mariana veio à tona, arquejando, no momento exato em que a caverna tremeu com um estrondo nas suas estruturas. Caroline não olhou para trás, agarrou a amiga pelos cabelos, pelo braço, qualquer coisa que lhe oferecesse um ponto de apoio para o resgate. Sentiu que alguém a ajudou empurrando-a para cima, de dentro do lago, e conseguiu colocar a amiga ao seu lado, esparramada sobre a pedra. Ela estava muito perto das serpentes, que a observavam como crianças

curiosas, assim como outras crianças curiosas a observavam das lajes de pedra sem serem vistas, torcendo para que elas conseguissem, mas com receio de se aproximarem da abertura na parede.

— Hélio... *arf... arf...* Paulo... estão... aí... — falou Mariana, recobrando as forças para ajudar a amiga a puxá-los.

Caroline jogou a pochete mais uma vez para dentro da água, que afundou e foi agarrada na mesma hora. Puxaram juntas, e um dos braços fortes de Hélio surgiu pouco antes de seu rosto, que parecia bem menos afetado que Mariana, pois estava em apneia por todo esse tempo.

Ele começou a ser tirado da água com dificuldade. Fazia uma careta de esforço enquanto o outro braço não vinha à tona.

E, então, trouxe Paulo para cima. Desacordado. Mais uma vez.

— Tirem ele primeiro! — gritou Hélio, certificando-se de que as duas tivessem agarrado o amigo, e então usando os dois braços livres para içar seu corpo para fora da água.

A caverna tremia, e as serpentes silvavam, próximas das mulheres, observando o homem desacordado despejado ao lado da pochete vermelha ensopada que havia salvado três pessoas naquele dia. Caroline se debruçou sobre o amigo, colocando o ouvido no seu peito.

— Ele não está respirando! — gritou ela, se lembrando de uma longínqua aula de primeiros socorros.

Aquela premissa tão básica para qualquer aspirante a médico... Procurou a pulsação do amigo e sentiu-a, de leve. Ou talvez fosse apenas a reverberação do tremor da caverna, que começava inclusive a derrubar pequenos detritos. Em intervalos cada vez menos espaçados, ouvia algo com a força de um aríete golpeando a saída do salão.

— Carol! — chamou Mariana, a voz trêmula. Ela apontava para o local de onde tinham fugido, aterrorizada. — Olha aquilo, C-Carol...

— Não olha para trás, Mari. Tenta subir pela escotilha do submarino — respondeu ela, resoluta, sem olhar para o que Mariana tivesse visto.

Não era hora para temer mais alguma coisa. Ela bateu no rosto do amigo afogado, tentando alguma reação, abrindo seus olhos para ver algum traço de vida.

— Paulo! Paulo, está me ouvindo? Paulo! — insistiu ela.

Sem resposta.

Ela alinhou a cabeça do amigo e se preparou para fazer uma massagem cardíaca. Algo urrou monstruosamente dentro do salão de pedra, mas não era tão importante para ela. Nada seria.

Hélio se aproximou, arrastando-se, e colocou a mão no seu ombro.

— Agora não, Hélio!

— Deixa que eu faço, Carol.

Ela olhou para o amigo, o rosto pingando e os olhos apavorados pela possibilidade de perder Paulo de novo. Ele tinha conseguido impedi-lo de afundar, mas Caroline sabia que Hélio precisava de mais do que aquele simples ato. Mais do que qualquer outra pessoa ali, ele precisaria de muito para conseguir deixar aquelas sombras de dezenove anos para trás.

Ela assentiu e se afastou. Hélio se posicionou ao lado de Paulo, abriu a mandíbula dele, inspirou o ar com força e o soprou para dentro dos pulmões do amigo. O tórax dele subia e descia, o que significava que o ar estava chegando aonde devia.

Hélio alternou o procedimento com a massagem cardíaca, enquanto retomava o ar que acabara de expelir.

— Vamos, cara. Vamos, Paulinho. Por favor.

Caroline foi ajudar Mariana a escalar o casco do submarino, que tinha perdido a escada em toda a confusão, e se forçou a se desapegar da agonia que era a ressuscitação de Paulo. Fez escadinha com as mãos para que a amiga alcançasse a escotilha aberta, bem no momento em que pedras maiores começaram a cair do teto, ricocheteando em sons metálicos contra a lataria da embarcação.

Mariana entrou, e as serpentes observavam Caroline, esperando o que ela faria a seguir.

— Vem, Carol! — gritou Mariana, a mão estendida para baixo.

Mas ela hesitou. Paulo e Hélio deveriam subir antes, pois a situação deles era mais complicada.

Ao mesmo tempo que houve o estrondo mais violento no salão de pedra até então, o tórax de Paulo subiu com mais força que o normal até ali, e sua cabeça tombou de lado, cuspidando um volume imenso de água com um som gorgolejante.

— Isso, garoto! — falou Hélio, entregando-se às lágrimas.

— Comemora depois! Me ajuda a levantar ele até a Mari — berrou Caroline, passando as mãos por baixo das axilas de Paulo, que buscava todo o ar perdido até ali.

Ele parecia confuso e deslocado, mas ergueu uma das mãos debilmente, em sinal de que conseguia se erguer sozinho. Cambaleante e precisando do auxílio de Caroline com uma nova escadinha, foi até o submarino e agarrou as mãos de Mariana. Dois embarcados. O barulho de pedregulhos caindo estava mais alto do que nunca.

— Agora você, Hélio!

— Vai você primeiro e me puxa! — gritou ele, acima do som da caverna ruindo.

Mas Caroline ignorou a sugestão. Ela ofereceu as costas para Hélio, que não foi maluco de contrariar o fogo no olhar da amiga. Aproximou-se com ele do lugar onde antes havia uma escada, buscando forças descomuns em si mesma, e torceu para que Mariana, na entrada da escotilha, conseguisse alcançá-lo.

— Só mais... um pouco...

Hélio segurou a mão da amiga, e o peso das costas de Caroline se aliviou de súbito. Três embarcados. Ela se curvou por um instante, procurando ar. A peçonha em seu sangue parecia lutar para encher a mente dela de lacunas em branco, mas Caroline a repelia com uma força que era maior que tudo aquilo. Maior inclusive do que a coisa que queria sair de dentro do salão dourado.

— Vem, Carol! — gritou Mari. — Rápido!

Ela olhou para as serpentes voltadas para ela, a poucos passos de distância. Pacíficas, luzidias, calmas diante de todo aquele desabamento. O medo que tinha delas se fora para sempre, e ela sentia pena de deixá-las ali, naquela catedral de pedra em colapso.

— Temos que sair *agora* dessa merda! — gritou Hélio, ecoando de dentro do submarino e se juntando às súplicas de Mariana, que se esquivou de uma pedra cadente que atingiu a tampa da escotilha.

Fora da visão dos amigos, Caroline encarou uma última vez as serpentes, perdendo-se no fundo dos olhos delas. Não eram horríveis como seu medo as pintava. Eram olhos de criaturas vivas, e isso já era bom o bastante, considerando-se que tudo no mundo era feito para definhar em mais ou menos tempo.

Sentir piedade em vez de medo era uma grande etapa naquele eterno ciclo de nascer e morrer.

— *Eu vi uma serpente se levantar...* — cantarolou ela, por mais que poemas de William Blake não viessem acompanhados de melodia.

Então, Caroline surgiu na beira da escotilha e fechou a tampa pesada ao entrar, girando a roda que a vedaria. Pendurada no ombro, estava a pochete vermelha de Hélio, que quase havia sido deixada para trás. Depois de tudo aquilo, ninguém a questionou.

O casco do submarino estava sendo martelado. Por ora, estavam protegidos, mas havia um pequeno detalhe que ninguém havia questionado: quem pilotaria aquela coisa?

— Bem, se alguém aqui tirou habilitação para submarino nesses dezenove anos, essa é a hora de contar — perguntou Hélio, encolhendo-se a cada novo golpe do desabamento lá fora.

Paulo se levantou no corredor estreito e foi cambaleando até a roda do leme. Acionou uma série de válvulas e botões, com a destreza de um chef pilotando um fogão industrial de várias bocas.

— Segurem-se.

— Só pode ser sacanagem... — sussurrou Hélio, abafado por toda a sorte de barulhos que acometera o submarino.

Aparentemente, o conhecimento de náutica de Paulo não se limitava só aos iates de luxo, e Caroline não o questionou. O tranco significava que a água estava invadindo o lastro, e foi assim que seus ouvidos pareceram ser engolidos por sua cabeça. Eram todos viajantes de primeira viagem naquele tipo de veículo. Uma sonolência a tomou de assalto enquanto o submarino começava a se deslocar, e não sabia se aquilo era um desmaio ou se estava perdendo os sentidos pelo movimento rápido sob a pressão do lago.

Antes de desmaiar ao lado de Hélio e Mariana, que segurava sua mão, Caroline percebeu que Paulo, no comando da embarcação, não parecia nem um pouco afetado.

Oito!

Sete!

Seis...

Caroline ouviu o som agudo de fogos de artifício. Um coro de vozes fazia a contagem regressiva, e alguém queimara a largada com um rojão fora de hora. Ainda de olhos fechados, sabia o que estava acontecendo. E pelo cheiro no ar, sabia onde estava.

Cinco!

Ergueu-se, tonta, agarrada a uma pochete vermelha. Seus amigos estavam a seu lado, jogados na areia e ensopados, suas roupas brancas um pouco — mas só um pouco — mais limpas depois do banho nada agradável no lago subterrâneo.

Quatro!

Quatro deles. Após tanto tempo, estava junto de Mari, Hélio e Paulo, não exatamente sentados na areia da Praia da Baleia, mas com certeza se encontravam na areia da Praia da Baleia.

Três!

Dois!

Olhou para o mar em tempo de ver uma grande forma submergindo. Era o submarino. Mas quem estava pilotando, levando-o embora?

Ninguém havia visto eles chegarem ali?

Um...

— Feliz Ano-novo — disse Mariana, se erguendo ao seu lado, com a voz um tanto rouca.

Hélio e Paulo também ficaram sentados na areia, despertando do que parecia ter sido um desmaio coletivo. Para quem passasse por ali, pulando ondas, estourando champanhes e abraçando entes queridos, parecia que os quatro amigos rotos e sujos estavam em uma ressaca adiantada; o que os tornava completamente ignoráveis pelos foliões das festinhas particulares da Praia da Baleia.

Caroline ficou tonta por um momento. Os fogos começavam a estourar à distância com mais força, provavelmente nas praias próximas onde havia aquelas queimas de fogos programadas de mais de vinte minutos. Porém, no meio dos fogos, ela escutava... tiros?

Olhou para trás e viu a mansão de Paulo, as luzes apagadas. Entretanto, teve a impressão de ver tochas e encapuzados vestidos de branco correndo para lá e para cá, sempre na beirada de sua visão periférica. Estreitou os olhos, ouvindo gritos, mais tiros e até um helicóptero. Quem seria idiota de sobrevoar uma praia em pleno Ano-novo, com o risco de ser atingido por rojões? Uma moça, que não estava de branco, passou por trás dela, olhando para o mar. Era familiar. E estava... armada?

Piscando ainda mais forte, Caroline percebeu que aquilo havia sido uma impressão ou talvez alguma confusão resultante da peçonha que sobrara em seu sangue, fazendo-a ver imagens sobrepostas. Não havia encapuzados, só os habituais moradores das mansões de frente para o mar, em suas comemorações transmitidas ao vivo para suas redes sociais. Alguém fazia com a mão o sinal universal de um revólver — dedo indicador e polegar levantados — para uma câmera de celular, falando sobre uma tal de Nova Era que estava cada vez mais perto de se iniciar.

Caroline ainda estava tonta demais para entender o que o rapaz dizia. Enquanto isso, mais sorrisos, beijinhos no ar e gritos de júbilo eram compartilhados pela maioria, e aquilo era a coisa mais estranha por ali — tirando o fato de terem chegado até a Baleia sem se lembrarem de nada.

Apesar do imenso corte na testa, Paulo ria, pegando a areia com as mãos e deixando-a cair por entre os dedos. Parecia a mesma criança de duas décadas atrás, apreciando as pequenas coisas ao redor. Caroline sorriu, e deixou uma lágrima quente cair no próprio braço. Adoraria que Manson estivesse ali. E, então, tudo seria como nos velhos tempos. Ou quase, pelo menos no que dizia respeito às partes boas.

— Areia é mesmo algo muito engraçado, Paulo — resmungou Hélio, mal-humorado.

Paulo riu ainda mais, e abraçou o amigo pelos ombros. Sem ressentimentos, e agora sem qualquer dúvida sobre possíveis vinganças.

Mariana parecia olhar a cena dos dois amigos se abraçando com certo distanciamento, como se aquele tipo de amizade não pudesse se aplicar a ela. Caroline percebeu isso no olhar da amiga, e percebeu também que os furos nos calcanhares de todos estavam quase cicatrizados. Como se o machucado tivesse acontecido há muito, muito tempo.

Caroline empurrou o ombro da amiga, que a olhou indignada.

— Ei!

— Chega para lá — disse ela, apontando na direção de Paulo e Hélio.

Mariana não entendeu, e Caroline a forçou a se aproximar dos dois, empurrando-a com o quadril. Então, ela se jogou sobre os três amigos, tentando abraçar todos ao mesmo tempo e falhando miseravelmente, por mais que, por um instante naquele dia, ela tivesse sido gigante e capaz de se enrolar ao redor do mundo.

Os quatro se juntaram num abraço, e ficaram ali olhando para o mar, lado a lado. Não havia névoa ao lado da Ilha das Couves, e apenas um conjunto de estrelas estava visível no céu acima — o resto eram nuvens carregadas e fumaça de fogos de artifício e rojões.

Permaneceram assim por um bom tempo, ligados por algo mais forte e intenso do que palavras. Ao mesmo tempo em que todo aquele horror estava fresco na cabeça deles,urgia a necessidade de afastá-lo da mente.

Mariana cantarolou uma música baixinho, e Caroline teve certeza de que a conhecia.

— De quem é essa música mesmo?

— Hum. “Mama I’m Coming Home” — respondeu Mari, como se ao dizer o nome da canção, e não o de Ozzy Osbourne, ela suavizasse o fato para si mesma.

Mari sorriu, contida. Caroline gargalhou. Ela não acompanharia a amiga na volta para a casa onde estava seu marido e o grupo de oração. O homem nem sequer se preocupara em saber onde a esposa estava ou por que ela não havia retornado depois do jantar na casa dos amigos. Quando o assunto era o bem de sua igreja, o pastor Rodrigo confiava na capacidade da pastora Mariana de negociar e fazer *social* com Paulo Heinz, já que a congregação precisaria muito do apoio daquele homem.

Por isso mesmo, Rodrigo não esperaria pelo retorno da esposa bem na hora em que estaria com seus irmãos, clamando em vigília pelos três jovens que haviam se candidatado ao processo de “cura e libertação” e estavam no meio do círculo, orando com as mãos para cima desde as dez ou onze da noite, em jejum. Mariana irromperia na sala com roupas que há muito tempo foram brancas, agora sujas de sangue e terra dos pés à cabeça, assustando a todos e interrompendo o próprio marido que falava em línguas. “Precisamos conversar”, diria ela, antes de acrescentar que aquilo não poderia esperar. Com um brilho completamente diferente no olhar, que antes não carregava brilho algum, ela sorriria para os três jovens no meio do círculo de cura. Em poucos meses, eles estariam fora daquela igreja, assim como a própria Mariana.

Caroline também não acompanharia Hélio na volta para a casa da família, que havia sido arrombada de verdade durante a virada. Sem encontrar nada digno de ser roubado, o invasor levaria o maço de cigarros que estava sobre a mesa. Hélio acharia aquilo quase poético, e pensaria no ato como um incentivo para combater mais aquele vício. Caroline tampouco o acompanharia para São Paulo, no dia seguinte, onde ele devolveria o carro adaptado alugado após horas de trânsito na estrada. No entanto, aquilo não o irritaria. Ele voltaria a treinar ainda naquela mesma semana, aos poucos, e, em alguns meses, estaria incentivando outros na mesma condição que ele. Dentro de alguns anos, depois de participar de uma série de grupos de reabilitação, Hélio abriria uma ONG que ofereceria atividades esportivas para deficientes físicos: pessoas que fizeram algo com a segunda chance que foi esfregada em seu nariz, apesar de toda a possível resistência. Na ocasião, Hélio vai receber um cheque polpudo como doação para o investimento inicial.

Caroline acompanharia Paulo apenas até certa parte daquela noite antes de voltar para a pousada. Porém, depois disso, não veria o amigo levemente inebriado descendo até o porão e arrancando a bandeira da parede daquele altar, pois sua missão estava cumprida. Também tirou

da moldura o quadro branco que detestava. Sem mais segredos naquela casa. Em seu jardim, ao nascer do sol do primeiro dia do ano, Paulo assistiria a ela e bandeira arderem, satisfeito, tomando uma taça de vinho enquanto uma névoa que poderia ser sobrenatural ou não se avolumava perto da Ilha das Couves. Durante todo o tempo, até a suástica queimar por completo, um cão amarelo estaria ao seu lado, deitado próximo ao calor do fogo, e uma cadeira que parecia estar vazia do outro. Para Paulo, e somente para ele, o lugar não estaria desocupado.

Já a própria Caroline, que voltaria para a pousada (*Senhora? Deixaram uma caixa aqui hoje de tarde. E esse radinho. Eu tinha um desse quando era pequena... Bem, feliz Ano-novo!*), mas ainda permaneceria por lá por mais dois dias antes de voltar para São Paulo, sorriria bastante dali para a frente. Ela só não sabia disso ainda.

Trinta minutos depois, quando os fogos de artificios e rojões já se tornavam mais esparsos, Paulo foi o primeiro a se levantar, batendo a areia da roupa. Estendeu a mão para que Caroline e Mariana se levantassem, e juntos levaram Hélio da mesma maneira que haviam entrado na ilha: abraçados. Na mansão, isso Caroline sabia, havia um banquete pronto para ser servido, e Paulo havia trabalhado duro para reunir todos os amigos naquela ceia.

Ela só estaria atrasada. Cerca de dezenove anos atrasada, mas tudo bem.

[...] apenas algumas semanas antes, quando Helga havia partido daquela vida com um pouco mais de dignidade do que ele. Wainer estava plenamente consciente disso, e de toda a merda e o mijo que ele derramaria pela última vez nas fraldas. Porém, o medo que sentia naquele momento era somado aos sons do campo de concentração que martelavam seus tímpanos, e ele não conseguia deixar de gritar, apontando por cima dos ombros de Paulo.

– Ela... é uma Antiga! E v-veio me buscar!

– Veio, sim – concordou Paulo, sem olhar para trás, sentado ao lado do leito fétido e apoiando os cotovelos no estrado da cama.

Sabia muito bem o que ele estava vendo, e não precisava de confirmação visual para isso. Não estava ali para tripudiar do velho. Apenas se certificaria de que ele partiria para o Vazio, para a imensidão branca, com toda a consciência possível do que havia feito em vida.

– E você não será esquecido de imediato, Wainer. Ironicamente, houve uma época aqui no Brasil em que os escravos levavam o sobrenome do senhorio... Era uma maneira de apagar a história deles, e era uma maneira de manter controle...

– Selvagens! – gritou Wainer.

Paulo fez sinal de silêncio para ele, enquanto o homem se encolhia, o olhar pouco acima de sua cabeça.

- Eu vou manter o Heinz por um tempo, seu Magnus. E farei coisas incríveis com ele, abrirei todas as portas que me foram fechadas só porque nasci como sou. E alguém vai contar essa história, a minha história, e a sua história. Para a sua vergonha.

Wainer gritou, falando algo a respeito de tentáculos sobre ele. A respeito da Antiga que o encarava. Ele começava uma frase balbuciante pedindo desculpas, e, antes que Paulo se desse conta, já havia mudado o tom da fala para xingamentos.

O homem levantou, deixando Wainer em meio a seu arroubo de ofensas e arrependimentos. Deparou-se, então, com o que o velho tanto temia, a Antiga. Paulo, no caso, a chamava apenas de Mãe. Sorriu ao vê-la sorrindo, não pelo destino trágico de Magnus, mas por orgulho de ver o filho transformado em

I KNOW SOMEDAY YOU'LL HAVE A BEAUTIFUL LIFE

I KNOW YOU'LL BE A STAR

IN SOMEBODY ELSE'S SKY, BUT--

[...]

UM BRILHO DE FACA

ONDE O AMOR VIER

E NINGUÉM TEM O MAPA

DA ALMA DA MULHER

NINGUÉM SAI COM O CORAÇÃO SEM SANGRAR

AO TENTAR REVELAR

UM SER MARAVILHOSO
ENTRE A SERPENTE E A ESTRELA
UM GRANDE AMOR DO PASSADO
SE TRANSFORMA EM AVERSÃO
E OS DOIS LADO A LADO
CORROEM O CORAÇÃO

[. . .]

Clec.

A fita acabou e a música foi interrompida. Achava incrível como aquela letra havia adquirido tanto significado para ela, ainda mais depois de maratonar por inúmeras vezes todas as gravações que Mari tinha lhe entregado dentro daquela caixa de tênis. “Só escute. Mas não me conte nada, por favor”, dissera ela.

Retirou a fita de dentro do Meu Primeiro Gradiente. BASF — 90 minutos, Ferro Extra. Guardou-a na caixinha em que se lia “Só Pearl Jam e Grunge #2”, mas que já havia sido “Melhores do Zé Ramalho”. Caroline riu. A Mariana adolescente que um dia gravara aquela música deveria ter interrompido “Black” justamente naquela parte, pois sabia que a fita iria acabar durante o *tchururu-tchu-tchu-ru-ru* de Eddie Vedder, assim como um dia havia interrompido o fato de que “não existe saudade mais cortante que a de um grande amor ausente”. O fato de a mesma música do Pearl Jam estar na lista do lado B, inteira e sem a interrupção de Zé Ramalho, só comprovava suas suspeitas.

Abriu a caixa de All Star e guardou a fita. Caroline gostaria de ter ouvido todas as gravações das “visões” de Mari, mas talvez aquilo mudasse muitas de suas decisões e o rumo das coisas — que haviam acabado bem, no final das contas.

Mariana nunca tivera coragem de mostrar para alguém ou escutar suas próprias “profecias”, e apenas as guardava, apertando o Rec quando sentia que ficaria fora de si e o Stop quando voltava à consciência.

Caroline também gostaria de ter ouvido antes a coletânea que a amiga lhe entregou naquele dia de tempestade, há quase vinte anos, onde tanta coisa havia se perdido. Se tudo aquilo nas gravações fosse verdade — e um dia confirmaria os fatos com Paulo —, a admiração pelo amigo só aumentava. Esperava ter a oportunidade em breve, assim que ele voltasse de seu “período sabático”. Era muito bom não ter

notícias de um amigo apenas porque era o que ele queria, ao contrário de não ter notícias por achar que ele estava morto. Caroline se sentia reconfortada ao saber que ele viajaria por um tempo, com calma.

— Eu chamaria você, a Mari e o Hélio para ir comigo — disse Paulo, na despedida, colocando a xícara de café dentro da pia da cozinha de Caroline —, mas acho que preciso ir sozinho. Não consegui parar direito desde... enfim, desde janeiro.

— Você não me deve explicação nenhuma, Paulinho — respondeu ela, rindo da seriedade com que o amigo se desculpava. — Vai lá e faz bom uso da sua fortuna. Vou ficar feliz em saber que você está descansando!

Caroline nunca entenderia o que se passou por trás daqueles olhos verdes no momento em que disse aquilo. Paulo a abraçou, como se fizessem outros dezenove anos que não a via. Felizmente, os dois amigos restantes a visitavam com certa frequência — uma mais do que outro, por motivos óbvios.

Caroline fechou o notebook, onde havia meses transcrevia os áudios, para encontrar um fio narrativo perdido ali no meio e organizá-los de modo cronológico. O tal livro que Paulo tanto lhe incentivara a escrever poderia estar ali, no fim das contas. Era só uma questão de trocar alguns nomes. Seja lá no que aquilo fosse resultar, era algo que mantinha Caroline animada e motivada. Seu emprego na nova livraria não era o melhor dos mundos, já que a crise no ramo ainda era geral. Mas voltar para casa tinha se tornado *algo bom*. Ela, seus livros, seu novo bichinho de estimação. Além de um nome brega e anglófono, Blake também recebera todo o amor que um dia havia sido reservado a Manson.

A caixa de fitas e o Meu Primeiro Gradiente foram colocados na estante, ao lado do exemplar autografado de *O método VIPer*, com a capa à vista. Dez meses atrás, ela jamais conseguiria fazer aquilo. Orgulhava-se em dizer que aquele era o único livro de “empreendedorismo safado” que mantinha na estante, e com destaque.

— É que ele é meu amigo — dizia ela, antes de exibir a dedicatória.

PARA A CAROL, QUE ME APRESENTOU AOS
LIVROS. AINDA VOU ESCREVER UM QUE PRESTE.
BEIJOS DO SEU AMIGO,
PAULO

Ela levou a caneca de chá até o sofá e ligou a televisão. A TV estava no canal de notícias, que alardeava o estranho desaparecimento de um iate de luxo no litoral norte paulista, contendo dois deputados, um jovem famoso (por motivos que não estavam muito claros), um líder religioso e alguns empresários. Em outro momento, aquilo chamaria sua atenção, e talvez procurasse pela notícia na internet mais tarde. Mas ali, no calor de sua casa, só queria desligar a mente e dar uma espiadinha no início da novela das nove e, se aguentasse, assistir a algum episódio de uma série com menos de trinta minutos. No dia seguinte, trabalho e, de noite, a estreia teatral de Mari. O dia que precedia um dia promissor, por consequência, sempre se tornava perfeito.

Distraída com a música da abertura da novela (“Isso é um cover?”), chamou por Blake, que veio prontamente ao ouvir a voz da dona, rastejando pelo sofá até subir pelo seu braço.

Com o vapor do chá esquentando seu rosto, Caroline sorriu e fez carinho na cabeça de seu bichinho. Estava satisfeita com a sua vida, pela primeira vez em muito tempo.



*...e sei que não será surpresa
se o futuro me trouxer
o passado de volta
num semblante de mulher.*

“Entre a Serpente e a Estrela”, de Zé Ramalho

AGRADECIMENTOS

Este livro é um vaivém parecido com um dia normal na minha cabeça. O que as pessoas chamam de “interesse por cultura inútil”, na verdade, é um banco de dados precioso para quem escreve ficção — você pode até encontrar no Google o motivo de o *Jogo do Milhão* ter mudado para *Show do Milhão*, mas é muito melhor simplesmente acessar uma colorida lembrança porque, sim, você é esquisito e se recorda perfeitamente disso. Assim como se lembra da letra inteira da propaganda do *GuiaMais* (“Você procura menos, e acha mais”) e do ratinho da *Folha* (*Dois-dois-quatro-quatro-mil! COMO É QUE É?!*). Também conservo intacto o ódio pelo menino do Tang, burguês safado que deve ter virado *coach* quântico.

Bom, a mesma cabeça que se lembra de tudo isso esquece o próprio aniversário, mas isso faz parte. Uma pessoa com interesse por cultura inútil é mais inofensiva do que um inútil com interesse pessoal em desmontar a cultura de um país.

Serpentário não teria se tornado possível se não fosse pela paciência e o carinho de muita gente querida.

Primeiro, Renata Rodriguez e Talitha Perissé, por ouvirem pacientemente um monte de ideias loucas e falarem “essa aqui!” — e era justamente a ideia que eu tinha medo que elas escolhessem. Mas eu só disse “Beleza!” e segui em frente, porque quem sou eu para questionar o faro dessas duas? Obrigado por tudo!

Aí eu contei a história para o Daniel Lameira numa ida à praia perto da casa dele, e ele (felizmente) me fez desistir de uma subtrama que estava complicando tudo. Fazia todo o sentido e ia deixar tudo mais fluido. Ele também passou uma madrugada aqui em casa discutindo o livro comigo, mesmo tendo chegado de viagem cansado e precisando acordar cedo pra dar aula (eu sou um monstro). Valeu demais por se importar comigo, mano. *Tamo junto.*

Aí eu contei a história para o Enéias Tavares numa ida pra casa dele — onde não tem praia, mas é um dos lugares de que mais gosto nesse Brasil. E ele me fez desistir de outra subtrama que estava complicando tudo. Mais para a frente, já na reta final do livro, recebi um belíssimo presente dele: a tradução do poema blakeano lido pelo Dr. Honorato, em que fiz uma mudança mínima em um verso ou outro só para relacionar com o restante do texto. Mas a história da Caroline ficou muito mais *iluminada* com essa participação do Enéias e do Bill (Blake. Tô fazendo a íntima).

À essa altura, eu estava escrevendo um livro totalmente diferente do que eu contei para a Renata e a Talitha, mas estava torcendo para elas curtirem o que ele tinha se tornado. Também contei com a leitura da Carol Chiovatto e do Bruno Matangrano, que esmiuçaram o início do livro comigo e me escutaram contar a mesma história mil vezes, junto com o Eric Novello e a Giovana Bomentre. Adoro nossos cafés malignos. Vocês são uma *bença* aqui na vida do tio.

Obrigado à Jana Bianchi, por também me ajudar no comecinho do processo e por ser uma voz tão empolgada na nossa cena fantasista. Obrigado ao meu irmão André Castilho e à minha mãe, Neusa, por se empolgarem com cada coisa que foi acontecendo e por serem meu apoio; aprendo com vocês todo dia, há trinta e poucos anos. Obrigado à minha parceira de livros e vida, Daniela, que já explorou os cenários desse livro comigo por tantas vezes; várias coisas nos unem, mas a principal delas é o ódio por uma de nossas vizinhas.

Obrigado também ao meu amigo Thiago Nascimento, que há muitos anos explorou a Ilha das ~~Cobras~~ Couves comigo e com meu irmão. Felizmente saímos vivos dessa.

A toda a equipe da Intrínseca e aos que trabalharam no livro: Vanessa, Marcus, Suelen, Ana, Jorge, Jeferson, Bruna, Dani(s), Clara (a Rê e a Talitha vocês já conhecem lá do quarto parágrafo) e demais amigos, além do Ulisses, da Ilana, do Tulio, do Antonio e da Inês, que deixaram o livro lindo. Vocês são incríveis.

Por último mas não menos importante, aos observadores que tudo enxergam: ao meu amigo _____, e a você, leitor.

Até a próxima!

Felipe

Sobre o autor



© Rafaela Cassiano

FELIPE CASTILHO é autor de livros de fantasia, além de roteirista. Famoso pela série *O legado folclórico*, que une mitologia brasileira ao mundo dos videogames, foi indicado ao Prêmio Jabuti 2017 pelo quadrinho *Savana de pedra*, criado em parceria com Tainan Rocha e Wagner William. Também escreveu *Ordem Vermelha: Filhos da Degradação*, seu primeiro livro publicado pela Intrínseca, ambientado no universo cocriado junto a Rodrigo Bastos Didier e Victor Hugo Souza. Mora em São Paulo, onde gosta de visitar lugares chiques usando chinelo.

Conheça outro título do
autor



Ordem Vermelha: Filhos da Degradação

Leia também



Aniquilação
Jeff Vandermeer



Loney
Andrew Michael Hurley



O que aconteceu com Annie
C.J. Tudor